



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



**Docência para
Educação Básica**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



**O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS
MOTRIZES DOS ALUNOS**

Yorahina Ariadne Vasconcelos

**BAURU - SP
2024**

YORAHINA ARIADNE VASCONCELOS

**O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS
MOTRIZES DOS ALUNOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob a orientação da Professora Doutora Lílian Aparecida Ferreira.

**BAURU – SP
2024**

V331e	Vasconcelos, Yorahina Ariadne O ensino dos jogos sociomotrizes de cooperação nas aulas de Educação Física e suas influências nas condutas motrizes dos alunos / Yorahina Ariadne Vasconcelos. -- Bauru, 2024 239 p. : il., tabs., fotos + e-book Dissertação (Mestrado profissional - Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru Orientadora: Lílían Aparecida Ferreira 1. Praxiologia Motriz. 2. Educação Física. 3. Conduta Motriz. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE YORAHINA ARIADNE VASCONCELOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 22 dias do mês de março do ano de 2024, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de YORAHINA ARIADNE VASCONCELOS, intitulada **O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS e produto educacional "JOGOS SOCIOMOTRIZES DE COOPERAÇÃO - VIVÊNCIAS E REFLEXÕES COM OS ESTUDANTES"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Profa. Dra. LUANA ZANOTTO (Participação Virtual) do(a) Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) / Universidade Federal de Goiás (UFG), Prof. Dr. JOÃO FRANCISCO MAGNO RIBAS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Desportos Coletivos / UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA

RESUMO

O desenvolvimento de jogos foi se constituindo, ao longo do tempo, como um conhecimento no ensino da Educação Física, portanto, eles podem contribuir e estabelecer determinadas condutas motrizes entre os estudantes. Todavia, ainda pouco sabemos sobre a relação entre as estruturas dos jogos com as condutas construídas pelos estudantes. Entendemos, ancoradas na teoria da Praxiologia Motriz, que a conduta motriz estabelece aproximação com o comportamento motor carregado de significado, não sendo uma ação essencialmente corporal e padronizada, destituída dos aspectos afetivos, cognitivos e socioculturais. Com base nessa consideração, este estudo teve como objetivo identificar e analisar as condutas motrizes dos alunos de uma turma de 2º ano do ensino fundamental no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação nas aulas de Educação Física, aproximando assim as teorias da Praxiologia Motriz e da Educação Física. A pesquisa foi fundamentada na abordagem qualitativa, balizando-se por uma pesquisa-intervenção, realizada nas aulas de Educação Física com a participação de 21 alunos de sete a oito anos de idade de uma turma de 2º ano do ensino fundamental. As intervenções totalizaram 15 aulas de 55 minutos cada e os instrumentos de coleta utilizados foram: 1. Rodas de conversa; 2. Diários de aula; 3. Entrevista; 4. Observação de aula. Os resultados evidenciaram três categorias de análise, a saber: 1. As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação; 2. Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação; 3. Jogos sociomotrizes de cooperação e emoções entre os estudantes. A utilização dos jogos sociomotrizes de cooperação possibilitou, gradativamente, o desenvolvimento da conscientização dos estudantes sobre a lógica interna, bem como, o reconhecimento das condutas motrizes apresentadas durante a vivência dos jogos. Esse processo tornou-se possível a partir de mediações pedagógicas, mobilizadas pela professora-pesquisadora, nas quais os estudantes puderam compartilhar individual e coletivamente as experiências vividas. A implementação de jogos sociomotrizes de cooperação em uma abordagem de ensino nas aulas de Educação Física demonstrou ser uma experiência que otimizou as condutas motrizes, influenciando diretamente nas competências sociais dos estudantes e na construção de vivências socioemocionais positivas.

Palavras-chave: Praxiologia Motriz; Educação Física; Conduta Motriz.

ABSTRACT

The development of games has become, over time, a form of knowledge in the teaching of Physical Education, therefore, they can contribute and establish certain behaviors among students. However, we still know little about the relationship between the structures of games and the behaviors constructed by students. We understand, anchored in the theory of Motor Praxiology, that motor behavior is close to motor behavior loaded with meaning, not being an essentially corporal and standardized action, devoid of affective, cognitive and sociocultural aspects. Based on this consideration, this study aimed to identify and analyze the motor conduct of students in a 2nd year elementary school class within sociomotive cooperation games in Physical Education classes, thus bringing together the theories of Motor Praxiology and Education Physical. The research was based on a qualitative approach, guided by an intervention research, carried out in Physical Education classes with the participation of 21 students aged seven to eight years old from a 2nd year elementary school class. The subjects totaled 15 classes of 55 minutes each and the collection instruments used were: 1. Conversation circles; 2. Class diaries; 3. Interview; 4. Class observation. The results highlighted three categories of analysis, namely: 1. The motor conduct of students within sociomotive cooperation games; 2. Space, rhythm, participants, materials and rules in sociomotive cooperation games; 3. Sociomotive games of cooperation and emotions between students. The use of cooperation sociomotive games gradually enabled the development of students' awareness of internal logic, as well as the recognition of the motor conduct presented during the experience of the games. This process became possible through pedagogical mediations, mobilized by the teacher-researcher, in which students were able to share individually and collectively their experiences. The implementation of cooperative sociomotive games in a teaching approach in Physical Education classes proved to be an experience that optimized motor conduct, directly influencing students' social skills and the construction of positive socioemotional experiences. The use of sociomotive cooperation games gradually made it possible to raise students' awareness of internal logic and mainly consider the motor conduct presented during the experience of these games. This process became possible through pedagogical mediations in which students were able to share experiences lived individually and collectively. The implementation of cooperative sociomotive games in a teaching approach in Physical Education classes proved to be a positive experience in terms of optimizing motor conduct, directly influencing students' social skills and the intrinsic recognition of cooperative motor situations as socio-emotional experiences positive.

Keywords: Motor Praxiology; Physical education; Motor Conduct.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que me apoiaram nessa grande jornada chamada mestrado. A minha família que sempre esteve ao meu lado desde o início. Obrigada por tudo que passamos juntos e que ainda teremos pela frente! Aos estudantes e professores de Educação Física que tanto colaboraram e enriqueceram esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida. Sou muito grata por poder compartilhar todos os momentos com vocês!

Agradeço à minhas irmãs, Aleksandra por apoiar e me acompanhar na qualificação e na defesa e a Rayana que me motivou, desde a escrita do primeiro projeto, para o processo seletivo do mestrado.

Agradeço às professoras de Educação Física, Stefani e Leda, que me acolheram, se prontificaram e principalmente abdicaram dos seus planos de aula para que eu pudesse desenvolver meu projeto em suas aulas. Aproveito também para agradecer a equipe gestora (diretora, coordenadoras, vice-diretora) que, desde o início, me acolheram e apoiaram o desenvolvimento da pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a minha grande orientadora e professora, Lílian Aparecida Ferreira. Muito obrigada pela acolhida, mesmo antes da efetivação da minha matrícula no mestrado! Obrigada pela oportunidade de aprender com você, pelos estudos, pelos grupos de estudo, pelos projetos, pelas orientações para a escrita da dissertação, pela motivação e pelas palavras quando não acreditei que conseguiria!

Agradeço à Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru, aos funcionários e aos demais docentes do PPG “Docência para Educação Básica”, pelo majestoso trabalho oferecido. Aos meus companheiros de mestrado da turma 2022 – 2024 pelo compartilhamento e apoio durante toda essa jornada.

Agradeço aos membros e companheiros do grupo do Núcleo de Estudos e Pesquisa das Abordagens Táticas dos Esportes Coletivos (NEPATEC) da UNESP/Bauru pelas reuniões, pelas reflexões e pelos aprendizados. Foi uma honra aprender com vocês em cada encontro!

Agradeço aos professores membros da banca – Profa. Dra. Luana Zanotto da Universidade Federal de Goiás/GO e Prof. Dr. João Francisco Magno Ribas da Universidade Federal de Santa Maria/ RS – por aceitarem o meu convite e, principalmente, pelas grandes contribuições para o presente estudo.

Meus agradecimentos a todos os estudantes da turma do 2º ano que estiveram comigo nas aulas de Educação Física e contribuíram, em muito, para a realização desta pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Síntese do sistema praxiológico.....	19
Figura 2 - Representação das oito categorias resultantes da combinação dos três critérios da classificação.	22
Figura 3 - Síntese das situações motrizes derivadas da classificação de Parlebas (2020).	23
Figura 4 - Síntese das situações motrizes derivadas da incerteza do entorno físico. .	23
Figura 5 - Síntese das dimensões da conduta motriz.....	30
Figura 6 - Grandes Situações Motrizes	40
Figura 7 - Comunicação Prática nas práticas corporais de cooperação.	47
Figura 8 - Jogos sociomotrizes de cooperação.	48
Figura 9 - Quadra poliesportiva.	56
Figura 10 - Área gramada e parque infantil.	57
Figura 11 - Conduta desajustada durante o jogo.....	79
Figura 12 - Conduta motriz perversa: estudante empurrando os colegas.....	81
Figura 13 - Condutas motrizes ajustadas.	82
Figura 14 - Estudante impedido pelo grupo quando tentava empurrar.	82
Figura 15 - Conduta motriz perversa: estudantes lançando a bola fora do alcance....	84
Figura 16 - Conduta motriz perversa: estudante se recusando a passar a bola.	85
Figura 17 - Conduta motriz desajustada: estudantes desorganizando o círculo.	87
Figura 18 - Conduta ajustada: estudantes cumprindo o objetivo do grupo.	89
Figura 19 - Conduta perversa – estudantes derrubados em jogo.	90
Figura 20 - Dificuldade em manipular o material.	92
Figura 21 - Relembrando como os estudantes deveriam segurar as calhas.....	93
Figura 22 - Conduta desajustada: estudante subindo e descendo a calha.	94
Figura 23 - Estudantes cantando escravos de Jó.....	96
Figura 24 - Estudantes jogando em duplas.	98
Figura 25 - Conduta desajustada: estudante tentando ficar embaixo do paraquedas.	101
Figura 26 - Conduta ajustada: o grupo trabalhando cooperativamente.	101
Figura 27 - Conduta desajustada: estudante fora do círculo.	102
Figura 28 - Conduta ajustada: grupo trabalhando cooperativamente.	102
Figura 29 - Cooperação no voo do paraquedas.	104
Figura 30 - Passando a mensagem secreta.	105
Figura 31 - Estudantes passando a mensagem secreta.....	106
Figura 32 - Relações e características do sistema praxiológico.	108

Figura 33 - Estudante alheio as situações da aula.	110
Figura 34 - Estudantes que não saiam do bambolê com medo de perder o material.	112
Figura 35 - Estudante tomando a bola apenas para si.	112
Figura 36 - Estudante junto a AEE.	114
Figura 37 - Condutas desajustadas: olhando para saber a mensagem.	115
Figura 38 - Qual jogo você mais gostou?	119
Figura 39 - Surpresa do grupo quando viram o bambolê gigante.	120
Figura 40 - Estudantes felizes comemorando o objetivo alcançado (bola ao alto)....	121
Figura 41 - Estudantes felizes comemorando o objetivo alcançado (bola no ar).	122
Figura 42 - Qual jogo você mais gostou?	123
Figura 43 - Qual jogo você mais gostou?	124
Figura 44 - Estudantes comemorando (sala de aula).	125
Figura 45 - Estudantes comemorando (na quadra).	125
Figura 46 - Qual jogo você mais gostou?	129
Figura 47 - Mensagem secreta revelada e todos caindo na risada.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Catalogação das condutas motrizes esperadas nas práticas sociomotrizes de cooperação.....	51
Quadro 2 – Detalhamento das aulas e coletas realizadas nas observações das aulas.....	59
Quadro 3 – Observação das condutas motrizes apresentadas durante o desenvolvimento dos jogos sociomotrizes de cooperação.....	72
Quadro 4 – Dinâmica de análise dos dados.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de condutas motrizes desajustadas ou perversa na relação com o material.....111

Tabela 2 – Emoções despertadas nos estudantes pelos jogos sociomotrizes de cooperação.....133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: PRAXIOLOGIA MOTRIZ: AS AÇÕES MOTRIZES E AS CONDUCTAS MOTRIZES NAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA	15
1.1 Bases conceituais da Praxiologia Motriz	15
1.2 As ações motrizes e as condutas motrizes	28
CAPÍTULO 2: O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA DAS CONDUCTAS MOTRIZES	32
2.1 O ensino da Educação Física a escola	32
2.2 Educação Física e a Praxiologia Motriz	38
2.3 Educação Física e os jogos sociomotrizes de cooperação	45
CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	54
3.1 Ambiente da pesquisa	56
3.2 Participantes da pesquisa	57
3.3 Ação da pesquisa	58
3.3.1 Planos de aula	58
3.3.2 Coleta de dados	68
3.4 Análise dos dados	72
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	75
4.1 As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação	76
4.2 Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação	107
4.3 Jogos sociomotrizes de cooperação e as emoções entre os estudantes	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICES	147
Apêndice 1 – Carta Convite	147
Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	149
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	151
Apêndice 4 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	154
ANEXOS	155
Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética	155
Anexo 2 – Diários de aula e Observação das condutas motrizes	157

Anexo 3 – Entrevista com a professora AEE	224
Anexo 4 – Entrevista com os alunos	227

INTRODUÇÃO

Desde minha infância em Barra do Garças, no Mato Grosso, sempre fui uma criança ativa, tive contato com o universo das brincadeiras tradicionais, principalmente as brincadeiras de rua, as quais praticava juntamente com minhas irmãs e meus vizinhos, como soltar pipa, pega-pega, pique esconde, pular corda, pular elástico, andar de bicicleta entre outras vivências. Foi ainda nesse período por conta de um problema respiratório, que tive contato com meu primeiro esporte, a natação. Prática corporal esta que se tornou muito significativa na minha vida adulta.

Ainda no período da infância e início da adolescência no estado de São Paulo, primeiramente em Sorocaba e, posteriormente, em Botucatu, tenho poucas lembranças sobre as práticas corporais realizadas na escola e nesse período já não saía mais para brincar na rua. Recordo-me de algumas vivências realizadas na escola, ainda nas aulas de Educação Física, que aconteciam no mesmo turno das aulas regulares. Naquela época, início dos anos 1990, as aulas de Educação Física eram separadas por sexo, assim os meninos faziam aulas com um professor e nós, meninas, com uma professora em quadras distintas. As aulas costumavam estar voltadas práticas corporais esportivas, especificamente para o basquetebol, o voleibol e o handebol e seus “pré-desportivos”.

Durante a adolescência, agora residindo em Santa Cruz do Rio Pardo/SP, tenho lembranças das aulas de Educação Física que aconteciam no contraturno das aulas regulares, duas vezes por semana. Essas aulas eram essencialmente esportivista e segregadoras. Os professores trabalhavam com corridas em volta da quadra e polichinelos para aquecimento e a parte principal da aula era fundamentalmente baseada no quarteto mágico¹, sempre separando os mais habilidosos para jogar e o restante do grupo, não selecionado para jogar, para ficar sentado fazendo relatos escritos de todos os fatos ocorridos durante as aulas ou

¹ Quarteto mágico faz referência às modalidades esportivas (nos diferentes níveis de ensino) que estiveram presentes nas aulas de Educação Física, principalmente entre os anos 1970-1990, as quais eram compostas fundamentalmente pelos esportes: futebol/ futsal, voleibol, basquetebol e handebol (Bracht, 2010, p. 2).

resumo de recortes de jornais com notícias relacionadas aos esportes, para ao final dessas aulas apresentar ou entregar para os professores. Essa dinâmica, infelizmente, se estabeleceu ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental até a conclusão do Ensino Médio, não trazendo, para mim, bons exemplos de professores de Educação Física e nenhuma recordação muito significativa dessas aulas.

Ao encerrar o Ensino Médio, ainda aos 17 anos, me mudei para Ourinhos/SP e prestei meu primeiro vestibular (confesso que contrariada). Contrariada porque meu desejo inicial era fazer fisioterapia, porém não havia nenhuma faculdade pública nas proximidades e privada estava fora de cogitação. Quando um dia, minha irmã mais velha cursava a Faculdade de Direito do Norte Pioneiro, em Jacarezinho e apareceu com um *folder* sobre o vestibular da faculdade de Educação Física, e minha mãe teve a brilhante ideia de que prestasse o vestibular (para ela Educação Física e Fisioterapia era quase a mesma coisa), disse que seria bom eu prestar, afinal, eu nunca havia prestado um vestibular. Pois então, lá fui eu, foram três dias de prova, no terceiro eu já queria desistir, tinha a convicção que não iria passar, mas meu pais não deixaram e lá fui eu terminar esse vestibular (não peguei prova e muito menos gabarito) tamanha minha certeza de não ter sido aprovada. Mas, para minha surpresa, lá estava meu nome entre os classificados e outra guerra começou, eu não queria ir. Mas não teve acordo, naquele momento minha família passava por condições um pouco complicadas e pagar um cursinho para tentar um vestibular fora ou fazer uma faculdade particular, estava fora de cogitação, portanto resolvi encarar essa nova jornada.

Então em 1998 ingressei na antiga Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho/PR, hoje, a Universidade Estadual do Norte Pioneiro. Aqui confesso que nunca imaginei um dia ser professora de Educação Física, meus exemplos e minhas experiências durante a Educação Básica não foram as melhores e não me sentia atraída por essa área. Mesmo com todo carinho que sentia pela natação, pois a prática desse esporte durante a minha infância de certa forma salvou minha vida. Eu tinha crises graves de bronquite, passei por diversos tratamentos e internações, mas foi nadando que eu fui me curando e nunca imaginei um dia dar aulas de natação. Me tornei professora de Educação Física porque me apaixonei por esse universo que descobri após entrar na faculdade.

Minha primeira experiência enquanto professora, em 2001, foi em uma escola de nataação, prática corporal para a qual já possuía bastante afinidade. Durante 16 anos trabalhei essencialmente com bebês e a iniciação à nataação para crianças até 5 anos de idade. Em 2007, paralelamente às aulas de nataação, realizava processos seletivos anuais e era sempre contratada como temporária pela prefeitura municipal de Ourinhos para ministrar aulas de Educação Física. O fascínio pelo universo dos pequenos, sempre inspirava as minhas escolhas, circunscrevendo minha atuação na Educação Infantil.

Em 2013, surgiu um convite da secretaria municipal de educação para que eu, ainda contratada como temporária, compusesse o quadro de coordenadores de área da rede municipal. Tratava-se de um trabalho voltado para a formação continuada docente, baseado em horários de estudo com os professores especialistas de cada disciplina. Aceitei o convite (muito insegura), pois muitos professores, principalmente os mais antigos já haviam solicitado assumir essa função, mas de acordo com a secretaria, eles queriam “sangue novo”, então decidi encarar o desafio. No começo não foi fácil, pois essa função é dividida entre duas pessoas e a minha parceira na época já estava preste a se aposentar, passou a maior parte da sua carreira na função de gestora, com pouca experiência enquanto professora de Educação Física e tentar trazer mudanças e novos olhares, foi uma luta. Concomitantemente também tive que encarar os professores mais antigos de rede e também professores efetivos, mas pouco a pouco fui achando o meu lugar, fui aceita pelo grupo (mesmo sendo contratada), mas já estava há 7 anos nessa caminhada com eles

No ano de 2014, ingressei como docente no município por meio de concurso público, assumi meu cargo em uma escola de Educação Infantil e, concomitantemente, continuei com o trabalho de formação continuada de professores. Os três anos de estágio probatório foram cumpridos nesta mesma escola, o que solidificou meu trabalho de formação continuada junto aos professores, pois esse processo escola-formação legitimava o trabalho. Já na escola, eu desvinculava o meu papel de formadora da rede, e focava enquanto professora. Com as crianças eu procurava realizar atividades com foco nas brincadeiras/ brinquedos, músicas e danças populares, alguns elementos ginásticos. Nessa jornada encontrei alguns desafios: a rede não ter uma diretriz para a Educação Física no Infantil; as escolas não possuírem estrutura física para que essas aulas, elas acabam acontecendo em

lugares improvisados, como refeitório, solário, entre outros; a escassez de material também era um fator que atrapalhava, muitas vezes para que eu pudesse desenvolver as aulas que havia planejado, acabava comprando ou construindo. E mesmo com todas as adversidades, as crianças sempre participavam das aulas e apesar de serem relativamente pequenas (4 e 5 anos) era visível o desenvolvimento delas, seja nas dimensões cognitivas, relacionais e afetivas, como também nas interações e nas relações sociais.

Em 2015, com a promulgação do novo Estatuto do Magistério de Ourinhos - Lei Complementar nº 911, de 05 de outubro de 2015 – houve a legitimação do trabalho de formação continuada, quando garantiu efetivamente aos professores que 1/3 (um terço) do trabalho pedagógico fosse voltado para planejamentos que se distribuiriam em horários de estudo coletivos e específicos para cada área. Isso solidificou o trabalho da formação continuada junto aos professores, trazendo formação específica para cada área e para cada segmento. E também incluiu esses horários de estudo na jornada do professor, ou seja, para além do trabalho pedagógico em sala de aula, o professor também passou a receber para estudar e planejar, seja na escola ou nas formações com os seus pares. Com isso a secretaria municipal de educação construiu um centro de formações, uma estrutura preparada, onde os professores se reúnem quinzenalmente para os horários de estudos específicos.

No ano de 2021, na busca por novos olhares, por novas expectativas e até mesmo novos propósitos surgiu o desejo em fazer mestrado. Inicialmente com o intuito de construir uma diretriz para a Educação Física Infantil da rede em que atuo, pois sentia naquele momento que faltava um caminho a seguir e que enquanto professora percebia essa necessidade, pois a rede em que atuo não possui um currículo próprio ou uma diretriz, ficando subjugados a sistemas de ensino ou programas de governo. Foi então que me inscrevi em dois programas: PPED – Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação Básica (UENP – Jacarezinho/PR) e no PPGDEB – Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica (UNESP – Bauru/SP), ficando como suplente no primeiro programa e no início do ano de 2022, tive a grata satisfação de ser selecionada no programa de mestrado da Universidade Estadual Paulista (UNESP) no Programa de Pós - Graduação em Docência para Educação Básica sob a orientação da Profa. Lilian Aparecida Ferreira. Neste mesmo período, comecei a fazer

parte do grupo de estudos o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas dos Esportes Coletivos (NEPATEC).

Todas essas mudanças em minha vida trouxeram novos desafios, fomentando a curiosidade e despertando o desejo por aprender cada vez mais.

Hoje em 2023, continuo à frente da formação continuada municipal de Ourinhos/SP, envolvendo cerca de 50 professores de Educação Física - entre contratados e efetivos - no âmbito da Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Por causa dessa função, faço acompanhamento regulares das aulas dos docentes nas 46 escolas da rede pública do município. Ressalto aqui que, apesar da rede na qual atuo não possuir uma diretriz própria para embasar o trabalho pedagógico, procuro nas atividades formativas trazer elementos que possam contribuir com o trabalho do professor em suas aulas, buscando práticas pedagógicas que não sejam focadas apenas nos esportes, mas em outros conteúdos da Cultura Corporal².

No âmbito da Cultura Corporal, um dos conteúdos que sempre me despertou interesse e curiosidade, enquanto formadora e principalmente como professora de Educação Física, foi o universo dos jogos. Para mim, são por meio dos jogos que as interações têm mais potencialidade para acontecer, pois há uma possibilidade ampliada de modificar regras e estruturas – nem sempre tão bem vindas nos esportes que assumem modelos mais padronizados - e visualizar uma diversidade de sentimentos/emoções sendo revelados. Quando observamos uma criança jogando é possível acessar uma janela que revela os modos como elas conhecem e vivenciam sua realidade, ou seja, como referenciam e significam seus contextos socioculturais.

Sobre os jogos, Soares *et al.* (2012, p. 65) apontam que “[...] o jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar,

² O corpo e suas práticas expressam a sociedade na qual estão inseridos, ou seja, são construções históricas, assim como, no extremo, a própria noção de natureza é uma construção histórica. Nesse entendimento, as diferentes práticas corporais (ou atividades físicas, como eram chamadas) foram construídas pelo homem em determinado contexto histórico-cultural e com sentidos próprios. Promove-se, então, uma “culturalização” do objeto/conteúdo da Educação Física. Assim vão ser cunhadas as expressões: cultura corporal, cultura de movimento e cultura corporal de movimento para expressar o objeto/conteúdo de ensino da Educação Física. Há aqueles que preferem a primeira, outros a segunda ou a terceira, por diferentes razões, mas todos concordam que o fundamental nesse caso é apreender/compreender o objeto/conteúdo da Educação Física como uma dimensão da cultura (e não mais da natureza no sentido de submetida apenas às suas leis próprias) (Bracht, 2010, p. 2-3).

imaginariamente, a realidade e o presente”. Para Sommerhalder e Alves (2011, p. 12) “[...] os jogos são caracterizados pelos diferentes grupos que os cultivam, sendo transmitidos através das gerações e a partir das relações não formalizadas”. A partir disso, percebemos que no interior de cada jogo encontramos a identidade pessoal e coletiva, representada pelos valores, hábitos, costumes e comportamentos produzidos por um determinado grupo social.

Com isso, após meu ingresso no mestrado e minha participação no NEPATEC, passei a ter acesso à Praxiologia Motriz e pude perceber através das leituras e discussões o quanto ela trazia elementos que convergiam com o que eu pensava sobre jogos, particularmente a ideia de ser uma janela para acessar como a criança sente e vivencia a sua realidade social.

Deste modo, inspirada pela Praxiologia Motriz³, fui provocada a pensar sobre os jogos, mais especificamente, os jogos cooperativos ou, de acordo com Parlebas (2020), os jogos sociomotrizes de cooperação, voltando minha atenção para as interações e suas influências nos comportamentos dos alunos nas aulas de Educação Física.

A Praxiologia Motriz é uma área epistemológica, também conhecida como Ciência da Ação Motriz, idealizada pelo professor Pierre Parlebas em meados dos anos 1960, oferecendo bases concretas para o estudo de todas as situações motrizes (jogos, esportes, danças, lutas, práticas corporais de aventura etc. – na dinâmica de suas ocorrências).

A ação motriz, de acordo com Parlebas (2020, p. 41), “[...] é o processo de realização das condutas motrizes⁴, de um ou vários sujeitos que atuam em uma situação motriz”, ou seja “[...] são as manifestações das condutas motrizes observáveis, relacionadas com um contexto objetivo; que se desenvolvem em uma rede repleta de dados subjetivos como: emoção, relação, antecipação e decisão”.

No ambiente da Educação Física, o professor tem a sua disposição uma gama extraordinária de situações motrizes, de acordo com Franchi *et al.* (2015), “[...] o

³ A Praxiologia Motriz foi criada pelo professor francês Pierre Parlebas no final da década de 1960, aborda o universo dos Jogos, Esportes e demais práticas motrizes através do estudo da ação motriz e da lógica interna.

⁴ Conduta Motriz é a organização significativa do comportamento motor. É o comportamento motor cujo os dados observáveis são dotados de significado e que são vivenciados consciente ou inconscientemente pela pessoa que está agindo. (Parlebas, 2020, p. 85).

conceito de situação motriz faz referência a própria atividade (elementos objetivos) e ao participante (elementos subjetivos) que caracterizam a ação motriz de uma ou mais pessoas”. Nesse sentido, a Praxiologia Motriz oferece à Educação Física dois aspectos fundamentais para o processo de ensino: demonstrar as características das mais diversas situações motrizes, que podem ser utilizadas pelo professor (lógica interna), e identificar os resultados que podem ser gerados sobre os alunos (condutas motrizes).

Parlebas (2020) considera a lógica interna como uma carta de identidade, envolvendo como se relacionar com os participantes, com o espaço, com o material e com o tempo. Essas relações estão determinadas pela regra do jogo. Por um outro lado, a conduta motriz faz referência ao comportamento do participante e esse comportamento nunca é vazio, vindo sempre carregado de significados. Neste sentido, a conduta motriz não é uma ação estritamente corporal, padronizada ou representada, ela considera o sujeito como único (dimensões que caracterizam sua personalidade), ou seja, ela simultaneamente revela seus aspectos cognitivos, sociais e emocionais, assim como os influencia e os modifica.

Sob esta perspectiva, pensar a prática pedagógica a partir da lógica interna das situações motrizes não pode isentar o professor de considerar que cada aluno tem suas singularidades, enquanto pessoa, de manifestar a sua forma de jogar. Podemos notar, com essa articulação entre a lógica interna e a subjetividade das pessoas, que há uma lógica interna que caracteriza as situações motrizes, mas igualmente há cenários sociais e culturais que extrapolam essas caracterizações, demarcando o que Parlebas (2020) denomina de lógica externa. De acordo com Parlebas (2020), cada grupo ou pessoa pode reinterpretar as situações motrizes a sua maneira, de acordo com as motivações, ou seja, a lógica interna de um jogo pode ser modificada de fora para dentro, a partir da sua lógica externa, atribuindo-lhe novos significados.

A articulação da lógica interna e externa, neste sentido, não podem ser reduzidas a uma sequência de manifestações corporais, mas sim ajudar no entendimento das estruturas e dinâmicas das situações motrizes e nas implicações que sua prática causa às pessoas. Esse entendimento poderá auxiliar os professores de Educação Física a escolher os conteúdos da Cultura Corporal que irá desenvolver em suas aulas com mais critérios e entendimento e não de modo aleatório ou

espontâneo. É por essa via que Parlebas (2020) vai defender que a Educação Física seria a Pedagogia das Condutas Motrizes.

Para Parlebas (2020), a Educação Física:

É uma prática de intervenção que influencia as condutas motrizes dos participantes, de acordo com as normas educacionais implícitas ou explícitas. O exercício dessa influência geralmente normativa leva a uma transformação das condutas motrizes, um processo que coloca a questão da transferência de aprendizagem no centro das preocupações do professor. (Parlebas, 2020, p. 172 – tradução nossa).

De acordo com Lagardera *et al.* (2008, p. 192), “[...] a Educação Física se converte em uma pedagogia das condutas motrizes na medida em que trata de aperfeiçoar ou melhorar as condutas motrizes dos educandos”.

Parlebas (2020), ainda propõe um agrupamento dos conteúdos que poderão ser tratados na Educação Física: as grandes situações motrizes, dentre elas os jogos, os esportes, os exercícios didáticos e as atividades livres.

- ✓ Esporte: subconjunto de situações motrizes em que se prima a competição e a institucionalização;
- ✓ Jogos tradicionais: situações motrizes competitivas não institucionalizadas;
- ✓ Exercícios didáticos: situações motrizes estruturadas por tarefas; (relaxamento, yoga, expressão corporal, ...);
- ✓ Atividades livres: situações motrizes livres, sem contratos formais codificados (Parlebas, 2020, p. 175 – tradução nossa).

Segundo Parlebas (2020), as situações motrizes podem ser classificadas de acordo com os critérios de interação motriz entre os jogadores, podendo ser *psicomotrizes* (quando não há interação entre os jogadores) e *Sociomotrizes* (quando há relação entre os jogadores), sendo elas: cooperação; cooperação e oposição; oposição.

A Praxiologia Motriz, ao propor uma análise criteriosa dos jogos, sua lógica interna, características e estruturas, nos permite acessar e entender como eles funcionam, assim como suas influências nas condutas motrizes dos alunos. Para Ocáriz *et al.* (2015), há vários tipos de condutas motrizes que podem ser observadas: a) ajustadas: quando as condutas dos participantes respondem adequadamente ao que a lógica interna do jogo solicitou; b) desajustadas: quando as condutas estão desalinhadas com a lógica interna dos jogos; c) as perversas: quando as respostas

dadas pelos participantes não são permitidas a partir da lógica interna dos jogos; d) pacto: são condutas pactuadas pelo grupo e que criam um certo comportamento que modifica a manifestação das pessoas no jogo, ainda que não tenham sido alteradas a lógica interna do jogo.

Em nosso estudo, as situações motrizes envolvidas serão os jogos sociomotrizes de cooperação, também conhecidos como jogos cooperativos, o que para a Praxiologia Motriz, são jogos nos quais a lógica interna orienta que a interação entre os participantes se dê com base no respeito a um acordo coletivo, tomando decisões de forma compartilhada para condicionar ações coletivas e estar em constante comunicação com os outros. A escolha por situações motrizes de cooperação foi motivada pelas minhas experiências enquanto professora e também pelas diversas observações realizadas nas aulas com meus pares durante visitas nas escolas, enquanto formadora. Nota-se muitas vezes que as práticas são essencialmente de oposição (um contra um, cinco contra cinco,) alimentando o cenário competitivo. Tais posturas tendem a comprometer experiências formativas por parte dos alunos nas quais, as práticas corporais, acabam comprometendo interações de companheirismo, solidariedade e respeito.

Assim, a expectativa com essa pesquisa é trazer os jogos sociomotrizes de cooperação para as aulas de Educação Física, buscando, junto aos alunos, a interação e a promoção de um ambiente cooperativo, respeitando a diversidade humana e melhorando a convivência no contexto escolar. A minha motivação para trabalhar a cooperação nas aulas de Educação Física, tem o intuito de trazer aos alunos situações de aprendizagem onde o respeito mútuo, a parceria e a colaboração sejam apresentadas, pois dentro do contexto escolar, o que se observa é que ainda existe a reprodução da sociedade em que vivemos, na qual alunos são constantemente cobrados (pais e escola) para serem os melhores, são enaltecidos apenas os que alcançam o sucesso, deixando a margem e frustrando os demais, gerando situações de conflitos e desrespeito, dificultando o convívio entre os membros que compõem o ambiente escolar.

Neste sentido o objetivo geral do presente estudo foi: identificar e analisar as condutas motrizes dos alunos do 2ºano do ensino fundamental no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação em aulas de Educação Física.

Os objetivos específicos foram:

- Selecionar e desenvolver um conjunto de jogos de natureza sociomotriz de cooperação nas aulas de Educação Física;
- Descrever as condutas motrizes dos alunos no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação;
- Analisar a articulação entre os jogos sociomotrizes de cooperação e as emoções manifestadas pelos estudantes.

O texto aqui se apresenta está organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo “PRAXIOLOGIA MOTRIZ: AS AÇÕES MOTRIZES E AS CONDUTAS MOTRIZES NAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA” são abordados a fundamentação teórica da Praxiologia Motriz e seus conceitos e significados, principalmente no que tange às ações motrizes e às condutas motrizes. Ainda neste capítulo é abordado a relação desses conceitos com a Educação Física escolar.

O segundo capítulo “O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA DAS CONDUTAS MOTRIZES” traz a explanação sobre a trajetória da Educação Física no Brasil, um breve relato histórico e os caminhos até a constituição da expressão Cultura Corporal. São também explorados os conceitos de jogos cooperativos sob as lentes da Praxiologia Motriz, dialogando assim com a pedagogia das condutas motrizes.

O terceiro capítulo, “TRAJETÓRIA METODOLÓGICA”, envolve a apresentação da abordagem da pesquisa, as técnicas de coleta de dados, os participantes da pesquisa, revelamos o contexto da ocorrência e o detalhamento desta investigação.

O quarto capítulo, “APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS”, foi dividido em três categorias de análise: 1) “As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação” apresenta as condutas motrizes identificadas durante a pesquisa; 2) “Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação” apresenta as interações que os estudantes estabeleceram dentro do sistema praxiológico dos jogos sociomotrizes de cooperação; 3) “Jogos sociomotrizes de cooperação e emoções entre os estudantes” apresenta as diversas emoções (positivas, negativas e ambíguas) despertadas no decorrer da vivência dos jogos sociomotrizes de cooperação.

As considerações finais encerram as análises, reflexões e desdobramentos desta pesquisa.

CAPÍTULO 1

PRAXIOLOGIA MOTRIZ: AS AÇÕES MOTRIZES E AS CONDUTAS MOTRIZES NAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

1.1 Bases conceituais da Praxiologia Motriz

A Praxiologia Motriz é um campo científico que foi criado no início da década de 1960 em Paris na França pelo professor de Educação Física, psicólogo, sociólogo e matemático Pierre Parlebas, que atuou por mais de 30 anos na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Paris. Há mais de cinquenta anos, ele vem construindo alicerces para a teoria da Praxiologia Motriz, publicando inúmeros artigos e diversos livros. A principal obra, publicada em 1998 e que marca os conceitos para a composição desta teoria, é denominada de “*Jeux, Sports et Sociétés: Lexique de Praxéologie Motrice*”⁵, esta obra reúne as principais ideias da área em forma de dicionário, sendo, até hoje, considerada a mais importante sobre a Praxiologia Motriz.

De acordo com Pierre Parlebas, a Praxiologia Motriz, também é conhecida como a Teoria da Ação Motriz, ou seja, constitui “[...] a ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento” (Parlebas, 2020, p. 354). Tal teoria “[...] pretende estudar as ações motrizes que emergem de qualquer situação desportiva ou lúdica [...]” (Lagardera e Lavega, 2003, p. 37).

A Praxiologia Motriz apresenta e define uma gama de conceitos pertinentes que buscam construir um arcabouço teórico que sustente e oriente as diferentes ações

⁵ Tradução: Jogos, Esportes e Sociedades: Léxico de Praxiologia Motriz.

motrizes⁶. Trata-se de compreender como as práticas corporais⁷ são estruturadas, se dinamizam e influenciam aqueles que as praticam (Ferreira e Ramos, 2017, p. 17).

Para Saravi (2007), é através da ação motriz que todas as formas de práticas corporais, quer sejam individuais ou coletivas nos seus mais variados modelos, podem ser analisadas. A Praxiologia Motriz, neste sentido, instrumentaliza os professores com maneiras de acessar e compreender o universo dos jogos e dos esportes (Ferreira e Ramos, 2017).

De acordo com Parlebas (2020), a ação motriz está inteiramente relacionada com o sistema de regras, os materiais, os participantes, o espaço e o tempo que regem a prática corporal, ou seja, todo um sistema praxiológico, que lhe confere uma característica própria. Estas ações motrizes ocorrem no interior das práticas corporais, evidenciando os elementos demarcatórios da prática, ou seja, a forma como os jogadores poderão atuar.

A Ação Motriz se refere a uma situação social específica do jogo ou esporte. A situação fica mais peculiar já que o objeto está atrelado à lógica interna, que inscreve e determina as Ações Motrizes com base nos regulamentos ou regras da atividade. (Ribas, 2010, p. 242).

Quando os jogadores ou participantes de uma determinada prática corporal resolvem atuar de acordo com o que lhe é exigido, eles estabelecem o que Parlebas

⁶ De um modo geral, Parlebas (2008) vai cunhar o termo situações motrizes como o contexto representativo dos jogos motores e que circunscrevem as ações motrizes. Neste sentido, uma corrida no pega-pega ou um salto na brincadeira de amarelinha não seriam habilidades motoras genéricas, mas ações motrizes contextualizadas às demandas que essas brincadeiras solicitam aos seus praticantes. Tais situações motrizes se produzem no interior de um sistema, no qual estão envolvidos os participantes, os materiais, o espaço físico e o tempo que, na relação com as regras, demarcam uma experiência motora e lúdica às pessoas. Todavia, no Brasil, por influência das produções espanholas no tocante à Praxiologia Motriz, foi-se cunhando o uso da expressão “práticas motrizes” que, de certa maneira, caracteriza-se como sinônimo de situações motrizes e que aqui, para nós, guarda profunda relação com a expressão “práticas corporais”.

⁷ O uso da expressão “práticas corporais” passou a integrar a narrativa acadêmica, segundo Silva, Lazzarotti Filho e Antunes (2014) a partir de Fraga em 1995, ganhando relevo na área e sendo incorporada, inclusive, na atual política pública educacional federal materializada pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). No âmbito geral, os consensos que demarcam o uso dessa expressão se balizam pela ideia de superar a exclusividade dos efeitos orgânicos e biológicos da atividade física para o ser humano, trazendo para a cena os significados subjetivos, individuais e coletivos culturalmente postos em ação no corpo. As práticas corporais seriam as manifestações que envolvem as dimensões do corpo, comumente exemplificadas pelo esporte, ginástica, dança, luta, tai chi chuan, yoga, práticas corporais de aventura na natureza, jogos, tendo como finalidades a educação estética, a promoção de saúde, o desenvolvimento do lazer, a sociabilidade e o cuidado com o corpo.

(2020) chama de contrato lúdico⁸, ou seja, aceitam as normativas (regras) que vão gerir todas as ações para o desenvolvimento daquela prática corporal. É dentro desse contrato lúdico que Parlebas diferencia a ação motriz de qualquer outro movimento, uma vez que há outros comportamentos motores que podem aparecer na prática corporal, mas que não são consequências diretas da prática corporal em si, como por exemplo, enxugar o suor numa partida de vôlei de areia, amarrar os cadarços em uma brincadeira de pega-pega, entre outros. As ações motrizes são aquelas essenciais para o diálogo do praticante com a prática corporal que ele realiza e, caso ele não as realize, isso pode desencadear uma série de consequências que infringem o contrato lúdico e o desenvolvimento da atividade. Portanto:

Quando se trata de situações práxicas que estão reguladas por um regulamento, consideramos que a expressão ação de jogo resulta muito mais precisa, ainda que no estrito sentido se trate de uma ação motriz de jogo, já que faz referência à ação de um jogador com companheiro e/ou adversário que adquire significado no marco de um sistema de regras, que define, em seu conjunto, o jogo ou esporte de que se trata. (Lagardera; Lavega, 2008, p. 70).

De acordo com Bortoleto (2008), é possível afirmar que a Praxiologia Motriz pretende estudar as ações motrizes que afloram de situações lúdicas e esportivas, como resultado de uma trama de relações que estabelece a sua lógica interna. Segundo Lagardera e Lavega (2003), a lógica interna é considerada como a chave das práticas corporais, ou seja, a forma peculiar como as ações motrizes acontecem em cada um dos jogos, esportes, das ginásticas, lutas, danças, práticas corporais de aventura, ou seja, a ação motriz só se explica pela sua lógica interna, pois, ela contribui para que possamos desvendar a natureza dos jogos e dos esportes (Ribas, 2002).

Parlebas (2020) não desconsidera a existência de elementos externos na realização das práticas motrizes, entre eles podemos citar alguns fatores, como: culturais, sociais, motivacionais, históricos, econômicos, dentre outros. Esses

⁸ Para Parlebas (2020, p. 94) o contrato lúdico é o pacto de fundamentação de uma microssociedade, certamente provisional, intermitente e restringida, mas que não por isso deixam de levar-se a cabo ações repletas de complexidade de acordo com uma lei livremente acertada.

elementos são chamados de lógica externa⁹. Apesar da separação conceitual, vale aqui ressaltar que a lógica interna e a lógica externa ocorrem concomitantemente nas práticas corporais.

Desta maneira, a lógica interna é “[...] um sistema de características relevantes de uma situação motriz¹⁰ e as consequências que ela acarreta para a realização da ação motriz correspondente” (Parlebas, 2020, p. 302). A lógica interna, quando revelada em cada situação motriz, possibilita a análise prévia das consequências práxicas.

[...] a lógica interna se fundamenta nas regras ou no estatuto prático de todo o jogo, pois é exatamente nas regras que se confronta e se descreve o que pode ou não pode fazer durante o jogo; as características e o modo de utilizar o espaço, a forma de manipular os objetos extracorporais, a maneira de interagir motrizmente com os demais e a forma de finalizar um jogo. Parlebas (citado por Bortoleto, 2008, p. 130).

Segundo Parlebas (2020), a lógica interna se manifesta nas regras do jogo e a partir disso provoca comportamentos corporais que são considerados apropriados pela demanda solicitada por aquele jogo particular. Nesse emaranhado de regras, ela por si, define o local da ação (natureza ou artificial), prevê o uso do espaço e a maneira de se relacionar com esse ambiente (existência ou ausência de incerteza), também aparece no uso de materiais ou equipamentos. No interior das regras há ainda o estabelecimento dos modos de interação entre os sujeitos (comunicação e contra comunicação), configurando assim as relações de cooperação e oposição, ditando os papéis dos participantes, bem como os objetivos e a pontuação.

Dessa forma, a lógica interna de qualquer prática corporal nos leva a entender seus mecanismos de funcionamento, suas semelhanças e diferenças entre as diversas práticas corporais, ou seja, seu sistema praxiológico: espaço, protagonistas, imperativos temporais e objetos extracorporais.

A Praxiologia Motriz, considera que qualquer prática ou jogo pode ser contemplado por um sistema praxiológico. Cada jogo dispõe de uma lógica

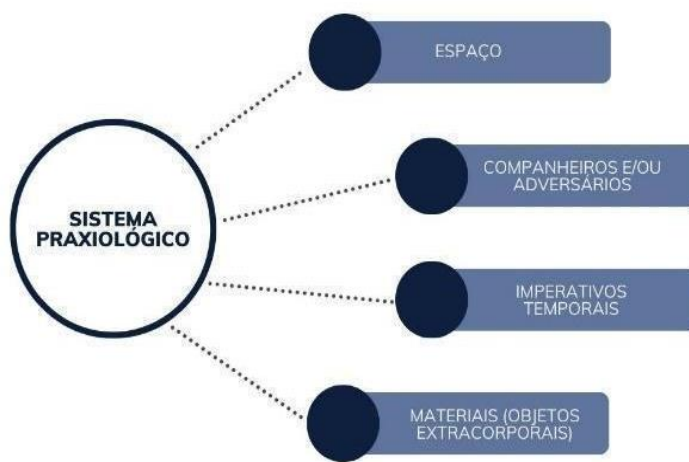
⁹ De acordo com Ribas (2002), a lógica externa resulta, assim, do objeto de estudo centrado na análise e compreensão do contexto sociocultural onde está imerso todo sistema praxiológico. Trata de desvelar todo o cortejo de influências e relações que todo sistema praxiológico tem com seu entorno.

¹⁰ Parlebas (2020), define situação motriz como um conjunto de elementos objetivos e subjetivos que caracterizam a ação motriz de uma ou de várias pessoas que em um meio físico levam a cabo uma tarefa motriz.

interna ou carta de identidade que o caracteriza e exige de qualquer pessoa que ela deva relacionar-se com os outros participantes, com o espaço, com o material e com o tempo (Franchi; Araújo; Lavega, 2015, p. 122).

Bortoleto (2017), com base nos mesmos elementos sinalizados por Parlebas cria uma representação acerca do sistema praxiológico. Esta pode ser observada na Figura 1.

Figura 1 - Síntese do sistema praxiológico



Fonte: Bortoleto (2017).

Assentado na lógica interna das práticas corporais, Parlebas (2020), propõe uma forma de classificá-las “[...] a partir da concepção de qualquer situação motriz como um sistema no qual o participante se relaciona globalmente com o entorno físico e com outros possíveis protagonistas [...]” (Lavega, 2008, p. 83). Desse processo analítico, surgem dois componentes que serão considerados por Parlebas como característico de qualquer prática corporal: os participantes - presença ou ausência de companheiros (C) e/ou adversário (A), e o espaço onde a prática corporal ocorre, diferenciando-se conforme a presença ou ausência de incerteza (I).

A combinação desses três critérios nos possibilita caracterizar qualquer prática corporal, resultando em oito categorias diferentes que marcam os domínios motrizes em cada uma delas.

Franchi e Ribas (2017), assentados nas ideias de Parlebas, apontam que as combinações que resultam nas oito categorias de domínios motrizes das práticas corporais podem ser representadas graficamente a partir dos três critérios elaborados

por Parlebas, ou seja, C (Companheiro), A (Adversário) e I (Incerteza), resultando num sistema de análise das práticas corporais denominado como CAI.

Tal distinção de famílias de situações motrizes homogêneas aparece como tema primordial para saber diferenciar as práticas, atendendo a critérios da lógica interna das próprias atividades. Essa maneira de classificar os jogos e os esportes nos permite encontrar as principais exigências que solicitam nossas práticas, além de escolher entre os distintos exemplos de práticas de cada categoria seguindo um critério científico rigoroso (Lavega, 2008, p. 86).

Esse sistema faz parte de uma combinação binária dos critérios acima citados e assim, podemos classificar qualquer prática corporal em oito categorias possíveis. Os grifos em cada sigla (C, A, I) querem dizer a ausência desse componente naquele determinado conjunto de práticas corporais.

1. **CAI**: psicomotriz em ambiente estável - as práticas motrizes que pertencem a essa categoria são consideradas psicomotrizas, ou seja, não há interação com outros participantes, nem com companheiros e nem com adversários e, tampouco, o participante precisa decifrar as informações do seu entorno. Nesse sentido, a realização das práticas corporais dessa categoria se dá em um ambiente isolado e estável, favorecendo assim a padronização dos comportamentos baseados na repetição. Exemplos: pular corda (individualmente), yoga, ginástica artística, natação, escalada *indoor*.
2. **CAI**: psicomotriz em ambiente instável – aqui, segue não havendo interação entre companheiros e/ou adversários, porém está presente a incerteza em relação ao ambiente. Os participantes devem considerar as mudanças ou dificuldades do lugar para o sucesso na realização da tarefa, sendo assim, é de fundamental importância que o praticante decodifique o ambiente. Exemplos: escalada em ambientes naturais, skate, surf, mergulho.
3. **CAI**: sociomotriz de cooperação em ambiente estável – Aqui há interação somente entre companheiros, por isso, a prática assume a identificação sociomotriz. Ela se dá em um ambiente estável. Deste modo, a imprevisibilidade não aparece e não solicita a leitura dos praticantes para a tomada de decisão na realização da tarefa demarcada pela prática corporal. Quanto melhor a comunicação, maior será a possibilidade de êxito na

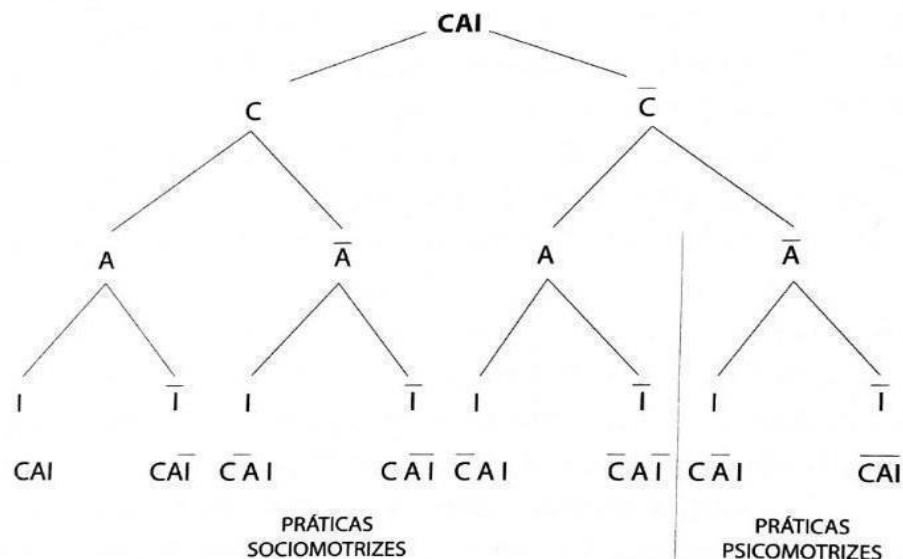
realização da atividade. Exemplos: nó humano, apresentação de balé em grupo, remo em equipe, patinação em dupla.

4. **CAI:** sociomotriz de cooperação em ambiente instável – As práticas corporais dessa categoria seguem com a interação somente entre companheiros, por isso têm a identificação sociomotriz. A incerteza do ambiente propõe uma ação conjunta e sincronizada dos participantes. Normalmente, são situações que ocorrem em ambientes repletos de variáveis e, por vezes, perigosos e inóspitos, exigindo muita atenção e leitura dos seus sinais. Exemplos: mergulho em duplas, alpinismo em equipe, canoagem em equipe.
5. **CAI:** sociomotriz de oposição em ambiente estável – As práticas corporais dessa categoria se dão com a interação somente entre adversários, seguindo com a identificação sociomotriz. Essas interações ocorrem por meio de estratégias como finta, contracomunicação, com o intuito de enganar o adversário e conquistar o êxito estabelecido pela prática corporal. Para o sucesso na realização dessas práticas é essencial a decodificação do comportamento do adversário e descobrir como levá-lo ao erro. O ambiente permanece estável, sem influência nas tomadas de decisões dos praticantes. Exemplos: badminton, tênis de mesa, judô, caratê.
6. **CAI:** sociomotriz de oposição em ambiente instável – Nesta categoria segue havendo a interação somente entre adversários, mantendo a continuidade da identificação sociomotriz. Todavia, o que se altera aqui é a interação com o ambiente, já que ele é instável e requer dos praticantes uma leitura das suas influências para a tomada de decisão na prática que está sendo realizada. Exemplos: maratona, *motocross*, regata de vela individual.
7. **CAI:** sociomotriz de cooperação e oposição em ambiente estável – Essa categoria evidencia os domínios das interações motrizes entre companheiros e adversários. As ações desses participantes vão envolver tanto uma ação de cooperação e comunicação entre os companheiros de equipe, quanto ações de oposição e contracomunicação com os adversários. O ambiente permanece estável, sem influência nas tomadas de decisões dos praticantes. Exemplos: futebol, handebol, basquete.

- 8. CAI:** sociomotriz de cooperação e oposição em ambiente instável – Envolvem as práticas corporais nas quais os participantes cooperam e se opõem simultaneamente, todavia, ocorrem em ambientes instáveis que geram a demanda pela leitura e interpretação dos sinais para a tomada de decisão. Exemplos: jogos em grupos na natureza, corridas de bicicleta na rua em equipe.

De acordo com Parlebas (2020), essas oito categorias nos permitem diferenciar as práticas corporais entre as psicomotrizes e as sociomotrizes. No interior de cada uma delas, ainda é possível identificar as psicomotrizes em ambientes estáveis e instáveis e as sociomotrizes de cooperação, de oposição, de cooperação-oposição em ambientes estáveis e instáveis. Tais categorias, para Parlebas (2020), não são hierárquicas entre si e podem ser representadas na forma de uma árvore exponencial como apresentada na Figura 2.

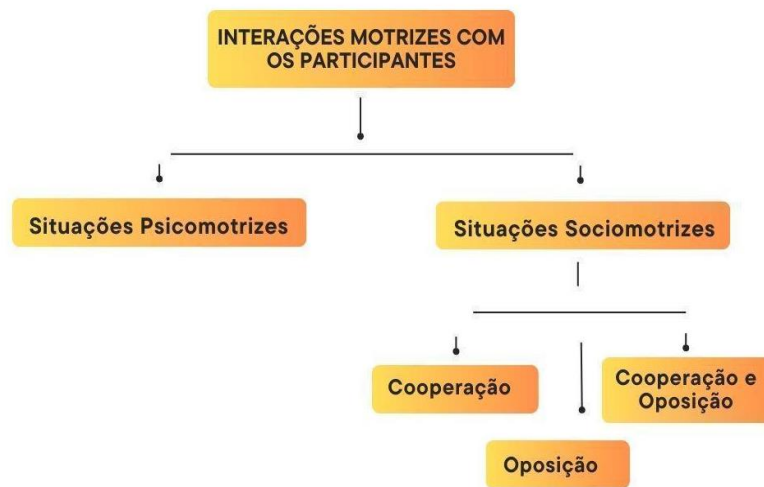
Figura 2 - Representação das oito categorias resultantes da combinação dos três critérios da classificação.



Fonte: Lavega (2008, p. 90).

Na interpretação da autora desse texto de defesa, os domínios que marcam as interações entre os elementos Companheiro (C), Adversário (A) e Incerteza do ambiente (I) poderiam ser organizados nas seguintes figuras de síntese: Figura 3 e Figura 4.

Figura 3 - Síntese das situações motrizes derivadas da classificação de Parlebas (2020).



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 4 - Síntese das situações motrizes derivadas da incerteza do entorno físico.



Fonte: Elaborado pela autora.

Além do sistema CAI, elementos que caracterizam as relações entre as pessoas com as práticas corporais, Parlebas (2020) criou os universais ludomotores que, segundo Ferreira e Ramos (2017), são elementos que se repetem em distintos esportes e jogos institucionalizados e não institucionalizados.

Através dos Universais, Parlebas abre uma porta para observar sete lugares profundos daquela casa chamada jogo. Dois desses modelos nos permitem estudar em profundidade esses sistemas das relações que se estabelecem entre os jogadores: (1) a rede de comunicação motriz e (2) a rede de interação com a marca. O terceiro modelo universal foca a atenção no (3) sistema de pontuação, caracterizado pelas diferentes maneiras de terminar um jogo, ter uma memória dos sucessos obtidos pelos participantes. Outros dois universais mostram a (4) rede de papéis que estabelece o que os

jogadores podem realizar no jogo e a capacidade de mudar de uma função para outra. Como se fosse uma extensão desse universal, (5) o sistema de troca de subpapéis permite que você veja toda a rede de possíveis alterações nas opções de intervenção motriz (subpapéis) que se deduzem de qualquer papel. Finalmente, temos mais dois universais, (6) o código gestêmico e (7) o código praxêmico. Ambos os códigos intervêm favorecendo a comunicação motriz entre os protagonistas; no caso de código gestêmico, os gestos são o canal de comunicação indireta utilizado; enquanto o código praxêmico de comunicação motriz indireta se manifesta através das próprias ações motrizes, como por exemplo, sair correndo para que o parceiro possa nos ver e, dessa forma, indicar para que ele nos passe a bola. (Lagardera; Lavega, 2003, p.140 – tradução nossa).

Segundo Saravi (2007) e Parlebas (2020), os universais são estruturas que podem ser observadas, analisadas e reveladas de tal forma a descrever o funcionamento de diferentes jogos e esportes e que são portadores da sua lógica interna. De acordo com Lagardera e Lavega (2003), esses universais são considerados as lentes da Praxiologia Motriz, estando extremamente envolvidos com a lógica interna, pois “[...] são entendidos como a gramática destas práticas e vão contribuir ainda mais para uma análise cuidadosa da lógica interna que as demarcam [...]” (Ferreira; Ramos, 2017, p. 21).

Os universais são compostos por sete elementos: rede de comunicação motriz, rede de interação de marca, sistema de pontuação, sistema de troca de papéis, sistema de troca de subpapéis, código gestêmicos e código praxêmicos. (Franchi; Ribas, 2017; Saravi, 2007).

1. Rede de comunicação motriz: “A rede de comunicação motriz é a forma com que os participantes de determinada manifestação motriz concretizam a interação para atingir objetivo da atividade” (Franchi; Ribas; 2017, p. 38). A natureza social do jogo está fundamentada na comunicação motriz dentro de qualquer jogo. Quem está jogando comigo? Quem são meus oponentes? Em relação a esses critérios de relação motriz, conheceremos dois tipos de situações: comunicação motriz e contracomunicação motriz.

- Situações de comunicação motriz: são situações em que as interações são de cooperação.

[...] ocorre quando os jogadores colaboram uns com os outros. Pode ser apresentada por meio de um contato corpo a corpo (correr de mãos dadas, carregar o parceiro etc.) ou por troca de objetos extracorpóreos (passar a bola

ou participar de jogos de pular corda) ou por meio de uma troca positiva de papéis (salvar quando alguém for capturado) (Lagardera; Lavega, 2003, p. 141).

- Situações de contracomunicação motriz: são situações em que as interações são de oposição.

As relações de contracomunicação, afetarão diretamente as ações motrizes, portanto os interesses dos outros jogadores adversários. Essas ações podem ser realizadas por meio do contato corporal (contragolpe no judô), por meio de um objeto extracorpóreo (rebater uma bola no tênis ou interceptar uma bola no futebol) ou na inversão negativa na troca de papéis (eliminar o oponente na queimada ou no jogo do cabo de guerra) (Lagardera; Lavega, 2003, p 142 – tradução nossa).

Lagardera e Lavega (2003) ressaltam que cada jogo possui uma rede de comunicação motriz que orienta os participantes a manter um determinado tipo de relacionamento, ou seja, cada prática corporal pode apresentar outras formas de estabelecer as relações entre seus participantes.

- ✓ Rede exclusiva estável: nessas práticas, todos os participantes sabem quem são seus pares e quem são seus oponentes e mantém esse relacionamento durante toda a prática. Exemplos: nas práticas psicomotrizes (100 metros rasos), sociomotrizes de cooperação (jogo do paraquedas), sociomotrizes de oposição (badminton) e sociomotrizes de cooperação e oposição simultânea (futebol).
- ✓ Rede exclusiva instável: nessas práticas, todos os participantes sabem distinguir quem são seus companheiros e quem são seus oponentes, entretanto, durante a prática, esses papéis podem variar. Exemplo: brincadeira do gato e rato.
- ✓ Rede ambivalente estável: nessas práticas os participantes podem ser ao mesmo tempo parceiros e/ou adversários, porém não há troca de equipes. São consideradas preciosidades interativas, pois a lógica interna dessas práticas leva a resolução de problemas com grande complexidade relacional. Exemplo: brincadeira casa, morador e terremoto.
- ✓ Rede ambivalente instável: nessas práticas, os participantes podem ser companheiros e adversários, ou seja, nunca sabem quem pertence à

sua equipe, pois as relações variam durante a prática. Vale ressaltar que nesse tipo de rede, são os participantes que escolhem quem será seu companheiro ou seu adversário. Exemplo: brincadeira do bobinho.

2. Rede de interação de marca: Refere-se à forma utilizada para estabelecer o ganhador e o perdedor dos envolvidos nas práticas corporais. De acordo com Lagardera e Lavega (2003), essa rede pode ser de três tipos:
 - ✓ Rede antagônica: as relações motrizes que levam a vitória são incorporadas em ações de marcação de oposição. Exemplo: as cestas convertidas no basquete ou o gol no futebol.
 - ✓ Rede cooperativa: as relações motrizes que determinam o sucesso, são obtidas por meio de marcações cooperativas. Exemplos: jogo dos dez passes, passe para o touchdown no futebol americano.
 - ✓ Rede mista (antagônica e cooperativa): as ações são marcadas por meio da cooperação e da oposição. Exemplo: jogo dos três campos.

3. Sistema de pontuação: Corresponde à forma como os pontos são computados no jogo, pode ser considerada a rede de sucessos, vitórias ou pontos alcançados dentro de um jogo. Segundo Lagardera e Lavega (2003), essa pontuação pode se dar por:
 - ✓ Pontuação limite para evitar empate (vôlei, tênis de mesa, tênis);
 - ✓ Tempo limite, o resultado da partida é determinado pela pontuação ao final do tempo (futebol, Rugby, handebol);
 - ✓ Combinação de tempo e pontuação (judô, boxe);
 - ✓ Classificação por critério estabelecido (lançamento de dardo, ginástica artística);
 - ✓ Sem um fim estabelecido, ou seja, são jogos onde os sucessos e fracassos não são levados em conta, de modo que os participantes não somam pontos (pega-pega, pique-esconde, nunca três).

[...] também vale a pena ter em mente que o sistema de pontuação, juntamente com a rede de interação de marca, direciona claramente os jogadores a procurar determinados tipos de relações motrizes e desafios

lúdicos. Seria conveniente usar jogos nos quais o resultado final e, portanto, a hierarquia de desempenho, nem sempre estivesse presente. Muitas vezes é muito pedagógico jogar mais pelo prazer de jogar com os outros do que pelo prazer de vencer os adversários. Desse ponto de vista, os jogos sem memória no placar, jogos em que o resultado final não existe, em que não há vencedores nem perdedores, são muito apropriados para reativar o sucesso diante dos fracassos ou vice-versa. (Lagardera; Lavega, 2003, p. 171 – tradução nossa).

4. Rede de papéis: Os papéis estão relacionados aos postos assumidos pelos praticantes. Estes postos correspondem à dinâmica de funcionamento própria de cada prática corporal (Ramos, 2000 citado por Ferreira; Ramos, 2017, p. 22).
5. Rede de subpapéis: Trata-se de uma subdivisão dos papéis numa prática corporal, ou seja, são as possibilidades de ação que um sujeito pode realizar em cada papel no jogo.

O subpapel representa a sequência motriz de um jogador considerado como uma unidade básica de comportamento estratégico em um determinado jogo. Assim como a função, o conceito de subpapel refere-se a um tipo de conduta motriz que agrupa ações consideradas equivalentes do ponto de vista estratégico (Lagardera; Lavega, 2003, p. 187 – tradução nossa).

6. Código gestêmicos: É a comunicação através de gestos codificados, procurando assim facilitar a comunicação entre os jogadores. “Gestema é uma classe de atitudes, mímicas, gestos e condutas motrizes colocados em prática para transmitir uma questão tática ou relacional, indicação ou ordem” (Parlebas, 2020, p. 238).
7. Código praxêmicos: É caracterizado pela linguagem não verbal e não gestual, sendo materializado por uma ação comportamental do jogador que interage com o mundo dos objetos e com os outros no jogo. Está relacionado a uma mensagem tática ou relacional, ou seja, aquilo “[...] que podemos chamar de leitura momentânea do jogo para o processo de tomada de decisão. Quanto melhor a leitura praxêmica, melhores serão as alternativas de antecipação” (Ribas, 2002, p. 76).

Até o presente momento, pudemos nos inteirar sobre uma parte do vasto alicerce conceitual e instrumental que a Praxiologia Motriz nos traz e que pode ser conectado, de maneira efetiva, ao processo de ensino das práticas corporais. O professor que conseguir decifrar essas complexas redes, poderá identificar com maior coerência e consistência elementos centrais que marcam o funcionamento de qualquer prática corporal, entendendo suas características e principalmente sua lógica interna, o que poderá dar condições para novas elaborações acerca do seu ensino e de oportunizar aos estudantes aprendizagens mais significativas.

O conhecimento sobre a lógica interna e as ações motrizes pode possibilitar ao professor redimensionar o ensino das situações motrizes (jogos, esportes etc.), repensando o processo pedagógico a partir dessa lógica. Assim, o professor pode identificar primeiramente qual relação ele está oportunizando para a aprendizagem dos alunos, se é uma relação somente de cooperação, se é somente de oposição, ou ambas simultaneamente, ou ainda se são psicomotrizes [...]. (Brasil *et al.*, 2017, p. 135).

Vale aqui ressaltar que o professor, na seleção e na elaboração das práticas corporais que irá desenvolver, deve considerar seu aluno como um ser único, que carrega sua história, suas relações sociais e emocionais próprias.

1.2 Ações Motrizes e as Condutas Motrizes

De acordo com Parlebas (2020) a ação motriz é um processo de adaptação das condutas motrizes de um ou de vários sujeitos em uma prática corporal. É através da ação motriz que todas as práticas corporais (psicomotrizes ou sociomotrizes) podem ser observadas.

Toda prática corporal, de acordo com Ribas (2002), apresenta peculiaridades e características, como os participantes, a caracterização do espaço, a relação com os participantes, modos de resolução de tarefas, que reflete a sua lógica interna. Estas ações motrizes ocorrem no interior das práticas corporais, evidenciando os elementos demarcatórios da prática, ou seja, a forma como os jogadores poderão atuar. Sobre isso, Ferreira e Ramos (2017, p. 94), entendem a ação motriz como a materialização de um movimento [...] com particular intencionalidade em um cenário circunscrito (objetivo motor, regras...), ou seja, são os movimentos realizados durante um jogo ou esporte, que são determinados pelas regras (lógica interna) e que de certa forma podem ser observados.

As regras estabelecem as condições que emergem as ações do jogo, e estas podem ser enumeradas de modo finito. As ações estão aí, em potencial, escritas nas leis do jogo, esperando que todos e cada um dos participantes lhes deem vida, que se coloquem à disposição de suas condutas motrizes singulares. A ação é constante, a conduta é flutuante e particular (Lagardera; Lavega, 2017, p. 67 – tradução nossa).

Para Parlebas (2020), a conduta motriz faz referência ao comportamento motor, portador de significado. Resultado da história pessoal de cada indivíduo (Ribas, 2002).

É a organização significativa das ações e reações de uma pessoa que age, cuja relevância de expressão é de natureza motriz. Um comportamento motor só pode ser observado indiretamente; ele se manifesta por meio de um comportamento motor cujos dados observáveis são dotados de significado e que são vivenciados consciente ou inconscientemente pela pessoa que está agindo. (Parlebas, 2020, p. 85 – tradução nossa).

Como pudemos observar, a conduta motriz é a ação no seu estado mais puro e muito particular daqueles que a realizam, dotado de singularidades, é a realização da prática corporal baseada na própria experiência da pessoa, portanto, cada jogador possui uma maneira única de interpretar e realizar as ações motrizes, sobre isso:

De acordo com a teoria da Praxiologia Motriz, a pessoa que participa de um jogo é um ator que interpreta suas próprias leis internas (a lógica interna), e isso leva a produção de ações motrizes individualizadas, ou seja, comportamentos motores. Diante das mesmas condições ou conjunto de regras do jogo, cada pessoa age de maneira diferente, adaptando sua resposta de maneira característica à lógica interna do jogo e, assim, produzindo comportamentos motores singulares. (Lavega; Planas; Ruiz, 2014, p. 39 – tradução nossa).

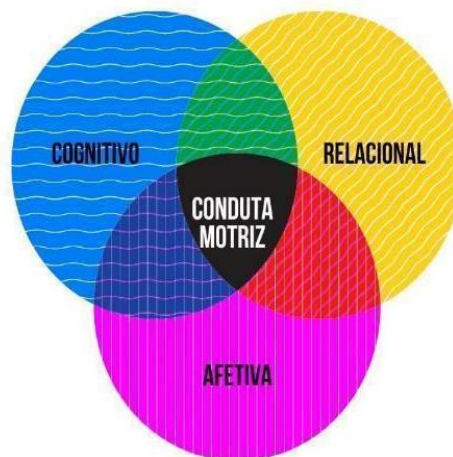
Nessa perspectiva a conduta motriz perfaz a totalidade da pessoa que age, em um cenário que combina a observação externa (comportamento observável) e o significado interno (emoções, experiências corporais, imagem mental etc.). Trata-se assim, de um:

[...] comportamento motor associado a uma determinada pessoa que age de maneira própria, única e global em sua totalidade e singularidade por fazer referência aos seus sentimentos e emoções, sendo o atuar humano carregado de significados. As condutas motrizes possuem três dimensões (cognitiva, relacional e afetiva) que se manifestam na realização do ato motor (Lagardera; Lopes; Gonzalez, 2008, citado por Sousa, 2017, p. 105).

Sobre as três dimensões da conduta motriz, Lavega (2010) aponta:

- ✓ Dimensão cognitiva: permite ao jogador avaliar cada situação do jogo, dando condições para que ele decida e efetue da melhor maneira suas ações, bem como suas decisões e estratégias (estimar velocidade, movimentos e como realizá-los).
- ✓ Dimensão relacional: age diretamente na comunicação motriz entre os jogadores, no contato entre eles, tanto corpo a corpo quanto verbalmente.
- ✓ Dimensão afetiva: está associada às reações emotivas, aos riscos e preocupações em relação ao jogo, os medos e as percepções, as inseguranças e as alegrias, em suma, todos os sentimentos envolvidos e desenvolvidos na realização do jogo ou esporte por uma pessoa.

Figura 5 - Síntese das dimensões da conduta motriz.



Fonte: Lavega (2010).

Dessa maneira podemos entender que cada participante ou jogador, executa as ações motrizes de acordo com suas características pessoais, lendo, decifrando e interpretando a gramática da prática corporal de um jeito diferente e subjetivo. “É nesse ponto que o conceito abstrato de ação motriz é definido dando lugar à noção personalizada e singular de conduta motriz” (Lagardera; Lavega, 2003, p. 197).

Como mencionado anteriormente, devemos repensar a prática pedagógica a partir da lógica interna, considerando a singularidade dos alunos, oportunizando uma

gama de aprendizagens significativas para eles. Entretanto, na construção da prática pedagógica, também não podemos deixar de considerar a lógica externa, ou seja, o contexto do participante e da prática corporal que está sendo realizada. Ferreira e Ramos (2017) salientam que tanto a lógica interna quanto a lógica externa podem trazer relevantes contribuições aos professores, auxiliando na organização das atividades e no processo de sistematização do ensino.

Partindo das relevantes contribuições da lógica interna e externa para a organização das atividades, é preciso ressaltar que essas não podem ser reduzidas a uma sequência de manifestações corporais, nem de os alunos aprenderem somente a dominar certas habilidades motoras, mas sim, ajudá-los dialogar com a prática corporal em prol da produção de condutas motrizes que respondam às demandas dessa determinada prática. Isso significa considerar que as práticas corporais têm profunda implicação nas condutas motrizes das pessoas, ou seja, influenciam no âmago da vida, no modo como as pessoas se relacionam e convivem.

Depreende-se dessa perspectiva o entendimento de que não se educa o movimento ou as habilidades motoras, mas sim a pessoa em sua totalidade, tornando esse processo central da educação escolar. Lagardera e Masciano (2011, p. 5) defendem que a conduta motriz “[...] concentra toda sua atenção e ação pedagógica na singularidade que cada ser humano é capaz de manifestar de maneira específica e original”.

No próximo capítulo em continuidade, explanaremos sobre a Educação Física como a pedagogia das condutas motrizes e seus desdobramentos para a organização do trabalho pedagógico.

CAPÍTULO 2

O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: DIÁLOGOS COM A PEDAGOGIA DAS CONDUTAS MOTRIZES

2.1 O ensino da Educação Física na escola

Desde o seu surgimento como atividade até a sua legitimidade enquanto componente curricular na escola, a Educação Física no Brasil tem passado por muitas discussões e significativas mudanças ao longo do tempo. Entretanto, foi a partir da década de 1980, que houve um crescente debate sobre propostas pedagógicas, buscando a superação da visão exclusivamente biológica da Educação Física, fomentando novas perspectivas assentadas nas fundamentações socioculturais que possibilitaram para a Educação Física uma transição de atividade instrutiva (foco em questões físicas e esportivas) para a prática educativa.

Entretanto antes disso a Educação Física era vista de acordo com o decreto nº 69.450/71¹¹ “[...] uma atividade que por meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve, aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais [...]”, ou seja, a ideia central era que a Educação Física estava circunscrita a um fazer que não necessitava de uma reflexão teórica, não se pautava em um saber próprio, era única e exclusivamente uma experiência física limitada em si mesma. Tal perspectiva contribuiu, e muito, para o cenário escolar, alimentando um estereótipo da área que tendia a contribuir para que alunos, professores, comunidade escolar e até mesmo a sociedade tivesse dificuldade em reconhecer esse professor e suas aulas como parte do projeto pedagógico da escola. Ainda hoje nos deparamos com escolas onde a Educação Física é uma atividade extracurricular, com objetivos diversos, entre eles: treinamento, saúde e o lazer.

Com o propósito de legitimação da Educação Física na escola, em 1996, foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96 que

¹¹ Decreto 69.451/1971 – Regulamenta o artigo 22 da Lei 4.024 de 20/12/1961 (será obrigatória a prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540 de 28/11/1968 (estimularão as atividades de Educação Cívica e Desporto, mantendo, para o cumprimento desta norma, orientação adequada e instalações especiais e dá outras providências).

extinguiu decretos anteriores e estabeleceu a Educação Física como componente curricular da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio); sendo facultativa nos cursos noturnos e faculdades.

Em 2001, com a Lei 10.328/2001, houve uma alteração no artigo 26 em seu parágrafo §3º, incluindo a palavra “obrigatório” após a expressão curricular, passando a vigorar a seguinte redação: “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”. Apesar desta legislação não explicitar claramente os objetivos desse componente curricular, apresenta três condicionantes: “[...] integrar-se à proposta pedagógica da escola, ajustar-se à faixa etária e às condições da população escolar” (Impolcetto; Darido, 2020, p.18).

Em consonância com essas mudanças, surgem no mesmo período, final da década de 1990, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), estabelecendo uma proposição nacional para uma Educação Física que estava voltada para “[...] democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos (Brasil, 1998, p. 15).

Nesse sentido, passou a ser divulgado que o conhecimento tratado pela Educação Física deveria ser a:

[...] cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, [...] nomeadas: jogos, esporte, ginástica, dança ou outras que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (Soares *et al.*, 2012, p. 61-62).

Essa mudança no propósito da Educação Física escolar, iniciou-se com o movimento Renovador¹² da Educação Física, que aconteceu nos anos de 1980, movimento esse que foi caracterizado por uma forte crítica à função atribuída à

¹² Pode ser entendido como um movimento de caráter “inflexor”, dado ter representado um forte e inédito esforço de reordenação dos pressupostos orientadores da Educação Física, como, por exemplo, “colocar em xeque”, de maneira mais intensa e sistemática, os paradigmas da aptidão física e esportiva que sustentavam a prática pedagógica nos pátios das escolas. Entre outras questões privilegiadas pelo movimento Renovador, estava a tentativa de garantir à Educação Física escolar o *status* de disciplina escolar – em contraposição à condição de “mera atividade”, descrita no Decreto nº 69.450, de 1971 (Machado; Bracht, 2016, p. 850).

Educação Física no contexto escolar à época, sendo a partir dele que aconteceu uma mudança radical no conteúdo da disciplina.

Dessa forma, podemos dizer que a partir desse movimento que “[...] o corpo deixou de ser entendido somente como uma dimensão da natureza (em nós) e sim principalmente, como uma construção cultural, portanto simbólica” (Bracht, 2010, p. 2).

As manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade – são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experienciar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais (Bracht, 2005, p. 4).

Sob esse olhar, a Educação Física amplia seus conteúdos enquanto disciplina escolar e promove mudanças da sua função para sua presença na escola. Deixando de subordinar os estudantes a uma simples atividade física com o intuito de fortalecer o corpo e desenvolver habilidades esportivas, para introduzir os mesmos no universo da cultura corporal, proporcionando a construção de um acervo cultural.

Para a seleção e organização do conteúdo, Soares *et al.* (2012, p.32-34), propõe alguns princípios, dentre eles:

- ✓ Relevância Social: o conteúdo deverá estar vinculado à realidade social do aluno e oferecer elementos para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social;
- ✓ Contemporaneidade dos conteúdos: a seleção dos mesmos deve garantir aos alunos um conhecimento modernizado, mantendo- o atualizado de acontecimentos nacionais e internacionais, assim como o avanço da ciência e da técnica;
- ✓ Adequação às possibilidades sociocognoscitivas do aluno: no momento da seleção, deve-se regular o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e à suas possibilidades como sujeito histórico;
- ✓ Simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade: por esse princípio os conteúdos de ensino são organizados e apresentados aos alunos de maneira simultânea. Ou seja, os conteúdos não podem ser apresentados de

maneira descontínua, pois os dados não podem ser pensados ou explicados isoladamente;

- ✓ Espiralidade da incorporação das referências do pensamento: diz sobre compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las;
- ✓ Provisoriedade do conhecimento: a partir dele se organizam e sistematizam os conteúdos de ensino, rompendo com a ideia de terminalidade. Sendo de fundamental importância apresentar o conteúdo ao aluno, desenvolvendo dessa forma a noção de historicidade.

De certa maneira, esses princípios foram parcialmente incorporados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997):

A concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso a eles. Além disso, adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. O trabalho de Educação Física abre espaço para que se aprofundem discussões importantes sobre aspectos éticos e sociais, alguns dos quais merecem destaque (Brasil, 1997, p. 24).

Assim, com esse novo entendimento sobre o conteúdo da Educação Física, surge uma nova perspectiva para as redes ou sistemas de ensino (estaduais e municipais), colocando em questão a identificação, seleção e organização dos conteúdos da Educação Física ao longo da jornada escolar. Ressaltando que os conteúdos a serem selecionados para as aulas de Educação Física devem ser construídos para as realidades com especificidade, que certamente não estarão presentes em outros contextos. Também deve ser levado em consideração, a frequência destinada para as aulas (de uma a três aulas semanais), o tempo (aulas de 45 a 55 minutos), o espaço destinado para essas aulas (quadras cobertas ou descobertas, pátios, campos de terra ou até um espaço inadequado).

Com todo esse movimento, fomenta-se em todo Brasil a elaboração de novas diretrizes para a Educação Física escolar, surgindo em 2008, no âmbito estadual, o

Currículo do Estado de São Paulo para o ensino fundamental e médio. O documento destaca:

É no bojo dessa dinâmica cultural que a finalidade da Educação Física deve ser repensada, com a correspondente transformação em sua ação educativa. A transformação a que nos referimos não pretende negar a tradição da área construída pelos professores, mas ampliar e qualificar suas possibilidades de atuação (São Paulo, 2008, p. 41).

Nota-se neste documento que o enfoque cultural ganha relevância na Educação Física, levando em consideração as diferentes manifestações trazidas pelos alunos em seus mais variados contextos, pregando a pluralidade de ações e relativizando o desenvolvimento dos conteúdos. Assim, ainda nesse sentido, este Currículo afirma que a “Educação Física trata da cultura relacionada aos aspectos corporais, que se expressa de diferentes formas, dentre as quais os jogos, a ginástica, as danças e atividades rítmicas, as lutas e os esportes” (São Paulo, 2008, p. 42). Quando o documento assume esse propósito, desvincula-se a Educação Física escolar do aspecto apenas biológico, como a ação mecânica.

O documento defende que a Educação Física escolar deva ser trabalhada a partir de grandes eixos de conteúdos (jogos, esportes, ginástica, lutas e atividades rítmicas) e que esses devem estar organizados e sistematizados para que possam ser tematizados pedagogicamente como saberes escolares. “Essa sistematização deve considerar os significados inerentes às apropriações que cada grupo, cada escola, cada bairro manifesta em relação aos conhecimentos ligados à cultura corporal de movimento” (São Paulo, 2008, p. 43).

Entretanto, observa-se no currículo uma organização curricular os conteúdos contemplados durante os anos (6º a 9º anos) e separados por bimestre (1º ao 4º), onde em todos eles, há pelo menos uma modalidade esportiva, com princípios táticos e técnicos, principais regras e processos históricos (reforçando a cultura esportiva na escola), deixando de lado discussões acerca do esporte enquanto fenômeno esportivo, como fenômeno cultural e como mercado de trabalho e entretenimento. Já os demais conteúdos (ginástica, lutas, atividades rítmicas) ficam em segundo plano, juntamente com outras temáticas que atravessam as manifestações culturais como a

questão de gênero (discutida apenas no conteúdo de dança) e sobre a violência (discutido apenas no conteúdo de lutas).

Em 2017, nova proposição de âmbito nacional surge para a Educação Física com a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), reforçando a valorização dos aspectos socioculturais.

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (Brasil, 2017, p.213).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 2013), “as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório”. Assegurando dessa forma que os estudantes ampliem a consciência em relação aos seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros, desenvolvendo autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal.

Entretanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recebe muitas críticas, principalmente no que tange à organização do documento e em relação a variação dos critérios para definir os objetos de conhecimento. Para Neira (2017, p. 219), “além de dificultar a compreensão da proposta por parte de quem vai implantá-la, essa opção contribui para fixar significados às unidades temáticas, reduzindo o espaço de negociação cultural”.

Na BNCC, as unidades temáticas de Brincadeiras e Jogos, Danças e Lutas, os objetos de conhecimento estão organizados de acordo com a ocorrência social, partindo das esferas sociais familiares (comunidade e região) às menos familiares (nacional e mundial). Já na unidade temática Ginásticas, os objetos de conhecimento estão baseados na diversidade dessas práticas e em suas características. A unidade temática, Práticas Corporais de Aventura se estruturam na perspectiva urbana e na natureza. E para finalizar, os Esportes, a abordagem incide sobre a sua lógica interna (tipologia), onde não há espaço para uma significação cultural, o que segundo Neira (2017, p. 220), “[...] a seleção da modalidade encontra-se pré-fixada, independente

dos sujeitos ou do contexto”. Dessa maneira podemos perceber que os critérios utilizados para organizar as práticas corporais na BNCC, partem de referências diversificadas.

Essa discrepância com a organização das práticas corporais na BNCC, não faz qualquer sentido com os pressupostos apresentados pela Praxiologia Motriz. Mesmo quando a unidade temática “Esporte” apresenta sua organização a partir da lógica interna, há um erro na categorização dessa unidade, pois de acordo com Ribas *et al.* (2019, p. 8), “[...] a BNCC apresentou como referência principal o desempenho motor, materiais, instrumentos utilizados, o local da prática e objetivos táticos das práticas corporais em detrimento das interações estabelecidas entre companheiros e adversários”.

A classificação das práticas motrizes, orientada pela Lógica Interna, possibilitará ao professor organizar suas atividades e unidades temáticas (Brincadeiras e jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas; Práticas corporais de aventura) sem tangenciar a lógica específica inerente à Organização Interna das práticas corporais. Tendo em vista a classificação empregada pela BNCC em relação à Organização Interna, evidencia-se que o conceito de Lógica Interna é citado apenas na unidade temática do Esporte. Dessa forma, identifica-se a carência de uma organização que contemple a Lógica Interna de todas as práticas motrizes, em suas respectivas unidades temáticas presentes na BNCC -Educação Física (Ribas, *et al.* 2019, p.8).

Nesse sentido, buscando um alicerce e uma estruturação das práticas corporais, a Praxiologia Motriz, segundo Ferreira e Ramos (2017 p.13), traz elementos para esmiuçar as práticas corporais (o objetivo, os participantes, a lógica de funcionamento, os adversários, o espaço físico, as formas de comunicação entre as pessoas que dela participam) “[...] trazendo “outros modos” de olhar, sentir, perceber e ensinar as manifestações da cultura corporal de movimento”.

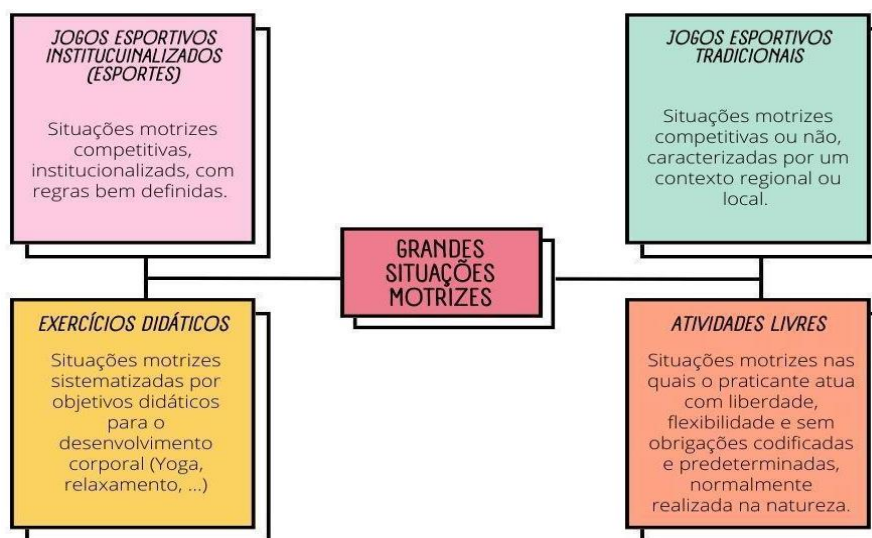
2.2 Educação Física e a Praxiologia Motriz

A fundamentação teórica a Praxiologia Motriz aporta de maneira sólida e concreta uma região do conhecimento original e pertinente para o estudo das práticas corporais, contendo todos os requisitos epistemológicos necessários para ser reconhecida como uma disciplina científica de alto valor para a Educação Física (Lagardera; Lavega, 2001 citado por Bortoleto, 2017, p. 127).

A Praxiologia Motriz ou a ciência da Ação Motriz não deve ser concebida como uma abordagem de ensino da Educação Física, pois não se caracteriza como uma metodologia de ensino, mas, sim, “[...] como um conhecimento científico, criterioso e consistente atinente à lógica de funcionamento de jogos e esportes que produz novos e relevantes entendimentos dessas manifestações” (Nora, *et al.* 2016, p. 1366). A contribuição científica da Praxiologia Motriz está em investigar aspectos estruturais das manifestações da Cultura Corporal (jogos, lutas, danças, ginásticas, esportes, práticas corporais de aventura etc.), de onde surgem as ações motrizes.

De acordo com Soares *et al.* (2012), a Educação Física é a disciplina que trata pedagogicamente do conhecimento da área conhecida como Cultura Corporal, configurada em temas ou atividades corporais. Dessa forma, ela é responsável pela transmissão, reconstrução e transformação dessas manifestações corporais a partir da sua historicidade, ou seja, da compreensão das influências de diversos elementos sociais, culturais e filosóficos que as constituem ao longo da sua história.

Corroborando com a Educação Física, vimos anteriormente, que Parlebas, de uma forma pontual, criou instrumentos de análise que organizam os jogos e esportes a partir da lógica interna, envolvendo o CAI e os Universais ludomotores. E para além disso, Parlebas (2020) ainda intitula os conteúdos da Educação Física como um conjunto de situações motrizes, agrupando-as em quatro conjuntos, também conhecido como grandes situações motrizes.

Figura 6 - Grandes Situações Motrizes

Fonte: Nora *et al.* (2016)

Dessa maneira, junto com a Praxiologia Motriz, a Educação Física torna-se uma pedagogia ativa, ou seja, ela educa através das práticas corporais, pelas implicações diretas nas ações e comportamentos dos alunos e, portanto, nas condutas motrizes associada ao envolvimento completo da pessoa. Pessoa essa que atua como um sistema inteligente, ativando suas dimensões cognitiva, afetiva e relacional.

De acordo com Parlebas (2016), o conteúdo específico da Educação Física deveria se concentrar na ação motriz/conduta motriz, pois esta representa o denominador comum entre todas as práticas corporais, independentemente de suas especialidades.

A Praxiologia Motriz estabelece uma relação com a Educação Física quando oportuniza que seja conhecida, em profundidade, as características das práticas corporais, de modo que, a partir desse conhecimento, possam ser construídos *designs* de práticas corporais que se alinhem às expectativas de aprendizagem buscadas pelo projeto pedagógico desenvolvido com os estudantes nas escolas. Para Parlebas (2017):

A Educação Física tem um objeto específico que nenhuma outra disciplina pode contestar: as condutas motrizes, que representam o modo de ser que o indivíduo expressa no quadro de uma totalidade de ação e que materializam um modo de se relacionar consigo mesmo, com o mundo e com os outros,

especialmente ricos em significado (Parlebas, 2017 citado por Lagardera, 2022, p. 13).

A Praxiologia Motriz defende “[...] o desenvolvimento da Educação Física inovadora, moderna, com bases para o estudo de todas as manifestações motrizes [...]” (Lagardera; Lavega, 2003, p. 22). De acordo com Lavega (2017), a Educação Física é uma disciplina de natureza processual, de modo que os alunos adquirem conhecimentos fundamentais quando realizam diferentes experiências corporais nas quais a linguagem verbal dá lugar à linguagem corporal, ou seja, à ação motriz. Trata-se de:

[...] averiguar as principais condutas motrizes que se originam segundo os mecanismos de funcionamento de cada prática física e identificar as consequências que origina um jogo ou esporte sobre a personalidade de seus protagonistas. (Bortoleto, 2017, p. 127).

Portanto, enxergar a Educação Física através das lentes da Praxiologia Motriz significa para o professor uma considerável mudança na posição pragmática da Educação Física, quase uma revolução, e isso exige abandonar velhos preconceitos e concepções, há muito tempo estabelecidos em favor de práticas mecanicista, e começar a introduzir uma Educação Física sistêmica e contextualizada.

Sob este modo de interpretação, a Educação Física é concebida como Pedagogia das Condutas Mtrizes (Parlebas, 2020), na medida em que será por meio da prática corporal, por ela oportunizada, que as condutas motrizes dos estudantes irão se manifestar, se reconstruir, se modificar. Assim, a Praxiologia Motriz define como objeto próprio da Educação Física escolar: a conduta motriz.

A conduta motriz entende as pessoas de um modo geral e único, nas suas dimensões afetiva, cognitiva e relacional. Para Ferreira e Ramos (2017, p. 17): “[...] a conduta motriz é a manifestação pessoal de cada participante sobre a prática corporal que realiza, um estilo particular, um gesto específico, um sentimento sobre aquele movimento”.

A conduta motriz é cognição corporificada, é pura ação, consiste em uma tarefa prática baseada na própria experiência, de uma comportar-se de acordo com um processo claro de individuação, mesmo que não consciente, porque dependendo se é uma questão de uma ou outra pessoa e de uma ou outra tarefa específica, as respostas serão sempre únicas. (Lagardera; Lavega, 2005, p. 7 – tradução nossa).

Ainda sobre a singularidade da conduta motriz:

Cada um de nós tem uma forma peculiar de se manifestar motrizmente, produto de nossas habilidades motoras, um produto de nossa história pessoal, da maneira particular com que introduzimos informações em nossa composição genética. Assim, cada um de nós se expressa por meio de condutas motrizes específicas (ações motrizes), pois quando fazemos uso da nossa motricidade estamos mostrando também boa parte de nossa forma de ser, de nossa personalidade. A Praxiologia Motriz detecta a importância desse campo de conhecimento, remetendo seu desenvolvimento à pedagogia. Neste caso, à pedagogia das condutas motrizes, podendo configurar o campo da Educação Física (Lagardera; Lavega, 2003, p. 48 – tradução nossa).

Sobre a pedagogia das condutas motrizes, Ocáriz *et al.* (2015, p. 148) apontam que:

A Educação Física, entendida como pedagogia das condutas motrizes, pode educar as relações interpessoais e emocionais associadas a partir da própria prática; ou seja, pode transformar os conflitos sociais e emocionais dos alunos no próprio jogo. Para isso, o conceito de conflito motriz¹³ como recurso de transformação ganha grande importância.

Assim, os esforços da Educação Física devem ser direcionados para melhorar essas condutas, pois, quando o centro de atenção é a conduta motriz, significa que todo o foco é dirigido ao aluno, considerando-o como um sistema inteligente que intervém em qualquer prática corporal de maneira global e sistêmica.

Mas o que Parlebas quer dizer quando afirma que o professor de Educação Física trabalha com condutas motrizes? Segundo Ribas (2002), ele quer dizer que o professor deverá enfatizar nas suas aulas aspectos relativos à cultura corporal de movimento, ou seja, dar ênfase à pedagogia do movimento.

Dessa forma, percebemos que a Educação Física possui um papel estruturante para os alunos, em sua totalidade, pois utiliza o corpo e o movimento como canal de aprendizagem, leitura e produção de cultura. É através do corpo e por intermédio dos conhecimentos aprendidos nas aulas de Educação Física que os alunos podem ampliar seus diálogos com as vivências das práticas corporais, suas análises, compreensões, leituras e modificações do mundo.

¹³ De acordo com Ocáriz, *et al.* (2015), conflito motriz acontece quando um aluno se envolve em uma conduta motriz ou verbal desajustada ou perversa que afeta diretamente outro participante e que tem como resposta a esse estímulo uma reação que consiste em agressão verbal, física ou mista.

No que tange à conduta motriz, sua referência está na organização significativa do comportamento motor¹⁴, ou seja, é o comportamento motor portador de significado (Franchi; Araújo; Lavega, 2015), sendo assim, ela é um reflexo do modo de ser e de sentir da pessoa. O professor de Educação Física ao ensinar precisa ter uma compreensão clara dos objetivos educacionais que pretende alcançar e quais práticas corporais serão selecionadas a partir da sua lógica interna¹⁵, para permitir ativar as condutas motrizes que o seu projeto pedagógico pretende otimizar.

Para a pedagogia da conduta motriz, os domínios da ação motriz se tornam um talismã, uma vez que essa classificação das práticas motrizes elaborada por Parlebas com base em 3 características estruturais da ação motriz: incerteza do ambiente, interação cooperativa e interação opositiva. Apesar de sua aparente simplicidade, ele informa com notável clareza sobre as tendências na lógica interna das práticas motrizes pertencentes aos diferentes domínios. A aplicação constante dos domínios da ação motriz deve constituir o ABC de todo professor de Educação Física que se preze, pois é uma questão de aprender a entender a estrutura lógica de cada uma das práticas motrizes escolhidas, o que torna essa decisão adequada do ponto de vista da teoria e da prática (Lagardera; Lavega, 2005, p. 09 – tradução nossa).

O olhar para as condutas motrizes permite ao professor de Educação Física estabelecer maior aproximação à realidade única de cada aluno.

A pedagogia das condutas motrizes não é uma água milagrosa, mas sua aplicação faz da Educação Física uma pedagogia congruente e coerente com o significado e propósito epistêmico dessa disciplina. Não é possível garantir que todos os alunos otimizem sua conduta da mesma forma, no mesmo ritmo, daí a necessidade de aplicar um processo pedagógico personalizado, a aplicação da pedagogia das condutas motrizes exige isso (Lagardera; Lavega, 2005, p. 14 – tradução nossa).

Sendo assim, o professor deixa de se preocupar com a consolidação de turmas homogêneas de seus alunos e a diversidade deixa de ser um obstáculo, pois aqueles alunos que apresentam as condutas motrizes alinhadas ao que a prática corporal solicita ajudam os outros a seguir processos semelhantes. Para isso, o registro sistemático das condutas motrizes de cada aluno, ajuda o professor a escolher quais

¹⁴ “O comportamento motor é o conjunto de manifestações observáveis de um indivíduo que atua e se define de acordo com o que se percebe desde fora” (Parlebas, 2020, p. 80).

¹⁵ “A lógica interna se fundamenta nas regras ou no estatuto prático de todo o jogo, pois é exatamente nas regras que se confirma e se descreve o que se pode ou não fazer durante o jogo; características e no modo de utilizar o espaço, forma de manipular os objetos extracorporais, a maneira de interagir motrizmente com os demais e a forma de finalizar o jogo”. (Bortoleto, 2017, p. 130).

práticas corporais precisam ser realizadas para melhorar essas condutas. Esse registro pode ser feito por meio da descrição e da catalogação das condutas observadas e narradas pelos alunos.

A descrição e catalogação das condutas motrizes é um requisito essencial para poder avaliar todo processo, na medida em que as práticas corporais deveriam ser escolhidas para as aulas com base em uma lógica interna que estivesse alinhada ao que se pretende desenvolver com os estudantes tendo como base o projeto político pedagógico da instituição escolar. Dependendo da lógica interna de cada uma das práticas corporais, as condutas motrizes irão surgir e podem ser até ser deduzidas para, posteriormente, serem complementadas com a observação das condutas motrizes que se desviam da lógica interna esperada.

A lógica interna de cada situação motriz é um padrão de organização que configura a estrutura base de todas as ações motrizes que decorrem deste processo. O professor tentará redirecionar as situações pedagógicas para salvaguardar do consenso estabelecido (pacto, regra, norma ou condição), tanto individual quanto coletivamente, mas por se tratar de um processo de aprendizagem complexo, não se pode descartar o aparecimento de comportamentos que fogem da prescrição estabelecida (Lagardera; Lavega, 2005, p. 10 – tradução nossa).

Diante disso, percebemos que o processo de observação das condutas motrizes pode revelar condutas com diferentes disposições, de acordo com Ocariz *et al.* (2015, p. 148):

- ✓ Condutas motrizes ajustadas: quando as respostas vão na mesma direção da solicitada na lógica interna da prática corporal.
- ✓ Condutas motrizes desajustadas: as respostas se desviam da exigida pela lógica interna da prática corporal.
- ✓ Condutas motrizes perversas: as respostas implicam no descumprimento das regras da prática corporal.
- ✓ Conduta motriz de pacto: quando os alunos tentam chegar a um acordo sobre como organizar ou resolver estrategicamente o problema apresentado ou que surge na prática corporal.

A forma subjetiva de realizar as ações motrizes de cada aluno corresponde ao conceito sistêmico e unitário de conduta motriz. Isto é de suma importância na Educação Física, pois, sabendo que a pessoa não aprende de forma parcial, mas capta estruturas globais, a noção de conduta motriz permite verificar o itinerário motor que cada pessoa segue de forma diferenciada, sendo o professor capaz de se adaptar à sua singularidade. Ao brincar, cada pessoa traça o seu próprio itinerário motor através da sua biografia, mas é o professor, através das suas observações, que pode verificar esta evolução. Assim, a observação, descrição e catalogação das condutas motrizes devem constituir o arsenal didático-pedagógico da primeira ordem de todo professor de Educação Física que deseja atuar com congruência (Lagardera; Lavega, 2003, p.197 – tradução nossa).

Portanto, a catalogação das condutas motrizes se torna uma ferramenta que pode ser bastante útil para o professor de Educação Física. Este catálogo possibilita que sejam construídos caminhos para as aulas, colaborando para que cada aluno seja identificado e avaliado com base em suas condutas motrizes, com o propósito de intervir pedagogicamente na sua manifestação.

2.3 Educação Física e os jogos sociomotrizes de cooperação

A Educação Física pode ser compreendida como uma área de conhecimento pedagógico que busca estabelecer relações entre os sujeitos do processo educativo e os conhecimentos, relativos às práticas corporais presentes na cultura corporal (Franchi; Ribas, 2017).

Parlebas (2020) propõe um agrupamento das práticas corporais e, essa categorização, pode auxiliar na organização curricular da Educação Física, contribuindo para que possamos identificar as características e implicações desses grupos de práticas corporais para os comportamentos dos estudantes.

Com base nestes elementos introdutórios, neste sub capítulo trataremos dos jogos nas aulas de Educação Física, especificamente os jogos sociomotrizes de cooperação.

Para Parlebas (2020), os jogos são situações motrizes que estão enraizados em uma longa tradição cultural e, como qualquer outro jogo, possui um sistema de regras para o seu funcionamento. No entanto, vale ressaltar que diferentemente dos esportes, os jogos não possuem uma instituição que o regulamenta, na medida em que são balizados pelas características culturais de sua produção, tais como: regiões geográficas, códigos e rituais (Parlebas, 2020 citado por Silvester; Ribas, 2017).

Soares, Silva e Ribas (2012, p. 65) apontam que “[...] o jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente”.

Para que o jogo possua uma condição educativa, ele necessita de regras pré-estabelecidas, uma lógica interna de funcionamento particular, local e contextual (Franchi; Ribas, 2017), caminhando na direção da intencionalidade pedagógica buscada pelo professor.

Sommerhalder e Alves (2011, p. 12) salientam que “[...] os jogos são caracterizados pelos diferentes grupos que os cultivam, sendo transmitidos através das gerações e a partir das relações não formalizadas”. Daí percebemos que no interior de cada jogo encontramos a identidade pessoal e coletiva, representada pelos valores, hábitos, costumes e comportamentos produzidos por um determinado grupo social.

Deste modo, quando observamos os alunos jogando ou brincando na escola podemos acessar uma janela que revela os modos como elas conhecem e vivenciam sua realidade, ou seja, como referenciam e significam os seus contextos socioculturais.

De acordo com Franchi e Ribas, 2017, p. 36), “para compreendermos a lógica interna de jogos tradicionais é necessário compreendermos a estrutura de funcionamento”. Estruturas essas que podem auxiliar o professor de Educação Física no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes tanto na dimensão do saber experienciar e fruir aquele jogo quanto na dimensão dos conhecimentos factuais e declarativos que envolvem determinado jogo.

Pela praxiologia motriz, os jogos e esportes poderão ser compreendidos por aspectos interacionais, no caso dos jogos sociomotrizes, onde a participação dos jogadores tem como essência, o ato de comunicação e/ou contracomunicação humana, nos quais os participantes interpretam a todo instante, mensagens de companheiros e/ou adversários (Soares *et al*, 2012, p.160).

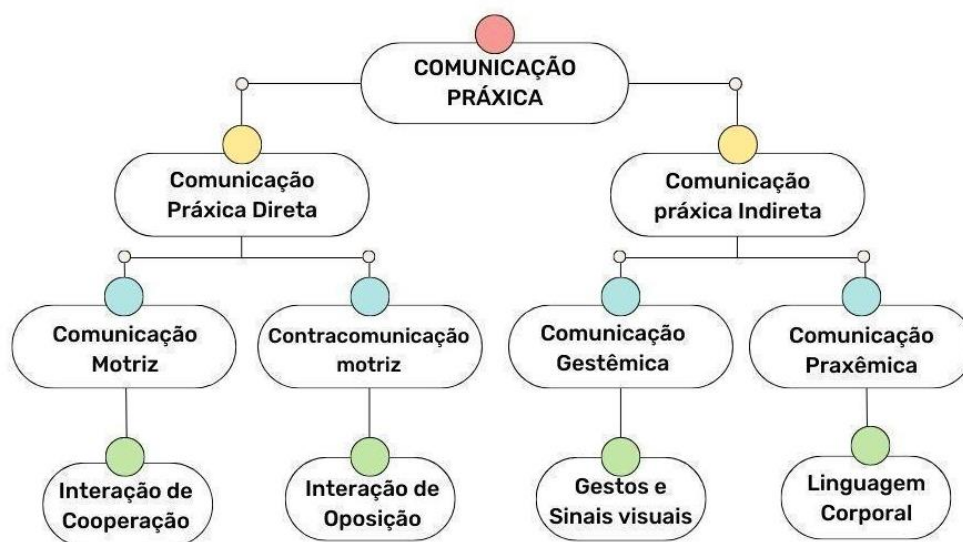
Um dos aspectos fundamentais no ensino de jogos é o entendimento da lógica interna, a compreensão da estrutura de funcionamento dos mesmos, e é nesse ponto

que a Praxiologia Motriz poderá instrumentalizar os professores de Educação Física (Ribas, 2016).

De acordo com a lógica interna, os aspectos relacionais presentes nos jogos sociomotrizes de cooperação são caracterizados pela comunicação motriz, com a interação entre os participantes. Tal perspectiva corrobora com Ferreira e Ramos (2017), quando afirmam que os jogos sociomotrizes de cooperação são situações motrizes nas quais os participantes estabelecem interações com um ou mais parceiros em busca de alcançar o mesmo objetivo.

Para Franchi *et al.* (2015), as práticas corporais de cooperação são situações que favorecem o pacto, respeito aos demais, o sacrifício pelos companheiros [...]. A comunicação motriz não se caracteriza como uma transmissão de informação, mas sim, como um fenômeno simultâneo de interação e ação, uma produção motriz individual, carregada de informação (Parlebas, 2020). Já nas práticas corporais que envolvam situações de oposição existe a contra comunicação com o objetivo de enganar o oponente, todavia esse é o foco do nosso estudo.

Figura 7 - Comunicação Prática nas práticas corporais de cooperação.



Fonte: Adaptado de Parlebas (2020).

Quando o indivíduo está em situações motrizes de cooperação, ele busca a interação, captar as intenções, expectativas e necessidades do outro, abandonando o próprio ponto de vista e buscando outro centro de perspectiva entre os

companheiros. Portanto, os jogos sociomotrizes de cooperação, oferecem variados grupos de situações motrizes, nos quais os participantes conduzem a organização de suas respostas às necessidades de um coletivo e por um objetivo em comum.

Figura 8 - Jogos sociomotrizes de cooperação.



Fonte: Ferreira e Ramos (2017).

De acordo com Santos (2013), compreende os jogos sociomotrizes de cooperação como:

Sendo um jogo de comunicação motriz que interagem com todos participantes suas características da lógica interna, ativa um processo de relação em sintonia com o próprio corpo, na repetição programada, na tomada de decisão coletiva, pacto de regras com os demais e tendo como objetivo comum para todos (p. 56).

Para Lagardera e Lavega (2003), os jogos cooperativos oferecem dois grupos principais de situações motrizes:

Práticas nas quais os participantes tendem a automatizar suas respostas, já que não há necessidade de improvisação ou inventar novas respostas. São exemplos, pular corda e jogos de danças ou ações rítmicas. Práticas associadas a tomada de decisão conjunta, neste caso os jogadores apesar de não estarem sujeitos a possíveis enganos ou mensagens obscuras

dos outros jogadores, precisam resolver problemas apresentados pelas condutas cognitivas, um exemplo é o jogo Muro de Berlim¹⁶ (p. 97-98).

Os jogos de cooperação designam um contrato lúdico de colaboração entre os participantes. Segundo Parlebas (2020), contrato lúdico é um acordo explícito ou tácito que vincula os participantes a um jogo, fixando e alterando seu sistema de regras.

O contrato lúdico é o pacto fundador de uma microsociedade, que é certamente provisória, interna e restrita, mas que ainda assim, realiza ações complexas de acordo com a lei livremente aceita. Se cada indivíduo jogasse independentemente dos outros, sem uma convenção preestabelecida que impusesse um projeto e interesses compartilhados, ninguém lucraria com isso. (Parlebas, 2020, p. 95).

Para Ribas (2005), nas práticas corporais cooperativas existem processos de informações para os quais os participantes deverão ser os mais previsíveis possíveis em suas ações, pois com isso eles poderão estabelecer articulação com as ações dos seus companheiros.

Os jogos com interação de cooperação entre os participantes não são uma manifestação cultural recente, remontam uma história longínqua validada por práticas voltadas para compartilhar, unir os grupos, propondo novos desafios e ensinando a quem joga a jogar com o outro. Suas regras são flexíveis e a ênfase maior está sempre no processo e não no resultado final.

Para Correia (2010), os jogos cooperativos têm como propósito mudar as características de exclusão, seletividade e exacerbação da competitividade, predominantes na sociedade e nos jogos tradicionais.

A lógica das situações motrizes cooperativas requer sempre de seus participantes condutas de solidariedade, ajuda, generosidade e consciência de que é possível se divertir, se emocionar e principalmente jogar de maneira que todos sejam vencedores (Lagardera; Lavega, 2003, p. 166).

Apesar da competição ter se tornado um paradigma dominante na nossa sociedade e ser enaltecida principalmente nos esportes e em grande parte da

¹⁶ Muro de Berlim, é um jogo onde um grupo de jogadores precisa escalar um muro – uma corda a 1,5m acima do muro – até que todos os participantes estejam do outro lado. Esse jogo exige que os participantes tomem decisões como se organizar, pensem como superar essa altura, decidam sobre a ordem de intervenção dos parceiros e proponha diferentes maneiras de colaborar (Lagardera; Lavega, 2003, p. 98).

Educação Física, ainda é possível considerar a possibilidade de estabelecer uma visão cooperativa, sobretudo das relações das pessoas com os seus pares.

Um fator importante a ser destacado é que os jogos de cooperação não devem ser apropriados pela Educação Física somente como um mero contraponto aos jogos competitivos, ou seja, acreditar que a substituição da competição pela cooperação proverá, por si só, toda uma gama de ganhos referentes a solidariedade, respeito e companheirismo. (Pereira; Ferreira; Ramos, 2021, p. 5).

Uma proposta de ensino sistematizada com base em jogos sociomotrizes de cooperação surge em função de uma preocupação com a competição presente nas relações humanas, afastando os atores sociais e dificultando assim uma convivência respeitosa e solidária.

De acordo com Pereira (2020), o exagero competitivo nas aulas de Educação Física tende a reproduzir, em parte, o tipo de sociedade em que estamos inseridos: capitalista e competitiva. Nesse sentido, os jogos sociomotrizes de cooperação podem oportunizar uma interação e participação diferenciadas, possibilitando aos participantes uma reflexão sobre suas condutas e suas atuações na sociedade.

Pereira; Ferreira e Ramos, (2021, p. 6) nos alertam para que o ensino dos jogos sociomotrizes de cooperação se volte para as aprendizagens atitudinais, podendo com isso “[...] promover junto com os alunos maior reflexão sobre atitudes, regras e comportamentos numa relação dialógica, que leve a construção de princípios éticos e sociais capazes de transformar a realidade [...]”.

Os jogos cooperativos, dentro do referencial teórico praxiológico, são apenas aqueles em que há interação entre dois ou mais companheiros voltados para um objetivo em comum, sem que haja interação de oposição. Portanto, para essa pesquisa, os jogos elencados foram de interação cooperativa, não possuindo qualquer tipo de competição.

Para Pereira (2020), os jogos sociomotrizes de cooperação não apresentam nenhuma interação de oposição, todo objetivo é voltado para a participação colaborativa entre os companheiros. Cumpre destacar, entretanto é possível que haja uma orientação competitiva, exemplo: peteca, passe 10, dança dos bambolês. Aspecto esse que pode fragilizar o espírito genuíno de cooperação, na qual esse trabalho está assentado.

Dentro do sistema praxiológico, dependendo do tipo de conduta que se deseja desenvolver, como visto anteriormente, a catalogação dessas tem um papel fundamental na escolha adequada das práticas corporais para as aulas. Segundo Lagardera e Lavega (2003), essas condutas podem ser classificadas em condutas motrizes ajustadas, condutas motrizes desajustadas, condutas motrizes perversas e condutas motrizes de pacto. Ainda que a lógica interna do jogo seja a cooperação, muitos participantes, precisam aprender sobre isso para que as condutas cooperativas se manifestem.

De acordo com Lavega, Planas e Ruiz (2014), as condutas motrizes de cooperação poderão ser catalogadas da seguinte forma:

Quadro 1 – Catalogação das condutas motrizes esperadas nas práticas sociomotrizes de cooperação.

Condutas Motrizes Ajustadas: são respostas que correspondem às demandas cooperativas da lógica interna do jogo.	• <i>Promover a cooperação</i> – há o desejo de promover a cooperação inicialmente solicitada; • <i>Fazer sacrifícios</i> – participar da interação implica uma resposta constrangedora para o protagonista, que a realiza de forma a favorecer o sucesso da equipe. • <i>Propor formas efetivas de cooperação</i> – nos jogos onde há mais de um jogador em um papel, isso ocorre quando o jogador que lidera o grupo propõe formas de cooperação que os outros podem seguir. • <i>Cooperar de forma eficaz</i> – aquelas respostas em que a cooperação realizada não tem características altamente incomuns.
Condutas Motrizes Desajustadas: são interações que se desviam da comunicação cooperativa exigida pela lógica interna do jogo.	• <i>Cooperação ineficaz</i> – o participante produz repetidamente respostas motrizes incorretas, este comportamento pode ser ao fato de os participantes terem acordado uma intervenção difícil ou à falta de habilidade na execução das ações motrizes. • <i>Buscar competição</i> – embora as regras não requeiram nenhuma competição, a conduta motriz dos protagonistas mostra um desejo de competir com os outros. • <i>Propor formas de cooperação muito exigentes</i> - nos jogos em que há mais de um participante no papel, o protagonista propõe ações altamente desafiadoras para que os demais executem. • <i>Dificultando a cooperação</i> – dificultar a cooperação de um ou mais companheiros de equipe no jogo.

Condutas Motrizes Perversas: respostas que implicam o não cumprimento das regras acordadas	• <i>Não seguir as regras</i> – realizar qualquer ação que não seja permitida pelas regras do jogo. • <i>Ferir</i> – interagir negativamente com outra pessoa por meio de ações motrizes (bater, empurrar, etc.) que não fazem parte do jogo.
Condutas motrizes de pacto: são respostas feitas antes de realizar qualquer conduta motriz no jogo, podendo ser compatíveis ou incompatíveis	• <i>Propondo um pacto</i> – o participante inicia o pacto e sugere aos companheiros formas de resolver o problema em questão. • <i>Aceitando o pacto</i> – o participante apoia o pacto iniciado por outra pessoa. • <i>Rejeitando o pacto</i> – o participante intervém sem querer chegar a um acordo com os outros, não demonstrando vontade de dialogar.

Fonte: Ruiz; Planas; Lagardera (2014, p. 40)

Para que essa catalogação funcione é fundamental que o professor tome como reflexão a lógica externa das práticas motrizes, lógica essa que abrange todos os participantes, a realidade social e a cultura escolar. De acordo com Parlebas (2020, p. 307), “a lógica interna de uma prática motriz pode ser reinterpretada de fora, por uma lógica externa que atribui a ela significados simbólicos novos e incomuns”, ou seja, elementos externos (fatores sociais, históricos, culturais, econômicos, motivacionais, etc.) que influenciam diretamente as práticas motrizes e atua juntamente com a lógica interna.

Quanto maior o número de detalhes referentes à lógica externa ou contexto – como por exemplo, projeto da escola, material, concepção de mundo do professor e perfil do aluno – maior será a possibilidade de construir novas propostas com base nos instrumentos da Praxiologia Motriz (Ribas, 2005, p. 109).

Para além disso, a análise da lógica interna, principalmente no que tange à conduta motriz, às disputas e aos conflitos contribui para que sejam antecipadas orientações e alterações em prol da aprendizagem dos alunos.

A rigor, não se pode afirmar categoricamente que, quando um sistema praxiológico cooperativo é implementado, todas as condutas motrizes catalogadas, predefinidas ou esperadas sejam ativadas imediatamente, pois esse sempre é um processo inacabado. Mas parece óbvio por pura congruência que se quisermos otimizar as condutas motrizes cooperativas de nossos alunos, devemos planejar situações pedagógicas baseadas em jogos e práticas com uma lógica cooperativa interna. Em qualquer situação motriz, reações perversas ou anômalas são esperadas, mas o papel do professor é

justamente detectar essas condutas e redirecioná-las. (Lagardera; Lavega, 2003, p. 200 – tradução nossa).

Dessa maneira, o professor de Educação Física, que assume seus objetivos educacionais a serem trabalhados, em seu planejamento selecionará práticas corporais que, por sua lógica interna, permitem ativar as condutas motrizes que almeja desenvolver com os estudantes. Ainda assim, Lavega (2010) reconhece que, em uma situação criada com base nos jogos sociomotrizes de cooperação, não se pode evitar que haja recusa em cooperar ou até mesmo interações de oposição entre os participantes. Tais condutas desajustadas ou perversas, nos permitem acessar aspectos emocionais, relacionais e cognitivos dos participantes.

Vale aqui ressaltar que os jogos sociomotrizes de cooperação não devem ser reconhecidos como “salvadores” ou recurso doutrinário de transformação do comportamento dos estudantes, ao contrário, essa perspectiva

[...] deve ser vista como um recurso importante para que os alunos possam conhecer essa forma de jogo, compará-la com outras formas, analisar as características de cada jogo e, a partir desse conhecimento, refletir sobre suas atitudes e preferências, sobre as consequências de seus atos e sobre as relações cooperativas e competitivas na sociedade. Essa reflexão será fundamental para que as atitudes adotadas, sejam elas competitivas ou cooperativas, estejam subsidiadas num sistema de valores construído de forma consciente e crítica (Cruz; Freire, 2014, p. 120).

As formas de manifestações humanas nas práticas corporais, sejam na escola ou fora dela, refletem a sociedade em que vivemos, marcada principalmente pela competitividade do capitalismo, privilegiando uns em detrimento de outros. Isso pode ser observado em muitas aulas de Educação Física nas quais a vergonha da exposição ou o medo de errar afastam os estudantes da vivência das práticas corporais.

No próximo capítulo discutiremos a trajetória metodológica deste estudo, a abordagem investigativa, os participantes do estudo, as técnicas de coleta empreendidas e a estrutura da pesquisa.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esse capítulo é dedicado à apresentação do percurso metodológico do estudo. Essa pesquisa tem como objetivo principal: identificar e analisar as condutas motrizes dos alunos, no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação junto aos alunos do 2º ano do ensino fundamental. Para isso, a pesquisa está pautada pelos pressupostos da investigação qualitativa. Para Ludke e André (2018), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002, p. 22-23).

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50) e Ludke e André (2018, p. 12-15), a pesquisa qualitativa se configura com base em cinco características básicas:

1. *Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o pesquisador o instrumento principal:* para os autores, a pesquisa qualitativa pressupõe o contato direto e extenso do pesquisador com o ambiente e o foco que está sendo investigado.
2. *A investigação qualitativa é descritiva:* a coleta obtida nessas pesquisas é vasta no que se refere em descrições de pessoas, acontecimentos, incluindo transcrições de entrevistas, fotografias, desenhos, notas de campo, entre outros documentos.
3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados obtidos:* o foco do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades.

4. *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva:* nesse tipo de estudo, a tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, ou seja, a maneira como os participantes encaram as questões que estão em foco. A pesquisa qualitativa quando considera os diferentes pontos de vista dos participantes, permite iluminar o dinamismo interno das situações.
5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa:* as abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da análise dos dados de um determinado processo.

Entre os diversos tipos de pesquisas próprias das abordagens qualitativas, este estudo terá como orientação a pesquisa intervenção. Damiani *et al.* (2013) salientam que as pesquisas de intervenção envolvem o planejamento e a implementação de interferências – destinadas a produzir avanços, melhorias nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam - e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências. Para Altoé e Bonaldi, (2020), a pesquisa intervenção se justifica pelo fato desse tipo de pesquisa problematizar saberes e práticas instituídas, questionar conhecimentos cristalizados e possibilitar novas práticas na educação. Nesse modo, em um só tempo, há produção de conhecimento e transformação da realidade.

A pesquisa intervenção possibilita o desenvolvimento dos sujeitos para enfrentarem tanto os problemas localizados, como também os forma criticamente, via processo de construção de consciência crítica, para lidar com a realidade e transformá-la, conforme suas necessidades (Souza; Filho, p. 109, 2018).

Portanto, adotar o termo intervenção se dá em decorrência da proposição de atividades *in loco*, no nosso caso na escola em que os sujeitos (professores, gestores e estudantes) têm participação ativa ao lado da pesquisadora na resolução das dificuldades e encaminhamentos no resultado da pesquisa.

3.1 Ambiente da pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma escola pública municipal de uma cidade do interior de São Paulo. A cidade conta com 103.970 mil habitantes e a rede municipal possui 46 escolas (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II), a escola escolhida foi criada a partir de um decreto em 1999, sua inauguração deu-se em 2002, com revitalização em 2006. A referida escola, atendia à época do estudo do 1º ao 5º ano, ou seja, exclusivamente anos iniciais. E contava com 485 alunos (em média), 22 salas de aula (7 salas de 1º anos, 4 salas de 2º anos, 4 salas de 3º anos, 3 salas de 4º anos e 4 salas de 5ºanos). Entre os funcionários, são: 40 professores (contratados e efetivos), 2 docentes de Educação Física (que atendem do 1º aos 5º anos)¹⁷, 2 coordenadoras pedagógicas, 1 psicopedagogo, 1 vice-diretora, 1 diretora, 4 auxiliares de limpeza, 3 inspetores e 2 secretárias escolares. Além disso, em sua estrutura a escola possuía: parque infantil, gramado, quadra poliesportiva coberta, cozinha e refeitório, laboratório de informática, pátio descoberto, sala dos professores, sala para os gestores (coordenação e direção), sala para atendimento psicopedagógico, sala de recurso multifuncional, sala de leitura, secretaria e banheiros adaptados para alunos com necessidades especiais.

Figura 9 - Quadra poliesportiva.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹⁷ As aulas de Educação Física eram ministradas por professor específico da área, de acordo com Regimento da cidade envolvida na pesquisa.

Figura 10 - Área gramada e parque infantil.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A escola ficava localizada em um bairro na periferia da cidade, com uma comunidade relativamente carente e famílias com diferentes formatações. A escolha da escola se deu primeiramente por ser uma comunidade engajada e acolhedora no que tange a projetos, a equipe gestora sempre estava em busca de novas oportunidades, principalmente quando o foco dos projetos apresentados são os alunos.

A pesquisadora não pertencia ao quadro de professores da escola, porém atuava como funcionária da rede municipal desde 2006 e, à época dessa pesquisa, cumpria o papel de professora formadora junto à secretaria municipal de educação.

3.2 Participantes da pesquisa

A pesquisa aconteceu durante as aulas de Educação Física, estas aconteciam às quintas – feiras (13h) e às sextas-feiras (13h55) com duração de 55 minutos cada aula. Foram ministradas 15 aulas entre os meses de março e agosto, sofrendo algumas intempéries do calendário escolar como feriados, emendas, conselhos de classe e semana de cursos. A professora de Educação Física da turma foi colaboradora com o estudo, trabalhando em parceria com a professora-pesquisadora.

A turma que foi pesquisada contava com 21 alunos regularmente matriculados. No decorrer do ano letivo algumas transferências foram expedidas e também houve o recebimento de outros alunos, vindos de outras escolas da rede municipal, como também da rede estadual de ensino para o preenchimento das vagas. Dentre os alunos, a turma contava com 8 meninas e 13 meninos, entre 6 a 8 anos de idade, ressaltando que dois alunos possuíam laudos médicos, um com Paralisia Cerebral (PC) e o outro com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e ambos contavam com

acompanhamento de uma professora de atendimento educacional especializado (AEE) em todos os momentos, seja nas aulas de área (Educação Física, Arte, Inglês e Informática) como também em sala de aula. Portanto, todos os alunos participaram regularmente das atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa e cooperaram com o resultado da mesma.

Tanto a escola como todos os participantes do estudo, estudantes, pais/responsáveis e a professora de Educação Física da turma aceitaram participar do estudo por meio da Carta Convite e do preenchimento dos Termo de Consentimento Livre Esclarecido e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1, 2, 3 e 4). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da universidade envolvida com o número de parecer 5.619.432 (Anexo 1).

Os materiais utilizados na pesquisa (bambolês, bolas, rádio, paraquedas, cones, câmeras e celulares) pertenciam ao acervo próprio da escola e alguns da professora-pesquisadora.

3.3 Ação da pesquisa

O planejamento das aulas se deu assentado na teoria da Praxiologia Motriz, nos pressupostos da ação motriz e conduta motriz. A ciência da ação motriz tem como objetivo primordial desvendar a lógica interna dos jogos, conhecendo suas características estruturais, diferenças e semelhanças, mas principalmente analisar as condutas motrizes que se originam a partir dessas práticas. Para isso lançamos mão dos jogos sociomotrizes de cooperação, jogos esses nos quais é estabelecida a interação com um ou mais companheiros em busca de alcançar o mesmo objetivo.

Na sequência será apresentado os planos de aula com um breve resumo das atividades desenvolvidas, lembrando que essas atividades foram trabalhadas com um 2º ano do ensino fundamental – anos iniciais.

3.3.1 Planos de aula

As aulas foram programadas para acontecerem duas vezes por semana, como mencionado anteriormente, às quintas e sextas-feiras, entretanto, vale aqui ressaltar que houve algumas demandas (feriados, conselho de classe, adversidades temporais, cursos) que influenciaram no cumprimento dessa proposição.

Quadro 02 – Detalhamento das aulas e coletas realizadas nas observações das aulas.

Aula		01	
Jogo 01		Rola a bola	
Objetivo		Conhecer os participantes da turma; despertar a consciência da cooperação e da escuta ativa, promovendo a interação social.	
Material		Uma bola de borracha	
Desenvolvimento		Todos os alunos sentados em círculo, a professora deverá iniciar a atividade dizendo o nome de um dos alunos e rolar a bola até ele. Esse aluno que recebeu a bola, deverá da mesma forma dizer o nome do colega e rolar a bola até que chegue a ele (caso não saiba o nome do colega escolhido, perguntar e depois dizer em voz alta e lançar a bola).	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos		Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (Não verbaliza o nome do companheiro antes de lançar a bola; não permanece sentado no círculo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (impossibilitando o jogador escolhido de pegar a bola).
Coleta		Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Jogo 02		Correndo com a bola	
Objetivo		Reconhecer seus pares; gerar um ambiente de coletividade e ajuda entre os jogadores, promovendo a interação e confiança.	
Material		Bolinhas plásticas com nome dos participantes em cada uma delas	
Desenvolvimento		A professora escolhe aleatoriamente um dos alunos da equipe, este corre e pega uma bolinha e lê o nome que tem nela escrito (pode ser com a ajuda da professora) e fala bem alto, coloca a bolinha escolhida em uma caixa vazia e corre até o grupo, o aluno que tem o nome escrito na bolinha, corre e dá a mão para o primeiro e os dois assim de mãos dadas correm para pegar a próxima bolinha agindo da mesma forma até que todos tenham seus nomes chamados, formando uma grande corrente.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos		Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não verbaliza o nome do companheiro quando pega a bola; não busca o colega selecionado; solta a mão do colega esporadicamente por não estabelecer o mesmo ritmo ou objetivo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (solta as mãos propositalmente e recorrentemente, durante o percurso, provocando acidentes ou atrapalhando o desenvolvimento da brincadeira).
Coleta		Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula		02	
Jogo 01		Dança dos bambolês cooperativos	
Objetivo		Fomentar um ambiente colaborativo, com o intuito promover a empatia e o respeito mútuo, fortalecendo as relações em grupo.	
Material		Bambolês	

Desenvolvimento	Idêntico à dança das cadeiras na forma popular. Ao som da música, todos dançam ao redor das cadeiras (ou bambolê). Quando a música para todos devem sentar (cadeira) ou entrar (bambolê) contando com a ajuda do colega e ninguém deve ficar de fora ou ser eliminado. Só quem sai é a cadeira ou o bambolê. Os alunos devem criar soluções para todos sentarem. Cada vez que a música parar, uma cadeira ou bambolê será retirado, até que reste apenas um. Para incrementar a brincadeira, pode-se confeccionar um bambolê gigante para ser colocado ao final da brincadeira, facilitando assim a entrada de todos.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não permite que o companheiro entre no bambolê). - Encontra competição (realiza ações com vontade de tomar o bambolê para si; entra no bambolê antes da música parar).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Busca competição (permanece no bambolê enquanto a música toca para não perder espaço). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (se recusa a ceder um espaço para que o companheiro ocupe o mesmo).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Jogo 02	Passeio do bambolê	
Objetivo	Promover um ambiente colaborativo, de confiança e parceria, superando os desafios coletivamente.	
Material	Bambolês	
Desenvolvimento	Formar um grande círculo com todos de mãos dadas. Escolher uma dupla para começar o jogo com o bambolê apoiado nos braços, que passam por dentro do brinquedo. Fazer o bambolê girar por todo círculo, transferindo-o para outros pares sem soltar as mãos e utilizando o movimento do corpo.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (solta a mão do companheiro, tentando ajudar a passagem do bambolê com as mãos; permanece no círculo, mas não passa o bambolê).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (solta as mãos intencional e repetidamente, saindo do círculo e atrapalhando o desenvolvimento da brincadeira).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Aula	03	
Jogo 01	Bola no ar	
Objetivo	Criar um ambiente de coletividade e colaboração entre os jogadores, promovendo a interação, a participação e confiança.	
Material	Bola plástica de tamanho médio; caixa de som; pen drive com músicas	
Desenvolvimento	Formar um grande círculo ou dividi-los em grupos menores. Ao começar a música (curta duração), a professora joga a bola para o alto para que o grupo mantenha a bola dentro do círculo e sem deixá-la cair no chão, de preferência até o final da música. Alternativa: Dividir a turma em pequenos grupos; utilizar mais bolas de diferentes tamanhos e pesos.	
Observação	Desajustadas	Perversas

Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	- Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não passa a bola para os companheiros; não interage com o grupo, passado a bola apenas para uma pessoa do grupo).	- Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (derruba a bola propositalmente ou usa força excessiva, fazendo com que a mesma caia ou que seja lançada para longe do grupo).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Aula	04	
Jogo 01	Bola ao alto	
Objetivo	Promover o trabalho em um ambiente de coletividade e ajuda entre os participantes.	
Material	Bola de piscina grande	
Desenvolvimento	Formar grupo de 4 a 6 alunos dispostos em círculos (ou menos), virados para o lado de fora e com os braços entrelaçados. Colocar a bola no centro do círculo formado pelo grupo. Desenvolvimento: A professora pede aos grupos para levantarem a bola do chão e jogá-la para fora do círculo sem usar as mãos. Alternativa: Se a atividade inicial estiver difícil, começar com todos de frente, posteriormente colocá-los de costas e para finalizar juntar os pequenos grupos até que todos juntos.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (solta os braços dos companheiros, impedindo a formação do círculo; não permanece virado para o lado escolhido durante a brincadeira). - Busca competição (tenta alcançar a bola antes dos outros companheiros).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Busca competição (corre para chegar primeiro na bola, soltando ou derrubando os companheiros). - Dificulta a cooperação (solta os braços do companheiro proposital e recorrentemente impossibilitando que os jogadores lancem a bola para fora do círculo).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula	05	
Jogo 01	Calha cooperativa	
Objetivo	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação e confiança.	
Material	Cartolina dobrada formando uma "calha" e bolinhas de piscina e de tênis de mesa	
Desenvolvimento	Na quadra da escola, organizar um balde ou caixa com as bolinhas de tênis de mesa e na outra extremidade outro balde ou caixa vazia. Cada aluno terá uma "calha". Os alunos segurarão suas calhas de maneira que consigam rolar a bola até a caixa vazia, sem que ela caia no percurso. Para isso eles terão que se deslocar até o final da fila e se organizar para que a bolinha chegue no seu destino.	
Observação	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto;	Perversas

Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	- Cooperar com ineficácia (não segura a calha de maneira adequada; não permanece com o grupo).	- Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação não segura a calha de maneira adequada provocando a queda da bola antecipadamente, dificultando o desenvolvimento da brincadeira; segura a calha inadequadamente de forma proposital, dificultando o desenvolvimento ou a conclusão da atividade).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula	06	
Jogo 01	Labirinto cooperativo	
Objetivo	Promover o trabalho coletivo, com foco na realização da tarefa, interação e companheirismo.	
Material	Tecido TNT grande; bolinhas plásticas.	
Desenvolvimento	Pedir para o grupo segure o TNT e fiquem em todo seu entorno. A professora deverá iniciar a atividade explicando aos alunos que todos deverão acertar a bolinha nos buracos do TNT e para que isso aconteça, todos deverão manejar o material de forma harmônica e conjunta, evitando que a bolinha escape pelas laterais. Alternativa: Outras maneiras de jogar: TNT com mais de dois buracos; realizar a atividade de costas; inverter a ordem e não deixar a bolinha cair pelos buracos; usar mais de uma bolinha.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (Não segura o tecido de maneira correta; não permanece junto ao grupo ou se recusa a fazer). - Busca competição (tenta alcançar a bola antes dos outros companheiros).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Busca competição (ao invés de cuidar da bolinha, procura acertá-la nos buracos do tecido, querendo “marcar gol”). - Dificulta a cooperação (balança ou puxa o TNT freneticamente, dificultando que os companheiros segurem fazendo com que o objetivo proposto não seja atingido; usa força excessiva, impedindo a participação dos companheiros na realização da atividade).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula	07	
Jogo 01	Gestos com uma música	
Objetivo	Despertar a consciência de cooperação e do trabalho coletivo.	
Material	Bolas plásticas de piscina (1 para cada aluno)	
Desenvolvimento	Em círculo, os alunos vão cantar uma música. Daí os alunos, depois de aprenderem bem a música e saberem os movimentos dela, farão a troca de bola (ou objeto) a partir da canção. Escravo de Jó, jogavam	

	caxangá: vai passando a bola. Tira: coloca a bola ao ar; Deixa ficar: deixa a bola no chão; Guerreiros com guerreiros: passa a bola; fazem zigue-zigue-zá: finge que vai passar a bola, mas esta fica com o aluno. Depois, começa de novo.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não passa o objeto de acordo com a cantiga; não permanece no círculo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (fica em pé; não passa para o companheiro; utiliza o implemento da brincadeira para outras demandas que não seja a planejada, dificultando assim o desenvolvimento da mesma).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula	08	
Jogo 01	Paraquedas lúdico	
Objetivo	Fortalecer o trabalho em equipe em busca do trabalho coletivo cooperativo.	
Material	Paraquedas	
Desenvolvimento	Na quadra ou em um espaço amplo da escola. Estender o paraquedas e reunir os alunos no seu entorno. Pedir aos alunos que segurem o paraquedas pelas beiradas e explicar que para ele funcionar, todos deverão ajudar. Ao comando da professora, movimentar o paraquedas aleatoriamente até que os alunos se sintam familiarizados com o material. A partir daí, modificar os movimentos, inflando enquanto os braços vão para cima e murchando assim que abaixam os braços. Estimular os alunos que façam movimentos lentamente. Separar o grupo por números, cor de roupa ou outras características e dar o comando, assim que o paraquedas estiver inflado, para que um grupo destacado passe por baixo, enquanto os outros colegas o mantenham inflado. Trocar as posições e pedir sugestões para que todos possam passar e variar os movimentos por baixo do paraquedas.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não segura ou maneja o paraquedas de maneira correta; não permanece no círculo, junto ao grupo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (não permanece em pé no entorno do paraquedas; solta o paraquedas propositalmente dificultando o desenvolvimento da brincadeira; não maneja o paraquedas adequadamente de maneira proposital, dificultando o desenvolvimento da brincadeira).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Aula	09	
Jogo 01	Calha cooperativa	

Objetivo	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação e confiança.	
Material	Cartolina dobrada formando uma “calha” e bolinhas de piscina e de tênis de mesa	
Desenvolvimento	Na quadra da escola, organizar um balde ou caixa com as bolinhas de tênis de mesa e na outra extremidade outro balde ou caixa vazia. Cada aluno terá uma “calha”. Os alunos segurarão suas calhas de maneira que consigam rolar a bola até a caixa vazia, sem que ela caia no percurso. Para isso eles terão que se deslocar até o final da fila e se organizar para que a bolinha chegue no seu destino.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não segura a calha de maneira adequada; não permanece junto ao grupo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (não segura a calha adequadamente provocando a queda da bola antecipadamente e dificultando o desenvolvimento da brincadeira; segura a calha inadequadamente, dificultando o desenvolvimento e a conclusão da atividade).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula	10	
Jogo 01	Gestos com uma música	
Objetivo	Despertar a consciência de cooperação e do trabalho coletivo.	
Material	Bolas plásticas de piscina (1 para cada aluno)	
Desenvolvimento	Em círculo, os alunos vão cantar uma música. Daí os alunos, depois de aprenderem bem a música e saberem os movimentos dela, farão a troca de bola (ou objeto) a partir da canção. Escravo de Jó, jogavam caxangá: vai passando a bola. Tira: coloca a bola ao ar; Deixa ficar: deixa a bola no chão; Guerreiros com guerreiros: passa a bola; fazem zigue-zigue-zá: finge que vai passar a bola, mas esta fica com o aluno. Depois, começa de novo.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não passa o objeto de acordo com a cantiga; não permanece no círculo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (fica em pé; não passa para o companheiro; utiliza o implemento da brincadeira para outras demandas que não seja a planejada, dificultando assim o desenvolvimento da mesma).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	

Aula	11	
Jogo 01	Telefone sem fio e a mensagem engraçada	
Objetivo	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação coletividade.	
Material	Nenhum	
Desenvolvimento	Alunos sentados um ao lado do outro, bem grudadinho. Uma pessoa passará a frase para a primeira da coluna que passará a mensagem para a 2ª pessoa, que passará para a 3ª.... Ao final, a última pessoa fala em voz alta a mensagem e quem passou a mensagem inicialmente diz a sua frase original.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (passa mensagem equivocada para os companheiros; não permanece no ambiente da atividade).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (não passa a mensagem corretamente ou se recusa a passar, dificultando o desenvolvimento da brincadeira; fala a mensagem em voz alta, quebrando assim o segredo da mensagem, dificultando a conclusão da brincadeira).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Jogo 02	Paraquedas lúdico	
Objetivo	Fortalecer o trabalho em equipe em busca do trabalho coletivo cooperativo.	
Material	Paraquedas	
Desenvolvimento	Na quadra ou em um espaço amplo da escola. Estender o paraquedas e reunir os alunos no seu entorno. Pedir aos alunos que segurem o paraquedas pelas beiradas e explicar que para ele funcionar, todos deverão ajudar. Ao comando da professora, movimentar o paraquedas aleatoriamente até que os alunos se sintam familiarizados com o material. A partir daí, modificar os movimentos, inflando enquanto os braços vão para cima e murchando assim que abaixam os braços. Estimular os alunos que façam movimentos lentamente. Separar o grupo por números, cor de roupa ou outras características e dar o comando, assim que o paraquedas estiver inflado, para que um grupo destacado passe por baixo, enquanto os outros colegas o mantenham inflado. Trocar as posições e pedir sugestões para que todos possam passar e variar os movimentos por baixo do paraquedas.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não segura ou maneja o paraquedas de maneira correta; não permanece no círculo, junto ao grupo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (não permanece em pé no entorno do paraquedas; solta o paraquedas).

		propositalmente dificultando o desenvolvimento da brincadeira; não maneja o paraquedas adequadamente de maneira proposital, dificultando o desenvolvimento da brincadeira).
Aula	12	
Jogo 01	Telefone sem fio e a mensagem engraçada	
Objetivo	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação e a participação coletividade.	
Material	Nenhum	
Desenvolvimento	Alunos sentados um ao lado do outro, bem grudadinho. Uma pessoa passará a frase para a primeira da coluna que passará a mensagem para a 2ª pessoa, que passará para a 3ª.... Ao final, a última pessoa fala em voz alta a mensagem e quem passou a mensagem inicialmente diz a sua frase original.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (passa mensagem equivocada para os companheiros; não permanece no ambiente da atividade).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (não passa a mensagem corretamente ou se recusa a passar, dificultando o desenvolvimento da brincadeira; fala a mensagem em voz alta, quebrando assim o segredo da mensagem, dificultando a conclusão da brincadeira).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	
Aula	13	
Jogo 01	Gestos com uma música	
Objetivo	Despertar a consciência de cooperação e do trabalho coletivo.	
Material	Bolas plásticas de piscina (1 para cada aluno)	
Desenvolvimento	Em círculo, os alunos vão cantar uma música. Daí os alunos, depois de aprenderem bem a música e saberem os movimentos dela, farão a troca de bola (ou objeto) a partir da canção. Escravo de Jó, jogavam caxangá: vai passando a bola. Tira: coloca a bola ao ar; Deixa ficar: deixa a bola no chão; Guerreiros com guerreiros: passa a bola; fazem zigue-zigue-zá: finge que vai passar a bola, mas esta fica com o aluno. Depois, começa de novo.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não passa o objeto de acordo com a cantiga; não permanece no círculo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (fica em pé; não passa para o companheiro; utiliza o implemento da brincadeira para outras demandas que não seja a

		planejada, dificultando assim o desenvolvimento da mesma).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Jogo 02	Paraquedas lúdico	
Objetivo	Fortalecer o trabalho em equipe em busca do trabalho coletivo cooperativo.	
Material	Paraquedas	
Desenvolvimento	Na quadra ou em um espaço amplo da escola. Estender o paraquedas e reunir os alunos no seu entorno. Pedir aos alunos que segurem o paraquedas pelas beiradas e explicar que para ele funcionar, todos deverão ajudar. Ao comando da professora, movimentar o paraquedas aleatoriamente até que os alunos se sintam familiarizados com o material. A partir daí, modificar os movimentos, inflando enquanto os braços vão para cima e murchando assim que abaixam os braços. Estimular os alunos que façam movimentos lentamente. Separar o grupo por números, cor de roupa ou outras características e dar o comando, assim que o paraquedas estiver inflado, para que um grupo destacado passe por baixo, enquanto os outros colegas o mantenham inflado. Trocar as posições e pedir sugestões para que todos possam passar e variar os movimentos por baixo do paraquedas.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (não segura ou maneja o paraquedas de maneira correta; não permanece no círculo, junto ao grupo).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (não permanece em pé no entorno do paraquedas; solta o paraquedas propositalmente dificultando o desenvolvimento da brincadeira; não maneja o paraquedas adequadamente de maneira proposital, dificultando o desenvolvimento da brincadeira).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Aula	14	
Jogo 01	Dança dos bambolês cooperativos	
Objetivo	Fomentar um ambiente colaborativo, com o intuito promover a empatia e o respeito mútuo, fortalecendo as relações em grupo.	
Material	Bambolês	
Desenvolvimento	Idêntico à dança das cadeiras na forma popular. Ao som da música, todos dançam ao redor das cadeiras (ou bambolê). Quando a música para todos devem sentar (cadeira) ou entrar (bambolê) contando com a ajuda do colega e ninguém deve ficar de fora ou ser eliminado. Só quem sai é a cadeira ou o bambolê. Os alunos devem criar soluções para todos sentarem. Cada vez que a música parar, uma cadeira ou bambolê será retirado, até que reste apenas um. Para incrementar a brincadeira, pode-se confeccionar um bambolê gigante para ser colocado ao final da brincadeira, facilitando assim a entrada de todos.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto;	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras).

	- Coopera com ineficácia (não permite que o companheiro entre no bambolê). - Encontra competição (realiza ações com vontade de tomar o bambolê para si; entra no bambolê antes da música parar).	- Busca competição (permanece no bambolê enquanto a música toca para não perder espaço). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Dificulta a cooperação (se recusa a ceder um espaço para que o companheiro ocupe o mesmo).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Entrevista; Observação	
Aula	15	
Jogo 01	Bola ao alto	
Objetivo	Promover o trabalho em um ambiente de coletividade e ajuda entre os participantes.	
Material	Bola de piscina grande	
Desenvolvimento	Formar grupo de 4 a 6 alunos dispostos em círculos (ou menos), virados para o lado de fora e com os braços entrelaçados. Colocar a bola no centro do círculo formado pelo grupo. Desenvolvimento: A professora pede aos grupos para levantarem a bola do chão e jogá-la para fora do círculo sem usar as mãos. Alternativa: Se a atividade inicial estiver difícil, começar com todos de frente, posteriormente colocá-los de costas e para finalizar juntar os pequenos grupos até que todos juntos.	
Observação Observar as condutas motrizes apresentadas pelos alunos	Desajustadas - Não executa a ação de acordo com o pacto; - Cooperar com ineficácia (solta os braços dos companheiros, impedindo a formação do círculo; não permanece virado para o lado escolhido durante a brincadeira). - Busca competição (tenta alcançar a bola antes dos outros companheiros).	Perversas - Não segue as regras do jogo (realiza qualquer ação que não seja permitida pelas regras). - Ferir (interage negativamente com o outro: bate, empurra, xinga,...). - Busca competição (corre para chegar primeiro na bola, soltando ou derrubando os companheiros). - Dificulta a cooperação (solta os braços do companheiro proposital e recorrentemente impossibilitando que os jogadores lancem a bola para fora do círculo).
Coleta	Roda de conversa; Diário de aula; Observação	

Fonte: A autora

3.3.2 A coleta de dados

A pesquisa foi apresentada e aprovada pelo comitê de ética de Pesquisa com Seres Humanos da universidade envolvida, sob o parecer de número 5.619.43 (Anexo 1).

Inicialmente a pesquisa foi autorizada pelo secretário de educação da rede municipal, em seguida fez a apresentação para a diretora da escola onde a pesquisa seria desenvolvida, sendo autorizada pela mesma.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada, a professora responsável pela turma aceitou o convite, assinando assim a carta (Apêndice 1), para a apresentação

da pesquisa aos alunos e seus responsáveis, foi realizada duas dinâmicas distintas. No primeiro momento foi realizada uma reunião com os pais dos alunos, e esta estava dedicada a explicar a pesquisa, onde os responsáveis pelos alunos autorizaram a participação no estudo e em seguida colhida a assinatura no Termo de Consentimento Livre esclarecido (TCLE – apêndice 2), posteriormente foi realizada a apresentação aos alunos, também com a assinatura do Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE – apêndice 3).

Para o levantamento de dados dessa pesquisa foram utilizados vários tipos de coletas, dentre elas:

a) Rodas de conversa

As rodas de conversas têm o intuito de partilhar os saberes e refletir sobre as experiências vivenciadas, sejam de forma individual ou coletiva. Segundo Pinheiro (2020, p. 04): “[...] as rodas de conversa são estabelecidas sob o propósito de dar voz aos sujeitos, visando possibilitar sua participação efetiva no processo [...]”. Para Moura e Lima (2014): a roda de conversa é um momento de escuta no qual os participantes interagem uns com os outros, promovendo assim a construção e reconstrução de argumentos.

As rodas de conversa demandam gravação em áudio, pois segundo Ludke e André (1986, p. 37), “[...] a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda sua atenção ao entrevistado”.

As rodas de conversas com a turma foram realizadas com a expectativa de levantar as impressões e reflexões individuais e do grupo sobre os jogos sociomotrizes realizados, as sensações por eles despertadas nos estudantes, as condutas motrizes manifestadas e suas relações com a lógica interna dos jogos, as intervenções nos jogos para o alinhamento destes com as condutas motrizes solicitadas por cada jogo. Ao todo foram realizadas 30 rodas de conversa com o grupo de estudantes e todas elas foram registradas em gravador de áudio.

b) Diários de aula

Os diários de aulas são caracterizados por uma narrativa descritiva, resultante da observação e acompanhamento das aulas, com o registro dos detalhes que são marcantes à pesquisadora no desenvolvimento das atividades. De acordo com Zabalza (2004, p.13) “[...] os diários de aula são documentos em que os professores

e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas”. Quanto mais detalhadas forem as escritas desses diários, maior será o número de informações, o que potencializa seu papel investigativo. Podendo ser utilizados com finalidade mais investigadora como também orientadora para o desenvolvimento pessoal e profissional.

O registro dos diários de aula foi realizado de acordo com critérios previamente estabelecidos e direcionados para o contexto que envolviam as diferentes condutas motrizes apresentadas pelos alunos durante os jogos sociomotrizes de cooperação.

Os diários de aula eram escritos após cada aula, com a ajuda das filmagens feitas em quadra, ao todo foram escritos 15 diários de aula por mim, professora da turma nesse período, sempre contando com a ajuda da professora efetiva que abriu essa oportunidade, oferecendo todo suporte necessário para que as aulas acontecessem durante a pesquisa.

Para além dos jogos sociomotrizes de cooperação, outras dinâmicas apresentadas nas aulas, como as condutas motrizes e as interações também foram transcritas. Essas condutas puderam ser analisadas utilizando como suporte as filmagens. De acordo com Cruz Neto (2002, p. 63) “[...] o registro visual amplia o conhecimento de estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado”. Essas filmagens contribuíram tanto para a pesquisa quanto para a organização didática das aulas junto com os alunos. Enquanto suporte para a investigação, os vídeos foram acessados pela professora-pesquisadora no intuito de analisar com mais tranquilidade e tempo as condutas manifestadas, ou seja, sem a contingência emergencial requerida pela aula em seu desenrolar concreto.

c) Entrevista

Entrevista constitui uma estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro (Negrine, 2010, p. 75).

A vantagem da entrevista é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada [...] (Ludke; André, 2018, p. 39). Para Bogdan e Biklen (1994, p. 134) “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do

próprio sujeito [...]”. Segundo Cruz Neto (2002, p. 57) “[...] a entrevista se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está focalizada”. De acordo com Ludke e André (1986, p. 34) “[...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção de informações desejadas”.

A entrevista foi uma das técnicas utilizada na expectativa de investigar questões identificadas nas observações, nas rodas de conversa e nos diários de aula. Nesse sentido, primeiramente foi realizada uma entrevista com a professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a escolha por essa professora deu-se por ela ser responsável em acompanhar os alunos que possuem necessidades especiais e também pela proximidade da mesma com todos os alunos da sala, pois permanecia em período integral e conhecia o histórico, não só daqueles que necessitavam de atendimento diferenciado, mas também do grupo como um todo.

O roteiro da entrevista foi a seguinte:

- Quais as dificuldades que o aluno apresenta?
- Como as questões familiares influenciam na vida escolar do aluno?
- Como é a participação dos pais na vida escolar?
- Quais medidas a escola tomou para colaborar com desenvolvimento pedagógico e social desse aluno?

Posteriormente, no intuito de aprofundar as situações levantadas durante as aulas, os alunos foram organizados para tal, ora em pequenos grupos e ora individualmente para a entrevista, dependendo das condutas motrizes apresentadas nos jogos sociomotrizes de cooperação.

O roteiro da entrevista foi a seguinte:

Para os alunos que apresentaram condutas motrizes desajustadas:

- O que você mais gostou quando participou das brincadeiras (jogos sociomotrizes de cooperação)?
- Qual brincadeira (jogo sociomotriz de cooperação) você mais gostou? Como você se sentiu?
- Seus colegas (companheiros) ajudaram no momento da (s) brincadeira (s)? E isso foi legal?

Para os alunos que apresentaram condutas motrizes perversas:

- Você gostou de participar da (s) brincadeira (s) (jogos sociomotrizes)?
- Por que você não cumpriu a (s) regra (s) da brincadeira? Você entendeu o que era para fazer?
- Você não cumpriu a (s) regra (s) da brincadeira, como está se sentindo?

d) Observação de aulas

A observação constitui-se um instrumento valioso na pesquisa qualitativa e, nessa situação, se aplica a algum objeto externo, embora possa ser utilizada a partir de diferentes perspectivas. O fundamento básico para definir o tipo de observação que vai ser utilizado para colher informações no processo investigatório vai depender, fundamentalmente, da problematização, das questões da pesquisa e dos objetivos do estudo (Negrine, 2010, p. 66).

De acordo com Ludke e André (2020, p.30) “a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional”. Assim, a observação proporciona um contato pessoal e próximo do pesquisador com o fato pesquisado.

Durante toda a pesquisa, as observações foram realizadas no decorrer das aulas de Educação Física, juntamente com alunos participantes, e para além das observações em aula, elas se estendiam ao assistir os vídeos gravados. Essas filmagens contaram com a utilização de duas câmeras posicionadas em diferentes lugares na quadra, realizando registros dos jogos sociomotrizes de cooperação e das rodas de conversas (pré e pós jogos). O foco principal das observações e nas análises das filmagens foram nas condutas motrizes realizadas pelos alunos, dentro dos jogos sociomotrizes de cooperação a partir da lógica interna de cada jogo.

Quadro 03 – Observações das condutas motrizes apresentadas durante o desenvolvimento dos jogos sociomotrizes de cooperação.

Condutas Motrizes Desajustadas	Condutas Motrizes Perversas
• Não executa a ação de acordo com o pacto; • Coopera com ineficácia; • Busca a competição.	• Não segue as regras do jogo; • Dificulta a cooperação; • Fere os companheiros.

Fonte: Adaptado de Lagardera; Lavega. 2004.

3.4 Análise dos dados

De acordo com Oliveira *et al.* (2003), a análise de conteúdo permite ao pesquisador escolher entre uma gama de métodos, técnicas e operações, ou seja,

reunir condições para que a sistemática de análise dos dados seja claramente definida.

Por essa perspectiva, a análise dos dados desse estudo pretende se valer da análise de conteúdo sem, contudo, perder de vista uma análise de contexto, de modo a não perder os significados dos dados quando estes se fragmentam em unidades de análise. De acordo com Moraes (1999), os dados não falam por si mesmos, pois se conectam com o cenário da sua produção, por isso, é importante ter em conta que “[...] a análise do material se processa de forma cíclica e circular, e não de forma sequencial e linear. Os dados não falam por si. É necessário extrair deles o significado” (p. 12).

No processo de extrair a significação dos dados está a categorização, ou seja, uma das etapas mais criativas da análise de conteúdo, na medida em que é por meio dela que são reunidos “[...] um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (Bardin, 1977, p.117).

Para a preparação dos dados colhidos, primeiramente identificamos as diferentes informações a serem estudadas e analisadas através de uma leitura prévia, escolhendo quais delas estavam coerentes com os objetivos da pesquisa. Para organização de análise, primeiramente foram acessados os diários de aula no intuito de relembrar as dinâmicas que aconteceram durante as aulas, ao término da leitura, a análise passou para os vídeos com o intuito de verificar se nenhum dado havia sido esquecido e garantir a autenticidade dos registros, sejam nos diários ou nas entrevistas.

De acordo com Bardin (2016, p. 63) “a análise dos conteúdos, organizam-se em três polos: pré análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação”.

As categorias de análise foram definidas pela pesquisadora, baseada em palavras e temáticas que apareceram nos materiais coletados. Todo material foi lido e revisto de maneira minuciosa, para que assim pudessem ser identificadas essas categorias e posteriormente decodificá-las e classificá-las. Como apresentado no quadro 4:

Quadro 4 – Dinâmica de análise dos dados

com a professora Leda, a maioria disse que sim, disseram que fizeram um jogo de competição (Jokenpô na linha) e que foram meninos contra as meninas, onde os meninos saíram vencedores da disputa. Em seguida perguntei ao grupo se eles gostavam de competir e isso já gerou um burburinho entre o sim e o não, todos começaram a falar ao mesmo tempo, um falando mais alto que o outro, tive que pedir para que se acalmassem e para quem quisesse falar, fizesse um de cada vez levantando as mãos. Rayssa: "Eu não gosto de competir, porque os meninos são melhores que as meninas, eles são mais fortes e podem até ser jogadores." Pedro: "Gosto de competir, mas não gosto de perder." Dominyck: "Não gosto de competir, porque tenho preguiça." Rafael Lobo: "Gosto de competir, porque quando jogo futebol, eu chuto forte." Perguntei se era mais legal ganhar ou perder. Rayssa: "É mais legal brincar, porque é divertido." Pedro: "Eu não ligo." Lorena: "Brincar é mais divertido." Samuel: "Importante é participar." Larissa: "Eu gosto de competir, mas gosto mais das brincadeiras e da diversão." Manuela: "Não importa perder ou ganhar, o que importa é ter velocidade e prestar atenção mais no jogo, do que nas coisas que acontecem na rua." (A quadra fica margeada por duas ruas de muito movimento, o que acaba por muitas vezes atrapalhando a aula, por que são pessoas que passam e chamam os alunos, carros, caminhões, ônibus e tratores que transitam na via, chamando a atenção dos pequenos. Lucas: "Eu me importo com as brincadeiras." Nesse primeiro momento preferi deixá-los falar o que vinha a mente deles, procurando não os intimidar com muitos questionamentos (vale aqui lembrar que são pequenos e de certa forma até imaturos na construção de explicações, fogem do contexto). Outros alunos não quiseram responder, mesmo quando perguntados. Dando continuidade a nossa roda de conversa, e pegando o gancho em que a maioria verbalizou que era mais importante brincar, expliquei que eu iria trazer alguns jogos/brincadeiras	Mudança na dinâmica do jogo: - Em alguns jogos os próprios alunos faziam intervenções junto aos demais companheiros. - Quando provocados, alguns alunos sugeriram outras dinâmicas na realização dos jogos. - Há também sugestões sobre o material utilizado em alguns jogos. Feedback das aulas/ entendimento dos alunos: - Quando perguntados em vários momentos das aulas, os alunos apontavam que os jogos são divertidos. - Quando perguntados sobre o andamento das aulas e como as dinâmicas estavam acontecendo, muitos assumiam que ficavam conversando e não prestavam atenção. - Em outros momentos de conversa, os alunos acabavam por explicar o que poderiam ou não fazer durante as aulas junto aos colegas. - Explicavam também o que achavam das atividades, o que ficou fácil, o que ficou difícil na realização. Entendimento sobre as condutas motrizes apresentadas: Durante a roda de conversa, quando indagados sobre as condutas apresentadas, muitos acabavam explicando o porque fizeram tal conduta.	Condutas motrizes Dinâmica do jogo Interação entre os participantes Emoções
---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

A síntese das informações foi apresentada em categorias, tendo como base as frases e palavras, destacadas em cores, que confluíram para os mesmos conceitos. Após reflexões e inferências, foram encontradas categorias que se alinhavam aos objetivos propostos pela pesquisa, a saber:

1. As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação;
2. Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação;
3. Jogos sociomotrizes de cooperação e emoções entre os estudantes.

No próximo capítulo, tais categorias serão apresentadas e exploradas com profundidade.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados e discussões correspondentes à pesquisa, deliberando tais análises de maneira articulada com os objetivos propostos no referido estudo.

O trabalho com os jogos sociomotrizes de cooperação realizado nesta investigação alicerçou-se nos fundamentos da Praxiologia Motriz (Parlebas, 2020), trazendo para as aulas de Educação Física a promoção de situações cooperativas sem oposição, o que nos possibilitou observar e analisar as diferentes condutas motrizes apresentadas pelos estudantes no interior de cada jogo realizado.

Os jogos desenvolvidos nas aulas foram categorizados, de acordo com Parlebas (2020), como jogos tradicionais ou jogos desportivos não institucionalizados, ou seja, aqueles com regras flexíveis e que estão na dependência das características das comunidades que os produziram e dos seus modos de jogar, permitindo certa improvisação (Soares; Silva; Ribas, 2012).

Diante desse cenário, as categorias que serão aqui problematizadas foram reveladas com base no cruzamento dos variados dados captados por meio de diferentes técnicas de coletas. Nessa leitura aprofundada e entrecruzada dos dados em sua integralidade, identificamos algumas congruências, o que nos permitiu agrupá-los em três categorias de análise, a saber:

- a) As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação;
- b) Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação;
- c) Jogos sociomotrizes de cooperação e emoções entre os estudantes.

4.1 As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação

Nessa primeira categoria buscamos analisar as condutas motrizes apresentadas pelos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação.

As condutas observadas e analisadas foram classificadas de acordo com Lagardera e Lavega (2004) em desajustadas, ou seja, aquelas que estão desalinhadas à lógica interna da prática motriz e perversas, consideradas as condutas que não correspondem à lógica interna. As condutas ajustadas e que, portanto, implicavam em alinhamento do comportamento dos estudantes com o que lhes era solicitado nos jogos, não ganharam relevo nessa reflexão.

Primeiramente, buscou-se assegurar a compreensão dos estudantes sobre os jogos desenvolvidos, bem como, sobre a dinâmica das aulas de Educação Física que, majoritariamente, tende a desenvolver-se com base em práticas sociomotrizes com interação de oposição entre os estudantes. Nesse sentido, os jogos apresentados e experimentados foram aqueles em que todos participavam de forma simultânea, buscando atingir o mesmo objetivo, sugerindo comportamentos de solidariedade e aumento das relações positivas no grupo (Lagardera e Lavega, 2004).

Inicialmente para conhecer o grupo e mobilizar o processo, tentamos identificar o que eles buscavam nas aulas de Educação Física. Grande parte do grupo verbalizou que gostava de brincar, sem especificar claramente qual tipo de brincadeiras e jogos os motivavam. Entretanto, quando perguntados em roda de conversa sobre as competições dentro dos jogos, encontramos algumas divergências:

[...] perguntei ao grupo se eles gostavam de competir e isso já gerou um burburinho entre o sim e o não. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, um falando mais alto que o outro. Tive que pedir para que se acalmassem e, para quem quisesse falar, fizesse um de cada vez levantando as mãos:
 Maria: “Eu não gosto de competir, porque os meninos são melhores que as meninas, eles são mais fortes e podem até ser jogadores”.
 João: “Gosto de competir, mas não gosto de perder”.
 José: “Gosto de competir, porque quando jogo futebol, eu chuto forte”. (Diário de aula 01).

Ainda tentando conhecê-los e com a expectativa de acessar o que eles mais gostavam, os estudantes assim se posicionaram sobre os sentimentos de ganhar ou perder:

Maria: “É mais legal brincar, porque é divertido”.
 João: “Eu não ligo”.
 Patrícia: - “Brincar é mais divertido”.
 Mário: “Importante é participar”.
 Camila: “Eu gosto de competir, mas gosto mais das brincadeiras e da diversão”.
 Tadeu: “Eu me importo com as brincadeiras.” (Diário de aula 01).

Dessa maneira, pudemos notar que apesar de alguns se manifestarem a favor da competição, a maioria deles sinalizou que gostava mais de jogar, independente da interação que o jogo proporcionava. Assim, foi explicado a todos que os jogos que seriam vivenciados nas aulas teriam mais foco na cooperação e que, para alcançar os objetivos de tais jogos, o grupo precisaria jogar junto, ajudando e respeitando uns aos outros como companheiros (Parlebas, 2020; Lagardera e Lavega, 2003).

Dando continuidade à nossa roda de conversa e pegando o gancho no que a maioria verbalizou, ou seja, de que era mais importante brincar/jogar, expliquei que eu iria trazer alguns jogos/brincadeiras nos quais precisaríamos da ajuda de todos [...]. Expliquei que não haveria mais meninos contra meninas ou um time contra o outro e sim que, a partir de agora, existiria um grande time, o time da 204. Quando disse isso, a postura deles mudou e aplaudiram, dizendo que isso era muito legal. (Diário de aula 01).

A partir disso e com base na teoria praxiológica, foram selecionados sete jogos sociomotrizes de cooperação (1. dança dos bambolês cooperativa; 2. bola no ar; 3. bola ao alto; 4. calha cooperativa; 5. gesto com música; 6. paraquedas lúdico; 7. telefone sem fio com mensagem engraçada). Esses jogos foram apresentados aula a aula, cada qual com suas regras. Nas vivências desses jogos por parte dos estudantes iam sendo reveladas diversas condutas motrizes que foram observadas, analisadas e, posteriormente, catalogadas.

Os jogos apresentados foram vivenciados ao menos duas vezes, a primeira vivência correspondeu a observação inicial, com discussão sobre as condutas motrizes e as interações, recapitulando junto aos estudantes o modo como a prática foi vivenciada. Já a segunda vivência tinha o propósito de uma observação final, trazendo novamente elementos estruturais incorporados e as diversas possibilidades

de ação, explorando junto aos estudantes as condutas manifestadas, no intuito de entender o porquê.

Como colocado anteriormente, antes de iniciar quaisquer jogos, havia uma explicação inicial em roda de conversa de como o jogo se desenvolveria e, posteriormente, quais regras seriam utilizadas. O primeiro jogo sociomotor de cooperação realizado com os estudantes foi a dança dos bambolês cooperativa.

A dança dos bambolês cooperativa é uma prática sociomotor de cooperação que acontece na quadra (ambiente estável), não demandando a leitura do ambiente por parte dos participantes. Não havia um tempo pré-determinado para seu fim, terminando quando restasse apenas um bambolê e todos os participantes conseguissem compartilhar o mesmo espaço. A interação solicitada era cooperativa e a tomada de decisão estava entre os jogadores que teriam que compartilhar os bambolês.

Inicialmente, em roda de conversa, para que os estudantes pudessem entender, foi feita uma alusão à dança das cadeiras e perguntado se todos conheciam:

[...] então comecei perguntando se eles conheciam a brincadeira da dança das cadeiras e como ela funcionava. A maioria do grupo respondeu que sim, que quem perdesse a cadeira, sairia da brincadeira e tinha que esperar todo mundo sair para apenas uma pessoa ganhar. O Miguel comentou que na festa de aniversário dele fizeram essa brincadeira e que todos saíram e ele ficou triste (Diário de aula 02).

Diante da resposta do grupo, explicou-se que no lugar das cadeiras usaríamos bambolês e que, conforme esse material fosse saindo do jogo, os jogadores permaneceriam, mas que teriam que dividir o espaço e possibilitar que todos permanecessem no jogo, fato esse que gerou um burburinho entre o grupo:

Eduardo: “Ahn? Como assim? Mas de que jeito? Ninguém vai sair”?
Cristina: “Então vai poder ficar mais pessoas dentro do bambolê”? (Diário de aula 02).

Foi reforçado que todos deveriam ajudar os colegas que estivessem sem bambolê, ou seja, teriam que dividir o objeto, não podendo empurrar para poder entrar ou ficar parado dentro do bambolê enquanto a música tocava.

Após o contato inicial com esse jogo, foram identificadas algumas condutas motrizes desajustadas e outras perversas.

Durante o jogo, observamos algumas condutas manifestadas que, de acordo com as regras das atividades, foram classificadas como desajustadas. Essa denominação, de acordo com Lavega, Planas e Ruiz (2012), é utilizada quando a cooperação acontece de maneira ineficaz. No decorrer da dança dos bambolês cooperativa alguns estudantes entraram ou permaneceram dentro do bambolê, mesmo enquanto a música estava tocando, numa alusão que nos remeteu a pensar que não queriam perder o lugar, como podemos observar na Figura 11. Enquanto parte do grupo dançava e permanecia fora do bambolê, no momento em que a música tocava, alguns estudantes ficaram dentro do bambolê.

Figura 11 - Conduta desajustada durante o jogo.



Fonte: acervo da autora.

Outras condutas desajustadas puderam ser observadas durante o jogo, como: a recusa em ceder espaço para que o colega ficasse junto; entrar no bambolê antes mesmo da música parar; saltar de bambolê em bambolê, enquanto a música tocava. Tais condutas motrizes nos possibilitam pensar que se tratava de uma busca pela competição.

Outras condutas que não mudavam, foram daqueles que simplesmente não saíam de dentro do bambolê enquanto a música tocava (e como disse anteriormente, não foi pela cor). No caso da Camila, do José, do Júlio e do Gabriel parecia ser mais uma questão de posse do bambolê. (Diário de aula 02).

Diante disso, fez-se necessária a realização de algumas intervenções durante o jogo, parando para explicar novamente as regras e reforçando que era uma prática cooperativa, por isso não deviam se preocupar em ficar sem espaço ou sem o material.

A cada pausa fazia diversas intervenções, lembrando que não poderiam entrar antes da música parar ou permanecer dentro do bambolê, pois todos teriam espaço para entrar. Conforme o número de bambolês diminuía, eles dançavam, mas ficavam muito próximos e com medo de perder o espaço (Diário de aula 02).

Entretanto, durante as observações, era claro o medo de “perder” o jogo, ficar de fora e até mesmo abrir mão do jogo em prol do material, como podemos ver no excerto abaixo:

[...] em roda de conversa, falando que muitos permaneceram dentro do bambolê, mesmo que a regra da brincadeira não permitisse, alguns até assumiram essa posição, como a Patrícia: - “eu queria o bambolê rosa só para mim e não queria ficar sem”. (Diário de aula 02).

Em relação às condutas desajustadas, alguns estudantes apresentaram dificuldade de interação com os seus companheiros e no entendimento das regras. Isso se acentuou principalmente com aqueles estudantes com algum tipo de deficiência, situação essa que precisou da intervenção não apenas da professora pesquisadora, mas também da professora de atendimento educacional especializado. Essa intervenção colaborou muito para favorecer a participação do estudante, integrando-o ao grupo, mas não reverberou na interação entre os pares.

Em relação às condutas consideradas perversas apresentadas durante a realização do jogo, notamos que alguns estudantes empurravam o companheiro com o propósito de impedi-lo de entrar no bambolê, como também no intuito de tirá-lo de dentro, querendo tomar o lugar para si. Tais condutas, de acordo com Lavega, Planas e Ruiz (2012) é um claro descumprimento das regras acordadas durante o pacto.

Figura 12 - Conduta motriz perversa: estudante empurrando os colegas.



Fonte: acervo da autora.

De acordo com a vivência apresentada, foi possível perceber que alguns participantes ainda partilhavam a ideia de oposição e de posse, possuindo certa dificuldade de se desvincular dessa situação. Entretanto, vale aqui ressaltar que no intuito de mitigar algumas condutas, as intervenções aconteceram no decorrer do jogo, buscando dessa forma um melhor ajuste e auxílio na compreensão da lógica interna do jogo vivenciado.

Em continuidade, experienciamos mais uma vez a dança dos bambolês cooperativa. Assim, antes de iniciarmos a roda de conversa, relembramos as regras do jogo e eles responderam com bastante clareza:

Professora pesquisadora: “Na dança do bambolê, o que nós temos que fazer?”

E o grupo respondeu: “Trabalho em equipe”.

Professora pesquisa: “E no trabalho em equipe, o que eu preciso fazer? Eu tenho que entrar sozinho no bambolê ou trazer o meu amigo junto comigo?”

A Cristina responde: “Ajudar, trazer ele e todo mundo que conseguir para dentro do bambolê”.

Professora pesquisadora: “E se sobrar apenas um bambolê, eu tenho que empurrar todo mundo e entrar de qualquer jeito ou eu tenho que trazer todo mundo pra dentro”.

E o grupo responde: “Precisa se juntar”.

O José, pediu a vez para falar e disse: “Todos precisam fazer um trabalho em equipe”.

Professora pesquisadora: “O que é trabalho em equipe na dança dos bambolês?”

A Patrícia responde: “É entrar todo mundo junto”.

Professora pesquisadora: “Então quer dizer que: se todo mundo entra...”

A Cristina completa: “Todo mundo ganha”.

Professora pesquisadora: “Portanto, para que a brincadeira dê certo e todos saiam vencedores, não vale ficar parado dentro do bambolê, nem ficar com um “pezinho” dentro para guardar um lugar”.

E a Cristina ainda completou: “Nem ficar rodeando o bambolê”. (Diário de aula 14).

Com tais falas dos estudantes, pudemos perceber que já haviam entendido como se dava um trabalho cooperativo e que se enxergavam enquanto equipe.

Após essa conversa, iniciamos o jogo e diferentemente da primeira vivência, mesmo com os bambolês coloridos, ninguém ficou dentro tentando “guardar” o lugar para si; não entraram antes da música parar e nem saltitaram de bambolê em bambolê; conseguiram se organizar nas entradas e ajudaram aqueles que ficavam sem lugar para entrar. O jogo fluiu de maneira muito exitosa, de acordo com a Figura 13.

Figura 13 - Condutas motrizes ajustadas.



Fonte: Acervo da autora.

No momento final do jogo, quando sobrou apenas um bambolê e esse foi trocado por um gigante, um dos estudantes, querendo entrar no bambolê, tentou empurrar o restante dos companheiros e acabou sendo impedido, vindo ao chão com a negativa do grupo. Isso pode ser notado na Figura 14.

Figura 14 - Estudante impedido pelo grupo quando tentava empurrar.



Fonte: Acervo da autora.

O estudante que realizou essa ação foi Thiago, por isso, diante dessa situação e com a atividade finalizada, chamamos o Antônio para conversar sobre a atitude dele. Mais uma vez ele foi vago nas respostas:

Professora pesquisadora: “Thiago, por que você empurrou seus amigos?
Thiago: “Porque eu “tava” caindo”.
Professora pesquisadora: “Mas é certo empurrar? Thiago deu com os ombros e não disse mais nada (Diário de aula 13).

Depois disso ele não respondeu mais nada, mesmo sendo explicado a ele sobre o jogo.

Em continuidade com o grupo:

Professora pesquisadora: “Essa brincadeira que nós fizemos, foi uma competição?”
Grupo: “Não”!
Patrícia: “Cooperação”.
Professora pesquisadora: “Mas o que é cooperação?”
Lucas: “É quando os 19 ganham” (referindo-se ao total de alunos da sala).
Cristina: “Todos da sala, todos ganharam” (Diário de aula 13).

Diferentemente da primeira vez que realizaram o jogo, houve uma interação de cooperação ativa em todo jogo.

O próximo jogo sociomotriz de cooperação foi o: bola ao ar. Nesse jogo os participantes deveriam manter a bola no ar enquanto uma música estivesse tocando, sem deixá-la cair no chão. A interação era de cooperação, acontecendo na quadra (ambiente estável), sem tempo pré-determinado, terminando quando a música acabasse e a bola não chegasse ao chão.

Para que as regras fossem compreendidas e acordadas, fizemos uma breve roda de conversa na qual reforçamos que todos deveriam participar e que o sucesso do jogo dependia da colaboração dos jogadores. Entretanto, pudemos notar que o medo de perder ainda estava muito latente entre os estudantes, conforme o excerto a seguir:

Cristina: “E se a bola cair, professora?”
Professora pesquisadora: “Não vai acontecer nada, vamos ter que recomeçar o jogo e fazer um grande esforço para que a bola permaneça no ar”. (Diário de aula 03).

As condutas motrizes dos estudantes foram observadas no decorrer do jogo e, posteriormente, novamente analisadas por meio das filmagens das aulas, podendo assim serem classificadas em desajustadas ou perversas.

Durante a realização do jogo, pode ser observado que alguns estudantes cooperavam de maneira ineficiente, com condutas que envolveram: não interagir com o restante do grupo; passar a bola apenas para um companheiro, o que dificultou um pouco o desenvolvimento do jogo.

Curiosamente, após todas as conversas e explicações, nesse jogo houve um número considerável de condutas perversas entre os participantes, uma vez que tudo o que foi acordado em roda de conversa, pouco aconteceu, mesmo mudando a dinâmica e os separando em pequenos grupos as condutas perversas tornavam a se repetir.

Entre as condutas perversas manifestadas, podemos destacar que alguns estudantes quando estavam com a posse da bola se recusavam a passá-la para os colegas; alguns a lançavam com força excessiva, deixando a bola fora do alcance do restante do grupo; tinham aqueles que interceptavam a bola quando esta tinha destino certo, impedindo, de certa forma, que outros companheiros participassem da atividade; havia outros que se deitavam no chão, dificultando o andamento do jogo.

Figura 15 - Conduta motriz perversa: estudantes lançando a bola fora do alcance.



Fonte: acervo da autora.

Outra conduta motriz perversa observada na utilização da bola durante o jogo, é a recusa do jogador em passar a bola para o restante do grupo.

Figura 16 - Conduta motriz perversa: estudante se recusando a passar a bola.



Fonte: acervo da autora.

A todo momento era preciso parar, explicar novamente e reiniciar o jogo, porém poucas mudanças foram observadas. Parecia haver ali um comportamento comprometido com a posse da bola, ou seja, eles queriam pegar e ficar com a bola.

[...] elas não se entendiam, cada uma lançava a bola para o alto, sem um destino certo, o que de certa forma atrapalhava o acesso dos outros e quando pegavam se recusavam (Camila e Maria) a passar para a colega. Isso que gerou um certo desconforto entre elas. (Diário de aula 03).

[...] a Maria quando alcançava a bola, lançava o mais alto possível, o que atrapalhava a recepção pelos colegas (Diário de aula 03).

No decorrer da atividade o João, Gabriel e Alex simplesmente deitaram no chão enquanto estávamos em círculo (Diário de aula 03).

O João lançava a bola para cima e logo saía em direção a mesma, tentando interceptar e bater nela, impedindo os outros de participar da atividade. Já o Gabriel, quando de posse da bola, lançava-a acima da cabeça, esperando-a para cabecear, sem passar a bola para o restante. O João e Gabriel continuavam nessa dinâmica, impedindo que o Lucas e Júnior alcançassem a bola (Diário de aula 03).

Após diversas intervenções e tentativas, uma roda de conversa foi realizada a fim de saber por qual motivo o jogo não fluía e o que estava acontecendo. Neste momento, ficou claro que eles não tinham entendido o jogo. O que mais ficou evidente foi a preocupação dos jogadores em pegar a bola, fugindo do objetivo que era não a deixar cair, alimentando ações como tomá-la para si ou ficar o maior tempo com sua posse.

Professora pesquisadora: "O que estava acontecendo, o que estava difícil na atividade? Por que não estava dando certo"?

Ana: "O amigo não passar a bola".
Cristina: "Eu peguei só duas vezes na bola".
Alex: "Eu peguei só uma".
Maria: "Ninguém passou para mim".
Camila: "Nada, o problema é que o pessoal fica conversando e não entende o jogo".
Camila: "Eles não entenderam que é para passar para o outro amigo". (Diário de aula 03).

Diante disso, diferentemente da aula anterior, as intervenções durante a aula se mostraram insuficientes para diminuir as condutas desajustadas dos estudantes. Por isso, a posse pelo material foi o que mais se destacou durante esse jogo, provocando condutas perversas, deixando de lado as regras principais e comprometendo o desenvolvimento da atividade.

O próximo jogo vivenciado pelos estudantes foi bola ao alto. Também é um jogo com interação de cooperação, muito semelhante ao jogo anterior, principalmente no que tange aos materiais. Ele aconteceu na quadra da escola (ambiente estável), não possuindo tempo pré-determinado, se encerrando quando os estudantes conseguiam lançar a bola para fora do círculo. Os materiais utilizados foram várias bolas de plástico de diversos tamanhos.

Para iniciar a atividade, foi realizado uma roda de conversa no intuito de explicar as regras do jogo, sempre reforçando que o trabalho deveria ser em grupo e que a bola deveria sair do círculo de forma conjunta sem utilizar as mãos. Na primeira parte da aula, os estudantes foram separados em pequenos grupos para que pudessem vivenciar o jogo de uma maneira mais fácil. Todavia, mesmo com essa formatação diferenciada, no decorrer do jogo, diversas condutas motrizes classificadas como desajustadas puderam ser observadas. Alguns estudantes soltavam os braços de seus companheiros, dificultando a formação do círculo; outros puxavam os braços uns dos outros na tentativa de desestabilizar o círculo; outros ainda não permaneceram no círculo.

Figura 17 - Conduta motriz desajustada: estudantes desorganizando o círculo.



Fonte: acervo da autora.

A tentativa de lançar a bola para fora do círculo, formado por eles, também foi outra conduta desajustada revelada. O trabalho que deveria ser em conjunto, passou a ser individual, pois eles se laçavam à frente do grupo na expectativa de chutar a bola e tirá-la do círculo, o que claramente não trouxe o resultado esperado, acertando os demais companheiros.

[...] começaram a chutar a bola, fazendo com que a mesma escapasse por baixo do círculo normalmente entre as pernas dos participantes do grupo. Outros iniciaram os chutes com certa força, no intuito de fazer com que a bola subisse e saísse por cima do círculo, fato que não aconteceu, pois ela acabava escapando [...] (Diário de aula 04).

[...] iniciou com chutes aleatórios, sempre na base do círculo e não conseguiam se entender para subir a bola, não formularam uma estratégia, apenas chutavam a bola para o alto para tentar fazer com que ela saísse do círculo. Eles ficaram presos aos chutes curtos e com a expectativa de ver quem chutava mais a bola (Diário de aula 04).

Em relação às condutas perversas durante o jogo, foram observadas: soltar os braços dos companheiros de maneira recorrente, impossibilitando e impedindo assim a formação do círculo; soltar as mãos dos companheiros para lançar a bola para fora sozinho e com as mãos. Condutas estas que não estavam previstas nas regras do jogo.

Como na atividade anterior, isso demandou um número considerável de intervenções. A todo momento o jogo precisava ser interrompido para que as regras fossem lembradas e novamente explicadas, o que comprometeu um tempo considerável da aula, contudo, com pouco sucesso. Antes de dar continuidade ao

jogo, realizamos nova roda de conversa, com o intuito de saber o que estava acontecendo.

Como foi o comportamento de vocês? O que eles acharam? O Tadeu imediatamente respondeu: “mal!” e a Maria interpelou, dizendo: “Nós ficamos conversando muito e não prestamos atenção na explicação”. “E quanto mais você ficava falando, a gente conversava mais ainda.” A Camila explicou que “ao invés de tentar fazer a brincadeira, a gente ficava brincando”. O João disse ninguém deixava ele fazer. Nesse momento tive que explicar que não tinha que deixar ninguém fazer, mas sim que todos tinham que fazer juntos e não sozinhos [...]. O Eduardo ainda reforçou: “todos juntos, professora”. Reforcei que os grupos que conseguiram foram os grupos que trabalharam juntos, ninguém tentou fazer nada sozinho, mesmo porque sozinhos não conseguiriam sequer tirar a bola do chão (Diário de aula 04).

Diante das respostas do grupo, parecia que eles estavam mais preocupados em chegar até a bola e alcançá-la do que cumprir as regras do jogo. Isso se revelou nas falas das meninas, quando argumentam que não prestaram atenção e que estavam brincando.

Tais condutas e falas nos permitem sinalizar que os dois jogos aqui analisados (jogo da bola ao ar e o jogo da bola ao alto) revelaram condutas motrizes desajustadas e perversas semelhantes na relação com a bola, apesar de serem diferentes entre si. Estaria a bola sendo responsável por mediar simbolicamente, entre os estudantes, um sentido mais opositivo que cooperativo?

Para finalizar a aula, foi explicado como seria a segunda parte do jogo, deixando claro que o objetivo era o mesmo, porém, todos agora ficariam com os braços entrelaçados e de costas no círculo. Logo na primeira tentativa eles obtiveram sucesso, conseguindo uma organização mais atenta e lenta até que alcançassem a bola e a lançassem para fora do círculo, como podemos ver na Figura 18.

Figura 18 - Conduta ajustada: estudantes cumprindo o objetivo do grupo.



Fonte: acervo da autora.

Ao final da aula, em roda de conversa, quando indagados sobre a conduta motriz ajustada logo na primeira tentativa, eles responderam:

Professora pesquisadora: “O que foi mais fácil? Tirar a bola quando estavam todos de frente ou de costas?”
 “De costas! Responderam em um grande coro”.
 Professora pesquisadora: “E vocês sabem dizer o porquê?”
 Miguel: “A gente não via a bola, então tinha que andar todos juntos e devagar”.
 Professora pesquisadora: “Com cuidado vocês conseguiram, então”.
 Gabriel: “Sim!” (Diário de aula 04).

Notamos com essas situações o quanto o material fez uma diferença significativa nas condutas motrizes dos alunos, ora desestabilizando o grupo ora requerendo um tempo considerável de intervenções para os ajustes das condutas.

Na observação inicial deste jogo, pudemos perceber um número considerável de condutas desajustadas e perversas, com o intuito de analisar novamente essas condutas apresentadas, retomamos a realização do bola ao alto. Antes de iniciarmos o jogo, relembramos as condutas apresentadas na primeira vivência e quais eram as regras que ele possuía, entre elas: a bola só pode sair por cima do círculo; não pode usar as mãos; não pode chutar; todos devem trabalhar em conjunto.

Com a expectativa de que houvesse um número menor de condutas motrizes desajustadas ou perversas, separamos a sala em pequenos grupos, e antes mesmo de finalizar a entrega das bolas, alguns alunos começaram a chutá-la

descontroladamente. Nesse momento, foi preciso interromper a atividade e relembrar as regras, sendo possível iniciar o jogo logo em seguida.

De imediato obtivemos êxito na primeira tentativa, mas antes de iniciarmos a segunda, novamente ocorreram chutes frenéticos nas bolas e assim precisamos retirá-las e ter uma atitude mais enérgica, pois não conseguíamos fazer com que o jogo fluísse. A partir disso, mudamos a posição dos estudantes nos círculos, colocando-os de costas, o que foi muito mais fácil para realizar.

Na parte final da aula, juntamos o grupo todo com a bola gigante e, logo na primeira tentativa, alguns estudantes puxaram com força excessiva para chegar mais rápido e próximo à bola, derrubando os companheiros ao lado, conforme Figura 19.

Figura 19 - Conduta perversa – estudantes derrubados em jogo.



Fonte: Acervo da autora.

Com essa atitude, precisamos intervir junto ao grupo:

Professora pesquisadora: “Pode puxar com força, galera”?

Grupo: “Não”.

Professora pesquisadora: “Conseguiram finalizar a brincadeira”?

Grupo: “Não”.

Professora pesquisadora: “Alguém venceu com essa atitude de vocês?”

Grupo: “Não”.

Professora pesquisadora: “Lembra que um trabalho cooperativo para ter sucesso precisa de todo mundo e não é que está acontecendo por aqui, vamos tentar ser mais colaborativo”?

Grupo: “Sim”. (Diário de aula 15).

Depois dessa conversa, reiniciamos o jogo e, dessa vez, deu certo. Os estudantes conseguiram caminhar até a bola e fazer com que ela saísse por cima sem ajuda das mãos.

Para encerrar o jogo, solicitamos que todos ficassem de costas e mãos dadas. Novamente fizeram a atividade com êxito, diferente de quando estavam olhando para a bola.

O próximo jogo foi o: calha cooperativa. A calha cooperativa é uma prática motriz com interação de cooperação entre os pares, em ambiente estável (sala de aula), não possuindo um tempo pré-estabelecido, pois termina quando a bola alcança o objetivo final (caixa). Os materiais utilizados para esse jogo foram bolas de piscina, bolas de tênis de mesa e tubos de papelão cortados ao meio.

O jogo foi realizado dentro da sala de aula, um espaço consideravelmente menor, pois a quadra da escola estava impossibilitada de ser usada devido ao grande volume de chuvas nesse dia.

Em roda de conversa foram explicadas as regras do jogo e apresentados os materiais. Da mesma foi detalhado que o objetivo do jogo era fazer com que a bolinha chegasse até a caixa que estava no chão e que para isso todos deveriam trabalhar juntos.

[...] a Maria disse: “Ah, vamos colocar as bolinhas nessa calha e vamos passar sem derrubar”? E o Alex completou: “Então vamos ser o encanamento”? Respondi que era mais ou menos isso, que a bola sairia de uma ponta e chegaria na outra e o último a colocaria dentro da caixa com a ajuda da calha. (Diário de aula 05).

Em continuidade às regras:

Perguntei então: “Para a bolinha não cair, o que vocês devem fazer”? Alex logo disse: “juntar tudo”! Juntar o que? Eu perguntei novamente, e a Cristina respondeu: “as calhas”. Ou seja, juntar calha com calha para que a bolinha chegasse até o final (Diário de aula 05).

Como podemos observar, as regras ficaram claras para os estudantes, então foram todos organizados para que as calhas ficassem próximas. A partir desse momento, o jogo teve início e as condutas apresentadas pelos estudantes puderam ser observadas.

Nesse jogo, as condutas consideradas desajustadas foram poucas, alguns estudantes seguravam a calha com tanta força que acabava obstruindo a passagem da bola; outros ajudavam com a mão, dificultando o andamento do jogo.

A primeira bolinha foi lançada [...] eles estavam segurando a calha com certa força, o que, muitas vezes, impedia a bolinha de correr. Outros acabavam ajudando a passagem com a mão (Diário de aula 05).

Após esse primeiro momento, expliquei a eles que não poderiam segurar a calha com tanta força, pois assim impediriam a bolinha de correr [...]. Demonstrei como deveriam manipular a calha tanto para receber quanto para passar a bola, [...] (Diário de aula 05).

O que pudemos observar nesse primeiro momento foi que as condutas motrizes apresentadas e consideradas como desajustadas deram-se mais pela dificuldade em manipular o material do que por qualquer outro motivo. Em conversa informal com os estudantes, eles disseram que nunca tinham realizado esse jogo na escola. Diante disso, precisamos criar condições para que os estudantes possam se familiarizar com os materiais.

Figura 20 - Dificuldade em manipular o material.



Fonte: acervo da autora.

Outra conduta desajustada identificada se deu porque os estudantes se distraíam com a primeira bolinha que corria pela calha e acabavam se esquecendo das outras que vinham em seguida, provocando a queda delas antes de chegarem ao final.

Nessa última tentativa eles também tiveram um pouco de dificuldade, pois acabavam se distraindo quando passavam a primeira bolinha e se esqueciam que a segunda estava chegando. Precisei chamar atenção por diversas vezes, para que não esquecessem das bolinhas e assim ela foi caindo pelo caminho. A brincadeira precisou ser reiniciada, mas conseguiram concluir com sucesso (Diário de aula 05).

Surpreendentemente não foi observada nenhuma conduta que não estivesse nas regras, ou seja, nenhuma conduta considerada perversa. O que se mostrou foi a dificuldade em manipular o material e o espaço limitado da sala para a realização do jogo, como podemos ver no excerto abaixo, a partir da roda de conversa final:

O que ficou mais difícil? Controlar a calha? Olhar a bolinha? Alex disse que ficou muito difícil quando precisava fazer a curva, que desse jeito ficava difícil manipular a calha. A Juliana disse que ela também teve dificuldade em controlar a calha (Diário de aula 05).

Cristina: “Pra mim foi mais ou menos, tive dificuldade em controlar a calha para cima e para baixo” (Diário de aula 05).

Na sequência dos jogos sociomotrizes de cooperação, os estudantes vivenciaram novamente a calha cooperativa, entretanto, diferentemente da experiência anterior, essa foi na quadra da escola. Antes de iniciar o jogo, relembramos as condutas da primeira experiência e quais eram as regras e, para que não houvesse dúvidas, também demonstramos como o jogo aconteceria, pois agora estávamos em um ambiente diferente da sala de aula e isso implicava em novo manejo das calhas. Tal dinâmica pode ser observada na Figura 21.

Figura 21 - Relembrando como os estudantes deveriam segurar as calhas.



Fonte: Acervo da autora.

Iniciamos o preparativo da atividade com uma conversa explicativa sobre o jogo para a turma.

[...] pedi para que o Tadeu me auxiliasse para demonstrar como todos deveriam segurar a calha. Perguntei se poderia segurar a calha do colega ou se eu deveria cuidar da minha e a Maria respondeu que cada um deveria segurar a sua, e o Alex completou que ficava mais fácil de subir e descer a calha. Perguntei também se eu poderia sair da fileira com a calha e deixar um “buraco” e eles responderam que não. E se eu segurar a calha apertada? Vai

dar certo? A Camila disse que não, porque a bolinha vai ficar presa ou não vai entrar (Diário de aula 09).

Depois de conversar com a turma, lembrando e demonstrando as regras, iniciamos o jogo. Organizamos todos em um grande e fileira e cada um ficou responsável por sua calha. A partir desse momento pudemos observar e classificar as condutas apresentadas pelos estudantes durante a prática sociomotriz.

Na primeira tentativa de rolar a bolinha na calha, observamos que alguns estudantes deixavam a calha mais baixa que a do restante do grupo; outros ficavam subindo e descendo a calha sem parar, desencaixando-a da dos companheiros e dificultando assim o andamento do jogo. Essa conduta motriz pode ser notada na Figura 22.

Figura 22 - Conduta desajustada: estudante subindo e descendo a calha.



Fonte: Acervo da autora.

A conduta apresentada demandou uma intervenção inicial,

[...] precisei intervir e explicar novamente que dessa maneira o jogo não iria acontecer, que para dar certo, todos precisavam colaborar [...].
Conversa essa que deu certo, fazendo com que eles se posicionassem de maneira correta e a partir daí, iniciamos a primeira tentativa, com sucesso absoluto. (Diário de aula 09).

No decorrer das tentativas e com algumas intervenções, ainda pudemos observar a conduta desajustada de deixar a calha muito mais alta que a do restante do grupo e isso provocar a queda da bolinha. Todavia, percebemos que não foi propositalmente, o que não se caracterizaria como uma conduta perversa, demandando um pouco mais de intervenção e pequenos ajustes para que o jogo fluísse em todas as tentativas, algumas com êxito (conseguir colocar a bolinha na

caixa), outras nem tanto, fato esse que motivava ainda mais o grupo a reiniciar o deslocamento da bolinha até conseguir colocá-la na caixa.

Ao final da aula, chamei os alunos responsáveis pelas condutas desajustadas apresentadas em particular, com a intenção de entender se haviam compreendido ou não a lógica interna do jogo, mas não obtivemos muito sucesso:

[...] perguntei ao Felipe o porquê de ele ter levantado a calha, e ele não me respondeu. Perguntei se ele havia entendido o que era para fazer, e ele respondeu sim. Fiz as mesmas perguntas para Letícia, que sequer verbalizou, apenas deu de ombros, abaixou a cabeça e saiu.

Como falado anteriormente, Felipe é um estudante de inclusão e a Letícia interage muito pouco com a sala e os demais companheiros. A relação de interação se dá apenas entre os dois, fato que vem sendo repetido nas últimas aulas.

O próximo jogo realizado com os estudantes foi o gesto com música, esse jogo é caracterizado pela interação de cooperação. Ele se deu na quadra (ambiente estável), não possuindo tempo pré-determinado, terminando apenas quando conseguissem finalizar a cantiga (Escravos de Jó) com a passagem dos objetos.

Na tentativa de iniciar a aula, ficamos em círculo, sentados na quadra. Perguntei a eles se conheciam a música “Escravos de Jó” e a resposta foi quase unânime: Simmmmm!!! E já começaram a cantar, antes mesmo de que fosse finalizada a explicação. Retomei a fala e perguntei da onde eles conheciam a música. Prontamente, a Camila e o Alex responderam que a professora de Arte havia ensinado para eles. Então, como a maioria conhecia a música, pedi para que eles apenas a cantassem, o que fluiu de maneira bem tranquila (Diário de aula 07).

O fato de os estudantes conhecerem a música facilitou muito o trabalho de iniciação ao jogo. Após a explicação inicial, distribuímos as bolinhas de plástico coloridas e demonstramos quais gestos e como realiza-los juntamente com a música, sem que houvesse troca de material. Não ocorreu problemas em relação a esse momento.

Figura 23 - Estudantes cantando escravos de Jó.



Fonte: acervo da autora.

A segunda parte da aula foi a troca de materiais entre os estudantes. Enquanto os mesmos trocavam o material (no caso uma bolinha plástica), identificamos algumas condutas motrizes consideradas desajustadas, como se recusar a passar determinada bolinha para os companheiros, mantendo-a em uma das mãos e repassando-a a quem chegava, gerando um descompasso com a música.

O Felipe se recusava a passar a bolinha verde dele e ficava esperando as bolinhas (dos outros colegas) chegarem até ele, mantinha a bolinha verde em uma das mãos e repassava a outra. Isso causou um descompasso na passagem do material (Diário de aula 07).

Apesar das intervenções, incluindo a da professora de atendimento educacional especializado, logo no início do jogo a postura do estudante não mudou:

[...] o Felipe continuou com a mesma postura, se recusando a passar a bola verde, acumulando as outras bolinhas e atrapalhando o desenvolvimento da atividade (Diário de aula 07).

Mesmo com essa postura do estudante, o que dificultou o andamento do jogo, a maioria dos estudantes não desistiu do propósito de terminar a música. Deste modo, mesmo com um pouco de desacordo, conseguiram alcançar o objetivo. Nesse jogo não foi observado qualquer conduta que pudesse ser considerada como perversa.

Antes de finalizar a aula, em roda de conversa, pudemos retomar a questão indagando o grupo sobre porque estava difícil das bolinhas rodarem?

[...] prontamente a maioria respondeu que o Felipe segurava as bolinhas e não passava a que estava na mão dele. A Patrícia verbalizou que também

teve dificuldade de passar a bolinha e que não queria mudar de cor, mas pensava que a bolinha laranja iria voltar até ela (Diário de aula 07).

Quando perguntado sobre sua conduta no jogo, o estudante Felipe apenas verbalizou que a bolinha verde era dele. Aqui vale ressaltar que ele é um estudante com paralisia cerebral e, talvez por isso, ela tenha tido alguma dificuldade de interação e até de compreensão da dinâmica da atividade e das regras do jogo.

O sentimento de posse pelo material (a bola) também apareceu na fala da estudante Patrícia, quando declarou que sentiu dificuldade de trocar a bolinha por ser de outra cor.

Em continuidade aos jogos desenvolvidos com os estudantes, trouxemos novamente o jogo gesto com música (Escravos de Jó). Diferentemente da primeira vez que realizamos o jogo, nessa aula trocamos os objetos para o manuseio, ao invés de ser bolinhas coloridas, trouxemos pequenos cones pretos.

Inicialmente em roda de conversa, relembramos as regras do jogo, distribuindo o material para cada participante e, logo em seguida, cantamos a música sentados em círculo e movimentando os cones de acordo com as orientações da música.

[...] pedi para que cantassem a música e manuseassem o cone no lugar (cada um com o seu e sem rodar) e deu super certo, como o cone fazia barulho ao bater no chão, se empolgaram bastante na “cantoria” o que ficou bem divertido (Diário de aula 10).

Depois que cantamos e movimentamos os cones, iniciamos o jogo com a música e com a troca do objeto, de acordo com a regra do mesmo. Houve um desacordo e eles acabaram se perdendo no momento de passar o objeto para o companheiro ao lado. Tiveram um pouco de dificuldade em coordenar o cantar e o passar o cone e isso foi de uma maneira geral. Então, para a segunda tentativa, a turma foi dividida em três pequenos grupos, demonstramos como seria, realizamos com todos os participantes e reiniciamos o jogo.

Cantamos a música um pouco mais devagar, o que contribuiu para o sucesso das tentativas, não sendo observada qualquer conduta motriz que pudesse ser classificada como desajustada ou perversa.

Antes que jogassem novamente no grande grupo, realizamos mais uma separação e os colocamos em duplas, conforme Figura 24.

Figura 24 - Estudantes jogando em duplas.



Fonte: Acervo da autora.

Explicamos novamente como seria a troca e, logo na primeira tentativa, observamos que um dos estudantes não havia feito a troca do cone para o companheiro à frente, imediatamente realizamos uma intervenção:

[...] percebi que o Thiago não passava o cone, fui perguntar diretamente o porquê de não passar e ele deu de ombros. Perguntei novamente: “você entendeu que a gente passa o cone para o colega enquanto canta”? E ele me respondeu que não. Isso foi estranho, pois ele havia passado o cone nas outras tentativas [...]. (Diário de aula 10).

Após a intervenção, conseguimos finalizar a atividade nas duplas e reunimos todos os participantes em um grande círculo para que jogassem juntos. A música precisou ser um pouco mais lenta, mas tudo ocorreu de maneira satisfatória. Antes do encerramento da aula, realizamos uma breve roda de conversa com os estudantes:

Professora pesquisadora: “O que vocês acharam mais difícil na atividade de hoje”?

Gabriel: “O mais difícil foi passar o cone e cantar junto, mas quando o grupo ficou menor, ficou mais fácil”.

Alex: “Quando fica rápido, fica mais difícil”.

Professora pesquisadora: “Em qual momento a atividade ficou mais fácil”?

Alex: “Quando a gente ficou em dupla”. E perguntei o porquê. Eles responderam que quando tem menos pessoas, fica mais fácil de passar o cone.

Camila: “Quando tem menos pessoas, a brincadeira não trava” (Diário de aula 10).

Comparando as condutas motrizes dos estudantes no mesmo jogo ora com bolas coloridas e ora com os cones de mesma cor, podemos assinalar que o material cone de uma cor só acabou refletindo diretamente nas condutas motrizes dos estudantes, diminuindo as condutas desajustadas e não revelando condutas consideradas perversas.

No intuito de ratificar a influência dos materiais nas condutas dos estudantes, realizamos mais uma vez o jogo o gesto com música (Escravos de Jó), entretanto, nesse momento utilizamos os dois materiais das vivências anteriores. Para iniciar, reunimos o grupo em círculo, relembramos as regras e os fatos ocorridos das outras vezes que o jogaram.

A Cristina pediu a palavra e disse que na primeira vez alguns colegas não passaram a bolinha, porque eles queriam ficar com ela, mas da segunda vez, com os cones, ficou muito mais fácil e todo mundo brincou. Perguntei novamente: Mas porque com as bolinhas não deu certo? E o Alex respondeu: As bolinhas tinham cores diferentes e ninguém queria trocar. (Diário de aula 13).

Para iniciar o jogo, distribuímos um cone preto ou uma bolinha azul, em uma dinâmica um pouco diferente das outras aulas e, a partir daí, cantamos e movimentamos de acordo com a letra. Posteriormente, como eles haviam apontado nas aulas anteriores que a separação em pequenos grupos oportunizava uma movimentação mais adequada, passamos a observar as condutas apresentadas naquele momento.

Enquanto o jogo rolava, alguns estudantes não estavam fazendo a troca dos objetos ou a troca era apenas para um participante do grupo, dificultando o desenvolvimento do jogo.

A cantoria continuou, os grupos estavam trocando e o Tadeu ficou com a bolinha na mão sem passar para quem estava ao seu lado. Assim que a música acabou, perguntei o que estava acontecendo. Por que ele não havia trocado com os colegas? Ele me respondeu: O Thiago não passa a bolinha, fica parado e eu estou esperando-o. Enquanto estava explicando, a Cristina disse que a Ana só passava a bolinha para ela. Parei, sentei com o grupo, perguntei para a Ana se ela havia entendido o que era para fazer, e ela respondeu que sim (Diário de aula 13).

O estudante Thiago já havia participado desse jogo, com intervenção e explicação, porém, ele se recusava a responder quando indagado, normalmente mexendo os ombros e não respondendo (esse comportamento também era observado em sala de aula e em outras atividades). Diante disso, conversamos com ele novamente, demonstrando como deveria fazer o jogo. A partir disso, reiniciamos o jogo, mas a dinâmica de recusa do Thiago continuava sem qualquer explicação.

Ao término da aula, chamei o Thiago para uma conversa mais próxima:

Professora pesquisadora: “Thiago, está tudo bem?”

Thiago: “Sim”.

Professora pesquisadora: “Gostou da brincadeira?”

Thiago: “Sim”.

Professora pesquisadora: “Por que você não trocou a bolinha com os seus colegas?”

Thiago: “Porque eu não entendi”.

Professora pesquisadora: “Você não entendeu que precisava passar a bolinha para o seu colega?”

Thiago: “Não”.

Professora pesquisadora: “Mesmo depois que eu sentei e mostrei para você? Ainda assim não entendeu?”

Thiago: “Sim”.

Professora pesquisadora: “E por que você não passou?”

Thiago: “Não sei. Queria ficar com a bolinha”. (Diário de aula 13).

Como podemos observar, mais uma vez, dependendo do tipo de implemento utilizado para os jogos parece haver uma influência que afeta diretamente as condutas motrizes dos estudantes. Os próprios estudantes, muitas vezes, parecem não saber explicar o motivo dessas condutas durante os jogos.

Na sequência, o próximo jogo realizado foi o paraquedas lúdico. O jogo é de interação cooperativa, acontece na quadra (ambiente estável), não possui tempo pré-estabelecido, sendo finalizado quando se concluem as propostas estabelecidas. O material é um tecido circular colorido, muito conhecido como paraquedas. Esse tecido é compartilhado coletivamente por todos os estudantes.

Na roda de conversa inicial:

[...] alguém sabe o que é paraquedas? A resposta geral foi um sonoro: siiiimmmmmmm!!!! A Cristina disse: “é aquele negócio que segura e vai descendo assim” (demonstrou balançando o corpo de um lado para o outro). Já o Alex respondeu que usa quando vai pular de um avião, segura e ele abre descendo devagar (Professora pesquisadora, Diário de aula 08).

Posteriormente, o paraquedas foi aberto no chão, sendo solicitado aos estudantes que se aproximassem, cada um segurando em um gancho. O jogo consistia em atender a diversas regras para que ele pudesse voar. Logo no início, na primeira tentativa de inflar o equipamento, um dos estudantes tentou ir para baixo do paraquedas, desestabilizando o jogo, conforme apresenta a Figura 25.

Figura 25 - Conduta desajustada: estudante tentando ficar embaixo do paraquedas.



Fonte: Acervo da autora.

Diante dessa conduta, decidimos fazer as primeiras intervenções, explicando novamente as regras do jogo e reforçando que o paraquedas iria voar apenas com a colaboração de todos. Após a intervenção, a dinâmica do jogo funcionou. Os estudantes se esforçaram para lançar o paraquedas e mantê-lo inflado no ar, de acordo com a Figura 26.

Figura 26 - Conduta ajustada: o grupo trabalhando cooperativamente.



Fonte: Acervo da autora.

Na segunda parte do jogo, a orientação com o paraquedas foi diferente. Nesse momento solicitamos que os meninos se sentassem ao centro e as meninas inflassem o paraquedas sobre eles. A dinâmica fluiu tranquilamente, houve apenas a recusa do estudante Felipe, que não quis participar e ficar debaixo do paraquedas. Mesmo com todas as intervenções (professora pesquisadora, professora AEE e a professora de Educação Física), ele permaneceu sentado fora do círculo. Isso pode ser observado na Figura 27.

Figura 27 - Conduta desajustada: estudante fora do círculo.



Fonte: Acervo da autora.

Dando continuidade à atividade, os lugares foram trocados, ou seja, as meninas se sentaram debaixo do paraquedas e os meninos o inflaram. Esse segundo momento da dinâmica também fluiu sem intercorrências, não apresentando qualquer conduta motriz que pudesse ser classificada como desajustada ou perversa, conforme Figura 28.

Figura 28 - Conduta ajustada: grupo trabalhando cooperativamente.



Fonte: Acervo da autora.

Na repetida realização do jogo do paraquedas relembramos as regras com os estudantes em roda de conversa:

[...] perguntei se eles se lembravam. O Mário respondeu que sim e que era muito legal. A Camila completou que para voar com o paraquedas todo mundo tinha que trabalhar junto para subir e descer (Diário de aula 11).

Organizamos a turma toda no entorno do paraquedas e iniciamos o jogo. Não identificamos nenhuma conduta motriz que pudesse ser classificada como desajustada ou perversa. A interação entre o grupo aconteceu de maneira colaborativa e os estudantes se empolgavam a cada tentativa ou solicitação diferente que era encaminhada, de acordo com a Figura 29.

Figura 29 - Cooperação no voo do paraquedas.



Fonte: Acervo da autora.

Ao término do jogo, fizemos uma roda de conversa sobre as impressões dos estudantes sobre o jogo:

Professora pesquisadora: "Porque a brincadeira deu certo"?
 Alex respondeu: "Porque a gente brincou junto".
 E a Maria completou: "Todo mundo ajudou".
 O Mário disse: Foi muito legal.
 Perguntei novamente: Ajudar então é importante?
 E a resposta geral foi um sonoro: Sim! (Diário de aula 11).

Dessa maneira, podemos perceber que os estudantes compreenderam o que seria um trabalho colaborativo ou cooperativo.

Finalizando as vivências dos jogos sociomotriz de cooperação, trouxemos o jogo do telefone sem fio com mensagem engraçada. Trata-se de um jogo sociomotriz de cooperação que acontece em um ambiente estável e não possui material ou tempo

determinado. O jogo é finalizado quando a mensagem inicial chega corretamente ao último jogador.

Em roda de conversa inicial, fizemos a primeira abordagem para saber se os estudantes conheciam o jogo:

[...] perguntei se eles conheciam o jogo “telefone sem fio”. Nesse momento já começou um burburinho e todos disseram que sim.
O Alex disse que conhecia e pediu para explica-lo [...]: “A gente tem que falar na orelha do amigo e vai passando, até chegar no final”.
Logo em seguida eu perguntei:
“Mas eu posso falar alto para que todos ouçam a mensagem”?
E a resposta foi um sonoro, não!
O Tadeu completou: “Tem que falar bem baixinho” (Diário de aula 11).

O jogo teve início e as mensagens foram lançadas e repassadas entre os jogadores e enquanto jogavam as condutas motrizes puderam ser observadas e classificadas. Logo na primeira jogada, a palavra não correspondia à mensagem inicial. Quando indagados sobre o que havia acontecido, imediatamente se justificaram de acordo com o excerto abaixo:

Quando revelei qual era a palavra secreta, perguntei quem ouviu outra que fosse diferente. Logo o Tadeu revelou que a Luana havia passado a palavra chocolate. Então perguntei a ela porque tinha falado chocolate? Ela respondeu que foi o que tinha entendido a partir da Letícia que estava ao seu lado (Diário de aula 11).

Reforcei entre o grupo que falassem bem devagar e fizessem uma conchinha com as mãos, assim facilitaria na passagem da mensagem secreta. Assim o grupo partiu para mais algumas jogadas, obtendo sucesso, sem que houvesse condutas motrizes que atrapalhassem a continuidade do jogo, conforme demonstrado na Figura 30.

Figura 30 - Passando a mensagem secreta.



Fonte: Acervo da autora.

Antes de iniciarmos o próximo jogo, foi feita uma breve roda de conversa com os estudantes, com o intuito de identificar o que tinham achado do jogo:

[...] perguntei se eles haviam gostado. A Cristina respondeu que sim e queria fazer mais uma vez. Quando perguntei ao grupo se eles queriam repetir a brincadeira no outro dia, todos disseram que sim. Então ficou combinado que nós o faríamos de novo em um outro momento (Diário de aula 11).

Na segunda experiência do telefone sem fio com mensagem engraçada, modificamos a forma de passar a mensagem, ou seja, a mensagem engraçada seria passada através de gestos e não mais com palavras, assim todos deveriam formar uma fileira, ficando de costas para os companheiros e que poderia virar-se e receber a mensagem quando fosse chamado. Para saber se a mensagem estava correta, o primeiro e o último da fileira deveriam fazer o gesto ao mesmo tempo, conforme a Figura 31.

Figura 31 - Estudantes passando a mensagem secreta.



Fonte: Acervo da autora.

No decorrer do jogo, poucas condutas motrizes desajustadas foram observadas. Alguns estudantes ficavam curiosos para saber a mensagem e acabavam virando antes do solicitado, demandando algumas intervenções para que o jogo pudesse fluir de maneira adequada. Nessa aula, por conta de contratempos em relação à organização da escola, houve pouco tempo para a realização do jogo, não havendo como estruturar melhor sua dinâmica e nem para realizar a roda de conversa final com os estudantes.

Nesta categoria pudemos abordar e observar de forma significativa as condutas motrizes apresentadas pelos estudantes durante a realização dos jogos sociomotrizes de cooperação, dessa maneira mostrou-se possível entender como o processo de

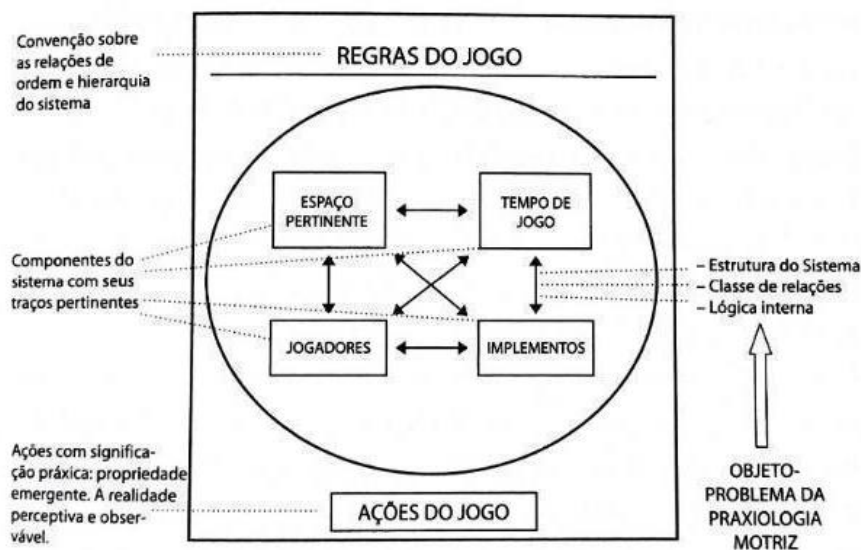
entendimento da lógica interna, de acordo com Lavega (2017) desencadeou um conjunto de relações internas com os estudantes, o espaço, o tempo e principalmente o material.

O comparativo das condutas apresentadas no início e ao final dos jogos sociomotrizes de cooperação, nos permitiu constatar que a apropriação da lógica interna refletiu diretamente nas condutas motrizes dos estudantes. As interações de cooperação ficaram evidentes a cada jogo realizado, entretanto, ficou evidenciado que as relações internas com os materiais (principalmente nos jogos que utilizaram bola como material principal), refletiram nas condutas motrizes dos estudantes e no funcionamento da prática, o que de acordo com Lagardera e Lavega (2003), um reflexo das experiências pessoais, do modo de ser e sentir de cada um. Trazendo consigo as alegrias, medos, percepções e frustrações.

4.2 Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação

Dentre vários conceitos que apresentamos em toda pesquisa, nessa categoria daremos destaque ao sistema praxiológico. Assim, devemos considerar que toda situação motriz é representada por um sistema praxiológico, complexo e único, portador de informações determinantes da prática, sendo estabelecido pelas relações com o espaço, com o tempo, com os participantes, com os materiais e com as regras (Parlebas, 2008). De acordo com Ribas (2002), o sistema praxiológico evidencia a lógica interna da atividade. Esse sistema pode ser representado pela figura abaixo:

Figura 32 - Relações e características do sistema praxiológico.



Fonte: Lagardera e Lavega (2008, p. 73).

Aqui vale ressaltar que de acordo com Lagardera e Lavega (2008), todo sistema praxiológico possui uma estrutura própria, do qual deriva uma lógica interna, onde a partir dela surge uma gama de ações motrizes significativas.

Lagardera e Lavega (2008) ainda afirmam que qualquer pessoa que participa de um jogo se adapta às demandas que a lógica interna exige, essa adaptação se dá através das condutas motrizes. As condutas são a forma personalizada que cada participante realiza as ações motrizes e ela está carregada dos aspectos cognitivos, relacionais e afetivos.

Nos jogos sociomotrizes de cooperação espera-se condutas motrizes baseadas na lógica interna de cada jogo, ou seja, condutas previamente catalogadas aquelas que consideradas como ajustadas, respeitando as exigências da lógica interna. Assim espera-se de acordo com Lagardera e Lavega (2008), uma comunicação motriz cooperativa.

Os jogos apresentados e vivenciados pelos estudantes de natureza cooperativa demandaram uma organização de todos os participantes para que se atinja o objetivo proposto, dessa forma os estudantes atuaram colaborando com os outros, sendo eles permeados pelas relações estabelecidas entre os espaços, pelo tempo, pelos participantes, pelos objetos utilizado e pelas regras.

Na relação com o **espaço**, todos os jogos aconteceram em um ambiente estável, o que não demandou uma leitura do ambiente por parte dos participantes, não sendo observada qualquer conduta que pudesse ser classificada como desajustada ou perversa nessa estrutura do sistema praxiológico.

Na relação com o **tempo**, os jogos apresentados não possuíam um tempo pré-determinado em sua realização, eles se encerravam quando o grupo atingia o objetivo determinado pela regra. Nessa estrutura também não se observou condutas desajustadas ou perversas, ao contrário, os estudantes sentiam-se motivados a alcançar o objetivo final do jogo e se empenhavam para que isso acontecesse.

Nesse momento o Henrique, pediu para que nós tentássemos mais uma vez que ele queria terminar esse desafio. Todos prontamente toparam e então iniciamos a música [...]. (Diário de aula 07).

Antes de finalizar, perguntei se eles haviam gostado, a Cristina respondeu que sim e queria fazer mais uma vez. (Diário de aula, 11).

Então fui para o centro do paraquedas para ajudá-los a sustenta-lo no alto, enquanto eles trocavam de lugar de dois em dois (chamados aleatoriamente). O jogo se desenrolou até que todos tivessem trocado de lugar. (Diário de aula 11).

O tempo que marcou o desenvolvimento dos jogos sociomotrizes de cooperação nas aulas, particularmente com a repetição da vivência das atividades por parte dos estudantes, foi um fator primordial para a compreensão da lógica interna e da organização das condutas motrizes por eles.

A catalogação das condutas desajustadas e perversas colaborou para o aperfeiçoamento das mesmas. Essa constatação, conforme Parlebas (2020) e Lavega (2017), influencia a lógica interna dos jogos e cria condições para favorecer a otimização das condutas que se pretendia modificar.

No que tange à interação entre os **participantes**, todos os jogos sociomotrizes apresentados aos estudantes foram de natureza cooperativa, buscando nas relações conjuntas entre os companheiros alcançar o objetivo do jogo, sem qualquer tipo de competição.

Apesar da semelhança na estrutura cooperativa, dentro do sistema praxiológico das práticas corporais, algumas condutas motrizes puderam ser classificadas como desajustadas e/ou perversas, principalmente quando os estudantes buscavam a

competição em alguns jogos, o que demandou algumas intervenções durante a sua realização para que os participantes pudessem entender a lógica interna de cada prática desenvolvida e assim compreender como o jogo aconteceria.

A cada pausa, eu fazia diversas intervenções lembrando que não poderiam entrar antes da música parar ou permanecer dentro, pois todos teriam espaço para entrar. Conforme o número de bambolês diminuía, eles dançavam, mas ficavam muito próximos com medo de perder o lugar e “perder o jogo” (Diário de aula 02).

Reforcei que os grupos que conseguiram, foram os grupos que trabalharam juntos, ninguém tentou fazer nada sozinho, mesmo porque sozinhos não conseguiam sequer tirar a bola do chão. Expliquei que a intenção é um ajudar o outro, e não um passar por cima do outro (Diário de aula 04).

De acordo com Lavega, Planas e Ruiz (2012), a busca pela competição apresentadas por alguns estudantes durante as práticas sociomotrizas de cooperação, refletem o desejo de competir com os outros participantes, comparando os resultados das suas intervenções durante os jogos. Entretanto Lagardera e Lavega (2014) explicam que: mesmo que a lógica interna dos jogos solicite a cooperação, muitos estudantes precisam realizar o processo de aprendizagem demandando um tempo até se consolide as condutas cooperativas.

Com relação às condutas desajustada ou perversa, elas se mostraram mais recorrentes quando o estudante possuía algum tipo de **deficiência**, uma vez que se mantinha, muitas vezes, alheio as situações que aconteciam durante os jogos. Conforme Figura 33.

Figura 33 - Estudante alheio as situações da aula.



Fonte: Acervo da autora.

Em relação aos **materiais**, os jogos sociomotrizas de cooperação, apresentaram diversas condutas motrizes classificadas como desajustadas e/ou

perversas. Como observado e apresentado ao longo de todo texto, podemos notar que o material possuiu grande influência nas condutas motrizes dos estudantes durante a realização dos jogos.

Os jogos que tinha sua estrutura marcada pelo uso de qualquer tipo de material produziram mais condutas motrizes desajustadas e/ou perversas em comparação aos jogos sem material ou com material inédito para os estudantes. Outro fato observado foi que dentre os materiais que apresentaram maior número de condutas desajustadas e ou perversas, foram aqueles na qual a bola era o material principal da prática vivenciada.

Tabela 1- Número de condutas motrizes desajustadas ou perversas na relação com o material:

	Desajustadas	Perversas
Jogos com bolas	12	9
Jogos com bambolê	4	2
Jogos com material inédito	2	0
Jogos sem material	1	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos jogos sociomotrizes que traziam em sua estrutura **materiais** como bolas ou bambolês, observamos um maior número de condutas que puderam ser classificadas como desajustadas ou perversas. Tais materiais se mostravam, muitas vezes, demasiadamente atrativo aos estudantes, por isso, ao invés da cooperação estes buscavam a competição no impulso de ter o material apenas para si ou de chegar primeiro para que pudesse se apossar do material e realizar a ação sozinho. Vale ressaltar que a utilização da bola, enquanto material principal de alguns jogos, pode trazer referências opositivas, manifestadas pelos estudantes. Como podemos observar nos excertos abaixo:

[...] João: “eu não queria ficar de fora”, o Tadeu: “eu não queria perder” (Diário de aula 02).

Quando faço a explicação do que vamos desenvolver e peço sugestões de como realizar as atividades, quais alternativas eles enxergam e sugerem, mas sempre uma proposta para transformar em competição aparece (Diário de aula, 07).

Professora pesquisadora: “Por que você não cumpriu a (s) regra (s) da brincadeira”?

Patrícia: “Dança do bambolê cooperativa, Por que minha cor preferida é a cor de rosa (fazendo referência ao bambolê), por isso não queria sair” (Entrevista com Patrícia).

Postura essa que podemos observar na Figura 34, onde durante a realização do jogo da dança dos bambolês cooperativa, alguns estudantes não saiam de dentro do bambolê, no claro intuito de “guardar seu lugar:

Figura 34 - Estudantes que não saiam do bambolê com medo de perder o material.



Fonte: Acervo da autora.

Outra conduta desajustada observada no que tange ao material, foi no jogo bola no ar, onde o estudante se recusa a passar a bola para os companheiros, tomando-a para si. Como pode ser identificado na Figura 35.

Figura 35 - Estudante tomando a bola apenas para si.



Fonte: Acervo da autora.

Entre os jogos que envolviam a divisão de um mesmo e único material para o grupo todo, parece ter havido pouca influência na manifestação de condutas motrizes classificadas como desajustadas e/ou perversas.

No jogo com o paraquedas lúdico, jogo esse no qual os estudantes deveriam dividir um único material, observamos poucas condutas motrizes desajustadas, essas condutas foram observadas na primeira vivência do jogo pelo grupo, como podemos observar no excerto abaixo:

Algumas crianças na ansiedade de jogar começaram antes da comanda da professora e outros tentaram entrar embaixo [...] precisei fazer uma para e pedi a todos que se acalmassem e apenas lançasse o paraquedas no meu comando e que não entrasse por baixo (Diário de aula 08).

[...] pedi para que todos os meninos que sentassem ao centro, debaixo do paraquedas, enquanto isso as meninas inflavam e abaixavam e a alegria rolou solta. Com exceção do Felipe, que não quis ficar debaixo do paraquedas, mesmo com toda intercessão da professora de atendimento educacional especializado, da professora de Educação Física e minha, ele apenas ficava segurando o paraquedas independente da comanda da atividade (diário de aula 08).

Nas relações com as **regras**, algumas condutas motrizes desajustadas e/ ou perversas puderam ser observadas relacionadas à falta de compreensão do jogo por parte dos estudantes. Ou seja, pudemos observar que alguns estudantes deixavam de cumprir a regra por não ter entendido o que era pra fazer, como no excerto abaixo:

Professora pesquisadora: “Por que você não cumpriu a (s) regra (s) da brincadeira”?

Tadeu: “Na brincadeira da dança do bambolê eu tive medo de perder a brincadeira”.

Professora pesquisadora: “Você entendeu o que era para fazer”?

Tadeu: “Não, eu não entendi a regra (Entrevista com Tadeu).

Outras situações observadas, se deram quando o estudante (PCD) infringia alguma regra do jogo, mesmo sendo conversado prévia e posteriormente. Isso acabava incomodando o grupo. Em outras situações o estudante até iniciava o jogo, porém, saía e se recusava a voltar a participar, mesmo com todas as intervenções que realizávamos. Muitas vezes, a tentativa era frustrada e ele acabava ficando com a professora de Atendimento Educacional Especializado, situações descritas nos excertos abaixo.

O Felipe se recusava a passar a bolinha [...]. O grupo acabou se irritando com ele, chamando a atenção do mesmo pedindo para que passasse a bolinha logo (Diário de aula 06).

Tivemos muita dificuldade de fazer com que o Felipe participasse, ele ficava o tempo todo abraçado com a professora AEE, se recusando a fazer qualquer de atividade (Diário de aula 12).

Podemos observar a mesma postura na Figura 36. No detalhamento da situação ocorrida e representada pela figura, o estudante iniciou o jogo, entretanto, no decorrer do jogo, saiu e ficou ao lado da professora, se recusando expressamente em retornar.

Figura 36 - Estudante junto a AEE.



Fonte: Acervo da autora.

No que tange ainda às regras, entre os jogos sociomotrizes que não traziam em sua estrutura nenhum material, identificamos um número menor de condutas que pudessem ser classificadas como desajustadas e nenhuma como perversa. Um exemplo foi o jogo do telefone sem fio, no qual o mesmo jogo apresentou poucas condutas desajustadas, quando uma das estudantes descumpriu a regra olhando para trás na tentativa de descobrir a mensagem antecipadamente, como podemos observar no excerto abaixo:

No jogo telefone sem fio, apenas precisei fazer poucas intervenções, pois a Luana não parava virada para frente e a Patrícia demorou para passar a mensagem ao colega. Antes de continuar, conversei com a Luana e pedi para que ela permanecesse no lugar e a Patrícia me disse que não havia entendido muito bem, mas que depois ela entendeu. (Diário de aula 12).

O descumprimento da regra também pode ser observado na Figura 37, todos os estudantes em fileira, olhando para frente, enquanto uma das participantes virava para trás buscando descobrir a mensagem antecipadamente.

Figura 37 - Condutas desajustadas: olhando para saber a mensagem.



Fonte: Acervo da autora.

Os jogos aqui apresentados de natureza cooperativa, foram permeados por um sistema praxiológico onde os estudantes deveriam estabelecer uma relação entre os espaços, o tempo, os participantes, os materiais e principalmente pelas regras que a prática exigia. Dessa forma pudemos observar que o espaço e o tempo não influenciaram diretamente nas condutas motrizes dos estudantes, diferentemente das relações que eles estabeleceram com os outros companheiros, na qual certas condutas motrizes desajustadas puderam ser observadas, principalmente no que tange à ocupação de espaços. Já o uso de materiais influenciou diretamente nas condutas dos estudantes, provocando condutas desajustadas e perversas, no momento em que os mesmos tentavam tomar para si os objetos ou até buscavam a competição, ou seja, descumpriram as determinações que as regras que jogo vivenciado estabelecia.

Dessa maneira para que os jogos sejam vivenciados dentro da sua gramática é preciso de acordo com Lagardera e Lavega (2008) é essencial que todos os participantes conheçam o estatuto sociomotor de todos os jogos só assim, poderão ser desvelados os aspectos da lógica interna e, principalmente, as coerências internas.

4.3 Jogos sociomotrizes de cooperação e emoções entre os estudantes

As experiências de emoções, sejam elas positivas ou negativas em situações motrizes, estão diretamente relacionadas à educação das relações interpessoais (Rodrigues, 2018), sendo a emoção um componente inseparável da conduta motriz (Parlebas, 2018).

Por essa perspectiva, as emoções e os sentimentos são fundamentais e influenciam diretamente o convívio social. De acordo com Parlebas (2020) e Ocáriz *et al.*, (2014), como a Educação Física envolve um processo de ensino que se desenvolve por meio da aprendizagem processual, ela pode contribuir com a melhoria da convivência entre os estudantes.

O termo emoção e seu significado são apresentados como um acontecimento que ocorre individualmente a partir do nosso interior, mas que tem repercussões em tudo sobre o que agimos e da forma como agimos, seja individualmente ou em grupo (Rodrigues, 2018, p. 26).

Para Ocáriz *et al.* (2014), a Educação Física, através das situações motrizes, ativa uma rede de relações entre os participantes, impactando diretamente na aquisição de competências sociais. Nesse sentido, o uso de jogos nas aulas de Educação Física é uma ferramenta para a promoção de experiências de convivência.

Os jogos sociomotrizes de cooperação tem como mote principal o protagonismo dos estudantes para atingir o mesmo objetivo, provocando comportamentos de solidariedade e fomentando as relações positivas entre o grupo (Ocáriz *et al.*, 2014; Lagardera, Lavega, 2003).

Assim, segundo Lavega *et al.* (2011, p. 636), “[...] os jogos cooperativos especialmente os não competitivos, são os mais adequados para ativar emoções intensas entre os participantes”.

Para Roque *et al.* (2018, p. 71), “[...] esse tipo de jogos favorecem a vivência de experiências agradáveis, devido à presença de uma interação motriz positiva entre os participantes”.

Partindo dessa premissa, nessa categoria, buscamos analisar as emoções despertadas durante as vivências dos jogos sociomotrizes de cooperação, podendo elas, segundo Lavega *et al.* (2011) e Rodrigues (2018) serem classificadas como: positivas (alegria, humor, amor e felicidade), negativas (raiva, ansiedade, medo, tristeza, rejeição e vergonha) e ambíguas (esperança, surpresa e compaixão).

De acordo com Rodrigues (2018), as emoções negativas são as emoções desagradáveis e são sentidas quando o objetivo não é atingido ou se está diante uma ameaça e até uma perda. Já as emoções positivas são caracterizadas pela sensação de bem-estar e, normalmente, quando se alcança um objetivo. Para além dessas duas

emoções, ainda encontramos as ambíguas, ou seja, aquelas não se encaixam nem nas positivas e nem nas negativas, demarcando sentimentos como: a esperança, a surpresa, a compaixão e a empatia.

Entre os jogos sociomotriz de cooperação que os estudantes vivenciaram foram identificadas diversas manifestações de emoções.

No jogo das danças das cadeiras cooperativas inicialmente alguns estudantes não saíam dos bambolês ou pulavam de bambolê em bambolê sem desocupá-los enquanto a música tocava. Tais condutas foram classificadas como desajustadas, todavia, os estudantes justificaram-na com base na emoção associada ao medo de “perder a brincadeira”.

Professora pesquisadora: “Por que você não cumpriu as regras do jogo”?

Tadeu: “Na dança dos bambolês eu tive medo de perder a brincadeira”.

Professora pesquisadora: “Você não cumpriu a regra do jogo, como você se sentiu?”

Tadeu: “Me senti mal. Porque o que eu fiz foi errado” (Entrevista com Tadeu).

Professora pesquisadora: “Por que você não cumpriu as regras do jogo”?

Patrícia: “Porque minha cor favorita é rosa, por isso não queria sair”.

Professora pesquisadora: “Você não cumpriu a regra do jogo, como você se sentiu?”

Patrícia: “Me senti envergonhada” (Entrevista com Patrícia).

Como podemos perceber o medo afetou negativamente as condutas motrizes dos estudantes. Roque *et al.* (2018) afirmam que as emoções podem influenciar a realização de condutas motrizes planejadas.

Ao contrário da emoção sustentada pelo medo, notamos que os estudantes que apresentaram condutas ajustadas revelaram emoções positivas.

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Eduardo: “A dança dos bambolês cooperativa”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Eduardo: “[...] acho que me senti **feliz**”!

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo”? “E isso foi legal”?

Dominyck: “Ajudaram e isso foi muito legal” (Entrevista com Eduardo).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Letícia: “Dança do bambolê”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Letícia: “Não sei dizer” (apenas esboçou um sorriso).

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal”?

Leticia: “Sim” (Entrevista com Letícia).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Ana: “Dança do bambolê [...]”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Ana: “Eu fiquei **alegre**”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo”? “E isso foi legal”?

Ana: “Meus amigos ajudaram e isso foi legal” (Entrevista com Ana).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Alex: “A dança do bambolê cooperativa. Achei muito fácil”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Alex: “Bem”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo”? “E isso foi legal”?

Alex: “Alguns sim, outros não. Foi legal” (Entrevista com Alex).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

João: “Dança do bambolê”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

João: “Me senti **alegre**”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo”? “E isso foi legal”?

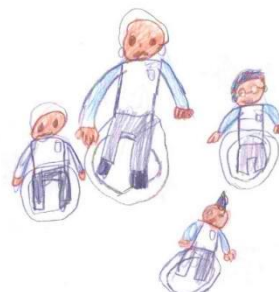
João: “Alguns ajudaram. É legal ajudar o amigo” (Entrevista com João).

Para além das entrevistas, igualmente observamos as emoções positivas expressas através dos desenhos confeccionados pelos estudantes quando perguntados sobre qual jogo eles mais gostaram, conforme Figura 38.

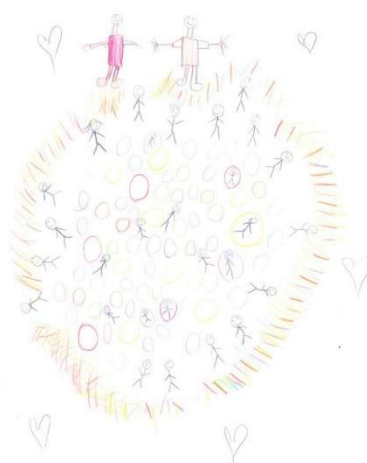
Figura 38 - Qual jogo você mais gostou?



Marcelo



Alex



Eduardo

Fonte: Acervo da autora.

As emoções permearam o jogo da dança do bambolê em todo seu sistema praxiológico, principalmente na relação com o material utilizado para a vivência, seja por medo de perdê-lo durante o jogo, na alegria em realiza-lo ou na surpresa quando era apresentado algo diferente. Podemos observar nesse jogo, quando o último bambolê deixado, para que todos pudessem entrar, foi substituído por um gigante, isso provocou uma grande surpresa, uma explosão de alegria no grupo e a ansiedade tomou conta, vide Figura 39, pois todos queriam entrar e não viam a hora da música parar.

Figura 39 - Surpresa do grupo quando viram o bambolê gigante.



Fonte: Acervo da autora.

No jogo bola no ar e bola ao alto, jogos que apresentaram um número relevante de condutas desajustadas ou perversas, foram revelados um número maior de emoções negativas (ansiedade, tristeza, frustração, nervosismo). Essas emoções apareceram nas narrativas presentes nos diários de aula e na entrevista. Esses dois jogos, apesar de possuírem regras um pouco diferentes, utilizaram os mesmos materiais. As condutas motrizes puderam ser apontadas como desajustadas ou perversas e estiveram intrinsicamente ligadas a esses materiais e às emoções por eles despertadas.

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou?”

Mário: “Bola ao alto”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu?”

Mário: “Eu me senti muito nervoso porque eu queria espremer a bola pra sair” (Entrevista com Mário).

[...] na roda de conversa final, começaram a verbalizar que ninguém conseguia pegar a bola, o Júlio contou que saiu do jogo e foi sentar na arquibancada, se justificando dizendo que ninguém havia passado a bola para ele (Diário de aula 03).

[...] antes de finalizar a entrega das bolas, o grupo em que se encontrava o Alex, Júlio, Ana, José e Mário começaram a chutar a bola descontroladamente. Tive que parar, retirar a bola, lembrar das regras, disse que para a bola sair todos teriam que trabalhar em conjunto [...]. Assim que a ansiedade baixou, reiniciei à brincadeira e rapidamente eles conseguiram fazer com que a bola saísse sem maiores dificuldade (Diário de aula 15).

Pedi para que todos virassem de costas, entrelçassem os braços e coloquei a bola dentro do círculo. Aqui faço um parágrafo salientando a dificuldade de explicar o jogo [...] eles estavam muito agitados com a bola gigante (Diário de aula 04).

No momento que viram a bola gigante, saiu um sonoro: “oooooooo queeeeeeee?”, gerando um alvoroço, precisei acalmá-los e explicar que para começar o jogo, todos deveriam dar as mãos [...] (Diário de aula 04).

Recomeçando, agora com a bola gigante, antes de dar início, todos em círculo, coloquei a bola no chão e pedi para que rolassem até chegar em mim; depois suspendi a bola e foi passando de mão em mão sem deixá-la cair no chão [...] na tentativa de baixar a ansiedade deles em relação a bola gigante (Diário de aula 15).

Apesar de algumas emoções negativas despertadas nos estudantes no desenrolar do jogo bola no alto, também pudemos observar emoções positivas (alegria e felicidade), principalmente quando o objetivo do jogo era alcançado, conforme Figura 40.

Figura 40 - Estudantes felizes comemorando o objetivo alcançado (bola ao alto).



Fonte: Acervo da autora.

No jogo bola no ar também observamos algumas emoções negativas no decorrer da prática, contudo, quando o objetivo do mesmo era alcançado, as emoções positivas ganhavam espaço. Tais manifestações podem ser visualizadas na Figura 41.

Figura 41 - Estudantes felizes comemorando o objetivo alcançado (bola no ar).



Fonte: Acervo da autora

Dentro do conjunto de jogos apresentados aos estudantes, as bolas e a bola gigante, influenciaram diretamente nas condutas motrizes apresentadas e também despertaram emoções positivas nos estudantes.

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Ana: “Bola ao alto [...]”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Ana: “Eu fiquei alegre”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo”? “E isso foi legal”?

Ana: “Meus amigos ajudaram e isso foi legal” (Entrevista com Ana).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Cristina: “Bola ao alto [...]”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Cristina: “Eu senti que estava me divertindo muito”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo”? “E isso foi legal”?

Cristina: “Meus amigos ajudaram. Foi legal!” (Entrevista com Cristina).

Isso foi reforçado pelos desenhos feitos pelos estudantes, alguns deles trazidos na Figura 42, e pelas entrevistas quando perguntados sobre o que e qual jogo eles mais gostaram.

Figura 42 - Qual jogo você mais gostou?



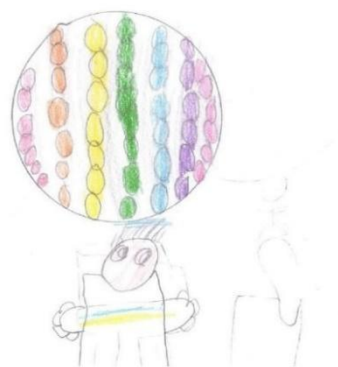
Pâmela



Gabriel



Felipe



José

Fonte: Acervo da autora.

O próximo jogo vivenciado pelos estudantes, foi a calha cooperativa, como vimos anteriormente, esse jogo foi inédito para eles e despertou diversas emoções no decorrer das aulas. Esse jogo apresentou poucas condutas classificadas como desajustadas ou perversas e as emoções foram majoritariamente positivas e ambíguas.

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotor de cooperação você mais gostou?”

José: “Eu gostei da brincadeira da calha”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu?”

José: “Nostalgia (sic), porque eu gostei muito de participar”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal?”

José: “Meus amigos ajudaram e foi legal” (Entrevista com José).

Essas emoções foram relatadas nas entrevistas, nas rodas de conversa e nos desenhos dos estudantes, conforme demonstra a Figura 43.

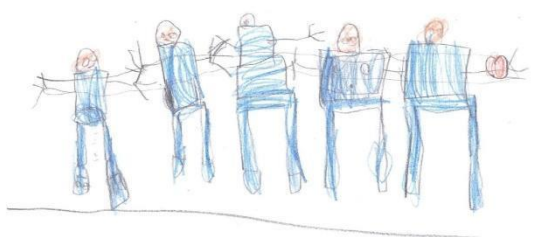
Figura 43 - Qual jogo você mais gostou?



Júlio



Juliana



Thiago



Junior

Fonte: Acervo da autora.

No interior dos diários de aula também podemos observar relatos sobre as emoções vividas e sentidas pelo grupo:

A primeira tentativa foi com um pouco de dificuldade, mas isso não tirou a empolgação da turma, que a todo momento pensava em um jeito de finalizar a brincadeira (Diário de aula 05).

[...] ainda assim tiveram dificuldades em manipular o material e com a preocupação clara que a bolinha caísse, mas conseguiram concluir a tarefa e fazer com que a bolinha chegasse até a caixa, fato que os deixou bem felizes, com uma calorosa comemoração (Diário de aula 05).

[...] eles apresentaram muita dificuldade de controlar e a bolinha caiu por algumas vezes, forçando reiniciar a brincadeira algumas vezes (o que não

desagradou o grupo, pois estavam bem empolgados), até que conseguiram finalizar e assim tivemos mais uma comemoração (diário de aula 05).

Eles conseguiram trabalhar com as calhas e a bolinha de piscina chegou até o final, acertando o balde. Após o sucesso, eles comemoraram [...] (Diário de aula 09).

Ao final da aula, perguntei a todos o que acharam do jogo e a resposta foi um sonoro: muito legal!!!! (Diário de aula 09).

No jogo da calha cooperativa, tivemos duas vivências em ambientes diferentes, todavia, as emoções expressas quando o objetivo era alcançado revelaram, como mostra a Figura 44, intensa euforia por parte de alguns alunos.

Figura 44 - Estudantes comemorando (sala de aula).



Fonte: Acervo da autora.

Na experiência na quadra os estudantes sentiram-se motivados desde o começo para a conclusão do objetivo do jogo, ou seja, independente do ambiente o mesmo jogo despertou emoções positivas.

Figura 45 - Estudantes comemorando (na quadra).



Fonte: Acervo da autora.

No jogo da calha cooperativa, não foi observado nenhuma emoção que possa ser considerada como negativa, entretanto com os estudantes ficaram bem ansiosos com os materiais e com a expectativa de acertar a caixa.

Nessa atividade, observei que o mais difícil para eles, era controlar a ansiedade, a dificuldade com as calhas nada mais era um reflexo desse comportamento, pois eles gritavam, pulavam, se mexiam a todo momento, na expectativa de receber a bolinha em sua calha e passar (Diário de aula 05).

[...] distribui uma calha para cada criança e organizamos tudo para formasse um caminho e que a bolinha rolasse pelas calhas até chegar ao final, entretanto isso demandou um pouco mais de tempo do que esperado, pois eles ficaram mais agitados/ansiosos (Diário de aula 09).

O próximo jogo vivenciado pelos estudantes foi o gesto com música – Escravos de Jó. A música já era conhecida por todos, pois a professora de Arte havia ensinando-a para eles. Todavia, a dinâmica de manipulação dos objetos nunca havia sido vivenciada e, portanto, demandou muita intervenção e mudança de materiais.

Na primeira vez que o jogo foi apresentado, nós utilizamos bolinhas plásticas pequenas (de piscina de bolinhas) e coloridas, fato esse que despertou algumas condutas desajustadas, reverberando nas emoções dos estudantes.

O Felipe se recusava a passar a bolinha verde dele [...]. O grupo acabou se irritando com ele, chamando a atenção do mesmo pedindo para que passasse a bolinha logo (Diário de aula 07).

O grupo se sentiu frustrado em não conseguir mudar essa situação, mesmo com todas as intervenções que estavam ao alcance, então na tentativa de contornar essa situação, optamos por cantar a música em um ritmo mais devagar, assim eles conseguiam manipular as bolinhas.

Na segunda experiência o material foi modificado, foram cones de costura, todos da mesma cor (preta) e pudemos observar que não houve problemas na troca de materiais, conseguiram concluir as etapas e as emoções positivas puderam ser observadas nos diários e também na entrevista:

[...] para finalizar repetimos a música, pedi para que cantassem mais alto [...] e foi super legal! Conseguiram, cantaram e trocaram os cones. Assim que conseguimos finalizar, houve uma comemoração do grupo (Diário de aula 10).

E o Júlio disse que estava muito feliz porque ele havia conseguido fazer a brincadeira (Diário de aula 10).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou?”

Lucas: “Escravos de Jó”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu?”

Lucas: “É muito legal”!

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal?”

Lucas: “Os amigos ajudaram. Sim, foi legal, porque precisava da ajuda do amigo” (Entrevista com Lucas).

Na terceira vivência, misturamos os materiais e entreguei cones pretos e bolinhas azuis de maneira aleatória e que isso mexeu com os estudantes novamente. Eles voltaram a apresentar condutas desajustadas e justamente por aqueles que não queriam perder a posse da bolinha, frustrando parte do grupo que estava na expectativa de realizar o jogo.

O Antônio não passava a bolinha e acabou deixando o Lucas muito bravo [...] conversei com ele, expliquei que o pessoal precisava da bolinha que estava com ele para conseguir terminar o jogo (Diário de aula 13).

Professora pesquisadora: “Você gostou de participar dos jogos sociomotrizes?”

Thiago: “Sim”.

Professora pesquisadora: “Por que você não cumpriu a (s) regra (s) do jogo?”

Thiago: “Escravos de Jó (gesto com música), não cumpri a regra porque a menina não passou o cone pra mim”.

Professora pesquisadora: “Você entendeu o que era para fazer?”

Thiago: “Sim, eu entendi”.

Professora pesquisadora: “Você não cumpriu a (s) regra (s) do jogo, como está se sentindo?”

Thiago: “Me senti chateado” (Entrevista com Thiago).

Como podemos perceber no excerto acima, as emoções são sentidas tanto pelos companheiros do grupo como por aquele que realizou a conduta desajustada.

No jogo do paraquedas lúdico, mais um jogo com material inédito para os estudantes, foram despertadas muitas emoções positivas (alegra, humor, amor e felicidade), como podemos observar através dos dados coletados nos diários de aula:

E lá fomos nós, inflando e descendo o paraquedas várias vezes e a dinâmica funcionou perfeitamente, eles ficaram encantados com o brinquedo (Diário de aula, 08).

Professora pesquisadora: “O que vocês sentiram na brincadeira do paraquedas”?

Tadeu: “Emoção”.

Cristina: “Felicidade”.

Luana: “Divertido”.

Júlio: “Queria poder voar com ele”. (Diário de aula 11).

Perguntei o que estava acontecendo e apenas me responderam que estavam muito felizes com o paraquedas. Então, pedi para eles se acalmarem um pouquinho porque assim eu não conseguiria preparar o jogo (Diário de aula 13).

E lá fomos nós para o reinício, subimos e descemos o paraquedas, enquanto as meninas estavam embaixo, muitas risadas (Diário de aula 13).

Assim que finalizamos, sentamos em círculo. Perguntei a todos como eles estavam se sentindo: e o Eduardo respondeu que estava muito feliz. O Alex disse que queria poder voar com o paraquedas (Diário de aula 13).

As emoções também puderam ser observadas nas narrativas dos estudantes através das entrevistas:

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Camila: “Paraquedas”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Camila: “Me senti feliz”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal”?

Camila: “De vez em quando eles ajudaram, às vezes. Foi legal contar com a ajuda deles” (Entrevista com Camila).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Gabriel: “Paraquedas”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Gabriel: “Foi legal, eu me senti feliz”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal”?

Gabriel: “Os colegas ajudaram. Foi legal” (Entrevista com Gabriel).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Pâmela: “Paraquedas”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Pâmela: “Me senti muito feliz”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal”?

Pâmela: “Meus amigos me ajudaram em alguns momentos. Isso é legal” (Entrevista com Pâmela).

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou?”

Marcelo: “Paraquedas”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu?”

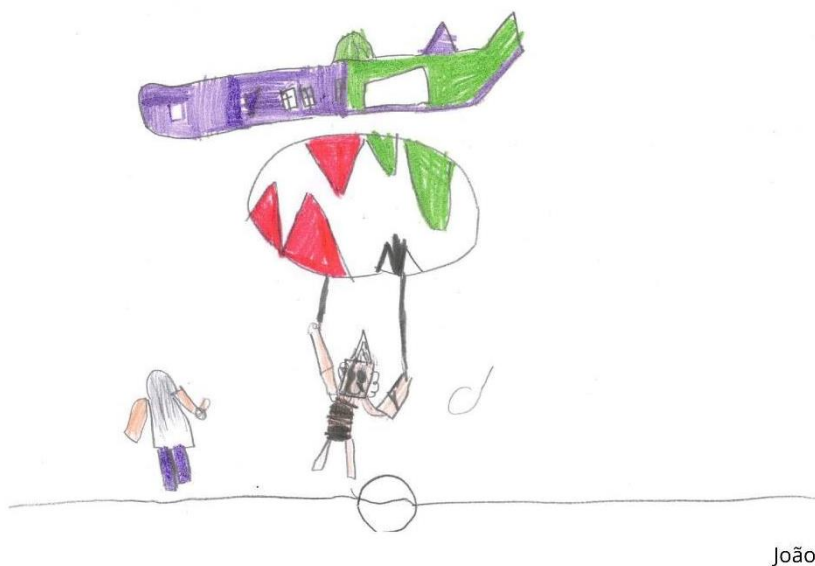
Marcelo: “Feliz”!

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal?”

Marcelo: “Eu achei muito difícil. Era difícil porque eu não conhecia as brincadeiras. Meus amigos ajudaram e eu me sentia contente” (Entrevista com Marcelo).

Também podemos observar as emoções nos desenhos confeccionados pelos estudantes. Alguns deles foram destacados na Figura 46.

Figura 46 - Qual jogo você mais gostou?



João

Fonte: Acervo da autora.

Os dados e relatos acima demonstram que os jogos nos quais utilizamos materiais inéditos e cuja a lógica interna exigia um esforço conjunto para um resultado em comum, o número de condutas desajustadas ou perversas apareceram de forma reduzida com manifestação mais acentuada de emoções positivas.

O último jogo dessa categoria de análise das emoções foi o telefone sem fio. Na vivência do jogo, tivemos um número baixo de condutas desajustadas e nenhuma

conduta considerada perversa. Já em relação às emoções, elas se mostraram mais positivas.

Professora pesquisadora: “Qual jogo sociomotriz de cooperação você mais gostou”?

Maria: “Eu gostei mais do telefone sem fio”.

Professora pesquisadora: “Como você sentiu”?

Maria: “Me senti feliz”.

Professora pesquisadora: “Seus colegas ajudaram no momento do jogo? E isso foi legal”?

Maria: “Não lembro, mas eu acho que sim” (Entrevista com Maria).

Então iniciamos a brincadeira e eles permaneceram ali, mexendo sem parar, na ansiedade de saber a palavra secreta (Diário de aula 11).

[...] a palavra secreta: PIPOCA, e dessa vez conseguimos chegar com a mensagem certinha. Quando verbalizei o que chegou, houve uma explosão de comemoração entre as crianças (Diário de aula 11).

Foi difícil controlar a empolgação das crianças, algumas não paravam quietas e ficavam mexendo [...] precisei intervir algumas vezes e pedir que elas se acalmassem (Diário de aula 12).

Chegando ao final, eu combinei que contaria até três e quando falasse já, todo mundo deveria fazer o movimento. Então após a contagem todos colocaram a mão na cintura e fizeram o remelexo, caindo todo mundo na risada (Diário de aula 12).

As emoções positivas também podem ser observadas na imagem, quando os estudantes caíam na risada para revelar a mensagem secreta do telefone sem fio:

Figura 47 - Mensagem secreta revelada e todos caindo na risada.



Fonte: Acervo da autora.

Corroborando com as análises feitas na primeira categoria, as condutas motrizes apresentadas pelos estudantes, na realização dos jogos sociomotrizes de cooperação, sofreram forte influência dos materiais utilizados, despertando emoções variadas nos estudantes.

Antes de finalizarmos os trabalhos, procuramos saber dos estudantes se haviam gostado ou não de vivenciar os jogos sociomotrizes de cooperação durante as aulas.

Professora pesquisadora: “O que você mais gostou quando participo dos jogos sociomotrizes de cooperação”?

Camila: “Das brincadeiras, de ajudar os colegas”.

Maria: “Não lembro”.

Eduardo: “Não sei dizer”.

José: “Das brincadeiras”.

Gabriel: “De brincar”.

Cristina: “Dos brinquedos” (referência aos materiais utilizados nas aulas).

Ana: “De brincar”.

Pâmela: “De ajudar os colegas”.

Alex: “Dos materiais”.

Lucas: “De se divertir”.

Mário: “De ajudar e brincar”.

Gabriel: “De ajudar os colegas”.

Letícia: Apenas deu com ombros sem responder nada (Entrevista com Camila, Maria, Eduardo, José, Gabriel, Cristina, Ana, Pâmela, Alex, Lucas, Mário, Gabriel e Letícia).

As respostas dos estudantes se alinham à primeira conversa que tivemos com eles antes de iniciarmos os jogos sociomotrizes de cooperação, ao verbalizarem que gostavam e se importavam mais em brincar, pouco referenciando os resultados de ganhar ou perder.

Simultaneamente pudemos perceber também o quanto foi significativo para eles ajudar e ser ajudado, revelando a emoção ambígua marcada pela empatia (compaixão) pelos colegas no momento dos jogos sociomotrizes de cooperação. Tais resultados corroboram com os achados de Ocáriz *et al.* (2014, p. 314) quando afirmam que “[...] as experiências que os alunos vivenciam nas relações que estabelecem entre eles enquanto participam [...] facilitam a assimilação de habilidades sociais”.

Com relação à estrutura teórica das emoções, existe uma diversidade de definições, porém para esse estudo optamos pelas propostas de Bisquerra (citado por Lavega, et al., 2013) que considera três tipos de emoções: positivas (alegria, humor, amor e felicidade), negativas (medo, ansiedade, raiva, tristeza, rejeição e vergonha) e ambíguas (surpresa, esperança e compaixão). No que tange às emoções, podemos observar que os jogos sociomotrizes de cooperação provocaram as mais diversas delas nos estudantes que participaram do estudo, principalmente aquelas consideradas positivas. Como podemos observar na Tabela 2.

Tabela 2 – Emoções despertadas nos estudantes pelos jogos sociomotrizes de cooperação.

Jogos Sociomotrizes de cooperação	Material	Negativas	Positivas	Ambíguas
Dança dos bambolês cooperativas	Bambolês	Medo	Felicidade Alegria	Surpresa Compaixão
Bola no alto Bola ao ar	Bolas pequenas Bolas pequenas e bola gigante	Nervoso Tristeza Ansiedade	Alegria Humor	Surpresa
Calha cooperativa	Calhas de papelão e bolinhas plásticas	Medo	Alegria Humor Felicidade	Esperança Compaixão
Paraquedas lúdico	Paraquedas lúdico	Ansiedade	Humor Felicidade Alegria	Surpresa Esperança Compaixão
Telefone sem fio	Nenhum	Ansiedade	Felicidade Humor	Compaixão
Gesto com música	Bolinhas plásticas e cones	Ansiedade Raiva Tristeza	Alegria Felicidade Humor	Esperança

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Bisquerra (2000).

Partindo desses indicativos e de acordo com Lavega *et al.* (2011), podemos afirmar que os jogos cooperativos, particularmente os não competitivos, são mais adequados para ativar emoções positivas e as relações sociais entre os estudantes.

O mesmo foi constatado por Ocáriz *et al.* (2014) ao salientarem que as situações motrizes cooperativas geram mais emoções positivas entre os estudantes, repercutindo em um ambiente colaborativo que tende a melhorar a convivência escolar.

A utilização ou não de materiais influenciou diretamente nas condutas dos estudantes, sejam elas ajustadas, desajustadas ou perversas, como também reverberou diretamente nas emoções sentidas por eles, transitando entre emoções negativas, ambíguas, mas principalmente as positivas.

No que se refere aos materiais, isso não implica em deixarmos de utilizá-los, pois, para as condutas serem reconstruídas e modificadas elas precisam ser vivenciadas, portanto, não se trata de retirá-los, mas compreender que o uso de materiais, principalmente a bola, induziu a esse tipo de comportamento, o que sugere reflexão e análise das nossas dinâmicas culturais. O trabalho do professor, nesse caso, é fundamental para que sejam reconstruídas outras condutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento final, vamos apresentar a retomada do objetivo principal da pesquisa que foi identificar e analisar as condutas motrizes dos alunos de uma turma de 2º ano do ensino fundamental no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação nas aulas de Educação Física, articulando os resultados que encontramos e as reflexões realizadas.

Os objetivos específicos da presente pesquisa foram: selecionar e desenvolver um conjunto de jogos de natureza sociomotrizes de cooperação nas aulas de Educação Física, descrever as condutas motrizes dos alunos no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação e analisar a articulação entre os jogos sociomotrizes de cooperação e as emoções manifestadas pelos estudantes.

Na construção de todo esse trabalho ficou evidente a necessidade que esses conhecimentos façam parte do cotidiano do professor de Educação Física que almeja ensinar uma prática corporal ou um esporte. Corroborando com Parlebas (2020), quando afirma que é pela prática e através desta que se faz a aprendizagem em Educação Física.

Os jogos vivenciados nessa pesquisa foram aqueles que Parlebas (2020) chama de jogos tradicionais. Ou seja, de acordo com Franchi e Ribas (2017, p. 35), “são jogos que estão enraizados em uma longa tradição cultural e tem no sistema de regras a matriz fundamental de funcionamento”.

A característica da pesquisa intervenção proporcionou condições para que a professora pesquisadora pudesse registrar os dados sobre as condutas motrizes apresentadas pelos estudantes durante a vivência dos jogos no decurso das aulas. Para isso, foram utilizados como instrumentos de coleta: a) rodas de conversas; b) diários de aula da professora pesquisadora com os registros das aulas; c) entrevista e d) observação, com o auxílio de filmagens das aulas, para melhor levantamento dos dados. Essa diversificação dos instrumentos de coletas proporcionou a pesquisa o registro dos acontecimentos nos mais diferentes momentos.

A análise se deu com embasamento na literatura que compreende as condutas motrizes, considerando as características da pesquisa intervenção e as contribuições da Praxiologia Motriz, que foi fundamental para identificar elementos da lógica interna dos jogos sociomotrizes de cooperação. Diante disso, foram reveladas as seguintes categorias de análise:

- As condutas motrizes dos estudantes no interior dos jogos sociomotrizes de cooperação;
- Espaço, tempo, participantes, materiais e regras nos jogos sociomotrizes de cooperação;
- Jogos sociomotrizes de cooperação e emoções entre os estudantes.

A primeira categoria de análise identificou e analisou as condutas motrizes apresentadas pelos estudantes durante a pesquisa, sendo que os dados coletados através dos diferentes instrumentos proporcionaram condições para que pudéssemos classificá-las em: ajustada, desajustada e perversa. Ao classificar as condutas, identificamos elementos relacionados à lógica interna, na qual a compreensão destas refletiu diretamente nas condutas motrizes dos estudantes, principalmente nas interações entre os estudantes durante a realização dos jogos, isso ficou evidente quando os mesmos demonstravam buscar a competição mesmo em situações cooperativas ou quando a lógica interna exigia o compartilhamento de espaços e material. O sentimento de posse quando os materiais apresentavam cores específicas (algumas meninas se recusavam a sair do bambolê quando o mesmo era cor de rosa ou os meninos quando a bola era de uma determinada cor), esses elementos foram demarcadores das condutas classificadas como desajustadas e/ou perversas.

A identificação dessas condutas fomentou a busca por estratégias de mediação e reflexão para que a lógica interna desses jogos fosse internalizada e compreendida pelos estudantes. Algumas estratégias foram utilizadas no intuito de mitigar as condutas desajustadas e perversas.

As estratégias utilizadas foram a roda de conversa no intuito dos estudantes refletirem sobre as condutas apresentadas, como também repetição da vivência desses jogos. Dessa maneira, pudemos observar que essas ações trouxeram respostas satisfatórias às condutas dos estudantes.

Na segunda categoria de análise voltamos nosso olhar para a compreensão das influências de cada elemento do sistema praxiológico (Parlebas, 2020) nas condutas motrizes dos estudantes. Os jogos apresentados foram de natureza cooperativa e demandaram uma organização para que houvesse uma oportunidade coletiva e efetiva de participação. Para isso, observamos as relações estabelecidas com o espaço, o tempo, os participantes, os materiais e as regras.

Ao longo do processo pudemos observar que tanto o espaço quanto o tempo não influenciaram diretamente as condutas motrizes dos estudantes. Já em relação aos participantes, as condutas observadas foram aquelas que exigiam a divisão de espaços, mesmo sendo solicitado pela lógica interna. No que tange aos jogos que utilizavam materiais, os jogos que tinham a bola como material, foram os jogos que mais apresentaram condutas desajustadas ou perversas. Aqui vale ressaltar que todas as condutas apresentadas, sejam na interação com os outros participantes ou com o material, estiveram em desacordo com as regras estabelecidas pelo jogo. Entretanto, isso não quer dizer que devemos retirar os materiais das aulas para que as condutas apresentadas sejam aquelas esperadas, e sim, reconstruí-las e ressignificá-las durante as vivências, cientes de que esse tipo de conduta requer reflexão e análise de nossas dinâmicas socioculturais. O professor, nesse caso, tem papel fundamental para mediar todo esse processo, o que demanda um certo tempo.

As estratégias pedagógicas para a mediação dessas condutas também se pautaram nas rodas de conversa, nas entrevistas e nas vivências dos jogos.

Nas entrevistas realizadas com os estudantes que tiveram condutas desalinhadas à lógica interna dos jogos, retrataram que muitas vezes essas condutas eram realizadas por medo (de perder o espaço/lugar) ou pelo fato de não terem entendido as regras claramente, provocando sentimentos e emoções que nos remetem à terceira categoria de análise do estudo.

Essa última categoria, deu relevo às emoções dos estudantes durante a prática dos jogos sociomotrizes de cooperação.

Os jogos experienciados pelos estudantes, provocaram uma gama de sentimentos e emoções. Em consonância com Ocáriz *et al* (2014) pudemos observar que as situações motrizes de cooperação geraram majoritariamente muitas emoções positivas entre os estudantes. O uso de materiais influenciou diretamente as condutas, e quando indagados em entrevista, os estudantes verbalizavam o medo de perdê-lo e

a vergonha por ter descumprido a regra. A frustração apareceu também quando não conseguiam alcançar o objetivo proposto, apesar disso se sentiam motivados a mudar a situação, buscando estratégias para que conseguissem cumprir o objetivo proposto.

Outro sentimento importante observado nas vivências dos jogos foi a empatia. Nos relatos dos estudantes ficou evidente o quanto foi importante e significativo ajudar e ser ajudado pelos companheiros, corroborando com Ocáriz *et al.* (2014) e Lavega *et al.* (2012) quando afirmam que os estudantes que vivenciam e estabelecem uma relação entre si, isso reverbera nas habilidades e relações sociais e ativa o diálogo social e o acordo respeitoso.

A pesquisa intervenção foi um processo significativo tanto para os estudantes como para a professora pesquisadora, pois ambos saíram modificados dessa experiência.

Um dos maiores desafios foi desenvolver atividades em que os estudantes participassem de maneira cooperativa, pois essencialmente e culturalmente estão mais familiarizados com jogos nos quais a interação é de oposição. Foi necessário, para tal, mobilizar os estudantes com muita roda de conversa e reflexão sobre as práticas. Não foi uma tarefa fácil, articular a cooperação quando a busca, muitas vezes, era pela competição.

Com as mediações e as vivências, as condutas cooperativas e os acordos puderam ser observados, potencializando a ação dos jogos sociomotrizes de cooperação nesse processo. Essa constatação se alinha à pesquisa de Santos *et al.* (2016), quando afirmam que os estudantes precisam submeter-se a um processo de aprendizagem para que as condutas cooperativas se estabeleçam. Trata-se de um percurso educativo e que, por isso, requer tempo e constantes mobilizações por parte do professor.

Esse tipo de pesquisa juntamente com os pressupostos da Praxiologia Motriz nos proporcionou condições para alcançar aquilo que defende Parlebas (2020), ou seja, Educação Física como a pedagogia das condutas motrizes.

Alinhar as práticas motrizes à Praxiologia Motriz nos ajudou a encontrar as características que constituem a estrutura funcional de cada situação motriz. Neste sentido, o professor, por essa perspectiva, abandona o papel de definidor das ações dos estudantes e torna-se um leitor e mediador das condutas motrizes, observando, registrando e intervindo nas situações motrizes dos estudantes, transformando suas

aulas de Educação Física em aprendizagens significativas, pois, o foco deixa de ser apenas as práticas corporais e passa ser os estudantes.

Para além, dos aprendizados individuais, consideramos que a maior conquista durante esse estudo foram as emoções despertadas durante as práticas sociomotrizas de cooperação. O processo inicial trouxe dúvidas, principalmente sobre o trabalho essencialmente cooperativo e as resistências que poderíamos encontrar por parte dos estudantes, tão familiarizados com práticas corporais de interação opositiva. Entretanto, com o decorrer das aulas pudemos observar que os jogos foram bem aceitos pelos estudantes e que todo processo de vivência reverberou nas manifestações e reconstruções das condutas motrizes durante as aulas.

Ao final da pesquisa percebemos que uma proposta fundamentada pode contribuir muito com o trabalho do professor de Educação Física.

Dessa maneira, o contato com a Praxiologia Motriz fez com que mudássemos a maneira de planejar as aulas e, principalmente, passássemos a nos preocupar com as condutas motrizes dos estudantes.

Sendo assim, estamos cientes das dificuldades e das diversas realidades das escolas, mas podemos considerar que essa mudança foi uma “virada de chave” na construção do processo educativo. E eu, enquanto professora formadora de Educação Física da rede onde atuo, tentarei apresentar a teoria praxiológica e mobilizar os docentes numa atenção mais direcionada para as aprendizagens das condutas motrizes dos estudantes quando vivenciam as práticas corporais nas aulas de Educação Física. Não será uma tarefa fácil, pois envolve um processo de desconstrução sobre o modo de pensar o ensino da Educação Física na escola e de agir dos professores, mas acredito que essa pesquisa não possa apenas contribuir, mas enriquecer e trazer novos olhares para o trabalho dos professores de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Alini. BONALDI, Cristiana. M. A pesquisa intervenção como método de estudo docente. **Mnemosine**. Rio de Janeiro, vol.16, n. 2, p. 306-303, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/57666>. Acesso em: 05 ago. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRACHT, Valter. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106. Disponível em: <https://docplayer.com.br/32068821-Cultura-corporal-cultura-de-movimento-ou-cultura-corporal-de-movimento-valter-bracht-recife-fevereiro-2004.html>. Acesso 02 set 2023.

BRACHT, Valter. Educação Física no Ensino Fundamental. Seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais. 2016, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**, Belo Horizonte, 2010, p. 1-14. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Decreto 69.450 de 1º de novembro de 1971. **Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 12 jul. 2023.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jul. 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos - Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BRASIL. Lei 10.328, de 12 de dezembro de 2001. **Introduz a palavra “obrigatório” após a expressão “curricular”, constante do § 3º do art. 26 da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10328.htm. Acesso em: 15 jul. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília, DF: MEC/SEB, 2008. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

BORTOLETO, Marco. A. C. A ginástica artística estudada a partir da ótica da praxiologia motriz: reflexões e preliminares. *In*: RIBAS, João F. M. (Org). **Jogos e Esportes:** fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.

BORTOLETO, Marco. A. C. Um encontro entre o funâmbulo e o praxiológico: ideia para mestres e discípulos. *In*: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz:** compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.

BRASIL, Isabella. B. G.; *et al.* Inspirações praxiológica para o ensino do handebol na escola. *In*: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz:** compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.

CORREIA, Marcos. M. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**. Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/99>. Acesso em 01 jul. 2023.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria. C. de S. (Org). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 21º ed. Petrópolis: Vozes 2002.

CRUZ, Zípora. De A. C.; FREIRE, Elisabete. Dos S. Jogos cooperativos na Educação Física: o envolvimento dos alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 13, n.1, p. 109-123, 2014. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4559/4992>. Acesso em 29 jul. 2023.

DAMIANI, M. F. *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 45, p. 57-67, maio/agosto 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822/3074>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FERREIRA, Lilian. A. A pedagogia das condutas motrizes no ensino do conteúdo esporte na Educação Física escolar. *In*: Ribas, João. F. M. (Org). **Praxiologia Motriz na América Latina:** Aportes para a Didática da Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 2017.

FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. Educação Física escolar e praxiologia motriz: lógica interna e os universais ludomotores nas relações com

a cultura corporal de movimento. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz**: compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.

FRANCHI, Silvester; ARAÚJO, Pablo, A; LAVEGA, Pere. Praxiologia Motriz – A Educação Física como a pedagogia das condutas motrizes. In: Seminário Latino-Americano/Seminário Brasileiro, 3, 2015, Santa Maria. **Anais eletrônicos [...]** Santa Maria: UFSM, 2015. p. 147-156. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/515/2020/01/ANAIspm.pdf>. Acesso em 20 mai. 2022.

FRANCHI, Silvester. RIBAS, João. F. M. Jogos tradicionais e praxiologia motriz: elementos para organização do trabalho pedagógico e da didática da Educação Física escolar. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz**: compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.

GALLARDO, Jorge. S. P. **Prática de ensino em Educação Física**: a criança em movimento. São Paulo: FTD, 2009.

GONZÁLES, Fernando, J. FENSTERSEIFER, Paulo, E. **Dicionário crítico da Educação Física**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

GONZÁLES, Fernando, J. Planejamento curricular na educação física escolar: diálogos com a praxiologia motriz. In: Ribas, João. F. M. (Org). **Praxiologia Motriz na América Latina**: Aportes para a Didática da Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 2017.

GRANJA, Unai. de O; et al. Transformar conflitos motores mediante los juegos cooperativos em Educación Primaria. **Universitas Psychologica**, vol. 17, n. 5, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64757336013>. Acesso em 10 dez. 2023.

IMPOLCETTO, Fernanda. M.; DARIDO, Suraya. C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. In: ALBUQUERQUE, Denise. I. de P.; DELL-MASSO, Maria. C. S.; **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGÉS, Pere. **Introducción a la Praxiologia Motriz**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGUES, Pere. **La educación física como pedagogia de las conductas motrices**. 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/26354246/La_educaci%C3%B3n_f%C3%ADsica_como_pedagog%C3%ADa_de_las_conductas_motrices. Acesso em 11 jun. 2023.

LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGÉS, Pere. Fundamentos da Praxiologia Motriz. In: RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.

LAGARDERA OTERO, Francisco; LÓPEZ VILLAR, Cristina; GONZÁLEZ ALONSO, Olga. As condutas motrizes introjetivas. In: RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e Esportes**: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.

LAGARDERA, Francisco; MASCIANO, Alberto. Por una educación física sostenible para el siglo XXI: La pedagogía de las conductas motrices en el gimnasio Olimpia de Chivilcoy. **Anales electronicos...** XIV Seminario Internacional de Praxiología Motriz, 10, 2011. La Plata, Argentina. Educación Física y contextos críticos, 2011. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1418/ev.1418.pdf. Acesso em 12 jul. 2023.

LAGARDERA, Francisco. Educación de las conductas motrices: leer, comprender y aplicar a Parlebas. **Acción Motriz**, v. 27, p. 8–3, 2022. Disponível em: <https://www.accionmotriz.com/index.php/accionmotriz/article/view/172>. Acesso em 05 mai. 2023.

LAVEGA, Pere. **La ciència da la acció motriz**. Lleida. Universitat de Lleida, 2004.

LAVEGA, Pere. Classificação dos jogos, esportes e as práticas motrizes. In: RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e Esportes**: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.

LAVEGA, Pere. Juegos tradicionales, emociones y educación de competencias. In: Curso de formación sobre o patrimonio lúdico. o jogo tradicional e as didáticas específicas, 2., 2010, Melide. **Anais...** Melide: Consellería de Educación e Ordenación Universitaria, 2010. Disponível em: <http://nova-escola-galega.org/almacen/documentos/Texto%20Pere%20Lavega-%20Melide%202010.pdf>. Acesso em 05 jul. 2023.

LAVEGA, Pere; *et al.* Conocer las emociones a través de juegos: ayuda para los futuros docentes em la toma de decisiones. **Electronic Journal of Research in Educational Psychology**, v. 9, n. 2, p. 617-640, 2011. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/EJREP/article/view/1459>. Acesso em 01 fev. 2024.

LAVEGA, Pere; LLANES, Jaume, M.; GUIU, Gemma. F. Juegos desportivos y emociones. Propriedades psicométricas de la escala de GES para ser aplicada em la Educación Física y el deporte. **Jornal de Pesquisa Educacional**, v.31, n. 1, p. 151-165. Disponível em: <https://revistas.um.es/rie/article/view/147821>. Acesso em 01 abr. 2024.

LAVEGA, Pere; PLANAS, Antoni; RUIZ, João. Juegos cooperativos e inclusión en educación física. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad**

Física y el deporte, v. 14, n. 53, p. 37-51, 2014. Disponível em: <http://cdeporte.rediris.es/revista/revista53/artjuegos450.htm>. Acesso em: 25 abr. 2022.

LAVEGA, Pere. Conduta educaras motrizes. reto necessário para una educación física moderna. **Revista Acción Motriz**, v. 20, n. 1, p. 73-88, 2018. Disponível em: <https://www.accionmotriz.com/index.php/accionmotriz/article/view/116>. Acesso em: 10 mai. 2022.

LAVEGA, Pere; *et al.* Efeito da cooperação motriz na vivência emocional positiva: perspectiva de gênero. **Movimento**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 593–618, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/38120>. Acesso em: 23 jul. 2023.

LUC, Collard. Análise praxiológica dos esportes e sua aplicação ao treinamento. *In*: RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPU, 2018.

LUDKE, M; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro. EPU, 1986.

MACHADO, Thiago. Da S.; BRACHT, Valter. O impacto do movimento renovador da Educação Física nas entidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 849–860, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/60228>. Acesso em: 2 set. 2023.

MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica, arte: desafios da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, A. F; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 19 jul. 2022.

NASCIMENTO, Anelise. M. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. *In*: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF: MEC/SEB, 2007. p. 25-32. Disponível

em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NEIRA, Marcos. G; NUNES, Mário. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativa. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2014.

NEIRA, Marcos. G. Incoerência e inconsistência da BNCC de Educação Física.

Revista Brasileira de Ciência do Esporte, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 215-223.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/m5NJPS7PQnCCxZZtCsdjsqL/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 03 ago. 2023.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*:

NETO, Vicente. M; TRIVIÑOS, Augusto. N. S. (Org). **A pesquisa qualitativa na**

Educação Física: Alternativas metodológicas. 3º ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NORA, Daiane. D. et al. Praxiologia Motriz, trabalho pedagógico e didática na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n.4, p. 1365 -1378, 2016.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/65268/39821>.

Acesso em 01 jul. 2023.

OCÁRIZ, Unai. S. *et al*. Transformar conflictos motores y educar las emociones en las clases de Educacion Física. *In*: Seminário Latino-Americano/Seminário Brasileiro, 3,

2015, Santa Maria. **Anais eletrônicos** [...] Santa Maria: UFSM, 2015. p. 147-156.

Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/515/2020/01/ANAISPM.pdf>.

Acesso em 05 mai. 2023.

OCÁRIZ, Unai.S. *et al*. Emociones positivas y educación de la convivencia escolar.

contribución de la expresión motriz cooperativa. **Investigación Educativa**, v. 32, n.2,

p. 309 – 326, 2014. Disponível em: <https://revistas.um.es/rie/article/view/183911>.

Acesso em 18 jan. 2024.

OLIVEIRA, Eliana de. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação.

Revista Diálogo Educacional. Curitiba, vol. 4, n. 9, p. 11-27, maio/ago. 2003.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/306204246_Analise_de_Conteudo_e_Pesquisa_na_area_de_educacao. Acesso em 11 ago. 2023.

OLIVEIRA, Raquel. V.; RIBAS, João F. M. A lógica interna do voleibol sob as

lentes da praxiologia motriz. **Journal Physical Education**. v. 30, e3073, 2019.

Disponível em

<https://www.scielo.br/j/jpe/a/6WRhWcXk7VqVdqqyKqByTHp/abstract/?lang=pt>.

Acesso em 11 jul. 2023.

OURINHOS (SP). Regimento Comum das Escolas Municipais de Ourinhos, de 08 de dezembro de 2016. **Diário Oficial do Município de Ourinhos**: Ourinhos, SP, ano

XII, n. 1031, p. 10-37, 09 de dezembro de 2016. Disponível em:
<https://www.ourinhos.sp.gov.br/portal/diario-oficial/ver/955>. Acesso em 15 nov. 2023.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deportes y sociedades**: léxico de praxiologia motriz. 7ª Edição. Editorial Paidotribo: Barcelona/Espanha, 2020.

PARLEBAS, Pierre. Didática e lógica Interna dos jogos e dos esportes. In: KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física: Educação Física e esporte na escola**. Ijuí: Unijuí, 2016.

PEREIRA, Luiz. A. **Os jogos sociomotrizes de cooperação e a construção de valores acerca da indisciplina discente**. 2020. 166f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

PEREIRA, Luiz A.; FERREIRA, Lilian. A.; RAMOS, Glauco. N. S. A indisciplina nas aulas de Educação Física: análise de uma proposta de ensino orientada pelos jogos sociomotrizes de cooperação. **Revista temas em Educação Física escolar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-17, 2021. Disponível em:
<https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3504>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 31, p. 1-30, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8664297>. Acesso em: 19 jul. 2022.

RIBAS, João. F. M. **Contribuições da Praxiologia Motriz para a Educação Física Escolar – Ensino Fundamental**. 2002. 256f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

RIBAS, João, F. M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar para os jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.2, p. 113 - 120, 2005 Disponível em:
<http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/10MRJ.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2023.

RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.

RIBAS, João. F. M. Praxiologia motriz: instrumentalizando a prática pedagógica para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p. 240-250, 2010. Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n1p240/2892>. Acesso em: 10 abr. 2022.

RIBAS, João. F. M. Praxiologia Motriz e a didática da Educação Física. In: KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física: Educação Física e esporte na escola**. Ijuí: Unijuí, 2016.

RIBAS, João. F. M. *et al.* Aproximações da praxiologia motriz com o conceito de organização interna na Base Nacional Comum Curricular - Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/54331>. Acesso em: 3 set. 2023.

ROQUE, José. I. A; *et al.* Emorregulación y pedagogia de las conductas motrices. **Acción Motriz**, v. 21, n.1, p. 67-76, 2018. Disponível em: <https://www.accionmotriz.com/index.php/accionmotriz/article/view/124>. Acesso em 10 dez. 2023.

SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física**. São Paulo: SEE, 2008. Disponível em: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/portals/18/arquivos/prop_edf_comp_red_md_20_03.pdf. Acesso em 20 ago. 2023.

RODRIGUES, Mário D. M. **Jogos, emoções, cultura e Educação Física: análise das emoções em estudantes universitários**. 2018. 267f. Tese de doutorado e, ciência do desporto – Ramo Educação Física. Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2018. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/87600/1/Jogos%20emo%c3%a7%c3%b5es%20cultura%20e%20Educa%c3%a7%c3%a3o%20F%c3%adsica%20An%c3%a1lise%20das%20emo%c3%a7%c3%b5es%20em%20Estudantes%20Universit%c3%a1rios.pdf>. Acesso em 20 dez 2023.

SARAVI, Jorge. R. Praxiologia Motriz: um debate pendiente. **Educación Física y Ciencias**, Buenos Aires, v.9, p. 01-14, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=439942651005>. Acesso: 22 jun. 2023.

SANTOS, Osvaldo. N. dos. **Expressão das emoções em jogos de cooperação segundo a perspectiva e gênero em contexto universitário**: considerações qualitativas. 2013. 208f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra – Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física, Coimbra, Portugal, 2013.

SANTOS, Osvaldo. N dos.; SILVA, Paula. G da.; SANTOS, Hideraldo. B dos. Fundamentos metodológicos da pedagogia das condutas motoras como projeto pedagógico na Educação Física Escolar. **Fiep Bulletin**, [S. l.], v. 86, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/86.a1.39>. Acesso em: 9 mar. 2024.

SCHLIEMANN, André. L.; ALMEIDA, José. J. G. de. Educação Física e autismo: contribuições da praxiologia motriz para inclusão esportiva de crianças com transtorno do espectro autismo (TEA). *In*: Seminário Latino-Americano/Seminário Brasileiro, 3, 2015, Santa Maria. **Anais eletrônicos** [...] Santa Maria: UFSM, 2015. p.

147-156. Disponível em:

<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/515/2020/01/ANAIspm.pdf>. Acesso em 05 jul. 2023.

SILVA, Ana. M.; LAZZAROTTI FILHO, Ari.; ANTUNES, Priscila. C. Práticas corporais. In: GONZALEZ, Fernando. J.; FENSTERSEIFER, Paulo. E. (orgs.). **Dicionário crítico de Educação Física**. 3ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014, p. 522-528.

SOARES, Leys; E. dos S; SILVA, Pierre. N. G; RIBAS, João. F. M. Comunicação motriz nos jogos populares: uma análise praxiológica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.03, p.159-182, jul/set, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26645/21144>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SOARES; Carmen. L; *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2ª ed. Revisada. São Paulo: Cortez, 2012

SOMMERHALDER, Aline.; ALVES, Fernando. D. **Jogo e a educação da infância: muito prazer em aprender**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2011.

SOUSA, Nilza. C. P. de. Praxiologia Motriz e a dança de salão no contexto da Educação Física Escolar. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz: compreendendo as práticas corporais**. Curitiba: CRV, 2017.

SOUZA, Fabiane. S.; FILHO, Irineu. A. T. V. Pesquisa intervenção formativa na escola: dialogando com gestores, professores e estudantes. **Colloquium Humanarum**. Presidente Prudente, vol. 15, n. 1, p. 105-118, 2018. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/2138>. Acesso em: 05 ago. 2023.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICE 1 – CARTA CONVITE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU Faculdade de Ciências

Bauru, ____ de ____ de 2022.

Prezada senhora,

Meu nome é Yorahina Ariadne Vasconcelos, sou professora efetiva de Educação Física – PEB II da Rede Municipal de Ourinhos-SP e em março de 2022 ingressei no Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, da Unesp de Bauru, orientada pela Prof.^a Dr^a Lílian Aparecida Ferreira.

As inquietações que resultaram na pesquisa que estou propondo surgiram do meu contexto de trabalho e da necessidade de entender as condutas motrizes apresentadas pelos alunos dentro jogos sociomotrizes de diferentes matrizes estruturais.

As bases teóricas para esta pesquisa são os Jogos, os Estudos Culturais e a Praxiologia Motriz, apontando para a necessidade de planejar o ensino dos jogos considerando sua produção cultural e sua lógica interna. Deste modo, seria possível proporcionar situações de ensino que articulem as expectativas de aprendizagem dos/as alunos/as com a estrutura dos jogos.

É assim que surgiu a pesquisa que pretendo desenvolver, a qual se intitula O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

O objetivo da pesquisa é analisar as influências de jogos sociomotrizes de cooperação nas condutas motrizes dos alunos. Ao longo deste processo investigativo, também será elaborado um e-book com os jogos e suas relações com as condutas motrizes dos/as estudantes, contribuindo para que os professores de Educação Física desta rede de ensino possam acessar e utilizar esse material em suas aulas.

A pesquisa será realizada com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental da EMEF Prof. Francisco Dias Negrão, e convido você enquanto professora de Educação Física da turma a participar como colaboradora nesse projeto. Caso aceite participar, sua participação consiste em estabelecer uma parceria para que juntas possamos dialogar, analisar, organizar e elaborar as atividades que serão realizadas durante o desenvolvimento do projeto. As atividades serão desenvolvidas em suas aulas que acontecerão durante o período letivo e no horário designado às aulas de Educação Física. A previsão é que a pesquisa, após aprovação do Comitê de Ética da Universidade envolvida, possa ser iniciada em outubro de 2022.

As ações estão organizadas da seguinte forma: reunião com alunos/as e seus familiares para explicação da pesquisa; assinatura dos termos de assentimento (alunos/as) e consentimento (familiares); caracterização/seleção e estruturação dos jogos com base na Praxiologia Motriz e nas orientações didático-pedagógicas para a educação escolar do município; desenvolvimento e realização dos jogos sociomotrizes (cooperação, oposição e cooperação-oposição) nas aulas de Educação Física. Como instrumentos de coleta de dados utilizaremos: 1. Diários de aula feitos pela professora-pesquisadora, constando as descrições das situações que ocorrerem nas aulas e que se relacionarem ao objetivo da pesquisa pela professora-pesquisadora; 2. Rodas de conversa: dinâmica realizada no final da aula e em círculo para ouvir os/as alunos/as da turma sobre as impressões deles/as sobre as atividades realizadas; 3. Entrevista com os/as alunos/as para captar suas análises das vivências realizadas, bem como, esclarecer aspectos que possam ter sido observados ou manifestados nas rodas de conversa.; 4. Filmagem de alguns jogos realizados pelos/as alunos/as para posterior análise da professora-pesquisadora.

Minha expectativa é que o processo de vivência de jogos sociomotrizes nos permita identificar as relações com as condutas motrizes dos/as alunos/as no interior destes jogos, o que poderá nos ajudar a selecionar e utilizar determinados tipos de jogos quando tivermos como objetivo que o/a aluno/a aprenda sobre determinada conduta motriz. Esse poderá ser um instrumento balizador para a escolha dos jogos no processo de ensino e não mais ficarmos tendo que fazer isso de modo aleatório.

Neste sentido, encaminho a presente carta convite, solicitando, por gentileza, a manifestação sobre sua colaboração no desenvolvimento desta pesquisa.

Sem mais para o momento, apresento protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Yorahina Ariadne Vasconcelos

Ilma. Sra. Leda Maria Florêncio Dias
Professora de Educação Física

APÊNDICE 2 - TCLE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2022.

Olá, estamos convidando você para autorizar a participação de seu filho ou filha na pesquisa intitulada **O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. Os objetivos da pesquisa são analisar um processo de ensino e de aprendizagem dos jogos por meio de uma metodologia de vivência de jogos sociomotrizes e produzir um material didático com orientações para alunos/professores sobre a realização de jogos sociomotrizes, compostos por jogos de oposição, cooperação e oposição-cooperação simultâneos. Tal estudo será realizado por mim, Yorahina Ariadne Vasconcelos, professora-pesquisadora, pós-graduanda do curso de Docência para a Educação Básica, juntamente com a professora de Educação Física da turma e sob orientação da professora LÍlian Aparecida Ferreira, do curso de Educação Física, ambas da UNESP/Bauru.

As aulas acontecerão na EMEF Prof. Francisco Dias Negrão, durante o período letivo e no horário designado às aulas de Educação Física do seu filho. O planejamento da aplicação está organizado da seguinte forma: reunião com alunos e seus familiares para explicação da pesquisa; assinatura dos termos de assentimento (alunos) e consentimento (familiares); caracterização dos jogos pela Praxiologia Motriz; apresentação da metodologia de vivência dos jogos sociomotrizes (cooperação e oposição) e as condutas apresentadas durante essas vivências (experimentação reflexão e adaptação), previsto para iniciar no segundo semestre de 2022.

Como instrumentos de coleta de dados utilizaremos:

- Observações das aulas registradas em um diário de bordo pela professora/pesquisadora;
- Entrevistas com os alunos para aprofundar dúvidas que possam surgir de momentos das aulas e apresentadas nos diários de bordo, realizada presencialmente sendo registradas em gravador de áudio, (sendo essa gravação para utilização exclusiva do estudo).

O risco da pesquisa está vinculado a eventuais desconfortos para responder às questões da entrevista. No caso das aulas, outros riscos se relacionam às possíveis ocorrências em relação às práticas dos jogos nas aulas e vivências (quedas, escoriações, etc. comuns à prática). Em caso destas ocorrências, a pesquisadora irá lhe oferecer todo o suporte necessário. Para além destes riscos, cumpre destacar que, nos comprometemos a arquivar todo e qualquer registro de gravações, zelando pelo

seu arquivamento em local seguro com utilização exclusiva para fins acadêmico-científicos. O mesmo será realizado com o registro da sua manifestação relacionada ao termo de consentimento.

Enquanto benefícios, a sua autorização poderá contribuir para que possamos compreender esse processo de ensino dos jogos sociomotrizes, identificando e analisando as condutas motrizes dos alunos no interior de cada jogo e levantar propostas junto a eles para o ajuste dessas condutas.

Não precisa autorizar a participação do/a seu/sua filho/a se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se ele/ela quiser desistir depois de ter iniciado sua participação. Caso seja esse o caso, poderá enviar mensagem ao e-mail yorahina.vasconcelos@unesp.br bem como ao telefone (14) 98806-9164 para a retirada do consentimento. Nesta situação, enviaremos para seu contato a sua resposta de retirada do consentimento para a realização do estudo.

Caso você ou seu/sua filho/a não entendam algo, não gostem de qualquer situação que identificar correspondente à entrevista ou às aulas, vocês podem me contatar pelos meios já citados.

Você e seu/sua filho/a não receberão nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, a indenização será garantida.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu _____ autorizo _____
_____, meu/minha filho/a a participar da
pesquisa.

Contato do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru

Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo

Fone: (14) 3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

APÊNDICE 3 – TCLE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2022.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada **O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. Os objetivos da pesquisa são analisar um processo de ensino e de aprendizagem dos jogos por meio de uma metodologia de vivência de jogos sociomotrizes e produzir um material didático com orientações para alunos/professores sobre a realização de jogos sociomotrizes, compostos por jogos de oposição, cooperação e oposição-cooperação simultâneos.

Tal estudo será realizado por mim, Yorahina Ariadne Vasconcelos, professora-pesquisadora, pós-graduanda do curso de Docência para a Educação Básica, juntamente com a professora de Educação Física da turma e sob orientação da professora Lílian Aparecida Ferreira, do curso de Educação Física, ambas da UNESP/Bauru.

Você participará de uma entrevista que tem como objetivo conhecer de maneira mais assertiva os alunos atendidos em atendimento educacional especializado. Esta será realizada presencialmente, sendo registradas em gravador de áudio, para utilização exclusiva do estudo.

O risco da pesquisa está vinculado a eventuais desconfortos para responder às questões da entrevista. Em caso destas ocorrências, a pesquisadora irá lhe oferecer todo o suporte necessário. Para além destes riscos, cumpre destacar que, nos comprometemos a arquivar todo e qualquer registro de gravações, zelando pelo seu arquivamento em local seguro com utilização exclusiva para fins acadêmico-científicos. O mesmo será realizado com o registro da sua manifestação relacionada ao termo de consentimento.

Enquanto benefícios, a sua autorização poderá contribuir para que possamos compreender esse processo de ensino dos jogos sociomotrizes, identificando e analisando as condutas motrizes dos alunos no interior de cada jogo e levantar propostas junto a eles para o ajuste dessas condutas.

Caso você não entenda algo, não goste de qualquer situação que identificar correspondente à entrevista, você pode me contatar pelos meios já citados.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, a indenização será garantida.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu _____ aceito
participar da pesquisa.

Contato do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru

Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo

Fone: (14) 3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

APÊNDICE 4 - TALE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU Faculdade de Ciências

Bauru, _____ de _____ de 2022.

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, sou a professora Yorahina e junto com sua professora de Educação Física, convido você participar de uma atividade bem legal nas aulas de Educação Física. Essa atividade será para um trabalho da faculdade e terá o objetivo de jogar e mudar esses jogos para que todos participem de uma maneira muito divertida. Tudo que a gente fizer aqui na quadra será registrado com fotos, vídeos e muitas outras atividades semelhantes às que você já faz todo dia. Esse trabalho irá ajudar você e seus colegas a aprender sobre jogos de um jeito diferente. Vocês irão jogar e aprender a mudar o jeito jogar, ajudando assim todos os seus colegas a participar. Você não é obrigado a participar. Se não quiser não tem problema algum. A sua participação irá ajudar outros alunos e professores a mudar e melhorar as formas de jogar nas aulas de Educação Física. Caso você aceite, irá participar dos jogos, rodas de conversa, fotos, filmagem, análise e observação, entre outras. Vale lembrar que seu nome e imagem não serão divulgados. Os riscos da pesquisa são mínimos e estão vinculados à prática diária do que acontece normalmente na quadra e na escola. Se não entender alguma coisa ou não goste de qualquer situação durante as aulas, ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora e dizer isso pessoalmente.

Não vamos falar seu nome nem onde mora em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pela professora/pesquisadora.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 510/16 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), ela fala sobre o respeito ao ser humano.

Marque com um X na sua opção de escolha, sim quero participar; ou, não quero participar:

SIM ()



NÃO ()



Nome do aluno: _____

ANEXO 1

CARTA DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DOS JOGOS SOCIOMOTRIZES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS INFLUÊNCIAS NAS CONDUTAS MOTRIZES DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: Lillian Aparecida Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61637422.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.619.432

Apresentação do Projeto:

Está apresentado em conformidade com as exigências éticas científicas das Resoluções em vigor.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme a pesquisadora de mestrado profissional, é: "Analisar as Influências de jogos sociomotrizes nas condutas motrizes dos alunos".

 Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalio que estão definidos em conformidade com as Resoluções em vigor.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante da área de Educação Física Escolar, Jogos e a Teoria Sociomotriz (Pariebás).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considero que estão devidamente elaborados (TCLE, TALE, Cartas de Assente) em conformidade com as Resoluções em vigor.

Recomendações:

TALE ser apresentado no início das coletas de dados com as crianças, em processo formativo referente à Ética, Ciência e Educação Física.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer Favorável.

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-980

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 5.019-432

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado a Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1991198.pdf	02/08/2022 15:49:49		Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	02/08/2022 15:49:04	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Outros	Acelta_Professora.pdf	02/08/2022 15:48:41	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Outros	Autoriza_SecretariaMunEducacao.pdf	02/08/2022 15:48:17	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	02/08/2022 15:47:16	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/08/2022 15:46:54	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_YAV_2022.pdf	02/08/2022 15:45:50	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	Assinada_FolhaDeRosto_YorahinaAVas concelos_2022.pdf	02/08/2022 15:45:32	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-980
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-0400 Fax: (14)3103-0400 E-mail: cepsquisa.fc@unesp.br

ANEXO 2 – DIÁRIOS DE AULA

DIÁRIO DE AULA/01

Data: 30/03/2023

Turmas: 204

Horário: 13h

ATIVIDADE	Rola a Bola
MATERIAL	Uma bola de borracha
ORGANIZAÇÃO	Os alunos formam um grande círculo.
DESENVOLVIMENTO	Todos os alunos sentados em círculo, a professora deverá iniciar a atividade dizendo o nome de um dos alunos e rolar a bola até ele. Esse aluno que recebeu a bola, deverá da mesma forma dizer o nome do colega e rolar a bola até que chegue a ele (caso não saiba o nome do colega escolhido, perguntar e depois dizer em voz alta e lançar a bola).
OBJETIVO	Despertar a consciência da cooperação e da escuta ativa, promovendo a interação social.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito, a espera e a escuta; - Conheça e reconheça seus pares.	
ATIVIDADE	Correndo com a bola
MATERIAL	Bolinha de piscina (plástica)
ORGANIZAÇÃO	A professora cola o nome de cada jogador em uma bolinha plástica. As bolinhas são colocadas em uma caixa em um canto da quadra e o grupo forma uma única equipe.
DESENVOLVIMENTO	A professora escolhe aleatoriamente um dos alunos da equipe, este corre e pega uma bolinha e lê o nome que tem nela escrito (pode ser com a ajuda da professora) e fala bem alto, coloca a bolinha escolhida em uma caixa vazia e corre até o grupo, o aluno que tem o nome escrito na bolinha, corre e dá a mão para o primeiro e os dois assim de mãos dadas correm para pegar a próxima bexiga agindo da mesma forma até que todos tenham seus nomes chamados, formando uma grande corrente.
OBJETIVO	Gerar um ambiente de coletividade e ajuda entre os jogadores, promovendo a interação e confiança.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito, a espera e a escuta; - Pense coletivamente e supere as diferenças; Conheça e reconheça seus pares.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h50 e fiquei aguardando a professora buscar os alunos que estavam perfilados na quadra, ressalto que cada sala tem um lugar designado na quadra, onde os alunos vão chegando (de ônibus ou trazidos pelos pais) e se reúnem até a chegada do professor da turma. Às 13h a professora Leda buscou todos os alunos e os encaminhou para a sala de aula, realizando a chamada (hoje estamos com 20 alunos, apenas o Miguel faltou), explicou que hoje as atividades seriam realizadas por mim, mas que ela estaria presente para qualquer intervenção. Ao término da rotina em sala (acomodação dos alunos em seus lugares e chamada), todos foram beber água (a temperatura estava em 34°C) e nos dirigimos para a quadra. Enquanto eu preparava o ambiente (câmeras e materiais) a professora deixou-os em círculo e fez uma pequena oração (a professora tem o hábito de toda aula iniciar com uma breve oração de agradecimento ao anjo da guarda e pedindo proteção para mais um dia) e um breve alongamento (nomeando as partes do corpo) e como já observei em outras aulas, o José se recusa a fazer tanto a oração quanto o alongamento, no alongamento ele fica disperso, olhando para a rua, até sai ali do círculo central e durante a oração ele se afasta e tapa os ouvidos (um hábito que se repete em todas as aulas, mas não há qualquer intervenção da professora), até perguntei pra ele, mas apenas se limitou a dizer que não gosta. Assim que a dinâmica da professora finalizou, o ambiente estava preparado, então pedi para que todos permanecessem sentados para iniciarmos nossa roda de conversa.

Primeiramente dei boas-vindas ao grupo, perguntei se todos estavam bem e iniciei a conversa perguntando se eles lembravam a aula anterior com a professora Leda, a maioria disse que sim, disseram que fizeram um jogo de competição (Jokenpô na linha)¹⁸ e que foram meninos contra as meninas, onde os meninos saíram vencedores da disputa. Em seguida perguntei ao grupo se eles gostavam de competir e isso já gerou um burburinho entre o sim e o não, todos começaram a falar ao mesmo tempo,

¹⁸ Jokenpô na linha: Divisão por duas equipes, posicionadas em colunas e em lados opostos da quadra (pontos A e B). O campo de jogo é delimitado por uma linha. Ao sinal de início, o primeiro de cada equipe deve correr sobre a linha na direção do adversário, até que ambos se encontrem frente a frente. Uma rápida partida de jokenpô é disputada. O perdedor volta para trás de sua fila e o vencedor continua correndo sobre a linha, na direção da outra equipe, até encontrar o segundo integrante adversário (que também virá correndo na sua direção) para, novamente, disputar mais uma partida. Quando um integrante (da equipe A, por exemplo) chegar até o ponto B, marcará um ponto para sua equipe.

um falando mais alto que o outro, tive que pedir para que se acalmassem e para quem quisesse falar, fizesse um de cada vez levantando as mãos.

Maria: *“Eu não gosto de competir, porque os meninos são melhores que as meninas, eles são mais fortes e podem até ser jogadores.”*

João: *“Gosto de competir, mas não gosto de perder.”*

Eduardo: *“Não gosto de competir, porque tenho preguiça.”*

José: *“Gosto de competir, porque quando jogo futebol, eu chuto forte.”*

Perguntei se era mais legal ganhar ou perder:

Maria: *“É mais legal brincar, porque é divertido.”*

João: *“Eu não ligo”.*

Patrícia: *“Brincar é mais divertido”.*

Mário: *“Importante é participar.”*

Camila: *“Eu gosto de competir, mas gosto mais das brincadeiras e da diversão.”*

Cristina: *“Não importa perder ou ganhar, o que importa é ter velocidade e prestar atenção mais no jogo, do que nas coisas que acontecem na rua.”* (A quadra fica margeada por duas ruas de muito movimento, o que acaba por muitas vezes atrapalhando a aula, por que são pessoas que passam e chamam os alunos, carros, caminhões, ônibus e tratores que transitam na via, chamando a atenção dos pequenos.

Tadeu: *“Eu me importo com as brincadeiras.”*

Nesse primeiro momento preferi deixá-los falar o que vinha a mente deles, procurando não os intimidar com muitos questionamentos (vale aqui lembrar que são pequenos e de certa forma até imaturos na construção de explicações, fogem do contexto). Outros alunos não quiseram responder, mesmo quando perguntados. Dando continuidade à nossa roda de conversa, e pegando o gancho em que a maioria verbalizou que era mais importante brincar, expliquei que eu iria trazer alguns jogos/brincadeiras onde precisaríamos da ajuda de todos, para que todos pudessem ganhar e que se alguém ou alguns não colaborassem a sala toda poderia perder (o que causou algumas manifestações dizendo um sonoro *nãããããããooooo*), expliquei que não haveria mais meninos contra meninas ou um time contra o outro e sim, que a partir de agora, existiria um grande time, o time da 204. Quando disse isso, a postura deles mudou e aplaudiram, dizendo que isso era muito legal.

Então, conforme havia programado a primeira atividade foi o “Rola a bola”, brincadeira essa em que todos permanecem sentados em círculo, com as pernas cruzadas, aguardando sua vez de receber a bola, e para receber a bola, um dos companheiros de posse da mesma, precisa verbalizar o nome e lançá-la. A bola não pode ser interceptada por outro e não pode ser lançada sem que o nome seja disso.

Antes de iniciar esse jogo, precisamos fazer algumas interferências na dinâmica do círculo, pois o João e o Davi, não paravam de se cutucar, fazendo cócegas e dando tapinhas um no outro, assim trocamos eles de lugar, o que ajudou a cessar essa situação, precisei também chamar a atenção da Maria que ficava deitada, tentando fazer uma ponte com o corpo, a Patrícia com a Helloisa de costas para o círculo e o José batendo folhinha no chão. Depois que as situações foram pontuadas e acalmadas, as regras foram reforçadas e o jogo fluiu de maneira muito tranquila, e foi legal, pois muitos se conheciam, mas não lembravam o nome do colega e isso ajudou o grupo a se conhecer melhor. As condutas motrizes foram ajustadas, com exceção da Letícia, que foi a única que lançou a bola aleatoriamente, sem verbalizar o nome do receptor. Fizemos a intervenção, a bola retornou e ela disse (bem baixinho) o nome de um dos colegas.



Durante o jogo, todos passaram a bola para um dos colegas e entre eles ficavam observando quem já havia participado e quem ainda não, onde eles mesmos fizeram algumas intervenções pontuando para os demais colegas. Assim que todos participaram, finalizamos a brincadeira e para não perder o andamento da aula, dei prosseguimento, explicando que agora todos já sabiam o nome dos colegas e isso facilitaria para a próxima atividade, onde eles sorteariam uma bola e que nessa bola teria o nome de um dos colegas, assim que a bola fosse sorteada, eles chamariam esse colega em voz alta, e teria que buscá-lo, dariam as mãos e assim deveriam

construir uma corrente, uma corrente humana. Nesse momento a Cristina disse: *“eu sei o que é corrente. Corrente é uma coisa bem forte, que não pode quebrar.”* Aproveitando a fala da Cristina, perguntei como construiríamos uma corrente humana e o Tadeu respondeu de imediato: *“é só dar as mãos e segurar bem forte”*. Então reforcei a explicação do próximo jogo, disse que o nome dela era “Correndo com a bola”, e que a cada sorteio de bolinha eles iriam aos poucos construindo uma grande corrente (vale aqui ressaltar que alguns ficaram receosos porque não sabiam ler, mas tranquilizei-os no momento em que disse que ajudaria). Lembrando-os, que todos deveriam esperar em cima da linha amarela, só poderiam sair quando o colega o buscasse e não poderiam soltar as mãos um dos outros.

A primeira aluna sorteada nas bolinhas foi a Cristina, fui buscá-la para que desse andamento ao jogo. Logo no primeiro sorteio, quando chamou a Ana, a mesma saiu correndo ao encontro da Cristina, fizemos uma pequena intervenção pedindo que ela esperasse no lugar e a partir daí a atividade teve andamento. Poucos alunos não conseguiam ler o nome dos colegas nas bolinhas, o que necessitou de alguma ajuda, seja minha ou de outro colega, mas nada que atrapalhasse. No decorrer do jogo, algumas regras acabaram não sendo cumpridas, ou seja, algumas condutas motrizes apresentadas não estavam de acordo com o pacto. Como soltar as mãos episodicamente, Maria, Pâmela, Eduardo, Helloisa e Patrícia. Outros soltaram as mãos a todo momento e corriam sozinhos, como a Letícia, o Davi e o Gabriel. Já o José soltava as mãos e acabava se jogando no chão. O Tadeu, ora puxava a corrente construída, ora fazia peso, travando a passada, dificultando o deslocamento daqueles que estavam de mãos dadas. Mesmo fazendo intervenção e lembrando que não poderiam soltar as mãos, muitos permaneciam nesse comportamento.

Para finalizar fizemos uma breve roda de conversa tentando discutir algumas situações que aconteceram na aula, e perguntei: Por que algumas pessoas arrebentaram a corrente? De primeira a Patrícia já disse: *“Eu arrebentei várias vezes”* e quando perguntei o porquê, ela respondeu: *“arrebentei porque eles corriam muito rápido”*.

Já o Davi comentou: *“Eu arrebentei muito, porque a mão estava escorregando.”*

Maria: *“Tá muito calor, professora. E a mão acaba escorregando.”*

José: *“Eu caí várias vezes, porque todo mundo estava correndo muito rápido.”*

Já a Cristina reclamou do Tadeu, que ficava puxando a corrente e segundo a mesma: “*tinha que fazer muita força*”. Percebi uma animosidade do grupo em relação ao Tadeu (e isso vem desde o ano anterior), mesmo com vários alunos dificultando e não respeitando algumas regras, o apontamento geral acabou sendo apenas para ele. Nesse instante precisamos intervir, e pontuar que não foi apenas o Tadeu, que muitos colegas já haviam se manifestado que haviam quebrado algumas regras, assim reforçamos que devemos olhar para todos e não culpar apenas um colega. O Gabriel e a Letícia não quiseram responder ou se manifestar sobre ter soltado as mãos durante o jogo.

Para finalizar, perguntei o que a gente poderia fazer para não soltar tanto as mãos e como modificar o deslocamento para que não se cansassem tanto. O Eduardo disse: “*poderia correr sem dar as mãos, assim poderia correr mais rápido*”, argumentei que o propósito não era correr rápido e sim permanecer a corrente ajudando um ao outro, já a Cristina disse que poderiam andar ao invés de correr. Nesse momento o Eduardo novamente disse que poderiam então ficar de mãos dadas, mas que era melhor andar do que correr. Encerrando a aula, pois já não havia mais tempo, disse que nós voltaríamos a fazer o mesmo jogo, mas que eles deveriam pensar em como não soltar as mãos e como melhorar a dinâmica para que não sentissem tanto o cansaço/calor, ou seja, quais regras do jogo nós deveríamos mudar.

Em seguida, todos foram rapidamente lavar as mãos, beber água e voltar para sala de aula. Vale aqui ressaltar que nesse dia estava muito quente, a temperatura era de 34°C, o que corrobora com a fala dos alunos sobre o suar das mãos e o cansaço.

DIÁRIO DE AULA/02**Data: 31/03/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Dança das cadeiras cooperativas
MATERIAL	Cadeiras ou bambolês e caixa de som.
ORGANIZAÇÃO	Arrumar as cadeiras ou bambolês formando um círculo e dispor os alunos em volta dele. Deixando uma cadeira ou bambolê a menos que o número de alunos.
DESENVOLVIMENTO	Idêntico à dança das cadeiras na forma popular. Ao som da música, todos dançam ao redor das cadeiras (ou bambolê). Quando a música para todos devem sentar (cadeira) ou entrar (bambolê) contando com a ajuda do colega e ninguém deve ficar de fora ou ser eliminado. Só quem sai é a cadeira ou o bambolê. Os alunos devem criar soluções para todos sentarem. Cada vez que a música parar, uma cadeira ou bambolê será retirado, até que reste apenas um. Observação: Pode-se confeccionar um bambolê gigante para ser colocado ao final da brincadeira, facilitando assim a entrada de todos.
OBJETIVO	Fomentar um ambiente colaborativo, com o intuito promover a empatia e o respeito mútuo, fortalecendo as relações em grupo.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito e o pensar coletivamente; - Crie soluções para resolução de problemas.	

ATIVIDADE	Passeio do bambolê
MATERIAL	Bambolês.
ORGANIZAÇÃO	Formar um grande círculo com todos de mãos dadas. Escolher uma dupla para começar o jogo com o bambolê apoiado nos braços, que passam por dentro do brinquedo.
DESENVOLVIMENTO	Fazer o bambolê girar por todo círculo, transferindo-o para outros pares sem soltar as mãos e utilizando o movimento do corpo.
OBJETIVO	Promover um ambiente colaborativo, de confiança e parceria, superando os desafios coletivamente.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito e o pensar coletivamente; - Crie soluções para resolução de problemas.	

Cheguei a EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 13h40 e fui diretamente para a quadra na intenção de organizar os materiais que seriam utilizados com a sala 204. Nesse dia a professora Leda precisou se ausentar, então quem estava responsável pelas aulas era a professora de Educação Física: Denise Ferrazolli. Assim que cheguei, expliquei a ela qual era meu papel ali e quais atividades seriam desenvolvidas durante aquela aula e perguntei a ela se poderia colaborar com o trabalho (filmagem e fotos), ela prontamente concordou. Às 13h55 fomos para a sala de aula, explicamos que a professora havia faltado e que a aula hoje como no dia anterior, seria dada por mim, juntamente com a profa. Denise. Não houve qualquer animosidade em relação a minha fala, na verdade, percebo que o fato de acompanhar parte do grupo desde o ano passado, ajuda muito na proximidade com eles e de certa forma facilita muito o meu trabalho. A partir daí, organizamos a saída, pedimos para que todos reabastecessem as garrafas de água (hoje foi mais um dia muito quente) e logo após nos dirigimos para a quadra e sentamos no círculo central da mesma, precisei realizar a chamada para posteriormente passar para a prof. Leda e nesse dia contamos com 20 alunos, apenas o Alex de Souza estava ausente. Fiz uma pequena retomada da aula anterior, perguntei se eles lembravam do que havíamos feito, e eles prontamente responderam que sim. O Eduardo lembrou da corrente que eles precisavam formar, que alguns amigos soltaram as mãos e que o Tadeu não foi o único “atrapalhou” a brincadeira. Eu disse que havia assistido o vídeo e que ele estava certo. Em seguida, disse que hoje as atividades também seriam de cooperação e que para ter sucesso, todos precisariam se ajudar, ninguém poderia ficar de fora, afinal, somos o time da 204. Então comecei perguntando se eles conheciam a brincadeira da dança das cadeiras e como ela funcionava, a maioria do grupo respondeu que sim, que quem perdesse a cadeira, sairia da brincadeira e tinha que esperar todo mundo sair para apenas uma pessoa ganhar. O Miguel comentou que na festa de aniversário dele, fizeram essa brincadeira e que todos saíram e ele ficou triste. Posteriormente expliquei que no lugar das cadeiras, utilizaríamos bambolês, que ninguém seria eliminado da brincadeira, pois ela era cooperativa, então o bambolê sairia da brincadeira, mas eles não, e isso causou uma certa agitação no grupo: *Ahn? Como assim? Mas de que jeito? Ninguém vai sair?* Eu disse que os bambolês seriam retirados pouco a pouco e que alguns deles ficariam sem lugar pra entrar e que então eles deveriam ajudar o colega e trazê-lo para dentro de um dos bambolês, junto a

eles. A Cristina logo falou: “*então vai poder ficar mais pessoas dentro do bambolê?*”. O Tadeu logo respondeu que “*não*”, mas já intervi e disse que no final todo mundo iria ter que dividir apenas um bambolê, e nesse momento houveram muitas risadas. Retomei a fala lembrando que: todos deveriam ajudar os colegas que estivessem sem bambolê, não vale empurrar quem está dentro para poder entrar, muito menos ficar parado dentro do bambolê enquanto a música toca. Expliquei também que eles deveriam ficar fora do bambolê enquanto a música tocasse e só poderiam entrar quando a música parasse, assim deveriam entrar em qualquer bambolê, mesmo que já estivesse com colega dentro.

A partir daí, pedi para os alunos aguardassem ao lado da caixa de som enquanto eu distribuía os bambolês pela quadra, de forma que ficassem perto. E nesse momento já percebo o primeiro problema, como os bambolês são coloridos, algumas meninas queriam ficar nos que eram cor de rosa, então como uma das estratégias, optei por tirá-los primeiro e ver se era realmente e pela cor ou pelo espaço.



Após repassar as regras, deu-se o início da brincadeira, a música começou a rolar e a maioria dos alunos começou a dançar, porém como havia mencionado acima, a Patrícia não saiu de dentro do bambolê (porque ele era cor de rosa), alguns entravam no bambolê antes da pausa da música e precisei intervir logo no começo.

A cada pausa de música, eu retirava dois bambolês,

primeiramente tirei os que eram cor de rosa, para tentar impedir que a Patrícia e ficasse dentro de apenas um, porém a estratégia não foi tão eficiente, ela escolhia outro e raramente saía dele (mesmo sendo de outra cor), quando ensaiava uma saída, ela

saltava de bambolê em bambolê, conduta também observada com o Tadeu e a Helloisa. A cada pausa fazia diversas intervenções lembrando que não poderiam entrar antes da música parar ou permanecer dentro, pois todos teriam espaço para entrar. Conforme o número de bambolês diminuía, eles dançavam, mas ficavam muito



próximos com medo de perder o espaço (a competição está muito enraizada e percebo a dificuldade deles em entender que caberia todo mundo lá dentro, era apenas uma questão de organização. Outra conduta que não mudava, foi daqueles que simplesmente não saiam de dentro do bambolê enquanto a música tocava (e como disse anteriormente, não foi pela cor no caso da Patrícia, do José, do Júlio e do Gabriel (era mais uma questão de posse) e a Letícia e o Felipe (dificuldade de entender as regras, eles ficam alheios ao redor deles, agem mais por imitação e interação é apenas entre eles), o que precisou de mais intervenção do que o esperado. Sendo assim a atividade teve andamento (eu fazendo intervenção a todo momento, porque os mesmos insistiam nas condutas), os bambolês foram retirados dois a dois até eu troquei o último pequeno, por outro que confeccionei de 3 metros, pensando em evitar maiores problemas e que de certa forma todos poderiam entrar e se acomodar. O que deixou os alunos surpresos com o tamanho. Para finalizar, todos entraram no bambolê gigante, obviamente alguns apresentaram condutas inadequadas na ânsia de entrar de qualquer maneira sem se preocupar com o companheiro, como havíamos combinado no início da brincadeira. Ao término dessa atividade, todos foram rapidamente beber água (muito calor) e retornaram para o círculo central, fiz uma breve roda de conversa, falando que muitos permaneceram dentro do bambolê, mesmo que a regra da brincadeira não permitisse, e alguns até assumiram essa posição, como a Patrícia: *“eu queria o bambolê rosa só para mim e não queria ficar sem”* ou João: *“eu não queria ficar de fora”*, o Tadeu: *“eu não queria perder”*. Mesmo eu lembrando que ninguém ficaria de fora ou que perder. Outros não se manifestaram mesmo perguntando o porquê de ficar dentro ou pulando dentro dos bambolês. Combinamos então de retornar para essa brincadeira, e eles pensarem o que fazer para que isso não aconteça mais. Com o tempo limitado e tentando baixar um pouco a agitação da turma, iniciei a explicação da próxima brincadeira que seria o Passeio do bambolê.

O passeio do bambolê é uma brincadeira muito simples, onde todos os participantes devem ficar de mãos dadas e preso entre a mão um bambolê, esse então deverá passar por todos, até retornar ao início sem que solte as mãos (uma regra bem simples). Antes de iniciar a brincadeira, depois que todos estavam de mãos dadas, o Tadeu, Davi, João e a Patrícia, começaram a puxar o círculo para dentro e para fora, desestabilizando todo o grupo, nesse momento, precisei parar e intervir, avisando que

se continuassem naquela postura, não participariam mais, e o time da 204 iria perder, o que de certa forma surtiu efeito e a brincadeira fluiu tranquilamente. Os únicos que soltaram a mão e não conseguiam se encontrar na atividade foi o Felipe e a Letícia. Uma preocupação muito grande não só nessa atividade, mas em outras também, seria em relação a esses dois alunos (Felipe e a Letícia), e aqui vale ressaltar que os dois possuem muita dificuldade de entender as regras de qualquer brincadeira, até mesmo de realizar, temos que ficar o tempo todo chamando, trazendo para perto, tentando incluí-los com o grupo, mas muitas vezes sem sucesso, eles não possuem autonomia em suas ações e percebo que as diversas condutas apresentadas pelos dois não são de maneira proposital, parece que para eles algumas coisas não fazem sentido. Já fiz um relato para a coordenação da escola, a professora Sônia, que é de Atendimento Educacional Especializado (AEE), também tem acompanhado as aulas de perto e relatando à equipe gestora. Vamos acompanhar mais de perto.



Observação: Na próxima semana não haverá aula, 06/04 (ponto facultativo) e 07/04 (feriado).

DIÁRIO DE AULA/03**Data: 13/04/2023****Turmas: 204****Horário: 13h**

ATIVIDADE	Bola no ar
MATERIAL	Bola grande e som
ORGANIZAÇÃO	Formar um grande círculo ou dividi-los em grupos menores.
DESENVOLVIMENTO	Ao começar a música (curta duração), a professora joga a bola para o alto para que o grupo mantenha a bola dentro do círculo e sem deixá-la cair no chão, de preferência até o final da música. Observação: Dividir a turma em pequenos grupos; utilizar mais bolas de diferentes tamanhos e pesos.
OBJETIVO	Criar um ambiente de coletividade e colaboração entre os jogadores, promovendo a interação, a participação e confiança.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito e empatia; - Pense coletivamente e supere as diferenças.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h45 e fiquei aguardando a professora Leda buscar os alunos na quadra. Às 13h ela chegou juntamente com os professores da escola e cada um levou sua turma para a sala de aula. Chegando na sala, os alunos antes mesmo da chamada começaram a cobrar a professora sobre a aula livre que eles haviam combinado e ela tentou se justificar e explicar que nesse momento eu ficaria com as aulas, mas que em breve eles seriam atendidos, encerrando assim o assunto com os alunos. Logo em seguida fez a chamada, encaminhou-os ao bebedouro e seguimos para a quadra. Enquanto íamos para a quadra, a professora Leda veio se justificar sobre a fala dos alunos a respeito da aula livre, dizendo que não deixava os alunos livres e sim são atividades escolhidas por eles e direcionada (ela não consegue desvincilhar a figura da formadora para a de professora pesquisadora).

Chegamos à quadra e enquanto preparava os equipamentos, a professora Leda fez a oração de rotina e um breve alongamento, logo depois sentei no círculo junto a eles, cumprimentei-os, perguntei como estavam e o que eles estavam achando das aulas. José que só gosta de futebol, que ele gosta de pegar a bola e sai correndo... *“a gente ama pegar a bola e sair fazendo gol”*. A Camila disse que estava achando

muito divertido. Já a Cristina disse que se diverte e... “*aprende que não pode bater no amiguinho*”. Aproveitando o gancho, relembrei das atividades que já havíamos realizado, e logo eles lembraram da brincadeira com os bambolês que realizamos na última aula, explicaram inclusive que eles deveriam ajudar os colegas para que todos pudessem ganhar, expliquei novamente que as atividades e as filmagens são exatamente para isso, quem ajudava, quem não ajudava, quem atrapalhava e até quem brigava e que as brincadeiras que estava trazendo era para contribuir para o trabalho em equipe, afinal eles são a sala 204! Portanto todo mundo tem que ajudar todo mundo, quando disse isso, ouvi uma palavra ao fundo: *infelizmente!* Olhei, era a Maria, quando indaguei a mesma, ela ficou sem saber o que falar, logo que imediatamente o José perguntou para ela: *você quer descer a pancada em todo mundo? Quer derrubar geral no ringue?* Eu estranhei a fala de Rafael e logo indaguei o que ele queria dizer, imediatamente a Cristina atravessou e disse que não era certo, que não deveriam bater um no outro e ajudar o colega. Tenho percebido a sala muito agitada no dia de hoje, as falas na roda de conversa estão um pouco desconexas com aquilo que pergunto, um querendo falar mais alto do que o outro, saindo muitas vezes do lugar e tomando a frente da pessoa que está falando (inclusive a minha fala), também percebo mais uma vez, a Letícia e o Felipe distraídos, alheios a qualquer situação que estivesse acontecendo naquela roda de conversa. Notando que a conversa não ia se concretizar, procurei mudar o foco e comecei a explicar qual era a atividade escolhida para hoje.

Iniciei dizendo que hoje teríamos um desafio, um desafio ao qual não poderíamos derrubar a bola, enquanto a música estivesse tocando. Que todos deveriam fazer um esforço para que a bola não caísse no chão e que para facilitar, no começaríamos com grupos pequenos, para que todos pudessem entender como funcionava e que posteriormente seria com todos juntos, num grande círculo. Logo o José já perguntou: *qual o limite de pessoas para esse grupo?* Expliquei que ia separar em 4 pequenos grupos, 2 grupos com 4 alunos e 2 grupos com 5 (hoje tinha 18 alunos presentes), nesse interim a sala já se agitou novamente, todos falando ao mesmo tempo, Júlio batendo folhinha, Letícia e Felipe com brincadeiras de mão, tive que parar e chamar a atenção de todos. A explicação demorou mais que o necessário, pois a todo momento era interpelada por uma fala aleatória ou por brincadeiras paralelas ao que estava acontecendo. A Cristina perguntou o que aconteceria se a bola caísse,

disse a ela que não iria acontecer nada, mas que deveríamos fazer um grande esforço para que ela permanecesse no ar. Dando continuidade, escolhi os 4 primeiros (Tadeu, Cristina, João e Ana) e sequencialmente eles foram escolhendo os outros colegas, até que se formasse os pequenos grupos:

Tadeu, Alex, Júlio, Rafael e Gabriel – GRUPO 01

Cristina, Pâmela, Felipe, Helloisa e Letícia – GRUPO 02

João, Lucas, Gabriel e Junior – GRUPO 03

Ana, Maria, Camila e Patrícia – GRUPO 04

Eu e a professora Leda organizamos os pequenos grupos, distribui as bolas entre eles, reforçando em cada grupo o que deveriam fazer e só começaria quando a música tocasse. No decorrer da brincadeira pude observar:

Grupo 01: O grupo conseguiu de organizar de maneira tranquila e não houve qualquer intercorrência.

Grupo 02: O grupo também conseguiu se organizar, a professora Leda ficou mais próxima a esse grupo por conta da Letícia e do Felipe, pois eles se distraíam facilmente. O Felipe se distraía a todo momento, ficava observando os outros grupos e quando era sua vez de lançar a bola acabava exagerando e não conseguindo coloca-la em jogo.

Grupo 03: Foi o grupo que mais apresentou dificuldades para se organizar. O João lançava a bola para cima e logo saía em direção a mesma tentando interceptá-la e bater nela, impedindo os outros de participar da atividade. Já o Gabriel quando de posse da bola, lançava acima da cabeça, esperando para cabeceá-la, sem passar a bola para o restante. O João e o Gabriel continuavam nessa dinâmica, impedindo que o Lucas e o Junior alcançassem a bola. Precisei parar a música e intervir diretamente no grupo, explicando novamente as regras e usando o grupo 01 como referência para eles. Depois dessa intervenção o grupo se acalmou um pouco e a dinâmica melhorou.

Grupo 04: O grupo também precisou de intervenção, pois elas não se entendiam, cada uma lançava a bola para o alto, sem um destino certo, o que de certa forma atrapalhava o acesso das outras e quando pegavam se recusavam (Camila e Maria) a passar para a colega, o que gerou um certo desconforto entre elas. Tive que parar novamente e intervir no grupo, o que de imediato surtiu efeito.

Depois de um tempo, resolvi mudar a dinâmica da atividade e juntei os grupos 01 e 04 e os grupos 02 e 03, formando assim 2 grupos com 9 alunos e com 02 bolas.

- O grupo 02 e 03: o João saltitava sem parar, a todo momento, atrapalhando tanto o lançamento como a recepção da bola, já o Gabriel a arremessava tão alto que complicava para os outros colegas a recepção da mesma. Eles falavam tão alto e gritavam que quando parei a música para fazer intervenção, eles não ouviram, e mesmo no momento da intervenção não paravam de falar junto comigo, o precisou de uma postura mais enérgica da minha parte, o que de certa forma, surtiu efeito.
- O grupo 1 e 04: conseguiram se organizar melhor, lançando a bola um para o outro, mas também gritavam mais alto que a música e quando parei a mesma, não perceberam.

Para finalizar a atividade, juntei todos os grupos e deixei com apenas com uma bola e aí foi mais difícil que o esperado. O João continuava saltitando, não parava um segundo, a Maria quando alcançava a bola, lançava o mais alto possível, o que atrapalhava a recepção pelos colegas. No decorrer da atividade o João, Gabriel e o Alex simplesmente deitaram no chão enquanto estávamos em círculo. Ao findar da música e sem muito tempo para continuar, sentamos em círculo e perguntei a todos: *“O que estavam acontecendo, o que estava difícil na atividade”? Por que não estava dando certo”? E começaram a verbalizar que ninguém conseguia pegar a bola, o Júlio foi até sentar na arquibancada por que ninguém tinha passado a bola para ele ou conseguido pegar a bola. Percebi na fala deles (falando ao mesmo tempo, mesmo pedindo para ser um de cada vez), que a preocupação deixou de ser a bola cair e passou a ser “eu quero pegar a bola”. Deixou de ser para o grupo e passou a ser um interesse pessoal. Sem tempo para mais nada, os alunos foram encaminhados para lavar as mãos, beber água e voltar para a sala de aula.*

Confesso que hoje a aula me deixou um pouco frustrada, consegui realizar apenas metade daquilo que havia planejado, mas percebo que hoje estão extremamente agitados e um comportamento que eles vêm apresentando sobre o falar junto, falar mais alto, não esperar a vez e cortar a fala do outro falando mais alto, não parar para ouvir a explicação vem se acentuando no decorrer das aulas. Vou procurar a professora polivalente e verificar se esse tipo de comportamento também está acontecendo em sala de aula.

DIÁRIO DE AULA/04**Data: 14/04/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Bola ao alto
MATERIAL	Bola de praia grande.
ORGANIZAÇÃO	Formar grupo de 4 a 6 alunos dispostos em círculos (ou menos), virados para o lado de fora e com os braços entrelaçados. Colocar a bola no centro do círculo formado pelo grupo.
DESENVOLVIMENTO	A professora pede aos grupos para levantarem a bola do chão e jogá-la para fora do círculo sem usar as mãos. Observação: Se a atividade inicial estiver difícil, começar com todos de frente, posteriormente colocá-los de costas e para finalizar juntar os pequenos grupos até que todos juntos.
OBJETIVO	Promover o trabalho em um ambiente de coletividade e ajuda entre os participantes.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva e colaborativa; - O grupo foque na resolução da tarefa com a participação de todos os companheiros.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Negrão às 13h30, o dia estava meio chuvoso e a professora de Educação Física estava dando aula na sala de aula, mas quando cheguei a chuva já havia parado e a quadra não estava molhada, então conversei com a mesma e solicitei para que pudéssemos realizar as atividades em quadra. Enquanto a aula não se iniciava fiquei preparando os materiais (inflando uma bola de 1,07cm e quatro bolas de 40 cm), posicionando as câmeras.

Às 13h55 me dirigi a sala de aula, juntamente com a professora Leda, onde ela realizou a chamada e explicou que iríamos para a quadra realizar as atividades que eu trouxe, antes dela terminar as explicações eles já começaram a falar um por cima do outro, sair do lugar, o que precisou de um posicionamento mais firme da mesma (como havia comentado no diário anterior, a turma vem apresentando uma dificuldade de escutar e até mesmo de prestar atenção nas explicações dadas pelos professores). Logo após, nos dirigimos para que todos pudessem abastecer as garrafas de água e quadra. Chegando na quadra a professora os organizou em círculo, realizaram a oração e um breve alongamento, enquanto finalizava a organização dos materiais.

Nesse momento da oração continuo percebendo a recusa do José em fazer, chegando até sair do círculo, tampando os ouvidos (quando perguntado o porquê dessa atitude, ele apenas disse que não sabe, mas que não gosta).

Terminando a rotina da professora, eu assumi a roda de conversa, cumprimentei-os e já iniciei a conversa retomando os fatos que haviam acontecido na aula anterior, a falta de organização e até de respeito durante as explicações e a nossa conversa. Que eles precisavam aprender a ouvir, que todos poderiam falar, mas que precisavam escutar primeiro e que sair do lugar e tomar a frente querendo falar mais alto, não era o correto. E enquanto eu falava, alguns ainda insistiam em ficar conversando (Maria, Camila, Patrícia e João), precisei me posicionar para começar explicar a atividade de hoje, salientei que a conversa e comportamento atrapalhou tanto que havíamos programado duas atividades e só conseguimos realizar uma e que hoje iria tentar aquela que ficou sem fazer.

Vale ressaltar aqui que eles ficaram literalmente encantados com a bola gigante e já queriam saber quando poderiam usar. Expliquei que para utilizar essa bola, primeiramente nós dividiríamos novamente em pequenos grupos para depois fazermos com todo mundo junto e a bola gigante (notei uma ansiedade gigante por conta dessa bola). Pois a bola maior, apesar de ser de plástico, ela vem com uma força maior que as bolas pequenas, acaba sendo até mais pesada, então para que todos pudessem se organizar e “treinar”, nós começaríamos com a bola pequena e a partir daí, buscar estratégias para movimentá-la e tirá-la do círculo, pois eles não poderiam utilizar as mãos para isso. Nesse momento saiu um sonoro: “ooooooooo queeeeeeee?”, gerando um alvoroço, precisei acalmá-los e explicar que para começar seria de frente e depois seria de costas, então eles deveriam lançar a bola por cima do círculo sem utilizar as mãos. Precisei chamar a atenção da Letícia e do Felipe, pois os dois simplesmente não paravam e se quer prestavam atenção que eu falava (posteriormente fui conversar com a professora e a coordenadora).

Como na aula anterior, combinei que iria separá-los em 3 grupos, destaquei três alunos – Gabriel, Tadeu e Júlio – no intuito de separar os que se juntam para bagunçar. Assim ficaram os grupos:

GRUPO 01 – Júlio, José, Mário, Junior, Cristina e Felipe;

GRUPO 02 - Tadeu, Alex, João, Lucas, Letícia e Helloisa;

GRUPO 03 – Gabriel, Camila, Maria, Eduardo, Pâmela e Patrícia.

Afastei os três grupos e nesse momento a Letícia deu a mão para o Felipe, precisei separar e lembrar que estavam em grupos distintos, um não tirava o olho do outro, uma situação muito estranha, pois essa aproximação tem se reforçado a cada dia que passa mais e mais, uma dependência que não existia no início das aulas. Com os grupos separados, pedi para que ficassem de mãos dadas e em seguida distribuí as bolas, deixando no meio do círculo. Expliquei que não poderiam chutar um para o outro e sim se organizarem para que todos juntos conseguissem tirar. Enquanto distribuía as bolas o grupo 03 (Maria, Camila, Gabriel, Eduardo, Pâmela e Patrícia), começaram a esticar os braços, puxando um ao outro na tentativa de derrubar o colega, a Maria dava tranco com os braços, o que causou a queda da Camila, o que precisei intervir e deixá-los por último na entrega da bola. Até eu começar a atividade houveram algumas intercorrências: o grupo 02 e 03 chutando a bola, o Eduardo fazendo um escândalo por conta de um besouro que apareceu perto do pé dele (o que causou uma gritaria por parte das meninas), situações adversas que acabam por tomar muito tempo da aula e desgastam o professor. Depois de acalmar novamente os ânimos e reexpliquei brevemente, iniciamos a atividade.

1ª tentativa: Todos frente a frente de mãos dadas (pequenos grupos):

O **grupo 01** a chutar a bola, fazendo com que a mesma escapasse por baixo do círculo normalmente entre as pernas dos participantes do grupo. Iniciaram os chutes com certa força, no intuito de fazer com que a bola subisse e saísse por cima do círculo, fato que não aconteceu, pois ela acabava escapando ou acertando um colega. Me aproximei e disse a eles que não adiantaria apenas um ou outro chutar, mas com precisariam da ajuda do grupo. Logo que imediatamente, eles se organizaram e começaram a se aproximar, levantando aos poucos a bola com a ajuda dos pés e joelhos e logo na primeira tentativa conseguiram subir e lança-la por cima do círculo. Ao mesmo tempo o **grupo 02** também iniciou com chutes aleatórios, sempre na base do círculo e não conseguiam se entender para subir a bola, não formulavam uma estratégia, sequer a de chutar alto para tentar fazer a bola sair, ficaram presos nos chutes curtos e na tentativa de quem chutava mais a bola. Precisei parar para intervir e explicar que precisariam pensar em uma alternativa para retirar a bola e que todos

deveriam ajudar. E mesmo depois de diversas tentativas o grupo não conseguiu lançar a bola por cima, não conseguiu se organizar, mesmo demonstrando com os outros grupos que haviam conseguido. Era a tentativa da “bicuda” para cima. O **grupo 03**, também apresentou o mesmo tipo de comportamento do restante da turma, ou seja, chutes altos e individuais na tentativa fracassada de lançar a bola por cima. Realizei a mesma intervenção que nos grupos anteriores e após algumas tentativas, conseguiram finalmente se organizar e tirar a bola de dentro do círculo.

2ª tentativa: Todos de braços entrelaçados e de costas (pequenos grupos):

No **grupo 01** o Felipe não conseguia se colocar de costas com os colegas, tive que encaixá-lo no círculo depois que todos já estavam a postos. Na primeira tentativa eles não conseguiram lançar a bola por cima e ainda se jogaram no chão, num claro exagero de desequilíbrio. Após a primeira tentativa, precisamos parar por alguns momentos, pois o **grupo 02** havia conseguido lançar a bola por cima e não se contendo saíram correndo para comemorar, foi quando o Alex escorregou numa pequena poça d’água e bateu o joelho com força no chão, começou a chorar e precisamos socorrê-lo. Já o **grupo 03** também conseguiu na primeira tentativa e logo se organizaram para realizar o feito mais uma vez, porém todos correram também para observar o que aconteceu com o colega que caiu. Enquanto a professora Leda ficava aos cuidados do aluno machucado, eu os organizei mais uma vez de costas e pedi que tentassem mais uma vez. O grupo 02 conseguiu rapidamente, o grupo 03 depois de algumas tentativas e o grupo 01 não obteve sucesso, infelizmente não conseguiram se organizar (e o Felipe se recusou a participar nesse momento). Com o tempo da aula se encerrando, recolhi as bolas pequenas e pedi que todos se reunissem no círculo central da quadra.

A sala toda está muito agitada, diria que mais do que na aula anterior, a todo momento a explicação parava, pois, eles falavam junto, interrompiam a fala ou ficavam de brincadeiras entre eles, sem prestar atenção no que estava acontecendo ao redor. Durante a realização da brincadeira, ficavam puxando um ao outro, dificultando a realização. Precisei sentar com todos e questioná-los sobre o comportamento apresentado na primeira parte da aula. Como foi o comportamento deles? O que eles acharam? O Tadeu imediatamente respondeu: “*mal!*” e a Maria interpelou, dizendo: “*nós ficamos conversando muito e não prestamos atenção na explicação*”. “*E quanto*

mais você (eu professora) ficava falando, a gente conversava mais ainda.” A Camila explicou que *“ao invés de tentar fazer a brincadeira, a gente ficava brincando”*. O João disse que quando a brincadeira era todo mundo de frente, ninguém deixou ele fazer. Nesse momento tive que explicar que não tinha que deixar ninguém fazer, mas sim todos tinha que fazer juntos e não sozinhos (eles ainda continuam com comportamento do eu primeiro). O Eduardo ainda reforçou: *“todos juntos, professora”*. Reforcei que os grupos que conseguiram, foram os grupos que trabalharam juntos, ninguém tentou fazer nada sozinho, mesmo por que sozinhos não conseguiam sequer tirar a bola do chão. Expliquei que a intenção é um ajudar o outro, e não um passar por cima do outro.

Na tentativa de finalizar a brincadeira, falei que agora todos iriam fazer juntos na primeiramente de frente de mãos dadas e depois de braços dados, de costas. Busquei a bola gigante e antes de iniciar, pedi para que todos deitassem, passei a bola por cima deles, depois ficaram em pé de passei a bola um por um, na tentativa de baixar a ansiedade em relação ao tamanho da bola.



Feito isso, iniciei a parte final da brincadeira, todos de mãos dadas de frente para a bola na tentativa de lançar para fora do círculo. A primeira tentativa foi invalidada porque Pâmela soltou da mão do companheiro e deu um soco na bola, fazendo com que ela saísse, mas não num trabalho em grupo. Precisei pedir para que retornassem ao círculo, expliquei o motivo de invalidar a tentativa e reiniciei a brincadeira e rapidamente se uniram e conseguiram tirar a bola de dentro. Pedi para que todos virassem de costas, entrelaçasse os braços e coloquei a bola dentro do círculo. Aqui faço um parágrafo salientando a dificuldade (principalmente hoje em organizar o grupo, entrelaçar os braços, virá-los de costas, ora ajeitava de um lado, ora soltava do outro) eles estavam muito agitados e toda essa organização despendeu um tempo relativo da aula e um desgaste das professoras. As brincadeiras poderiam

sim, fluir de maneira mais tranquila, mas esses contratempos atrapalharam de certa forma a aula, tanto que das atividades planejadas, só realizei uma delas.



Na foto acima, podemos observar a primeira tentativa com o grupo de costas, e obtivemos sucesso logo, assim realizamos mais uma vez. Para finalizar pedi para que sentassem em círculo para conversar um pouco com eles. Primeiramente perguntei sobre o comportamento deles durante a aula, se eles se comportaram? E a resposta foi um sonoro: *NÃO!* Posteriormente perguntei se eles gostariam de brincar mais com a bola gigante, e obviamente a resposta também foi sonora: *SIM!* Nesse momento o Eduardo pontuou que gostaria muito de brincar mais com a bola, mas que a turma estava fazendo muita bagunça, por isso eu ia guardar e não trazer mais. Pontuei que traria sim, mas que não aceitaria mais esse tipo de atitude e que deveriam pensar que todos são companheiros, que devem colaborar e ajudar o outro, que ninguém está ali para competir. Para finalizar perguntei com qual bola foi mais fácil de brincar: a grande ou as pequenas. A resposta foi geral: a grande! E quando fui dar continuidade nas perguntas, o João começou a bater folha no chão. Simplesmente parei de falar e esperei ele se tocar, logo os colegas chamaram a atenção e o Alex disse que eu poderia falar, que estava ouvindo. Perguntei se foi mais fácil lançar a bola quando todos estavam de frente ou quando todos estavam de costas? E a maioria respondeu: *de costas*. Perguntei o porquê, mas eles não souberam explicar. Então eu falei para eles que observei durante a brincadeira, quando estavam frente a frente, eles queriam chutar a bola de qualquer jeito (a bola era o foco) e quando estavam de costas, não conseguiam chutar a bola e isso fazia com que eles se aproximassem, sentissem a bola e fazendo com que todos ajudassem para levantá-la.

Para finalizar disse que só traria as bolas novamente, se eles melhorassem a postura e o comportamento durante a aula, nesse momento a professora Sandra falou que faria um semáforo do comportamento na sala e a professora Leda também os

chamou para conversar, que eles não iriam ter aula prêmio que estavam pedindo a tanto tempo, que as outras salas não têm a oportunidade de brincar com esses materiais diferentes, que apenas essa sala deles tem esse privilégio. Que eles precisavam aprender a ouvir, ter calma para falar e cuidar cada um de si e não ficar apontando o erro dos outros. Que deveriam pensar: eu colaborei com a atividade ou meu comportamento atrapalhou? Não era para responder e sim pensar.

Logo após a conversa, todos foram para fila e encaminhados para a sala, chegando lá, conversei com a professora Cristiane (professora regente da sala) e a mesma fez os mesmos apontamentos, que quando está tentando explicar, eles falam por cima, ou estão brincando/ conversando e não prestam atenção na explicação das atividades em sala de aula. Que está complicado o comportamento deles. A mesma disse que eles vão fazer o semáforo do comportamento, para tentar coibir certos tipos de atitudes, quem sabe visualizando, se policiem mais. Assim me despedi de todos e fui embora.

Observação: Na próxima semana não haverá aula, 20/04 (dia D contra os ataques nas escolas) e 21/04 (feriado).

DIÁRIO DE AULA/05**Data: 27/04/2023****Turmas: 204****Horário: 13h**

ATIVIDADE	Calha cooperativa
MATERIAL	Tubos de PVC cortados ao meio ou cartolina dobrada formando uma “calha” e bolinhas de tênis de mesa.
ORGANIZAÇÃO	Na quadra da escola, organizar um balde ou caixa com as bolinhas de tênis de mesa e na outra extremidade outro balde ou caixa vazia. Cada aluno terá uma “calha”.
DESENVOLVIMENTO	Os alunos segurarão suas calhas de maneira que consigam rolar a bola até a caixa vazia, sem que ela caia no percurso. Para isso eles terão que se deslocar até o final da fila e se organizar para que a bolinha chegue no seu destino.
OBJETIVO	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação e confiança.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito e empatia; - Estimule a resolução de problemas; - Pense coletivamente e supere as diferenças.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h40, um pouco antes do horário habitual de chegada devido a mudança repentina no tempo e início de um bom volume de chuvas. Dirigi-me rapidamente para o pátio coberto, onde os alunos estavam reunidos, aguardando para serem levados a sala de aula. Antes mesmo do horário de início (13h), os inspetores começaram a encaminhar esses alunos para as salas, pois o espaço é relativamente pequeno para a quantidade de alunos que estavam chegando. Acompanhei a turma 204 e me surpreendi com a quantidade de alunos para um dia como esse, hoje contamos com 18 alunos presentes e uma delas é nova, a Juliana que chegou transferida da EMEF Profa. Nilse de Freitas.

Em dias de chuva, é muito complicado desenvolver alguma atividade prática na escola, pois apesar da quadra ser coberta, isso não impede que fique molhada, pois normalmente escorre pelas laterais da arquibancada ou por calhas que estão entupidas e mesmo o acesso a ela não possui cobertura, o que também atrapalha o deslocamento. As salas de aula são relativamente pequenas, então para o dia de hoje, nós afastamos as mesas e cadeiras para um canto da sala, liberamos um pequeno

espaço para tentarmos desenvolver a brincadeira programada para hoje: Calha Cooperativa.

No primeiro momento, colocamos todos dispostos no espaço improvisado da sala, enquanto eu preparava os materiais a professora Leda explicou aos alunos que hoje não poderíamos sair e que a aula seria dentro da sala. Fez a oração que está acostumada antes de iniciar a aula, deixou claro que não é obrigado, faz aquele que sentir vontade e quem não quiser ficar em silêncio em respeito aos outros (José e Gabriel ficaram sentados em silêncio nesse momento). Posteriormente a professora teve uma breve conversa com a turma, explicando que na próxima aula (sexta feira), se eles mantivessem o comportamento poderiam ter a aula prêmio, depois que fizessem a minha atividade e que tudo dependeria do semáforo do comportamento da turma.

Dando sequência a aula, eu apresentei as calhas de papelão e perguntei a eles se sabiam o que era. A resposta mais falada foi: *Papelão! Lixa!* Perguntei se sabiam o que nós íamos fazer com aquele papelão e um sonoro não foi falado pela turma. Então disse que proporia um desafio e que ninguém poderia derrubar a bolinha até chegar no último companheiro e esse colocar dentro da caixa que estava no chão. Porém não usaríamos as mãos, tão logo o Eduardo disse: *“vamos passar a bola pela cabeça”*? Seguindo o mesmo raciocínio a Ana pergunta: *“com os ombros”*? E a turma caiu na risada, afirmando que era impossível usar a cabeça ou o ombro sem derrubar a bola. Foi a partir daí que expliquei que nós usaríamos as “calhas”. Expliquei o que era uma calha e como estava chovendo, esse fenômeno contribuiu e facilitou para que eles entendessem como funcionava, logo a Maria disse: *“Ah! Vamos colocar a bolinha nessa calha e vamos ter que passar sem derrubar?”* E o Alex completou: *“então vamos ser o encanamento”*? Disse que seria mais ou menos isso, que a bola sairia de uma ponta e chegaria na outra e o último colocaria a bola dentro da caixa com a ajuda da calha.



Perguntei então: Para a bolinha não cair, o que eles deveriam fazer? Alex logo disse: “*juntar tudo*”! Juntar o que? Eu perguntei novamente, e a Cristina respondeu: “*as calhas*”. Ou seja, juntar calha com calha para que a bolinha chegasse até o final. Num primeiro momento não expliquei como deveriam segurar e como deveriam manipular, deixei que eles se organizassem. Então entreguei as calhas, uma a uma, esperei um breve momento para que eles criassem estratégias. Antes de iniciar, organizei-os melhor, perguntei o que fariam com os espaços que estavam sobrando e deixei que resolvessem as questões. Vale aqui ressaltar que o Felipe não quis participar nesse primeiro momento da aula.

A primeira bolinha foi lançada (aquelas bolinhas plásticas de piscina) e pude observar que com medo da bola cair, eles estavam segurando a calha com certa força, o que muitas vezes impedia a bolinha de correr, outros acabavam ajudando a passagem com a mão e a maioria colocou uma calha dentro da outra, uma estratégia clara para impedir a queda. A primeira tentativa foi com um pouco de dificuldade, mas isso não tirou a empolgação da turma, que a todo momento pensava em um jeito de finalizar a brincadeira. Após esse primeiro momento, expliquei a eles que não poderiam segurar a calha com tanta força, pois assim impediria a bolinha correr, depois falei que não precisava colocar as calhas uma dentro da outra e sim apenas uma pequena parte, demonstrei como deveriam manipular a calha e tanto para receber e passar a bola, e assim demos início a segunda tentativa.

Nessa tentativa foi um pouco mais tranquila, mas ainda assim tiveram dificuldades em manipular o material e com a preocupação clara que a bolinha caísse, mas conseguiram concluir a tarefa e chegaram até a caixa (fato que os deixou bem felizes, com uma calorosa comemoração). Para dificultar um pouco mais, troquei a bolinha plástica por de tênis de mesa, que acaba sendo bem menor e mais veloz, ficando mais difícil a manipulação. E com essa troca, eles apresentaram muita dificuldade de controlar e a bolinha caiu por algumas vezes, forçando reiniciar a brincadeira algumas vezes (o que não desagradou o grupo, pois estavam bem empolgados), até que conseguiram finalizar e assim tivemos mais uma comemoração.

Para finalizar coloquei duas bolinhas (uma de piscina e outra de tênis de mesa), coloquei-os sentados e nesse momento o Felipe quis participar da brincadeira, deixei-o no final do trajeto junto ao Júlio para auxiliá-lo se fosse preciso. Nessa última tentativa eles também tiveram um pouco de dificuldade, pois acabavam se distraindo

quando passavam a primeira bolinha e esqueciam que a segunda estava chegando. Precisei chamar atenção por diversas vezes, para que não esquecessem das bolinhas e assim ela foi caindo pelo caminho, a brincadeira precisou ser reiniciada, mas conseguiram concluir com sucesso.

Recolhi as calhas e fiz uma breve roda de conversa com os alunos. Perguntei se foi fácil ou foi difícil, e eles não entravam num acordo, uns verbalizam que foi fácil, outros difícil e a Cristina disse que foi mais ou menos, por que ela teve dificuldade em controlar a calha para cima e para baixo. *O que ficou mais difícil? Controlar a calha? Olhar a bolinha?* Alex disse que ficou muito difícil quando precisava fazer a curva, que desse jeito ficava difícil de manipular a calha. A Juliana disse que ela também teve dificuldade em controlar a calha. Perguntei o que poderíamos fazer para não ficar tão difícil e o Eduardo respondeu que se a gente fosse para a quadra e fizesse uma linha reta, ficaria muito mais fácil e o grupo concordou, pedindo para que a brincadeira se repetisse, porém que fosse em um espaço maior. Assim encerrei a roda de conversa, me despedi do grupo e das professoras.

Nessa atividade, observei que o mais difícil para eles, era controlar a ansiedade, a dificuldade com as calhas nada mais era um reflexo desse comportamento, pois eles gritavam, pulavam, se mexiam a todo momento, na expectativa de receber a bolinha em sua calha e passar, se empolgavam exageradamente, mesmo eu parando, pedindo para que acalmassem, mas não teve jeito. A euforia foi geral.

Observação:

- 1.) Na próxima semana não haverá aula dia 05/05 (Conselho Escolar)
- 2.) Na semana de 09 a 12/05 não acontecerá aulas de Educação Física em toda rede. Nesses dias os professores estarão em capacitação técnica ministrado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro.

DIÁRIO DE AULA/06**Data: 28/04/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Labirinto cooperativo
MATERIAL	um TNT grande e bolinhas plásticas.
ORGANIZAÇÃO	Pedir para o grupo segure o TNT e fiquem em todo seu entorno.
DESENVOLVIMENTO	A professora deverá iniciar a atividade explicando aos alunos que todos deverão acertar a bolinha nos buracos do TNT e para que isso aconteça, todos deverão manejar o material de forma harmônica e conjunta, evitando que a bolinha escape pelas laterais. Observação: Outras maneiras de jogar: TNT com mais de dois buracos; realizar a atividade de costas; inverter a ordem e não deixar a bolinha cair pelos buracos; usar mais de uma bolinha.
OBJETIVO	Promover o trabalho coletivo, com foco na realização da tarefa, interação e companheirismo.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - O grupo foque na resolução da tarefa com a participação de todos os companheiros.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 13h30 e fui prontamente para a quadra, onde a professora Leda estava nos momentos finais da primeira aula. Aguardei para que ela levasse a turma para a sala de aula e fomos buscar a sala 204. Chegando lá, cumprimentamos a todos e explicamos que nós iríamos realizar uma atividade na quadra (ministrada por mim) e se a sala mantivesse o comportamento, eles poderiam fazer uma atividade rápida por estações (bambolê, chute a gol e pular corda), a professora Leda me explicou que já havia combinado com eles esse tipo de atividade e como estavam cobrando bastante ela solicitou o final da aula para que pudesse cumprir a promessa que havia feito a eles. Porém foi muito clara com todos, se não realizassem a minha atividade, se não se comportassem, iriam perder o privilégio da brincadeira final. Após a chamada, fomos todos para a quadra, onde nos colocamos em círculo e enquanto a professora iniciava a aula, eu preparava o ambiente para que pudesse iniciar a atividade planejada para essa aula (nesse dia solicitei a professora Sônia que filmasse com uma das câmeras, pois os alunos

estariam em pé e ficaria mais fácil para observar posteriormente, enquanto a outra ficava no tripé fazendo uma tomada geral da aula).

A professora Leda como sempre iniciou a aula fazendo uma oração e sendo clara com aqueles que não queriam fazê-la, poderiam aguardar em silêncio, respeitando em aqueles que queriam realizá-la. Observo nesse momento os mesmos alunos que não gostam desse momento (José, Alex e Júlio) chegando a se afastar do círculo ou tapar os ouvidos. Após a oração, a professora perguntou se eles gostariam de cantar alguma música e mais uma vez a escolha foi “Borboletinha” e “A barata diz que tem”, nesse momento todos cantaram e dançaram.

Para iniciar a aula fizemos uma breve roda de conversa, lembrando do comportamento apresentado nas ultimas aulas, perguntamos se eles gostavam da aula de Educação Física, e prontamente todos responderam um sonoro: *Sim!!!* Logo em seguida perguntei o que eles poderiam fazer na aula. A Cristina começou a listar uma vasta lista de brincadeiras: “*pular corda, bambolê, brincar de futebol*”. O Eduardo disse “*pega linha*” (Nesse momento percebi que eles não entenderam a pergunta, apenas verbalizavam as brincadeiras e não os comportamentos), mudamos o questionamento para o que eles não poderiam fazer na aula de Educação Física. E lá começou uma enxurrada de situações: bater no amigo, empurrar, xingar, gritar, empurrar,... a partir daí disse a eles que não só nas minhas atividades, mas em todas as situações que aconteciam na escola, nós precisávamos antes de tudo ter respeito pelo colega, que não são só as agressões físicas ou os xingamentos que não podia, mas que precisávamos esperar a vez de falar, não tentar falar mais alto que o outro, ajudar o colega que tem alguma dificuldade. Mas nesse momento percebo a imaturidade deles, se distraem com qualquer coisa que esteja acontecendo ao redor, seja carros passando, avião no céu deixando rastro ou apenas uma pequena folha no chão. Aqui vale ressaltar que esse segundo ano, por conta da pandemia, não fizeram a Educação Infantil presencialmente, dessa forma acredito que muitas interações deixaram de ser realizadas, reverberando de certa forma agora no ensino fundamental.

Encerramos a roda de conversa e iniciamos a aula. Pedi para que todos ficassem em pé e peguei o TNT com apenas dois buracos. Coloquei-os em volta, segurando o tecido e expliquei que eles deveriam cuidar da bolinha, cuidar para que ela não caísse pelo buraco, logo o Tadeu disse que não teria problema, porque ele

era profissional, e que não ia deixar a bolinha cair de jeito nenhum! Disse a eles que todos deveriam cuidar dela, mas não disse como deveriam fazer, se deveriam ficar parados ou mexendo o tecido, eu queria experimentar até onde eles iam e como se organizariam.



Foi difícil explicar a brincadeira, pois eles começaram a se agitar e todos falavam ao mesmo tempo, tive que pedir por diversas vezes para deixar eu terminar a explicação. Passado esse desconforto inicial, discretamente soltei a bolinha no tecido e imediatamente começaram a chacoalhar o tecido freneticamente, mas tentando evitar que a bolinha escapasse pelas laterais ou pelos buracos feitos no tecido.

Tive que reexplicar a atividade (o que foi desgastante, pois eles falavam ao mesmo tempo), por que a ideia central deles era dividir em duas equipes e tentar “fazer gol” no buraco que havia no tecido, inclusive Alex manifestou-se sobre isso. Disse novamente que todos deveriam cuidar da bolinha para que ela não escapasse pelas laterais e também pelos buracos.



Enquanto explicava, o Tadeu se manifestou que se era para proteger a bolinha ele estaria de parabéns, pois ele era profissional. E a partir daí a primeira tentativa foi

feita. Mal coloquei a bolinha no tecido e a gritaria já começou, juntamente com o chacoalhar freneticamente do tecido, (tive que fazer uma intervenção enquanto a brincadeira rolava, pois o Felipe pegava a bolinha para ele), com todo esse movimentar obviamente acarretou na queda da bolinha rapidamente. Antes de reiniciar, o Davi Scapin se manifestou perante o grupo e disse que o segredo era não mexer tão rápido, caso precisasse se movimentar tinha que ser bem devagar. O Tadeu também apontou que o Felipe ficava a todo momento pegando a bolinha e que não poderia fazer isso. Então lá vamos nós para a segunda tentativa.



Nessa segunda tentativa houve um pouco mais de consenso entre os alunos, mas a ansiedade estava a flor da pele e a Maria e a Juliana não se controlaram e as duas começaram a balançar com mais força, mesmo diante dos protestos dos outros alunos pedindo para que elas parassem, mais uma vez a bolinha caiu. E lá fomos nós para a terceira tentativa, porém agora pedi para que todos ficassem de costas e coloquei duas bolinhas (na intenção nesse momento era de que se não olhassem e dessa maneira ficaria mais fácil de controlar).



E pela primeira vez conseguimos controlar e deixar as bolinhas no tecido sem cair, eles mesmos começaram uma contagem regressiva até 10 (dez) e mantiveram as duas dentro do tecido. Quando conseguiram, houve uma explosão de euforia entre eles, comemorando a conquista.

Para dificultar agora eu troquei o tecido e coloquei um que possui 4 buracos e o Alex mais uma vez se manifestou, dizendo que o segredo era não se movimentar, ou bem devagar como fizeram quando estavam de costas. Perguntei a eles qual era a diferença entre os dois tecidos e prontamente eles responderam que esse havia 4 buracos e que agora era muito mais difícil. Antes de iniciar, houve vários gritos de deixem a bolinha quieta! Fiquem parados! E lá vamos nós de novo! Reiniciamos a brincadeira e agora parece que eles entenderam e começaram a cuidar da bolinha, e conforme as bolinhas não caíam, eu acrescentava mais (um total de quatro), a partir desse momento, começou uma gritaria sem fim, o Alex e o Júlio perderam a paciência e acabou pegando as bolinhas e tentou recolocá-las no centro do tecido, rapidamente repreendi e tentei reiniciar. Tentativa frustrada, pois quando a bolinha chegava perto do buraco, havia uma movimentação para que ela não caísse e os outros interpretavam como se fosse para chacoalhar, dessa maneira, as bolinhas caíam para todos os lados, frustrando aqueles que estavam tentando brincar dentro das regras. Para finalizar fizemos mais uma tentativa de costas e conseguimos fazer com que as bolinhas ficassem no tecido, novamente contaram até 10 (dez) e explodiram de alegria comemorando a conquista.

Para finalizar fiz uma roda de conversa e perguntei a eles qual era o segredo da brincadeira, se eles conseguiram entender o que deveriam fazer para poupar as bolinhas de caírem, eles responderam que deveriam ficar equilibrando entre um lado e outro. Perguntei se foi isso que estava acontecendo e responderam que não. O Tadeu disse que entendeu o recado do Davi, mas que os colegas não. Expliquei a eles que o segredo real era que todos deveriam trabalhar juntos, mas que estava difícil porque enquanto alguns tentavam equilibrar, outros balançavam sem parar e isso fez com que as coisas não dessem muito certo, que eles deveriam trabalhar em equipe.

O difícil nesse momento além de falarem todos juntos, era controlar as acusações de quem tinha feito ou não. Todos queriam falar ao mesmo tempo, mesmo pedindo para que erguessem as mãos para falar. Perguntei qual era mais fácil o tecido com dois ou de quatro buracos e a resposta foi que era o de dois, pois o tecido com

mais buracos era mais difícil de equilibrar. Combinei que retornaria com a atividade e que iríamos organizar melhor a brincadeira. Combinamos que todos iriam trabalhar melhor e juntos na próxima tentativa.

Sem tempo para mais nada, a professora Leda organizou para que todos bebessem água e fossem encaminhados para a sala de aula.

Observação: Na próxima semana não haverá aula dia 05/05 (Conselho Escolar) Na semana de 09 a 12/05 não acontecerá aulas de Educação Física em toda rede. Nesses dias os professores estarão em capacitação técnica ministrado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro.

DIÁRIO DE AULA/07**Data: 18/05/2023****Turmas: 204****Horário: 13h**

ATIVIDADE	Gestos com uma música
MATERIAL	Uma bola para cada aluno ou algum outro objeto.
ORGANIZAÇÃO	Todos sentados em círculo.
DESENVOLVIMENTO	Em círculo, os alunos vão cantar uma música. Daí os alunos, depois de aprenderem bem a música e saberem os movimentos dela, farão a troca de bola (ou objeto) a partir da canção. Escravo de Jó, jogavam caxangá: vai passando a bola. Tira: coloca a bola ao ar; Deixa ficar: deixa a bola no chão; Guerreiros com guerreiros: passa a bola; fazem zigue-zigue-zá: finge que vai passar a bola, mas esta fica com o aluno. Depois, começa de novo. Observação: Pode ser construída uma música junto com eles que tenha até mais movimentos com a bola e usá-la para esta atividade.
OBJETIVO	Despertar a consciência de cooperação e do trabalho coletivo.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule a escuta ativa; - O grupo foque na resolução da tarefa com a participação de todos os companheiros.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h50, fui diretamente para a quadra onde todos os alunos ficam aguardando o professor (seja polivalente ou de área) para encaminhá-los à sala de aula. Às 13h a professora Leda foi buscar a turma 204 e os levou para a sala onde realizou a chamada, deu alguns recados, principalmente sobre o comportamento deles durante as aulas (seja comigo ou com ela), pediu a todos que primeiro escutassem o que tínhamos para falar, que todos ali na sala precisavam ouvir um pouquinho mais e acalmar os ânimos, pois andavam muito agitados e isso estava atrapalhando o desenvolvimento da atividade. Percebo que essa é uma questão muito forte na sala, pois há relatos da professora polivalente (Cristiane) e da professora de atendimento educacional especializado (AEE - Sônia), ambas verbalizaram que a sala está muito difícil de trabalhar, pois os alunos falam a todo momento, não esperam sua vez, atropelam conversas, levantam o tempo todo, fazem fofocas. Na tentativa de coibir esse tipo de situação, elas fizeram como mencionado anteriormente um semáforo com as fotos dos alunos, onde dependendo

da maneira como se comportam a foto pode ir para o vermelho ou amarelo e até permanecer no verde.

Nas aulas de Educação Física a professora Leda faz roda de conversa, explica e debate com eles sobre a postura deles no momento da aula e eu entro com as atividades sociomotrizas de cooperação, buscando não apenas observar as condutas motrizas desses alunos durante as atividades, mas também tentar entender o porquê dessas condutas, como também promover um ambiente coletivo, a escuta ativa e que o grupo interaja de forma colaborativa. Entretanto a cada dia que passa tem se tornado mais difícil a realização e a implantação de algumas atividades, mesmo com toda roda de conversa, com as várias tentativas (muitas vezes frustradas) de explicar, de fazer com que nos escute em algum momento, tem sido desgastante e muito cansativo. No decorrer das aulas, tanto eu, como a professora Leda e a professora Sônia temos observado um comportamento de certa forma aquém do esperado para idade, pensamos que possa ser reflexo da pandemia, onde esses alunos não passaram pela Educação Infantil, mas também temos aqueles que passam por problemas familiares que desestabilizam e acaba refletindo no comportamento desses alunos. São discussões que debatemos sempre ao término das aulas, o que estaria acontecendo com essa turma?

Observo que na realização das propostas, eles querem a todo momento tornar a atividade sociomotriz de cooperação em algum tipo de competição. Quando faço a explicação do que vamos desenvolver e peço sugestões de como realizar as atividades, quais alternativas eles enxergam e sugerem, mas sempre uma proposta para transformar em competição aparece. Enquanto alguns alunos não se manifestam nessas questões, outros desfoam do objetivo e interpelam com falas: “vamos jogar futebol?”, “hoje vai ser aula livre?” ou “vai ter chute ao gol?”, mesmo quando a explicação da atividade já tenha iniciado e percebem que não é o que eles esperam.

Após a parte inicial, onde fizemos uma roda de conversa, enquanto eu preparava o ambiente a professora manteve a rotina de fazer uma oração antes do início da aula (notei sempre que alguns alunos não fazem, mas permanecem no ambiente).

Na tentativa de iniciar a aula, ficamos em círculo, sentados na quadra e perguntei a eles se conheciam a música “Escravos de Jó” e a resposta foi quase unanime: *Simmmmm!!!*



E já começaram a cantar antes mesmo de finalizar a explicação. Retomei a fala e perguntei da onde eles conheciam. Prontamente a Camila e o Alex responderam que a professora de Arte havia ensinado para eles, então, já que a maioria conhecia, pedi para que eles apenas cantassem, o que fluiu de maneira bem tranquila. No segundo momento entreguei uma bolinha plástica para cada um e pedi para que cantassem e eu demonstrei como fazer com a bolinha e eles adoraram a ideia. Então, na tentativa de iniciar com os gestos, disse que não passaríamos as bolinhas, apenas nos manipularíamos no lugar. Cantamos e gesticulamos de acordo com a comanda da música, percebi certa dificuldade da Letícia em acompanhar e mais ainda do Felipe (até que não pegou a bolinha da cor que ele queria, se recusou a fazer), quando conseguiu teve também dificuldade de acompanhar no ritmo da música. Cantamos por mais duas vezes, então propus que eles passassem a bolinha de mãos em mãos (pegava com uma e entregava com a outra) e a confusão começou. O Felipe se recusava a passar a bolinha verde dele e ficava esperando as bolinhas (dos outros colegas) chegarem até ele, mantinha a bolinha verde em uma das mãos e repassava a outra, o que causou descompasso na passagem do material. O grupo acabou se irritando com ele, chamando a atenção do mesmo pedindo para que passasse a bolinha logo. O Mário pediu então se nós poderíamos passar e cantar, então demonstrei como seria e lá fomos nós para uma tentativa. Obviamente não deu certo, houve certo descompasso, mas eles não desistiram, entretanto o Felipe continuou com a mesma postura, se recusando a passar a bola verde, acumulando as outras bolinhas e atrapalhando literalmente o desenvolvimento da atividade. Tentei conversar e explicar que ele iria passar, mas a bolinha ia voltar (a professora AEE, também tentou convencê-lo, mas não obteve sucesso). Nesse momento o Miguel, pediu para que nós tentássemos mais uma vez, que ele queria terminar esse desafio, todos prontamente toparam e então

iniciamos a música. Nessa tentativa fluiu um pouco melhor, porém quando as bolinhas chegavam no Felipe acabava por retê-las e atrapalhava a brincadeira (mesmo eu sentando ao lado dele).

Antes de finalizar, perguntei a eles o que aconteceu, por que as bolinhas não rodavam, prontamente a maioria respondeu que o Felipe segurava as bolinhas e não passava a que estava na mão dele. A Patrícia verbalizou que também teve dificuldade de passar a bolinha e que não queria mudar de cor, mas pensava que a bolinha laranja iria voltar até ela. Então perguntei o que nós poderíamos fazer para que todos passassem o material e não ficassem segurando, porque gostava daquela ou desta cor. O Miguel mais uma vez pediu a palavra e disse que nós poderíamos utilizar bolinhas de apenas uma cor, ainda sugeriu: *“traz só bolinha amarela, professora”*. A Cristina disse que poderia ser um outro objeto, mas que tivesse a mesma cor, para segundo ela: *“deixar todos brincarem”*. Para finalizar, combinei com eles que nós iríamos repetir a brincadeira, mas seria de um jeito e material diferente e todos concordaram.

Sem tempo para mais nada, a professora Leda, levou-os para lavar as mãos, beber água e encaminhá-los para a sala de aula.

Enquanto todos bebiam água, eu chamei o Júlio e perguntei se ele havia gostado, pois percebi que participou com vontade, ele disse que sim. Perguntei se participaria novamente, e respondeu que sim. Fiz esse questionamento a ele, pois percebi que quando a professora Lêda canta alguma música no início das aulas, ele por muitas vezes não canta e até chega a tapar os ouvidos e quando indagado ele verbaliza que não gosta de música, porém dessa atividade ele além de participar, também cantou (o que me deixou muito satisfeita).

DIÁRIO DE AULA/08**Data: 19/05/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Paraquedas lúdico
MATERIAL	Paraquedas
ORGANIZAÇÃO	Na quadra ou em um espaço amplo da escola. Estender o paraquedas e reunir os alunos no seu entorno.
DESENVOLVIMENTO	Pedir aos alunos que segurem o paraquedas pelas beiradas e explicar que para ele funcionar, todos deverão ajudar. Ao comando da professora, movimentar o paraquedas aleatoriamente até que os alunos se sintam familiarizados com o material. A partir daí, modificar os movimentos, inflando enquanto os braços vão para cima e murchando assim que abaixam os braços. Estimular os alunos que façam movimentos lentamente. Separar o grupo por números, cor de roupa ou outras características e dar o comando, assim que o paraquedas estiver inflado, para que um grupo destacado passe por baixo, enquanto os outros colegas o mantenham inflado. Trocar as posições e pedir sugestões para que todos possam passar e variar os movimentos por baixo do paraquedas.
OBJETIVO	Fortalecer o trabalho em equipe em busca do trabalho coletivo cooperativo.
Espera – se que: - O grupo trabalhe de maneira coletiva; - O grupo foque na resolução de tarefas; - O grupo interaja de maneira positiva.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 13h30 e dirigi-me para a quadra poliesportiva, onde a professora Leda estava dando aula para o primeiro ano. Enquanto ela estava com os alunos, eu preparei o ambiente para receber a sala 204.

Às 13h55 fomos para a sala, buscar os alunos que nos aguardavam ansiosamente (a receptividade deles quando chegamos foi calorosa), a professora Leda fez a chamada e pediu para que todos formassem uma fila do lado de fora da sala para seguirmos para a quadra. Chegando na quadra, fizemos uma roda de conversa e a professora fez alguns apontamentos sobre situações que estavam acontecendo na escola, principalmente em relação a contar mentiras para os pais. Perguntou a eles se um colega cair e ao invés de contar para a mãe que caiu, falar

que um outro colega bateu era certo ou errado. A grande maioria respondeu que era errado, que era mentira. Então ela reforçou a importância em falar sempre a verdade, pois uma mentira pode prejudicar muito um outro colega, a professora e até mesmo a escola (aqui vale um parêntese, pois duas situações aconteceram com essa turma, onde dois alunos relataram aos pais situações que não acontecerem e criou uma celeuma entre a escola, as professoras e os pais, situações que foram apuradas e desmentidas, mas precisou de muita intervenção e conversa da direção e da professora com os alunos). A pausa para essa conversa se fez necessária para que fatos assim não ocorram mais durante as aulas.

Após esse bate papo, na roda de conversa inicial perguntei a eles: quem sabe o que é paraquedas? e a resposta geral, foi um sonoro: *siiiiimmmmmmmmm!!!!* A Cristina disse: “*é aquele negócio que segura e vai descendo assim*” (demonstrou balançando o corpo de um lado para o outro). Já o Alex respondeu que usa quando vai pular de um avião, segura e ele abre descendo devagar. O João disse que se pular sem paraquedas, “vai espatifar no chão” (sic). Depois dessa breve conversa, pedi para que todos se levantassem, precisei dar uma organizada na distribuição da turma, intercalando entre meninas e meninos para organizar a dinâmica de uma das comandas no jogo do paraquedas.

Para iniciar o jogo, primeiramente abri o paraquedas no chão e pedi para que todos “entrassem no avião” – uma forma lúdica para que todos se aproximassem – solicitei para que cada um segurasse em uma alça do paraquedas e para que funcionasse, todos precisam trabalhar juntos, erguer os braços, encher o paraquedas de ar e abaixar bem devagar, sem ficar chacoalhando aleatoriamente. Foi nesse momento que a ansiedade tomou conta: eles davam pulinhos, gritinhos e riam, enquanto o jogo não começava.

Logo na primeira tentativa, tive que fazer uma parada. Algumas crianças na ansiedade de jogar começaram antes da comanda da professora e outros tentaram entrar embaixo (Alex). Pedi a todos que se acalmassem e apenas lançassem o paraquedas no meu comando e que não entrassem por baixo.

E lá fomos nós, inflando e descendo o paraquedas várias vezes e a dinâmica funcionou perfeitamente, eles ficaram encantados com o brinquedo.

Agora para mudar um pouco a dinâmica, na hora que o paraquedas inflou, pedi para que todos os meninos sentarem ao centro, debaixo do paraquedas,

salva de palmas pelas crianças), encaminhei para que todos pudessem beber água e lavar as mãos e foram todos para a sala.

DIÁRIO DE AULA/09**Data: 25/05/2023****Turmas: 204****Horário: 13h**

ATIVIDADE	Calha cooperativa:
MATERIAL	Tubos de PVC cortados ao meio ou cartolina dobrada formando uma “calha” e bolinhas de tênis de mesa.
ORGANIZAÇÃO	Na quadra da escola, organizar um balde ou caixa com as bolinhas de tênis de mesa e na outra extremidade outro balde ou caixa vazia. Cada aluno terá uma “calha”.
DESENVOLVIMENTO	Os alunos segurarão suas calhas de maneira que consigam rolar a bola até a caixa vazia, sem que ela caia no percurso. Para isso eles terão que se deslocar até o final da fila e se organizar para que a bolinha chegue no seu destino.
OBJETIVO	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação e confiança.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito e empatia; - Estimule a resolução de problemas; - Pense coletivamente e supere as diferenças.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h45 e fiquei na quadra junto aos alunos aguardando para que os professores para buscar as salas. Às 13h, a professora Leda buscou a turma 204 e fomos para a sala de aula, onde a professora deu andamento a rotina que a escola pede. Após a chamada e uma conversa inicial, nos dirigimos a quadra, parando apenas para abastecer as garrafas de água e ir ao banheiro.

Chegando na quadra eu e a professora Leda, fizemos uma breve roda de conversa e iniciamos a primeira atividade (a pedido das crianças), de “Rola a bola”. Sentamos todos em círculo e para que o jogo fluísse, antes de jogar a bola, a regra de ouro, é falar o nome do amigo. Iniciamos o jogo e tudo aconteceu de maneira muito divertida e tranquila, interagiram bem um com o outro. Com exceção do Felipe, que ficou sentado para o lado de fora do círculo, não quis participar dessa atividade, fui, conversei com ele, mas não teve acordo e disse que não queria fazer, então para

mantê-lo pelo menos perto de mim e do grupo, pedi que ele me ajudasse a organizar as coisas, e ele topou, assim consegui fazer com que ficasse mais próximo ao grupo.

Para a segunda atividade, programei a calha cooperativa, que na primeira vez em que fizemos, estava chovendo bastante e precisamos nos organizar para fazer dentro da sala. E hoje foi tudo diferente, fizemos na quadra.

Antes de iniciar a calha, conversei com eles, perguntei se eles lembraram do jogo e todos responderam um grande e sonoro...*simmmmmmm!!!!* Relembrei o que aconteceu quando eles realizaram o jogo pela primeira vez, e o Davi Scapin respondeu que a bolinha havia caído, porque a calha “desmoronou”. Logo em seguida perguntei: porque desmoronou? E a Camila rapidamente respondeu que alguns colegas ficaram balançando.

Logo em seguida pedi para que o Tadeu me auxiliasse para demonstrar como todos deveriam segurar a calha. Perguntei se poderia segurar a calha do colega ou se eu deveria cuidar da minha e a Maria respondeu que cada um deveria segurar a sua, e o Davi completou que ficava mais fácil de subir e descer a calha. Perguntei também se eu poderia sair da fileira com a calha e deixar um “buraco” e eles responderam que não. E se eu segurar a calha apertada? Vai dar certo? A Camila disse que não, porque a bolinha vai ficar presa ou não vai entrar.

Para dar continuidade, pedi que ficassem em pé, um ao lado do outro, distribui



uma calha para cada criança e organizamos tudo para formasse um caminho e que a bolinha rolasse pelas calhas até chegar ao final, entretanto isso demandou um pouco mais de tempo do que esperado, pois eles ficaram mais agitados (por conta da expectativa) e precisei intervir junto ao João que deixava a calha bem mais baixa que do grupo e lá no início da fileira o Gabriel não parava de subir e descer a calha dele e por vez, acabava desencaixando as dos colegas ao lado, atitude que provocou a Cristina, que insistentemente pediu para que ele parasse, precisei intervir e explicar

novamente que dessa maneira o jogo não iria acontecer, que para dar certo, todos precisavam colaborar, inclusive ele.

Conversa essa que deu certo, fazendo com que ele se posicionasse de maneira correta e a partir daí, iniciamos a primeira tentativa, com sucesso absoluto. Eles conseguiram trabalhar com as calhas e a bolinha de piscina chegou até o final, acertando o balde. Após o sucesso, eles comemoraram e desmancharam toda a fileira na comemoração. O que demandou mais um pouco de tempo para organizar tudo de novo.



Depois de tudo reorganizado, iniciamos mais uma tentativa e dessa vez a Letícia e o Felipe subiram demais a calha, descolando do restante do grupo, provocando a queda da bolinha logo no começo. Logo fui e conversei com os dois, expliquei que precisavam manter a calha junto aos amigos, perguntei por que levantaram e os dois não responderam, apenas deram com os ombros, sem saber explicar ou entender o porquê fizeram. A partir disso reiniciei e a bolinha correu, porém não conseguiram acertar no balde, ela “quicou” e pulou para fora.

A terceira tentativa foi com uma bolinha de tênis de mesa, uma bola menor e mais rápida. Dessa forma, eles se organizaram de uma maneira que a fileira ficasse inclinada para baixo, até chegar na caixa (estratégia deles) e deu super certo!

Ao final da aula, fizemos uma breve roda de conversa, perguntei a todos o que eles acharam e a resposta foi: *muito legal!* Em uma conversa mais privada, perguntei ao Felipe o porquê ele ter levantado a calha, e ele não me respondeu. Perguntei se ele havia entendido o que era pra fazer e ele respondeu sim. Fiz as mesmas perguntas para Letícia, que sequer verbalizou, apenas deu com os ombros e abaixou a cabeça. Depois disso as crianças foram conduzidas para a sala de aula.

DIÁRIO DE AULA/10**Data: 26/05/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Gestos com uma música
MATERIAL	Uma bola para cada aluno ou algum outro objeto.
ORGANIZAÇÃO	Todos sentados em círculo.
DESENVOLVIMENTO	Em círculo, os alunos vão cantar uma música. Daí os alunos, depois de aprenderem bem a música e saberem os movimentos dela, farão a troca de bola (ou objeto) a partir da canção. Escravo de Jó, jogavam caxangá: vai passando a bola. Tira: coloca a bola ao ar; Deixa ficar: deixa a bola no chão; Guerreiros com guerreiros: passa a bola; fazem zigue-zigue-zá: finge que vai passar a bola, mas esta fica com o aluno. Depois, começa de novo. Observação: Pode ser construída uma música junto com eles que tenha até mais movimentos com a bola e usá-la para esta atividade.
OBJETIVO	Despertar a consciência de cooperação e do trabalho coletivo.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule a escuta ativa; - O grupo foque na resolução da tarefa com a participação de todos os companheiros.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão, às 13h45 e fui para quadra poliesportiva, onde a professora Leda estava finalizando a aula com a turma do primeiro ano. Em seguida fui junto à professora buscar a sala 204, esperei que ela fizesse a chamada, organizasse a saída e nos dirigimos para a quadra, onde fizemos uma roda de conversa, expliquei qual seria a atividade da aula, perguntei se eles lembraram quando fizemos a música Escravos de Jó e todos responderam que sim e logo começaram a cantar! Como na primeira vez em que fizemos houve um desacordo por conta das bolinhas coloridas, dessa vez levei vários cones grandes e todos da mesma cor.

Sentamos todos em um grande círculo, entreguei um cone para cada criança, e para iniciar a brincadeira, pedi para que cantassem a música e manuseassem o cone no lugar (cada um com o seu sem rodar) e deu super certo, como o cone fazia barulho ao bater no chão, se empolgaram bastante na “cantoria” e ficou bem divertido. Entretanto já sabia da dificuldade do grupo em passar o material enquanto a música era cantada, então, na tentativa de facilitar essa demanda, eu dividi o grupo em três grupos com seis

aí que começara a gritar e não a cantar) precisei “acalmá-los” para reiniciar e foi super legal! Conseguiram, cantaram e trocaram os cones.

Assim que conseguimos finalizar, houve uma comemoração do grupo e antes de terminar a aula, pedi para que todos sentassem no círculo para a conversa final. Mas para que isso acontecesse, precisei chamar a atenção de alguns alunos, pois como disse mais acima, eles falam ao mesmo tempo, falam mais alto e dificulta por muitas vezes o diálogo com a turma. As maiores dificuldades na aula, às vezes, não nem a atividade em si, mas tentar fazer com que eles nos ouçam, parem um pouco com as brincadeiras paralelas (Ana e Patrícia não paravam um momento, ficavam deitando uma por cima da outra, precisei separá-las pra conseguir conversar com o grupo).



E dessa forma, falei para o grupo:

- Vocês perceberam que quando o grupo para escutar, a brincadeira acontece mais fácil? Vocês precisam não apenas colaborar com o colega, mas com a professora também. Para que as brincadeiras aconteçam, eu preciso da colaboração de todos e isso começa quando eu preciso parar um pouquinho para ouvir. Se não, eu não vou ouvir, não vou entender e não vou conseguir ajudar o meu colega.

Nesse momento o Alex pede para falar e comenta com o grupo: *“na primeira vez eu não estava entendendo muito o que era para fazer, porque eu não conseguia ouvir”*.

- O que vocês acharam mais difícil na atividade de hoje?

A Cristina responde: *“o mais difícil é passar o cone e cantar junto, mas quando o grupo ficou menor, ficou mais fácil”*.

E o Gabriel completou: *“quando fica rápido, fica mais difícil”*.

- Em qual momento a atividade ficou mais fácil?

O Alex responde: *“quando a gente ficou em dupla”*. E perguntei o porquê. Ele respondeu que quando tem menos pessoas, fica mais fácil de passar o cone, mas que ele gostaria de tentar de novo com todo mundo.

A Camila ainda comentou: *“quando tem menos pessoas, a brincadeira não trava”*.

E o Júlio disse que estava muito feliz porque ele havia conseguido fazer a brincadeira. (Júlio não gostava de música, toda vez que cantava ou tocava, ele tampava os ouvidos e se recusava a participar, e hoje vejo ele participando, cantando e sorrindo junto aos colegas da turma).

Finalizando a aula, pedi para que guardassem os cones e retornassem para a sala de aula, mas combinamos que a brincadeira voltaria.

DIÁRIO DE AULA/11**Data: 01/06/2023****Turmas: 204****Horário: 13h**

ATIVIDADE	Paraquedas lúdico
MATERIAL	Paraquedas
ORGANIZAÇÃO	Na quadra ou em um espaço amplo da escola. Estender o paraquedas e reunir os alunos no seu entorno.
DESENVOLVIMENTO	Pedir aos alunos que segurem o paraquedas pelas beiradas e explicar que para ele funcionar, todos deverão ajudar. Ao comando da professora, movimentar o paraquedas aleatoriamente até que os alunos se sintam familiarizados com o material. A partir daí, modificar os movimentos, inflando enquanto os braços vão para cima e murchando assim que abaixam os braços. Estimular os alunos que façam movimentos lentamente. Separar o grupo por números, cor de roupa ou outras características e dar o comando, assim que o paraquedas estiver inflado, para que um grupo destacado passe por baixo, enquanto os outros colegas o mantenham inflado. Trocar as posições e pedir sugestões para que todos possam passar e variar os movimentos por baixo do paraquedas.
OBJETIVO	Fortalecer o trabalho em equipe em busca do trabalho coletivo cooperativo.
Espera – se que: - O grupo trabalhe de maneira coletiva; - O grupo foque na resolução de tarefas; - O grupo interaja de maneira positiva.	
ATIVIDADE	Telefone sem fio e a mensagem engraçada
MATERIAL	Nenhum
ORGANIZAÇÃO	Todos sentados em círculo
DESENVOLVIMENTO	Alunos sentados um ao lado do outro, bem grudadinho. Uma pessoa passará a frase para a primeira da coluna que passará a mensagem para a 2ª pessoa, que passará para a 3ª.... Ao final, a última pessoa fala em voz alta a mensagem e quem passou a mensagem inicialmente diz a sua frase original.
OBJETIVO	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação e a coletividade.
Espera-se que: - O grupo interaja e desenvolva as atividades de forma positiva; - Estimule o respeito; - Pense coletivamente e supere as diferenças.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h45 e fiquei aguardando a professora Leda buscar os alunos na quadra. Às 13h, os professores da escola

chegaram e cada um levou sua turma para a sala de aula. Ao chegarmos na sala, a professora fez a chamada e conversamos com eles a respeito das atividades que seriam desenvolvidas na aula de hoje. Em seguida saímos todos para a quadra. Dispus as crianças em círculo, cumprimentei-os e logo em seguida perguntei se eles conheciam a brincadeira “telefone sem fio”.

Nesse momento já começou um burburinho e todos disseram que sim, e o Alex disse que conhecia e pediu para explicar, então deixei ele falar.

- *“A gente tem que falar na orelha do amigo e vai passando, até chegar no final”.*

Logo em seguida perguntei:

- *“Mas eu posso falar alto para que todos ouçam a mensagem”?*

E a resposta foi um sonoro, *não!*

E o Tadeu completou:

- *“tem que falar bem baixinho”.*

Concordei e reforcei que não poderia falar alto, que a mensagem tinha que chegar certinha para que todos vencessem a brincadeira. Então iniciamos a brincadeira e eles permaneceram ali, na ansiedade de saber a palavra secreta. E eles foram passando a mensagem, na expectativa de chegar certa. Na primeira tentativa a palavra secreta era BANANA e a mensagem que chegou ao final foi CHOCOLATE. Quando revelei qual era a palavra secreta, perguntei quem ouviu outra que fosse diferente, logo o Tadeu revelou que a Luana havia passado a palavra chocolate, então perguntei a ela porque ela falou chocolate e a mesma respondeu que foi o que entendeu a partir da Letícia que estava ao lado. Então antes de reiniciar, falei que eles poderiam fazer uma conchinha com as mãos no ouvido do colega, que ficaria mais fácil de ouvir, já que a rua estava muito movimentada hoje e o barulho estava atrapalhando. Em seguida passei a segunda palavra secreta: JACARÉ e ao final a palavra que chegou foi PICOLÉ. Dessa vez consegui identificar que o erro na passagem da palavra foi entre o Júlio e o Marcelo (Marcelo é um menino participativo, interage bem na hora das brincadeiras, entretanto é um pouco tímido e o único da sala que continua de máscara após a liberação do uso e não tira por nada), desse modo acredito que isso tenha colaborado no equívoco da mensagem, que apesar de ser errada, era a mesma sonoridade.

Na terceira tentativa, eu inverti a ordem e iniciei da esquerda para a direita, reforcei a importância de fazer a conchinha e soltei a palavra secreta: PIPOCA, e

dessa vez conseguimos chegar com a mensagem certinha. Quando verbalizei o que chegou, houve uma explosão de comemoração entre as crianças. Antes de finalizar, perguntei se eles haviam gostado, a Cristina respondeu que sim e queria fazer mais uma vez. Quando perguntei ao grupo se eles queriam repetir a brincadeira no outro dia, todos disseram que sim. Então ficou combinado que nós faríamos de novo em outro momento.

Para a próxima etapa da aula, eu trouxe o paraquedas, aproveitando que todos estávamos em círculo, perguntei eles lembravam o que era e prontamente o Mário respondeu que: sim e que era muito legal. A Camila completou que para voar com o paraquedas todo mundo tinha que trabalhar junto pra subir e descer.

Então peguei o paraquedas, distribui as crianças no seu entorno e ao comando todos subiam (enchia ele de ar) e descia bem devagar até chegar ao chão ainda cheio de ar. Repetimos algumas vezes e cada vez mais eles se esforçavam para encher mais de ar. Depois disso, fiz a troca de lugares, enquanto o paraquedas estava inflado, portanto cada vez que o paraquedas subia, eu chamava duas crianças e essas deveriam trocar de lugar enquanto o paraquedas estava no ar e eles gostaram tanto que algumas delas davam “pulinhos” na expectativa de chegar a sua vez. Depois todos trocaram de lugar, pedi para que sentassem, recolhi o paraquedas e fiz algumas perguntas:

- *“O que vocês sentiram na brincadeira do paraquedas”?*

O Tadeu respondeu:

- *“emoção”*.

A Cristina respondeu:

- *“felicidade”*.

A Luana respondeu:

- *“divertido”*.

O Júlio respondeu:

- *“queria poder voar com ele”*.

Logo em seguida perguntei:

- *“Porque a brincadeira deu certo”?*

Alex respondeu:

- *“por que a gente brincou junto”*.

E a Maria completou:

- *“todo mundo ajudou”*.

O Mário disse:

- *“foi muito legal”*.

Perguntei novamente:

- *“Ajudar então é importante”?*

E a resposta geral foi um grandioso: *SIM!*

Com o tempo da aula se findando, levei todos para que pudessem beber água e em seguida os encaminhei para a sala.

DIÁRIO DE AULA/12**Data: 02/06/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Telefone sem fio e a mensagem engraçada
MATERIAL	Nenhum
ORGANIZAÇÃO	Todos sentados em círculo
DESENVOLVIMENTO	Alunos sentados um ao lado do outro, bem grudadinho. Uma pessoa passará a frase para a primeira da coluna que passará a mensagem para a 2a pessoa, que passará para a 3a.... Ao final, a última pessoa fala em voz alta a mensagem e quem passou a mensagem inicialmente diz a sua frase original.
OBJETIVO	Estimular o trabalho em grupo, buscando promover a interação, a participação coletividade.
Espera-se que: - O grupo interaja e desenvolva a atividades de forma positiva; - Estimule o respeito; - Pense coletivamente e supere as diferenças.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 13h30 e observei que havia algo diferente. Logo na entrada fui abordada pela coordenadora, dizendo que às 13h55 todos os segundos anos fariam uma apresentação para a escola, organizada pela professora de artes. Portanto meu planejamento para a aula não poderia ser realizado.

Em seguida fui para o refeitório, pois seria onde as crianças fariam as apresentações e fiquei aguardando o término, na expectativa que conseguisse desenvolver alguma atividade com as crianças.

Às 14h20 as apresentações se findaram e pudemos reunir todas as crianças e levá-las para a quadra. Como o tempo estava escasso e restava apenas 25 minutos, com uma rápida roda de conversa, perguntei a todos o que achavam de nós fazermos novamente o telefone sem fio, mas dessa vez seria um pouquinho diferente: todos ficariam em uma grande fileira, um de costas para o outro e a mensagem ao invés de ser uma palavra secreta, seria um movimento secreto. Somente poderia olhar para trás quando chamado e se o gesto chegasse correto no final da fileira, todos venceriam. Nesse momento eles já se agitaram com a ideia e toparam, então com a

ajuda da professora Leda, organizamos uma grande fileira, onde as crianças ficaram uma de costas para as outras.

Foi difícil controlar a empolgação das crianças, algumas não parava quietas e ficavam mexendo com o colega da frente, como a Ana, precisei intervir algumas vezes e pedir que ela se acalmasse. Aqui vale ressaltar também que tivemos muita dificuldade de fazer com que o Felipe participasse, ele ficava o tempo todo abraçado com a professora AEE (Sônia), se recusando a fazer qualquer coisa, desde a apresentação de Artes, como as atividades nas aulas de Educação Física.

E lá vamos nós para a primeira tentativa, onde o gesto era bem simples: espalmar as mãos ao lado do rosto e ao mesmo tempo mostrar a língua. Quando chamados para realizar o movimento, muitos começaram a rir, achando engraçado e foram passando para frente sucessivamente até chegar no último participante. Para conferir se a mensagem estava certa, chamava o primeiro e o último e ambos precisavam reproduzir o gesto. E combinou, conseguiram mandar a mensagem correta. Apenas precisei fazer poucas intervenções pois a Luana não parava virada para frente e a Patrícia demorou para passar a mensagem ao colega. Antes de continuar, conversei com a Luana e pedi para que ela permanecesse no lugar e a Patrícia me disse que não havia entendido muito bem, mas que depois ela entendeu.

Nessa segunda tentativa, a mensagem era colocar as mãos na cintura e fazer um remelexo, consegui fazer com que o Felipe participasse dessa segunda rodada, porém algumas crianças tinham dificuldade de permanecer virados para frente (Alex, João), mais uma vez precisei intervir junto aos dois para que a brincadeira continuasse. Chegando ao final, eu combinei que contaria até três e quando falasse já, todo mundo deveria fazer o movimento. Então após a contagem todos colocaram a mão na cintura e fizeram o remelexo, caindo todo mundo na risada.



Infelizmente hoje foi um dia atípico e não havendo muito tempo, organizei a turma para que fossem beber água e eu a profa. Leda encaminhamos para a sala de aula.

DIÁRIO DE AULA/13**Data: 16/06/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Paraquedas lúdico
MATERIAL	Paraquedas
ORGANIZAÇÃO	Na quadra ou em um espaço amplo da escola. Estender o paraquedas e reunir os alunos no seu entorno.
DESENVOLVIMENTO	Pedir aos alunos que segurem o paraquedas pelas beiradas e explicar que para ele funcionar, todos deverão ajudar. Ao comando da professora, movimentar o paraquedas aleatoriamente até que os alunos se sintam familiarizados com o material. A partir daí, modificar os movimentos, inflando enquanto os braços vão para cima e murchando assim que abaixam os braços. Estimular os alunos que façam movimentos lentamente. Separar o grupo por números, cor de roupa ou outras características e dar o comando, assim que o paraquedas estiver inflado, para que um grupo destacado passe por baixo, enquanto os outros colegas o mantenham inflado. Trocar as posições e pedir sugestões para que todos possam passar e variar os movimentos por baixo do paraquedas.
OBJETIVO	Fortalecer o trabalho em equipe em busca do trabalho coletivo cooperativo.
Espera – se que: - O grupo trabalhe de maneira coletiva; - O grupo foque na resolução de tarefas; - O grupo interaja de maneira positiva.	

ATIVIDADE	Gestos com uma música
MATERIAL	Uma bola para cada aluno ou algum outro objeto.
ORGANIZAÇÃO	Todos sentados em círculo.
DESENVOLVIMENTO	Em círculo, os alunos vão cantar uma música. Daí os alunos, depois de aprenderem bem a música e saberem os movimentos dela, farão a troca de bola (ou objeto) a partir da canção. Escravo de Jó, jogavam caxangá: vai passando a bola. Tira: coloca a bola ao ar; Deixa ficar: deixa a bola no chão; Guerreiros com guerreiros: passa a bola; fazem zigue-zigue-zá: finge que vai passar a bola, mas esta fica com o aluno. Depois, começa de novo. Observação: Pode ser construída uma música junto com eles que tenha até mais movimentos com a bola e usá-la para esta atividade.
OBJETIVO	Despertar a consciência de cooperação e do trabalho coletivo.

Espera-se que:

- O grupo interaja de forma positiva;
- Estimule a escuta ativa;
- O grupo foque na resolução da tarefa com a participação de todos os companheiros.

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 13h45 e prontamente dirigi-me a quadra poliesportiva, a professora Leda estava terminando a primeira aula e logo em seguida fomos buscar a sala 204. Diferentemente do dia de ontem, a sala estava cheia com 21 alunos, então logo que a professora fez a chamada, fomos direto para a quadra. Fizemos uma breve roda de conversa, onde iniciei mostrando o paraquedas dobrado e perguntei: “*Vocês sabem o que é isso daqui*”? E logo saiu um grande e sonoro: “*Siiiiiiiiiiiiiiii, é o paraquedas*”. E já começou a agitação para o início da brincadeira. Durante a organização do jogo, precisei fazer algumas intervenções, pois o Alex e o José não paravam de rolar pelo chão, saindo do círculo preparado para o jogo, não parando para ouvir os combinados, estavam extremamente agitados. Perguntei o que estava acontecendo e apenas me responderam que estavam muito felizes com o paraquedas. Então pedi para se acalmarem um pouquinho porque se continuassem assim, não conseguiria preparar o jogo. Logo que eles pararam, pedi para que todos se posicionassem em volta e “entrassem no avião”. A Camila fala para o grupo: “*a gente vai voar, voar*”! Expliquei novamente que para o paraquedas voar, todos precisariam ajudar. Perguntei a eles: “*Se alguém ficar agachado o paraquedas vai voar*”? E a resposta foi prontamente: *Não!*

Para começar, solicitei que todos segurassem o paraquedas pelas pontas, deixando os braços “soltinhos” sem esticar (sem puxar para trás), para que ele subisse bem alto. E lá vamos nós! Subindo o paraquedas e descendo bem devagar. Repetimos esse movimento algumas vezes, todos no movimento de subir e descer juntos.

Eles ficam na expectativa de ver a bolha de ar formada com o movimento, murchar, para em seguida inflar novamente. Aproveitando que estávamos todos agachados, já fiz o segundo combinado, onde os meninos iriam para baixo do

paraquedas (não poderiam sair) e as meninas iriam subir e descer por cima deles (e isso virou uma gritaria apenas pela expectativa).

E assim repetimos algumas vezes, até a troca dos lugares, o que rapidamente aconteceu. Mas precisei parar o jogo, pois as meninas estavam gritando demais e eu não conseguia dar o comando para que continuasse e era uma agitação no geral,



falavam ao mesmo tempo, interpelando minha fala. Precisei ser um pouco mais enérgica e até retirar o paraquedas para que eles me ouvissem.

Perguntei para as meninas que estavam ao centro:

- *“Como eu vou falar com os meninos, se vocês não param de gritar?”* *“Como é que a gente brinca?”* Nesse momento a Cristina pede a palavra e diz: *“ficando sem gritar, para você falar”*. Conversei novamente, que eles precisam aprender a ouvir, que isso é uma reclamação dos outros professores, que isso as vezes atrapalha não só os professores, mas os colegas que querem ouvir, que querem aprender. E que o trabalho em grupo não é apenas na hora da brincadeira ou do jogo, que essa cooperação tem que ir lá para dentro da sala, para o pátio e para as outras aulas. Para finalizar e dar continuidade, disse que se continuassem a gritar daquela forma guardaria o paraquedas e nós encerraríamos por ali.

E lá fomos nós para o reinício, subimos e descemos o paraquedas, enquanto as meninas estavam embaixo, muitas risadas (a gritaria parou) o que colaborou para que as comandas do jogo fossem ouvidas e desenvolvidas.



Para a terceira parte do paraquedas, perguntei a eles o que mais gostavam e disseram que passar por baixo enquanto ele estava no alto. Confirmei com o grupo se era isso mesmo, e eles responderam que sim. Então fui para o centro do paraquedas para ajudá-los a sustentar no alto, enquanto eles trocavam de lugar de dois em dois (chamados aleatoriamente). O jogo se desenrolou até que todos tivessem trocado de lugar. Assim que finalizamos, sentamos em círculo. Perguntei a todos como eles estavam se sentindo: e o Eduardo respondeu que estava muito feliz. O Alex disse que queria poder voar com o paraquedas. Também perguntei se todo mundo cumpriu com os combinados: logo o Tadeu disse que abaixou um pouco o braço porque a mão dele estava doendo. E o Eduardo completou: *“o prô era só segurar com uma mão e depois segurar com a outra”*.

Para dar continuidade a aula, expliquei que nesse momento nós iríamos trocar de brincadeira. Perguntei se eles lembravam da música escravos de jó, obviamente responderam que sim e em seguida perguntei se eles lembravam das outras aulas que nós já havíamos jogado. A Cristina pediu a palavra e disse que na primeira vez alguns colegas não passaram a bolinha, porque eles queriam ficar com ela, mas da segunda com os cones, ficou muito mais fácil e todo mundo brincou. Perguntei novamente: *“Mas porque com as bolinhas não deu certo”*? E o Davi respondeu: “as



bolinhas tinham cores diferentes e ninguém queria trocar”. Expliquei novamente que independentemente da cor da bolinha todas elas iriam passar por todo mundo e todos conseguiriam ficar um pouquinho com cada uma e que não havia necessidade de ficar segurando, pois se segurassem, a brincadeira ia parar e eu estava deixando de colaborar com os meus colegas.

Em seguida pedi que eles se organizassem em duplas e fui pegar o material para o jogo. Dessa vez trouxe as bolinhas e distribui uma a uma. Chamei a Manoela junto a mim e juntas demonstramos para o grupo todo como seria, enquanto eles cantavam. Depois disso, iniciamos e em dupla deu super certo, trocavam e cantavam (no tempo deles), mas conseguiram finalizar sem maiores problemas. Para a segunda etapa, juntei as duplas e formei quartetos, lembrando que eles trocariam as bolinhas com o amigo que estava ao lado. Enquanto a música era cantarolada, logo que iniciamos o Tadeu não trocou a bolinha com o colega, simplesmente parou, perguntei a ele o porquê e ele disse: “*é da mesma cor, é a mesma coisa*”, precisei falar que não tinha problema que independente de ser igual, era para ser trocada. A cantoria continuou, os grupos estavam trocando e o Tadeu continuou com a bolinha na mão sem passar para quem estava ao seu lado. Assim que a música acabou, perguntei novamente o que estava acontecendo, porque ele não havia trocado com os colegas e ele me respondeu: “*O Thiago não passa a bolinha, fica parado e eu estou esperando ele*”. Perguntei ao Thiago o porquê ele não passar a bolinha. E ele me deu com os ombros, perguntei novamente se ele havia entendido que precisava passar para os amigos e ele apenas respondeu que não. Enquanto estava explicando, a Cristina disse que a Ana só passava a bolinha para ela. Parei, sentei com o grupo, perguntei para a Ana se ela havia entendido o que era para fazer, e ela respondeu que sim. Perguntei então porque ela não havia passado a bola para o outro colega e ela também deu com os ombros sem saber explicar, dessa forma, demonstrei novamente como eles deveriam fazer.

Reiniciamos a música e os grupos conseguiram cantar e trocar o material, com exceção do mesmo grupo que precisei intervir, o Thiago não passava, deixando o Tadeu muito bravo.

Ao final da aula, pedi para que todos guardassem o material e fossem beber água, enquanto isso acontecia, chamei o Thiago:

- *Thiago, está tudo bem?*

- *Sim.*
- *Gostou da brincadeira?*
- *Sim.*
- *Por que você não trocou a bolinha com os seus colegas?*
- *Porque eu não entendi.*
- *Você não entendeu que precisava passar a bolinha para o seu colega?*
- *Não.*
- *Mesmo depois que eu sentei e mostrei para você? Ainda assim não entendeu?*
- *Sim.*
- *E porque você não passou?*
- *Não sei. Queria ficar com a bolinha.*

Antes de encerrar a conversa, conversei com ele, expliquei que o pessoal precisava da ajuda dela para poder conseguir terminar o jogo, que a bolinha ia voltar para ele. Sem muito mais tempo, precisava entregar as crianças para a próxima aula, então encaminhei-os para a sala de aula.

O Thiago é um menino recém chegado na escola, ele e o irmão estavam matriculados no começo do ano, mas a família pediu transferência para uma escola estadual, entretanto ao final do mês de maio, ele foi transferido novamente para essa escola, porém o irmão, não. De acordo com relatos da coordenação da escola, a mãe alega que ele não se adaptou e por isso ela pediu que ele retornasse. A escola já preparou alguns encaminhamentos para o psicopedagogo, pois ele está apresentando algumas dificuldades dentro da sala e em outras aulas.

DÁRIO DE AULA/14

Data: 22/06/2023

Turmas: 204

Horário: 13h

MATERIAL	Cadeiras ou bambolês e caixa de som.
ORGANIZAÇÃO	Arrumar as cadeiras ou bambolês formando um círculo e dispor os alunos em volta dele. Deixando uma cadeira ou bambolê a menos que o número de alunos.
DESENVOLVIMENTO	Idêntico à dança das cadeiras na forma popular. Ao som da música, todos dançam ao redor das cadeiras (ou bambolê). Quando a música para todos devem sentar (cadeira) ou entrar (bambolê) contando com a ajuda do colega e ninguém deve ficar de fora ou ser eliminado. Só quem sai é a cadeira ou o bambolê. Os alunos devem criar soluções para todos sentarem. Cada vez que a música parar, uma cadeira ou bambolê será retirado, até que reste apenas um. Observação: Pode-se confeccionar um bambolê gigante para ser colocado ao final da brincadeira, facilitando assim a entrada de todos.
OBJETIVO	Fomentar um ambiente colaborativo, com o intuito promover a empatia e o respeito mútuo, fortalecendo as relações em grupo.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva; - Estimule o respeito e o pensar coletivamente; - Crie soluções para resolução de problemas.	

Cheguei a EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h50, fui direto para a quadra, onde todas as salas se encontravam perfiladas aguardando os professores. Pontualmente às 13h, a professora Leda chegou, os encaminhou para a sala de aula, fez a chamada, organizou a saída para que pudssemos voltar a quadra e iniciar a aula de hoje.

Assim que chegamos na quadra, pedi para que todos se organizassem em círculo para uma breve roda de conversa. E iniciei a roda explicando qual seria o jogo de hoje e fazendo alguns questionamentos:

Professora: - *Na dança do bambolê, o que nós temos que fazer?*

E o grupo respondeu:

- *Trabalho em equipe.*

Professora: - *E no trabalho em equipe, o que eu preciso fazer? Eu tenho que entrar sozinho no bambolê ou trazer o meu amigo junto comigo?*

A Cristina responde:

- *Ajudar, trazer ele e todo mundo que conseguir para dentro do bambolê.*

Professora: - *E se sobrar apenas um bambolê, eu tenho que empurrar todo mundo e entrar de qualquer jeito ou eu tenho que trazer todo mundo pra dentro?*

E o grupo responde:

- *Precisa se juntar.*

O José, pediu a vez para falar e disse:

- *Todos precisam fazer um trabalho em equipe.*

Professora: - *O que é trabalho em equipe na dança dos bambolês?*

A Patrícia responde:

- *É entrar todo mundo junto.*

Professora: - *Então quer dizer que: se todo mundo entra...*

A Cristina completa:

- *Todo mundo ganha.*

Professora: - *Portanto para que a brincadeira dê certo e todos saiam vencedores, não vale ficar parado dentro do bambolê, nem ficar com um “pezinho” dentro para guardar um lugar.*

E a Cristina ainda completou:

- *Nem ficar rodeando o bambolê.*

Professora: - *Lembrando que o bambolê tem que ficar no chão, não pode sair por ai carregando-o com vocês.*

Encerrando a roda de conversa, contei quantos alunos estavam presentes, para distribuir a quantidade de bambolês por criança e hoje estamos com 19 alunos presentes.

Enquanto fui dispondo os bambolês em círculo, pedi para que as crianças entrassem e ficassem em pé, aguardando para o início da atividade.

E lá fomos nós, com o início da música, todos saíram e começaram a dançar ou andar em torno do grande círculo de bambolês. A cada pausa da música, as crianças buscariam um bambolê vazio ou ocupado para entrar. Cada vez que eu soltava a música, enquanto estavam distraídos, eu tirava ao menos dois bambolês, limitando assim cada vez mais o espaço. Porém quando estávamos no meio da

atividade, a Juliana começou a ficar pálida e tivemos que carregá-la para fora da quadra, pois ela começou a passar mal. A professora Leda e a professora Sônia a socorreram, levaram para a direção da escola para chamar os pais, enquanto eu fiquei com o restante do grupo na quadra, que se assustaram com o fato, conversei com eles, disse que todo mundo está sujeito a passar mal, que precisam avisar quando estão sentindo alguma coisa diferente, mas que ficassem tranquilos, pois logo a Juliana estaria melhor.

Passado o susto, continuamos a brincadeira, liguei a música e fui retirando os bambolês e eles foram se organizando e respeitando as regras, sem tentar entrar fora do tempo, ficar dentro do bambolê ou até mesmo brigar por conta da cor do mesmo.

Quando sobrou apenas dois bambolês, eles perceberam que não havia muito espaço e começaram se organizar de maneira que todo mundo ficasse pelo menos um pouquinho dentro, dessa forma, eles combinaram de deixar um pé dentro e um pé fora assim caberia todo mundo. Para finalizar, retirei os dois bambolês e deixei um apenas, de tamanho maior e liguei o som, todos dançaram e cantaram e assim que parou correram para dentro, foi nesse momento que o Thiago começou a empurrar e forçar uma entrada sozinho, as crianças já ficaram bravas e chamaram a atenção dele, dizendo que empurrar era errado e que todos tinham que entrar. Para encerrar a brincadeira, chamei todos para uma breve conversa final.

Professora: - *Thiago, por que você empurrou seus amigos?*

Thiago: - *Porque eu “tava” caindo.*

Professora: - *Mas é certo empurrar?*

Camila: - *Errado!*

Professora: - *O que vocês acharam da brincadeira?*

Davi e Camila: - *Divertido!*

João: - *Muito legal!*

Cristina: - *Cansei de tanto dançar.*

Professora: - *Essa brincadeira que nós fizemos, foi uma competição?*

Grupo: - *Não!*

Patrícia: - *Cooperação*

Professora: - *Mas o que é cooperação?*

Davi: - *É quando os 19 ganham* (referindo-se ao total de alunos da sala)

Cristina: - *Todos da sala, todos ganharam.*

Diferentemente da primeira vez que participaram, houve uma colaboração entre os pares, com exceção do Thiago que não havia participado da primeira vez.

Antes de finalizar a aula, a professora Leda voltou, disse que a Juliana já estava melhor, mas que ela foi para casa descansar e voltaria na próxima aula.

Músicas que compuseram a aula:

“Cara de que”?

“Vivo, morto e torto”

“Esse cone vai virar”

“Eu vou andar de trem”

DIÁRIO DE AULA/15**Data: 23/06/2023****Turmas: 204****Horário: 13h55**

ATIVIDADE	Bola ao alto
MATERIAL	Bola de praia grande.
ORGANIZAÇÃO	Formar grupo de 4 a 6 alunos dispostos em círculos (ou menos), virados para o lado de fora e com os braços entrelaçados. Colocar a bola no centro do círculo formado pelo grupo.
DESENVOLVIMENTO	A professora pede aos grupos para levantarem a bola do chão e jogá-la para fora do círculo sem usar as mãos. Observação: Se a atividade inicial estiver difícil, começar com todos de frente, posteriormente colocá-los de costas e para finalizar juntar os pequenos grupos até que todos juntos.
OBJETIVO	Promover o trabalho em um ambiente de coletividade e ajuda entre os participantes.
Espera-se que: - O grupo interaja de forma positiva e colaborativa; - O grupo foque na resolução da tarefa com a participação de todos os companheiros.	

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 13h30, fui diretamente para a quadra, terminar de encher as bolas para a turma 204 (não cabem cheias dentro do carro). Às 13h55, fomos para a sala 204, a professora fez a chamada e nos encaminhamos para a quadra. Chegando lá nos organizamos em um círculo e iniciei uma breve conversa com eles, expliquei qual seria a atividade de hoje. Primeiramente em pequenos grupos com as bolas menores e posteriormente todos juntos com a bola gigante.

Primeiramente relembrei com eles quais eram as regras:

- a bola só pode sair por cima do círculo;
- não pode usar as mãos;
- não pode chutar;
- e todos tem que trabalhar em conjunto para conseguir finalizar a atividade.

Para separar os grupos diferentemente da primeira vez, deixei para que eles se organizassem em grupo, apenas dei a comanda com a quantidade em cada grupo: quatro grupos com 5 pessoas em cada grupo e eles se organizaram. Expliquei que colocaria a bola no centro de cada grupo e ao meu sinal todos começariam na tentativa

de tirar a bola (lembrando que todos deveriam ficar de mãos dadas), antes de finalizar a entrega das bolas, o grupo em que se encontrava o Alex, Júlio, Ana, Rafael e Mário começaram a chutar a bola descontroladamente. Tive que parar, retirar a bola, relembrar das regras, disse que para a bola sair todos teriam que trabalhar em conjunto para que a bola saísse por cima e que se eu chutasse, poderia acertar o rosto do meu amigo e machucá-lo.

Assim que os ânimos se acalmaram, dei início à brincadeira e rapidamente eles conseguiram fazer com que a bola saísse sem maiores dificuldade. Então partimos para a segunda tentativa e até reiniciar, levou um tempo, pois eles não paravam de chutar a bola, mesmo comigo e a professora Leda falando, portanto, precisei retirar as bolas, reforçar sobre o não chutar a bola, para que conseguíssemos ao menos mais uma tentativa. Depois de muito falar, realizamos mais uma tentativa com todos de frente e para finalizar realizamos uma com todos os grupos de costas (o que foi muito mais fácil).

Antes de partir para a próxima etapa, parei junto a eles perguntei:

Professora: - *Por que quando vocês estão de costas a brincadeira funciona melhor?*

Cristina: - *Porque a gente não consegue ver e precisa ir com mais calma.* (A resposta da Cristina é exatamente o que eu já havia percebido, quando eles não conseguem ver, a ansiedade é menor e eles agem com mais cautela).

Rafael: - *De costas a gente não vê e tem que ir devagar.*

Recomeçando, agora com a bola gigante, antes de dar início, todos em círculo, coloquei a bola no chão e pedi para que rolassem até chegar em mim; depois suspendi a bola e foi passando de mão em mão sem deixá-la cair no chão.



E para finalizar, pedi que deitassem de barriga para cima, rolei a bola por cima de todos, posteriormente de costas também rolei a bola por cima (na tentativa de

baixar a ansiedade deles em relação a bola gigante. A partir da, pedi que todos levantassem, ficassem de mãos dadas e ao sinal viessem caminhando até “espremer” a bola, para que ela saísse por cima. Logo na primeira tentativa, fizeram um movimento brusco que acabou por derrubar o Davi, Junior e o Mário, desmanchando parte do círculo e fazendo com que a atividade não fosse concluída. Precisei mais uma vez intervir;

Professora: - *Pode puxar com força, galera?*

Grupo: - *Não.*

Professora: - *Conseguiram finalizar a brincadeira?*

Grupo: - *Não*

Professora: - *Alguém venceu com essa atitude de vocês?*

Grupo: - *Não.*

Professora: - *Lembra que um trabalho cooperativo para ter sucesso precisa de todo mundo e não é que está acontecendo por aqui, vamos tentar ser mais colaborativo?*

Grupo: *Sim.*

Lá fomos nós para mais uma tentativa, e agora deu certo, mesmo agitados, eles conseguiram apertar a bola até que ela saísse por cima. Para finalizar pedi para que ficassem de costas e tentassem tirar a bola novamente e foi muito mais tranquilo, sem ver, eles têm mais cautela e conseguem concluir a atividade.

Assim que terminamos, fiz uma breve roda de conversa e hoje estava relativamente mais difícil, todos falando ao mesmo tempo, sem ouvir as comandas das atividades, inclusive a professora Sônia comentou que dentro da sala de aula o comportamento era o mesmo, eles não prestavam atenção no que a professora estava explicando e falavam sem parar. A escuta ativa dessa sala é bem complicada, eles são ótimos, topam as propostas, são unidos, mas no que tange a escuta, em alguns momentos fica difícil e cansativo. É preciso parar muitas vezes para explicar a mesma coisa, pois eles simplesmente não prestam a atenção e isso demanda um tempo considerável da aula. Falei novamente para todos que precisam ouvir um pouco mais.

Sem tempo para continuar, todos foram beber água e encaminhados para a sala de aula.

ANEXO 3

ENTREVISTA COM A PROFESSORA AEE

A entrevista com a professora AEE, se justifica no impulso de conhecer mais sobre alguns alunos da sala, principalmente aqueles atendidos por ela durante as aulas.

ENTREVISTA

Data: 15/06/2023

Turmas: 204

Horário: 13h

Cheguei à EMEF Prof. Francisco Dias Negrão às 12h50 e a dinâmica da escola estava diferente: os poucos alunos que chegam, são diretamente recolhidos para suas salas, pois é o terceiro dia consecutivo de chuva, a quadra está toda molhada e para agravar a situação, está muito frio, então para proteção daqueles que chegavam, a direção da escola achou prudente levá-los para as respectivas salas. Portanto seguindo a demanda da escola, dirigi-me para a sala 204 e fiquei juntamente com a professora Sônia (AEE) aguardando a professora Leda e os alunos chegarem.

Às 13h a professora Leda chegou, porém os alunos demoraram muito a chegar e com toda a chuva que caía e o frio que estava fazendo, vieram apenas 3 alunos. Portanto, dentro desse cenário, optei por deixá-los junto a professora e levantei algumas demandas pontuais sobre alguns alunos da sala com a professora AEE, pois está acontecendo a troca do psicopedagogo da escola e o mesmo ainda não está familiarizado com todas as situações presentes na escola.

Sobre o aluno Felipe:

A professora Sônia precisou fazer um levantamento dos alunos atendidos por ela que possuem laudo, quando para a sua surpresa (após 2 semestres) a direção da escola comunicou que o aluno supracitado possuía um laudo. Laudo esse atestando que Felipe possui paralisia cerebral e segundo relato da mãe, também apresenta episódio de convulsões, relata também que acontecem frequentemente, porém nunca ocorreu na escola, nesses dois anos em que está matriculado nessa escola e não há qualquer apontamento de outras unidades escolares anteriormente frequentada pelo aluno. Como

o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem, foi encaminhado para frequentar a sala multifuncional, porém a mãe foi à escola, assinar a desistência, pois segundo a mesma ela não tem tempo para levá-lo no contraturno para esse atendimento (a mãe trabalha como mototaxista). Sobre o histórico familiar, a mãe do aluno separou-se do pai, sob a alegação que ela e seus filhos eram constantemente agredidos e após sair de casa foi morar com sua mãe (avó do Felipe). Tem dificuldades na realização das tarefas escolares, normalmente as que deveriam vir de casa prontas e as que acontecem em sala de aula, são auxiliadas pela professora Sônia. Com o grupo ele interage pontualmente com alguns colegas, mais especificamente com a Letícia. Nas atividades em quadra, normalmente ele fica junto a ela, segurando sua mão o tempo todo e quando ela está ausente, ele dificilmente realiza as atividades propostas.

Sobre a aluna Letícia:

A aluna foi atendida há uma semana pelo novo psicopedagogo da escola e encaminhada para alguns atendimentos no Centro Psicopedagógico da Rede, Fonoaudióloga e APAE. A aluna interage com o grupo na hora das atividades, porém pouco verbaliza com eles, apresenta mais desenvoltura quando está diretamente se relacionando com o Felipe e apresenta um pouco de dificuldade de entender algumas comandas seja em atividades externas ou sala de aula (nesse caso precisa do auxílio da professora AEE). De acordo com o levantamento, a família é bem presente na escola, participa de todos os eventos, incluindo a reunião de pais.

Sobre o aluno Mário:

O aluno possui laudo de TEA desde a Educação Infantil, a família é super presente e participativa e isso reflete diretamente no desenvolvimento social e escolar. É acompanhado diretamente pela professora AEE e realiza praticamente todas as atividades em sala de aula. Nas aulas de Educação Física participa, conversa, interage e possui um excelente relacionamento entre seus pares. Segundo relato da coordenação e da AEE, o Mário já está tendo alta dos tratamentos (fono, psicóloga, T.O, ...) que vem realizando durante todos esses anos.

Sobre o aluno Marcelo:

Marcelo não foi atendido pelo psicopedagogo da escola. Segundo um breve relato do pai durante uma reunião de pais, ele possui um problema de saúde, onde não tem um bom controle do esfíncter e isso causa alguns constrangimentos para o aluno. Porém o que a escola sabe é muito superficial, não houve um acesso maior sobre o histórico de

saúde e o pai relata que a mãe se apropria melhor desse problema. Já na realização das atividades, o aluno é muito competente, o caderno é impecável, já lê e escreve sem o auxílio do crachá. Nas aulas de Educação Física é discreto, interage com os colegas, porém verbaliza muito pouco, mas isso não torna um empecilho para sua participação na realização das atividades.

Sobre o aluno Thiago:

Thiago é um aluno recém transferido da Escola Estadual José Pascoalick (ele era matriculado na EMEF Francisco Dias Negrão, mas antes de frequentar as aulas, pediu transferência). Segundo relato da coordenação, ele não se adaptou à nova escola e a família pediu transferência novamente. Ainda segundo as mesmas, já solicitaram ao psicopedagogo atendimento, pois ele tem dificuldade de atender comandas, não permanece muito tempo no ambiente, agitado e desatento na realização das atividades dentro da sala de aula. Já nas aulas de Educação Física percebemos que ele tem dificuldade de entender as atividades propostas, muitas vezes apresenta condutas perversas, mas por não entender as comandas. Estamos no aguardo do atendimento (com o aluno e os pais) e dos encaminhamentos realizados pelo psicopedagogo.

ANEXO 4

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Data: 29 e 30/06/2023

Entrevistas – Roteiro de questões

Para alunos que participam dos jogos sociomotriz:			
Qual o seu nome?	O que você mais gostou quando participou das brincadeiras (jogos sociomotriz de cooperação)?	Qual brincadeira (jogo sociomotriz de cooperação) você mais gostou? Como você se sentiu?	Seus colegas (companheiros) ajudaram no momento da(s) brincadeira(s)? E isso foi legal?
Camila	Das brincadeiras, de ajudar dos colegas.	Eu gostei da brincadeira do paraquedas. Me senti feliz.	De vez em quando eles ajudaram, às vezes. Foi legal contar com a ajuda deles.
Maria	Não lembro.	Eu gostei mais do telefone sem fio. Me senti feliz.	Não lembro, mas eu acho que sim.
Eduardo	Não sei dizer.	A dança do bambolê cooperativa. Não sei como me senti, acho que fiquei feliz.	Ajudaram. Foi legal.
José	Das brincadeiras.	Eu gostei da brincadeira da calha. Quando a gente fez, o Júlio “desparticipou” (sic) e eu tive que segurar a calha dele sozinho.	“Nostalgia” (sic), por que eu gostei muito de participar, meus amigos participaram e foi legal.
Letícia	Deu com os ombros e não soube dizer.	Dança do bambolê cooperativa. Não soube dizer o que senti (deu com os ombros novamente)	Sim. Sim
Gabriel	De brincar	Paraquedas. Foi legal, me senti feliz	Colegas ajudaram. Foi legal.
Cristina	Dos brinquedos (materiais utilizados para a aula)	Bola ao alto, Paraquedas e Telefone sem fio. Eu senti que estava me divertindo muito.	Alguns colegas ajudaram. Foi legal, porque todo mundo pode ajudar.
Ana	De brincar	Dança do bambolê e Bola ao alto. Eu fiquei alegre.	Meus amigos ajudaram. Foi legal

Pâmela	De ajudar meus colegas	Paraquedas. Me senti muito feliz	Meus colegas me ajudaram em alguns momentos. Isso é legal.
Alex	Dos materiais (bola gigante).	A dança do bambolê cooperativa. Achei muito fácil.	Alguns não, outros sim (sic). Foi legal.
Lucas	De se divertir.	Escravos de Jó. É muito legal!	Os amigos ajudaram. Sim, foi legal, porque precisava da ajuda do amigo.
João	Sim, eu gostei.	Dança do bambolê. Me senti alegre.	Alguns ajudaram. É legal ajudar o amigo.
Mário	Brincar e ajudar.	Bola ao alto. Eu me senti muito nervoso porque eu queria espremer a bola pra sair (sic).	Meus amigos ajudaram e isso é importante.
Marcelo	De ajudar o amigo	Paraquedas. Feliz	Eu achei muito difícil. Era difícil porque eu não conhecia as brincadeiras. Meus amigos ajudaram e eu me sentia contente.

Para alunos que apresentaram condutas motrizes perversas:

Qual o seu nome?	Você gostou de participar da (s) brincadeira (s) (jogos sociomotrizes)?	Por que você não cumpriu a (s) regra (s) da brincadeira? Você entendeu o que era para fazer?	Você não cumpriu a (s) regra (s) da brincadeira, como está se sentindo?
Tadeu	Sim.	Não lembro. "Na brincadeira da dança do bambolê eu tive medo de perder a brincadeira." Não, eu não entendi a regra.	Me senti mal. Porque o que eu fiz foi errado.
Juliana	Sim. Eu gostei.	É porque meu braço as vezes treme (sic) - fazendo referência ao paraquedas que ela não parava de balançar - Sim, eu entendi	Arrasada.
Patrícia	Sim.	Dança do bambolê cooperativa, Por que minha cor preferida é a cor de rosa (fazendo referência ao bambolê), por isso não queria sair. Sim, eu entendi.	Eu me senti envergonhada.
Thiago	Sim.	Escravos de jó (dança com gestos), não cumpri a regra porque a menina não	Me senti chateado.

		passou o cone pra mim (sic). Eu entendi a regra.	
--	--	---	--



**Yorahina Ariadne Vasconcelos
Lilian Aparecida Ferreira
(organizadoras)**

**JOGOS SOCIOMOTRIZES
DE COOPERAÇÃO:
VIVÊNCIAS E REFLEXÕES
COM OS ESTUDANTES**



ESTE E-BOOK PERTENCE A:



CAPA E EDIÇÃO: Yorahina Ariadne Vasconcelos
FONTE DAS IMAGENS: Canva e arquivos pessoais das autoras.

Pesquisa aprovada pelo comitê de ética - número do parecer: 5.619.432

VASCONCELOS, Yorahina A.; FERREIRA, LÍlian A. (org)

Jogos sociomotrizes de cooperação: vivências e reflexões com os estudantes/Yorahina Ariadne Vasconcelos; LÍlian Aparecida Ferreira, 1 ed - Bauru, 2024.

64 p.

Produto educacional como parte integrante da Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru.

Orientadora: LÍlian Aparecida Ferreira

ISBN:978-65-86498-44-8

1. Educação Física 2. Praxiologia Motriz 3. Jogos Sociomotrizes de Cooperação I.Título.

**OLÁ, EU SOU ANINHA.
E EU GOSTO MUITO DE
JOGAR
E VOCÊ, TAMBÉM GOSTA?**



**E EU SOU O JOÃO.
EU ADORO JOGAR,
PRINCIPALMENTE COM
OS MEUS AMIGOS**



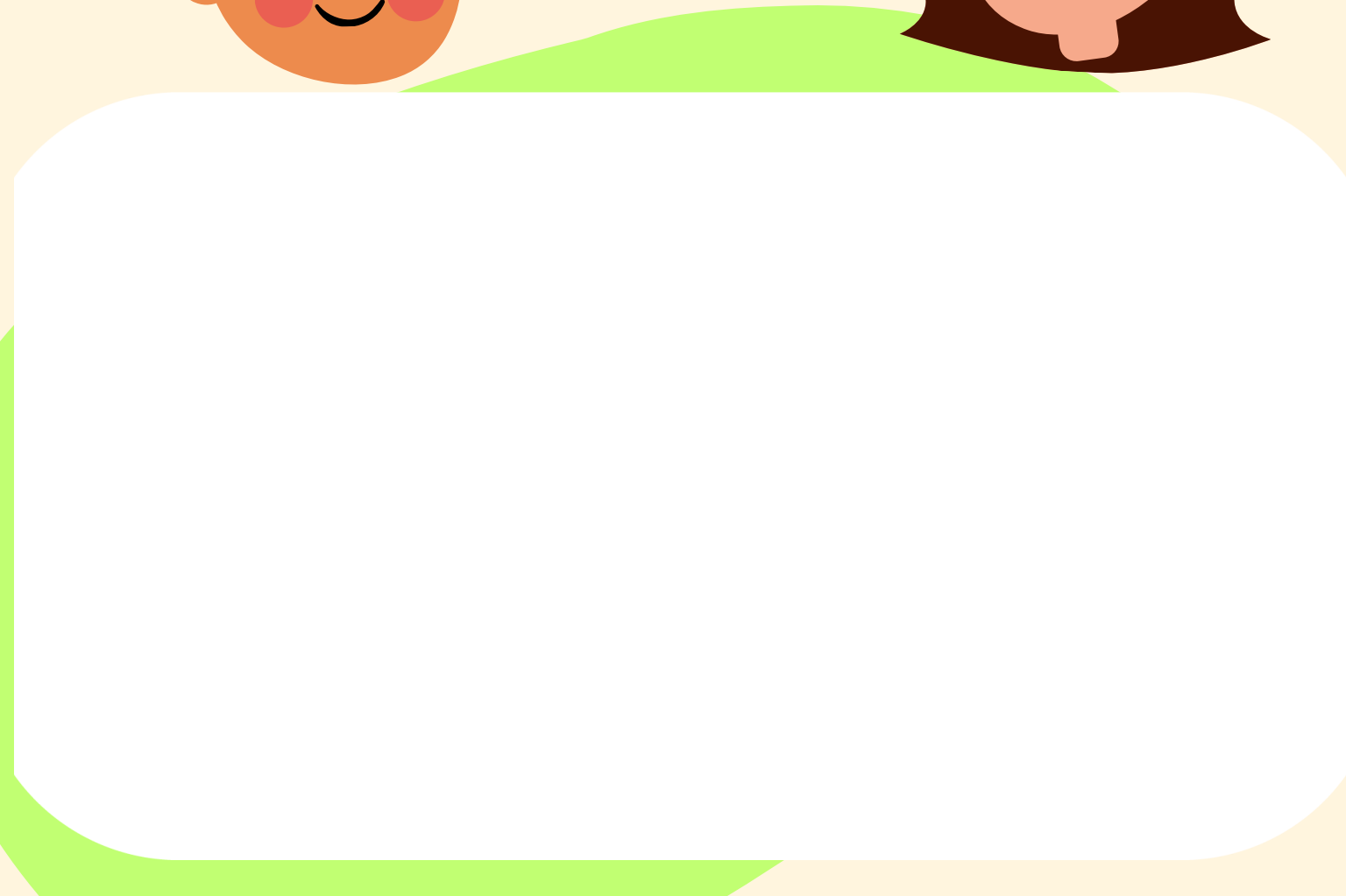
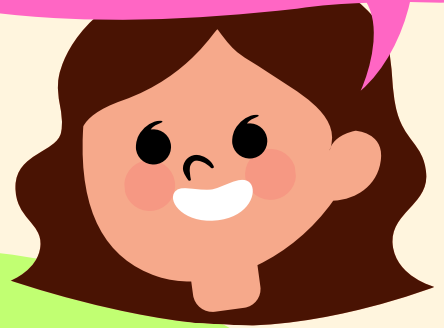
**E VOCÊ, QUER SE
AVENTURAR JUNTO
COM A GENTE NO
MUNDO DOS JOGOS ?**



**ANINHA, QUAL SERÁ O
JOGO QUE O NOSSO
AMIGO OU AMIGA MAIS
GOSTA?**



**CONTA AQUI PRA GENTE
QUAL SEU JOGO
PREFERIDO.**



**JOÃO, AGORA QUE A GENTE
DESCOBRIU O QUE NOSSO
AMIGO OU AMIGA GOSTA DE
JOGAR, VAMOS CONVIDÁ-LO
PARA EXPERIMENTAR OS
JOGOS COOPERATIVOS?**



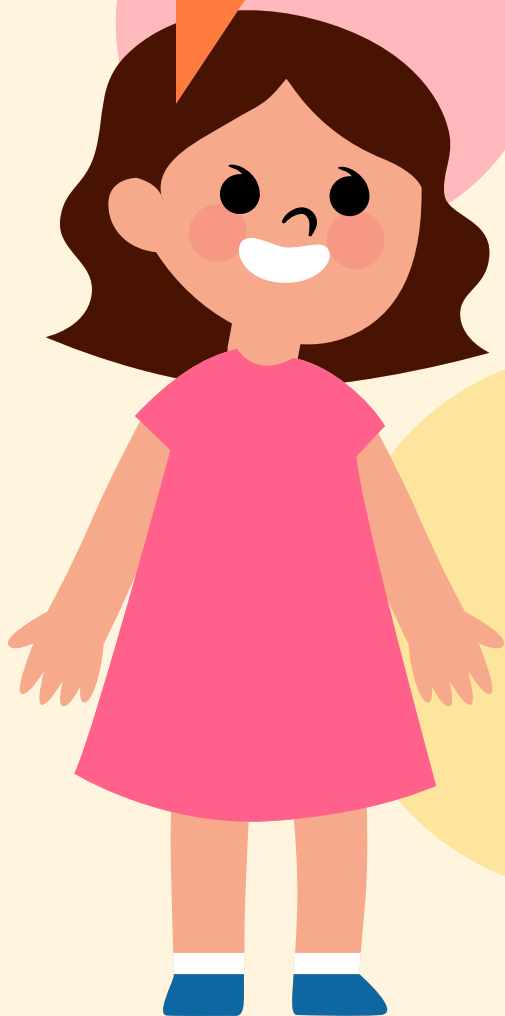
**JOGOS
COOPERATIVOS?
QUE JOGOS SÃO
ESSES?**

**ANINHA, VOCÊ
PODERIA EXPLICAR
PARA NOSSOS
AMIGOS?**

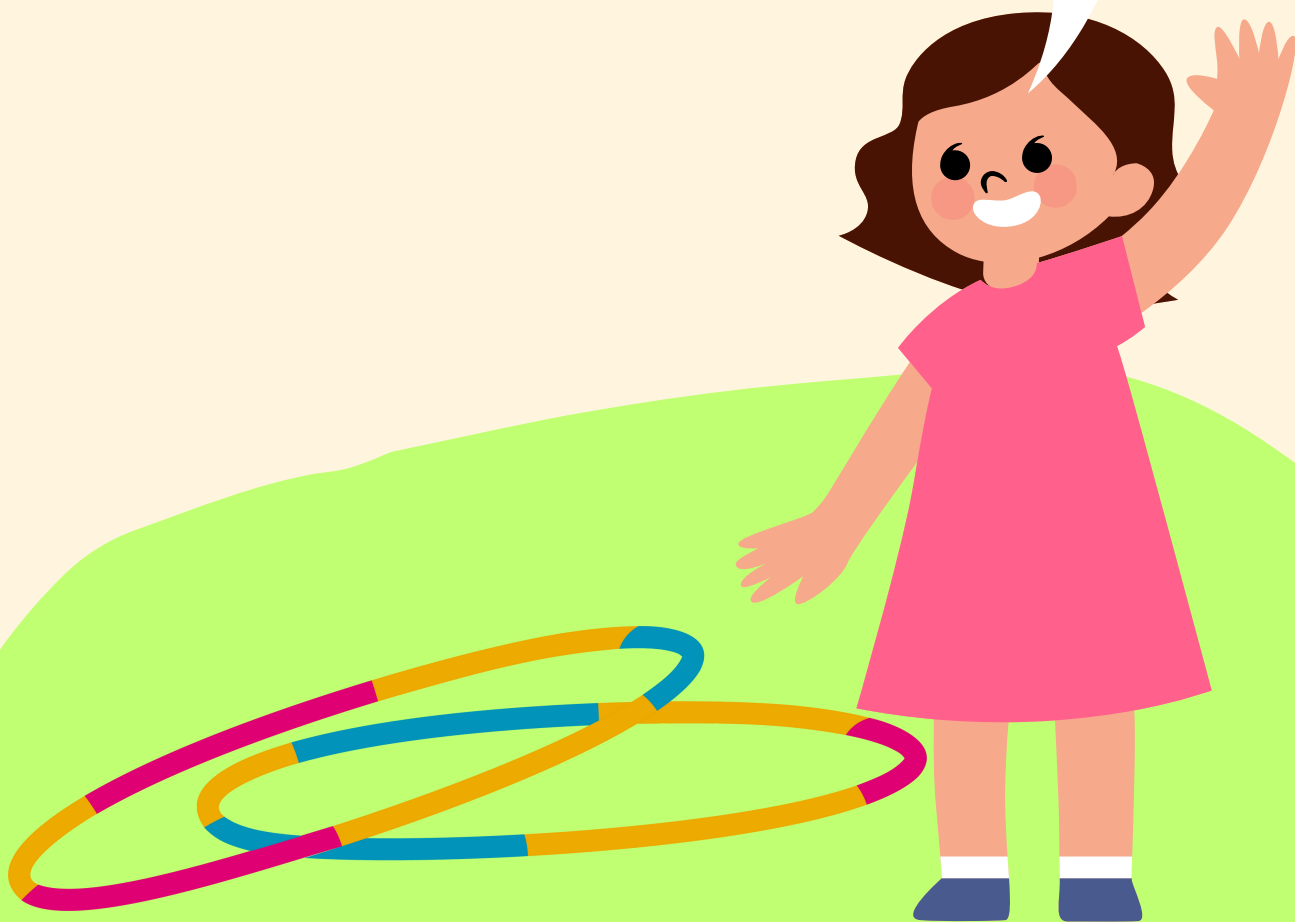


**SIGNIFICA QUE PARA
JOGAR VAMOS
PRECISAR DA AJUDA
DE TODOS**

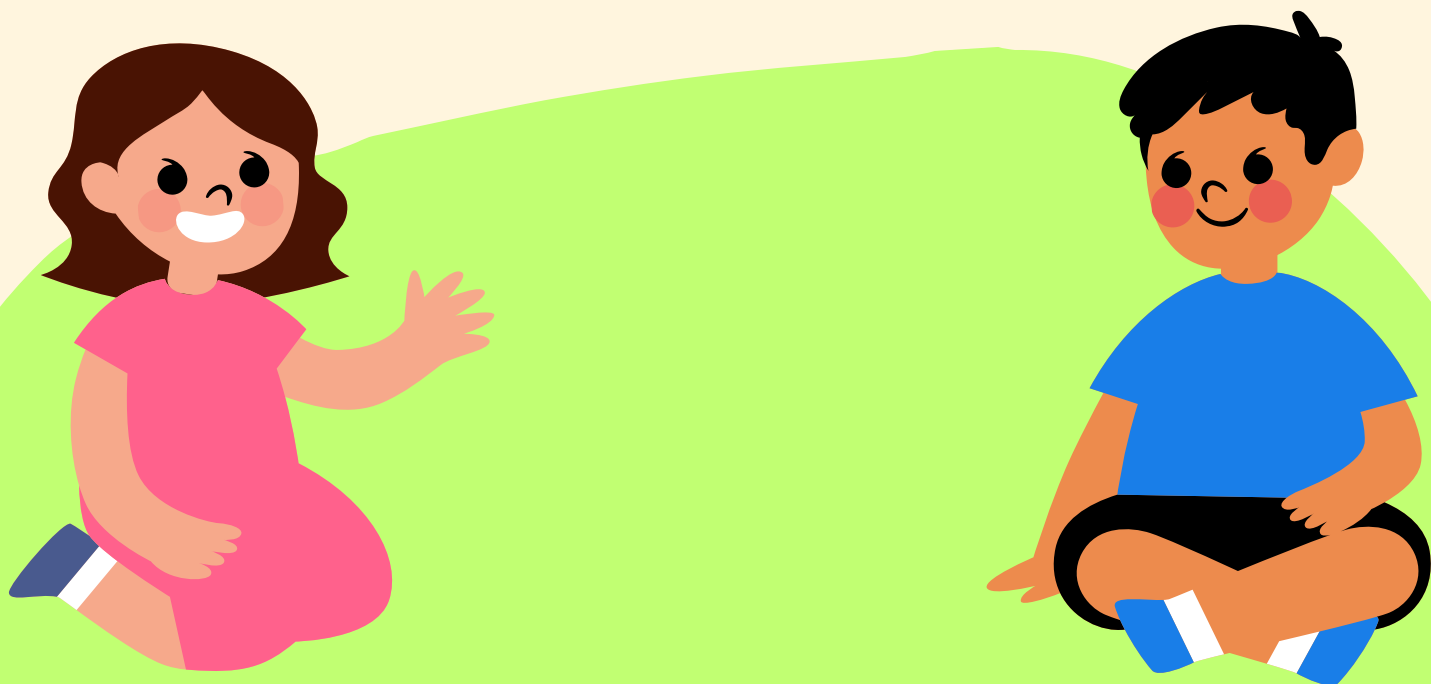
**VOCÊ SABIA QUE CADA JOGO
TEM UMA CARACTERÍSTICA?
AQUI NÓS VAMOS TRATAR
DOS JOGOS QUE TENHAM
UMA INTERAÇÃO DE
COOPERAÇÃO.**



**OS JOGOS COOPERATIVOS
TAMBÉM SÃO CONHECIDOS
COMO JOGOS
SOCIOMOTRIZES DE
COOPERAÇÃO.**



OS JOGOS COOPERATIVOS BUSCAM
SEMPRE A AJUDA, A SOLIDARIEDADE, A
GENEROSIDADE DE TODOS AQUELES QUE
PARTICIPAM. SÃO JOGOS ONDE TODOS
BUSCAM O MESMO OBJETIVO.
COM ESSES JOGOS É POSSÍVEL DIVERTIR-SE
E ATÉ EMOCIONAR-SE, POIS AQUI NÓS
VAMOS JOGAR DE UM JEITO QUE TODOS
SEJAM GANHADORES!!



**VOCÊ GOSTARIA DE
CONHECER ALGUNS
JOGOS, JOÃO?**

**CLARO, ANINHA.
ME MOSTRA COMO
BRINCAR!**

**ENTÃO
VAMOS
LÁ!**



A circular collage of diverse cartoon characters in various professions and activities. At the top, a person paints a green wall, a person reads a book, and a person plays a drum. In the middle, a person in a chef's hat, a person in a firefighter's uniform, and a person in a police uniform are visible. At the bottom, a person in a blue cap, a person in a yellow cap, and a person in a white shirt are shown. The characters are arranged in a circle around the central text, which is in bold black capital letters.

**COOPERAÇÃO:
JUNTOS É
MUITO MAIS
DIVERTIDO!**

The background is a light beige color. In the center, there is a white, cloud-like shape with a green outline. Inside this shape, the text 'DANÇA DOS BAMBOLEES COOPERATIVA' is written in bold, black, uppercase letters. To the left of the text, a girl with brown hair, wearing a pink dress and blue shoes, is jumping with her arms raised. To the right of the text, another girl with brown hair, wearing a pink dress and blue shoes, is jumping with her arms raised. There are three pink musical notes floating around the girls: one in the top right, one in the middle right, and one in the bottom left.

DANÇA DOS BAMBOLEES COOPERATIVA

COMO JOGAR:

PARA COMEÇAR, VAMOS ARRUMAR OS BAMBOLÊS FORMANDO UM CÍRCULO E DISPOR OS ALUNOS EM VOLTA DELE. DEIXANDO UM BAMBOLÊ A MENOS QUE O NÚMERO DE ALUNOS.

QUANDO A MÚSICA COMEÇAR A TOCAR, TODOS DANÇAM AO REDOR DOS BAMBOLÊS. QUANDO A MÚSICA PARAR TODOS DEVEM ENTRAR (BAMBOLÊ) E NINGUÉM DEVE FICAR DE FORA OU SER ELIMINADO.

E ASSIM, OS BAMBOLÊS SERÃO RETIRADOS ENQUANDO A MÚSICA ESTIVER TOCANDO E QUANDO PARAR, TODOS DEVERÃO AJUDAR COM COMPANHEIROS A NÃO FICAREM DE FORA.

ATÉ QUE RESTE APENAS UM BAMBOLÊ. E TODOS DEVEM ORGANIZAR ESTRATÉGIAS PARA QUE OS COMPANHEIROS SEJAM AJUDADOS E FIQUEM DENTRO DO BAMBOLÊ.



INTERAÇÃO: JOGO COOPERATIVO; A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ NOS JOGADORES QUE DEVERÃO ENTRAR E DIVIDIR OS BAMBOLÊS

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES EM TORNO DOS BAMBOLÊS QUE ESTARÃO DISTRIBUÍDOS PELA QUADRA. AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA).

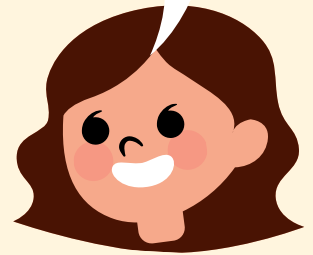
TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO SOBRAR APENAS UM BAMBOLÊ.

MATERIAL: BAMBOLÊS E CAIXA DE SOM



PRODUÇÃO: DAVI SCARPIN DE SOUZA

**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**



UMA IDEIA PARA MELHOR ORGANIZAÇÃO DO GRUPO, PODE-SE CONFECCIONAR UM BAMBOLE "GIGANTE" (6M OU MAIS) E SER COLOCADO AO FINAL PARA QUE TODOS CAIBAM, FACILITANDO ASSIM A ENTRADA DE TODOS OS PARTICIPANTES.

**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

LEMBRE-SE QUE TODOS SEUS AMIGOS DEVEM PARTICIPAR.

**TODOS DEVEM JOGAR JUNTO!
O TRABALHO É EM EQUIPE!**

**NÃO PODE TER COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR OS AMIGOS.**

AH! NÃO ESQUEÇA DAS REGRAS

ASSIM TODOS SERÃO VENCEDORES!!!





REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their game details.

CALHA COOPERATIVA



COMO JOGAR:

NA QUADRA DA ESCOLA, ORGANIZAR UM BALDE OU CAIXA COM AS BOLINHAS DE TÊNIS DE MESA OU BOLINHAS PLÁSTICAS E NA OUTRA EXTREMIDADE OUTRO BALDE OU CAIXA VAZIA.

CADA ALUNO TERÁ UMA “CALHA” DE PAPELÃO OU PLÁSTICO.

OS ALUNOS SE ORGANIZARÃO EM FILEIRA E SEGURARÃO SUAS CALHAS DE MANEIRA QUE CONSIGAM ROLAR A BOLA ATÉ A CAIXA VAZIA, SEM QUE ELA CAIA NO PERCURSO.

TORCENDO PARA QUE A BOLINHA CHEGUE NO SEU DESTINO.



INTERAÇÃO: JOGO COOPERATIVO; A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ COM OS JOGADORES QUE ESTÃO SEGURANDO AS CALHAS;

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES SEGURANDO A CALHA DE PAPEL CARTÃO; AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA)

TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO CONSEGUIREM FAZER A BOLINHA CHEGAR À CAIXA, SEM CAIR NO MEIO DO CAMINHO.

MATERIAL: CALHAS FEITAS DE PAPEL CARTÃO E BOLINHAS PLÁSTICAS (BOLINHAS DE PISCINA OU TÊNIS DE MESA);



**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**



O JOGO PODE SER JOGADO COM
BOLAS DE DIFERENTES TAMANHOS.
OS ALUNOS PODEM SER DISPOSTOS
DE MANEIRAS DIFERENTES (TODOS EM
PÉ, TODOS SENTADOS, VARIANDO UM
SENTADO, UM EM PÉ,...).

VEJA COMO JOGAR



**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

**LEMBRE-SE QUE TODOS
SEUS AMIGOS DEVEM
PARTICIPAR.**

**TODOS DEVEM JOGAR
JUNTO!
O TRABALHO É EM
EQUIPE!**

**NÃO PODE TER
COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR
OS AMIGOS.**

**AH! NÃO ESQUEÇA DAS
REGRAS**

**ASSIM TODOS SERÃO
VENCEDORES!!!**





REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their game details.

BOLA NO AR



COMO JOGAR:



TODOS OS ALUNOS DISPOSTOS EM UM GRANDE CÍRCULO E UMA BOLA (BORRACHA, PVC,...) .
AO COMEÇAR A MÚSICA (CURTA DURAÇÃO), A (O) PROFESSORA (O) JOGA A BOLA PARA O ALTO PARA QUE O GRUPO MANTENHA A BOLA DENTRO DO CÍRCULO, REBATENDO COM AS MÃOS, COM OS PÉS E ATÉ MESMO COM A CABEÇA, SEM DEIXÁ-LA CAIR NO CHÃO E DE PREFERÊNCIA ATÉ O FINAL DA MÚSICA.



INTERAÇÃO: JOGO COOPERATIVO; A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ NO JOGADOR COM A POSSE DA BOLA.

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES EM PÉ (FORMANDO UM CÍRCULO); AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA)

MATERIAL: BOLAS DE PVC DE DIVERSOS TAMANHOS.

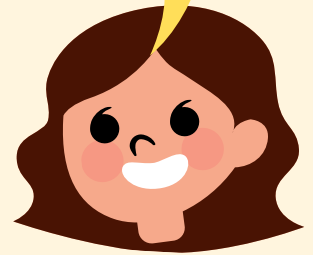
TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO CONSEGUIREM COMPLETAR A MÚSICA SEM DEIXAR A BOLA CAIR.



PRODUÇÃO: RAFAEL LOBO GONÇALVES VIEIRA



**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**



COMO SUGESTÃO DOS ALUNOS, PARA
QUE O JOGO FLUÍSSE MAIS FACILMENTE,
ELES PODERIAM SER DISPOSTOS EM
PEQUENOS CÍRCULOS E/OU SUBSTITUIR A
BOLA POR BEXIGA.

**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

**LEMBRE-SE QUE TODOS
SEUS AMIGOS DEVEM
PARTICIPAR.**

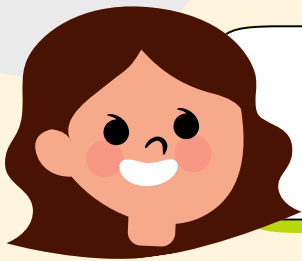
**TODOS DEVEM JOGAR
JUNTO!
O TRABALHO É EM
EQUIPE!**

**NÃO PODE TER
COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR
OS AMIGOS.**

**AH! NÃO ESQUEÇA DAS
REGRAS**

**ASSIM TODOS SERÃO
VENCEDORES!!!**





REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their games.

BOLA AO ALTO





COMO JOGAR:

COLOCAR O GRUPO DISPOSTO EM
CÍRCULO DE MÃOS DADAS, OU
BRAÇOS ENTRELAÇADOS.
OS ALUNOS PODERÃO SER DISPOSTOS
DE FRENTE OU DE COSTAS.
O (A) PROFESSOR (A) DESAFIA O
GRUPO A LEVANTAREM A BOLA DO
CHÃO E LANÇÁ-LA PARA FORA DO
CÍRCULO SEM USAR AS MÃOS.





INTERAÇÃO: JOGO COOPERATIVO; A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ NOS JOGADORES QUE ESTARÃO DE POSSE DE UMA BOLA.

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES EM PÉ, E AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA).

MATERIAL: QUATRO BOLAS DE PVC (UMA PARA CADA GRUPO) E UMA GRANDE PARA O GRUPO TODO. A BOLA DEVERÁ SER MANIPULADA SEM AJUDA DAS MÃOS, BUSCANDO JOGAR PARA FORA DO CÍRCULO, SEM A AJUDA DAS MÃOS.

TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO CONSEGUIREM JOGAR A BOLA PARA FORA.



PRODUÇÃO: KEROLLEN VITÓRIA CARDOSO





**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**



POR SUGESTÃO DOS
ALUNOS E FACILITAR A
DINÂMICA DO JOGO, QUE
TAL DIVIDIR OS ALUNOS
EM PEQUENOS GRUPOS,
COM BOLAS MENORES.

**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

LEMBRE-SE QUE TODOS SEUS AMIGOS DEVEM PARTICIPAR.

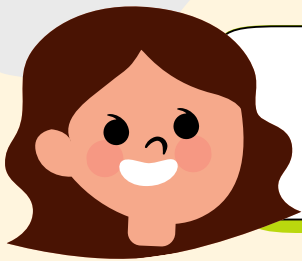
**TODOS DEVEM JOGAR JUNTO!
O TRABALHO É EM EQUIPE!**

**NÃO PODE TER COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR OS AMIGOS.**

AH! NÃO ESQUEÇA DAS REGRAS

ASSIM TODOS SERÃO VENCEDORES!!!





REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their game details.



GESTO COM MÚSICA

COMO JOGAR:

DISTRIBUIR OS ALUNOS EM UM GRANDE CÍRCULO.

EM CÍRCULO, OS ALUNOS DEPOIS DE APRENDEREM A MÚSICA (ESCRAVOS DE JÓ) E SABEREM OS MOVIMENTOS DELA, FARÃO A TROCA OBJETO, ENQUANTO CANTAM.

ESCRAVO DE JÓ, JOGAVAM CAXANGÁ: VAI PASSANDO A BOLA. *TIRA:* COLOCA A BOLA AO AR.

PÕE: COLOCA A BOLA NO CHÃO; *DEIXA FICAR:*

DEIXA A BOLA NO CHÃO; *GUERREIROS COM*

GUERREIROS: PASSA A BOLA; *FAZEM ZIGUE-*

ZIGUE-ZÁ: FINGE QUE VAI PASSAR A BOLA, MAS

ESTA FICA COM O ALUNO.

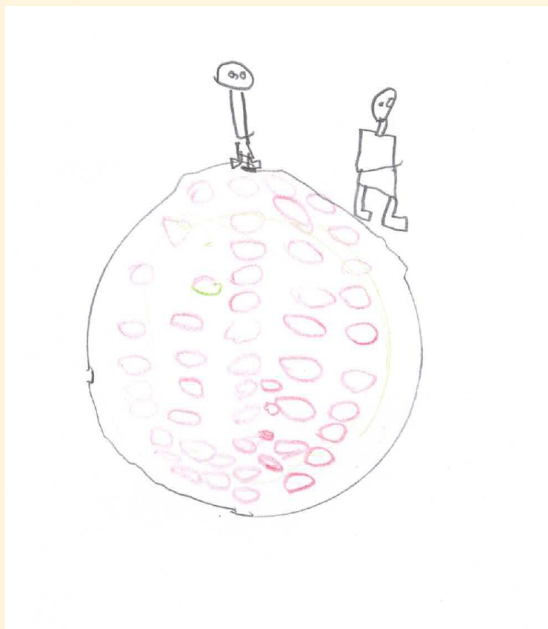
DEPOIS, COMEÇA DE NOVO.

INTERAÇÃO: JOGO COOPERATIVO; A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ COM TODOS OS JOGADORES QUANDO INICIAR A MÚSICA OU CANTIGA.

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES SENTADOS EM CÍRCULO NA QUADRA. AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA).

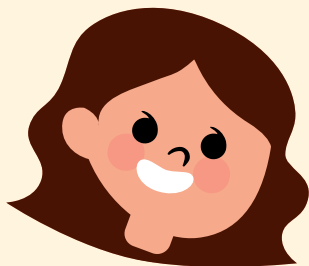
MATERIAL: BOLA OU CONE

TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO CONSEGUIREM FINALIZAR A CANÇÃO COM A PASSAGEM DOS OBJETOS.



PRODUÇÃO: DAVI LUCAS SIMÃO DA SILVA

**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**



POR SUGESTÃO DOS ALUNOS:
SEPARÁ-LOS EM DUPLAS,
TRIOS, QUARTETOS,
QUINTETOS E
POSTERIORMENTE TODOS EM
UM GRANDE GRUPO.

VEJA COMO JOGAR



**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

LEMBRE-SE QUE TODOS SEUS AMIGOS DEVEM PARTICIPAR.

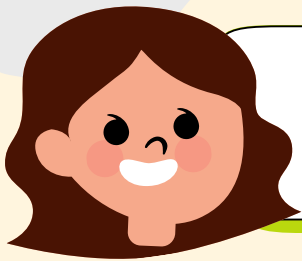
**TODOS DEVEM JOGAR JUNTO!
O TRABALHO É EM EQUIPE!**

**NÃO PODE TER COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR OS AMIGOS.**

AH! NÃO ESQUEÇA DAS REGRAS

ASSIM TODOS SERÃO VENCEDORES!!!

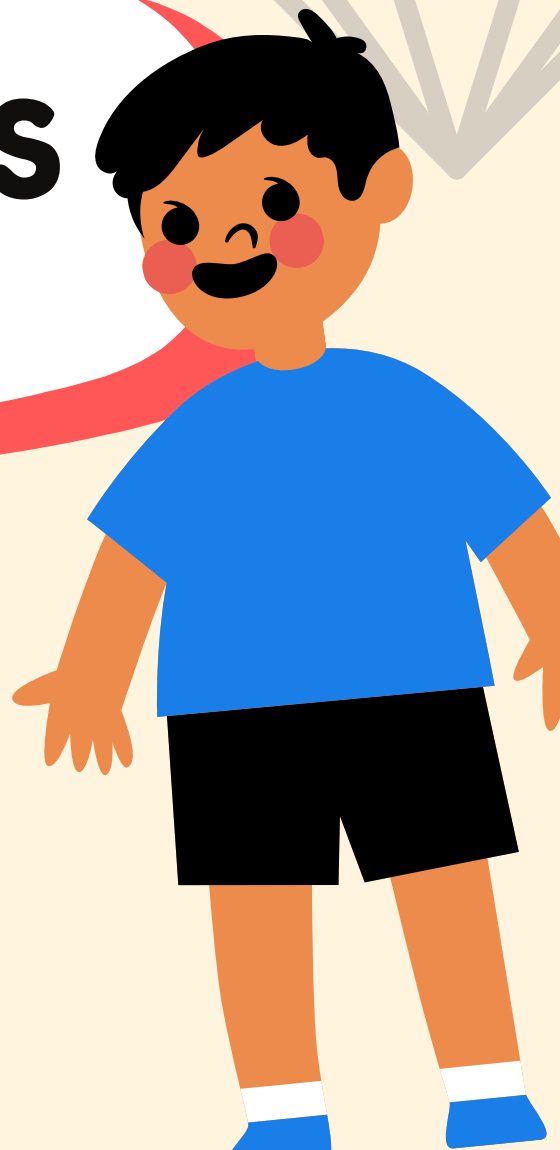




REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their games. The area is framed by a light green border on the left and bottom, and a light yellow background on the right and top.

PARAQUEDAS LÚDICO



COMO JOGAR:



OS ALUNOS NO ENTORNO DO PARAQUEDAS.
SOLICITAR AOS ALUNOS QUE SEGUREM O PARAQUEDAS
PELAS GANCHOS E MOVIMENTÁ-LO DE ACORDO COM O
COMANDO DO (A) PROFESSOR (A) OU GRUPO:
INFLAR E MURCHAR;
GIRAR PARA A DIREITA OU PARA A ESQUERDA;
SEPARAR O GRUPO EM 2 E SOLICITAR QUE UM FIQUE
EMBAIXO DO PARAQUEDAS, E O OUTRO INFLE O
PARAQUEDAS POR CIMA, DEPOIS INVERTER AS POSIÇÕES.



INTERAÇÃO: JOGO COOPERATIVO; A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ COM TODOS OS PARTICIPANTES QUE SEGURAM O PARAQUEDAS.

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES SENTADOS EM CÍRCULO NA QUADRA. AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA).

MATERIAL: PARAQUEDAS.

TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO CONSEGUIREM EXECUTAR TODAS AS AÇÕES COM O PARAQUEDAS.



PRODUÇÃO: PEDRO HENRIQUE DOMINGUES DOS SANTOS



**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**

DURANTE AS COMANDAS, O GRUPO SE ORGANIZOU PARA QUE O PARAQUEDAS FICASSE INFLADO (COM A AJUDA DO(A) PROFESSOR (A), ENQUANTO OS ALUNOS EM PARES TROCAVAM DE POSIÇÃO, PASSANDO POR BAIXO DO PARAQUEDAS.

COLOCAR UM OBJETO (BOLA) EM CIMA DO PARAQUEDAS E GIRÁ-LO SEM QUE O MESMO CAIA.



VEJA COMO JOGAR

**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

**LEMBRE-SE QUE TODOS
SEUS AMIGOS DEVEM
PARTICIPAR.**

**TODOS DEVEM JOGAR
JUNTO!
O TRABALHO É EM
EQUIPE!**

**NÃO PODE TER
COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR
OS AMIGOS.**

**AH! NÃO ESQUEÇA DAS
REGRAS**

**ASSIM TODOS SERÃO
VENCEDORES!!!**





REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their game. It occupies the majority of the page below the header.

**TELEFONE SEM
FIO COM
MENSAGEM
ENGRAÇADA**



COMO JOGAR:

ALUNOS SENTADOS UM AO LADO DO OUTRO.
UMA PESSOA PASSARÁ A PALAVRA OU FRASE PARA A
PRIMEIRA DA COLUNA QUE PASSARÁ A MENSAGEM
PARA A SEGUNDA PESSOA, QUE PASSARÁ PARA A
TERCEIRA.... AO FINAL, A ÚLTIMA PESSOA FALA EM VOZ
ALTA A MENSAGEM E QUEM PASSOU A MENSAGEM
INICIALMENTE DIZ A SUA FRASE ORIGINAL.

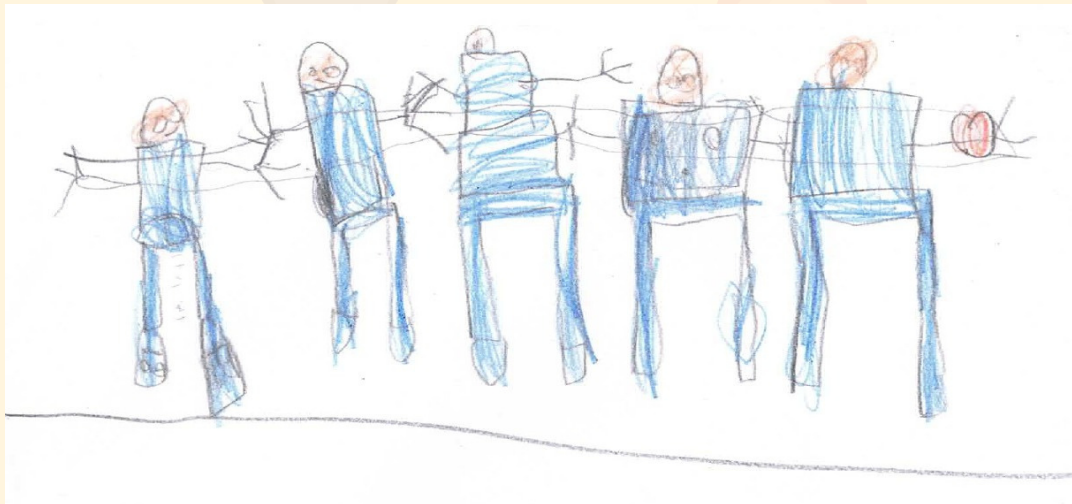


INTERAÇÃO: A DECISÃO MOTRIZ ESTÁ COM O PARTICIPANTE PORTADOR DA MENSAGEM.

ESPAÇO: TODOS OS PARTICIPANTES EM CÍRCULO OU EM FILEIRA; AMBIENTE ESTÁVEL (QUADRA)

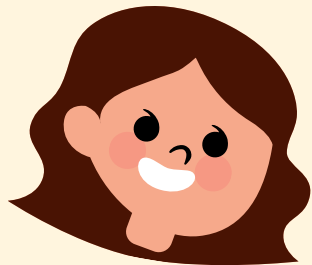
TEMPO: O JOGO NÃO TEM TEMPO PRÉ DETERMINADO, TERMINA QUANDO CONSEGUIREM PASSAR A MENSAGEM E ESTA CHEGAR DE FORMA CORRETA.

MATERIAL: NENHUM



PRODUÇÃO: ANTÔNIO GABRIEL SOUZA PONTES

**VAMOS EXPERIMENTAR
UMA IDEIA DIFERENTE?**



**VAMOS MUDAR O JEITO DE MANDAR A
MENSAGEM?**

QUE TAL SE ELA FOR REPASSADA PODE
SER FEITA POR GESTOS?

TODOS FORMAM UMA FILEIRA E FICAM DE
COSTAS, O ÚLTIMO CHAMARÁ O
COMPANHEIRO E FARÁ UM GESTO BEM
ENGRAÇADO E ASSIM VAI PASSANDO ATÉ
CHEGAR AO PRIMEIRO.

AO FINAL, TODOS FAZEM O GESTO
REPASSADO, CONFIRMANDO QUE A
MENSAGEM CHEGOU OU NÃO CERTA.

VEJA COMO JOGAR



**MARQUE COMO VOCÊ SE
SENTIU DURANTE O JOGO:**



AGORA É COM VOCÊ!! CRIE SEU JOGO COOPERATIVO.

LEMBRE-SE QUE TODOS SEUS AMIGOS DEVEM PARTICIPAR.

**TODOS DEVEM JOGAR JUNTO!
O TRABALHO É EM EQUIPE!**

**NÃO PODE TER COMPETIÇÃO.
E DEVEMOS RESPEITAR OS AMIGOS.**

E NÃO ESQUEÇA DE DIVIDIR O MATERIAL.

ASSIM TODOS SERÃO VENCEDORES!!!





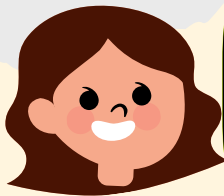
REGISTRE AQUI SEU JOGO:

A large, empty white rectangular area intended for users to register their game details.

**NOSSA! QUANTO JOGO
DIVERTIDO!
VOCÊ CONSEGUIU
AJUDAR SEU AMIGO?**

**VOCÊ ENTENDEU AS
REGRAS ENQUANTO
JOGAVA?**





**FAÇA UM DESENHO DO JOGO QUE
VOCÊ MAIS GOSTOU.**

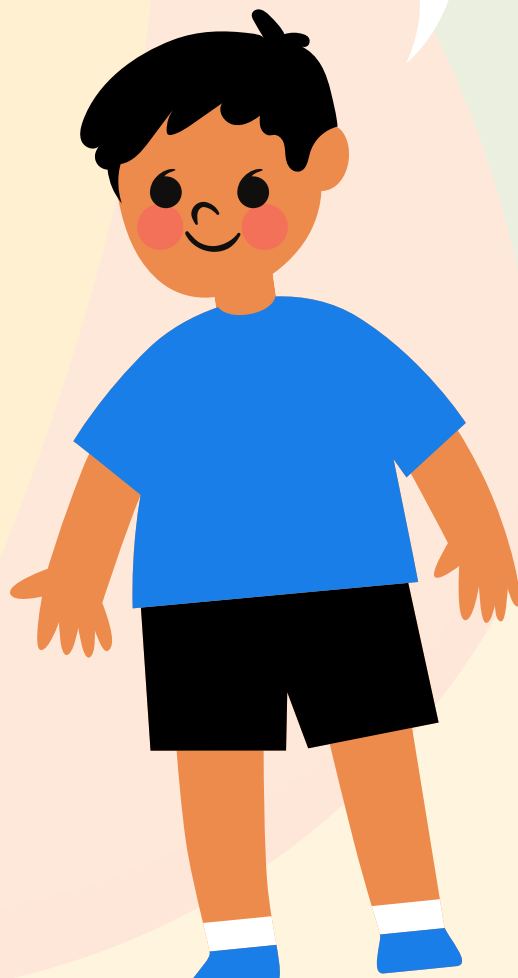
A large, empty white rectangular area that occupies the majority of the page, intended for the user to draw their favorite game.

**AGORA QUE NÓS JÁ JOGAMOS BASTANTE....
CONTE AQUI PARA GENTE:**

**DURANTE OS JOGOS,
AJUDOU SEU AMIGO?**



**COMO VOCÊ SENTIU
ENQUANTO JOGAVA?**



**QUANDO NÓS JOGAMOS,
PODEMOS SENTIR VÁRIAS
EMOÇÕES, ÀS VEZES FICAMOS
ALEGRES, OUTRAS TRISTES E ATÉ
BRAVOS.**

**AS EMOÇÕES FAZEM PARTE...
CONTE COMO SE SENTE, PODE
SER POR DESENHO**



EU ME SINTO...

**E AÍ AMIGUINHO, GOSTOU DA
NOSSA JORNADA DE AVENTURAS
NOS JOGOS COOPERATIVOS? QUE
TAL COMPARTILHAR O QUE
APRENDEU NA ESCOLA COM
OUTROS AMIGUINHOS?**



**ATÉ MAIS
AMIGUINHO,
NOS VEREMOS NA
PRÓXIMA
AVENTURA!**



REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. Educação Física escolar e praxiologia motriz: lógica interna e os universais ludomotores nas relações com a cultura corporal de movimento. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N.S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz**: compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.
- FRANCHI, Silvester. RIBAS, João. F. M. Jogos tradicionais e praxiologia motriz: elementos para organização do trabalho pedagógico e da didática da Educação Física escolar. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz**: compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.
- GALLARDO, Jorge. S. P. **Prática de ensino em Educação Física**: a criança em movimento. São Paulo: FTD, 2009.
- GRANJA, Unai. de O; et al. Transformar conflitos motores mediante los juegos cooperativos em Educación Primaria. **Universitas Psychologica**, vol. 17, n. 5, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64757336013>. Acesso em 10 dez. 2023.
- LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGÉS, Pere. **Introducción a la Praxiologia Motriz**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.
- LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGUÈS, Pere. **La educación física como pedagogia de las conductas motrices**. 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/26354246/La_educaci%C3%B3n_f%C3%ADsica_como_pedagog%C3%ADa_de_las_conductas_motrices. Acesso em 11 jun. 2023.
- LUC, Collard. Análise praxiológica dos esportes e sua aplicação ao treinamento. In: RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e esportes: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz**. Santa Maria: UFSM, 2008.
- OCÁRIZ, Unai. S. et al. Transformar conflictos motores y educar las emociones en las clases de Educación Física. In: Seminário Latino-Americano/Seminário Brasileiro, 3, 2015, Santa Maria. **Anais eletrônicos** [...] Santa Maria: UFSM, 2015. p. 147-156. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/515/2020/01/ANAISPM.pdf>. Acesso em 05 mai. 2023.
- OCÁRIZ, Unai.S. et al. Emociones positivas y educación de la convivencia escolar. contribución de la expresión motriz cooperativa. **Investigación Educativa**, v. 32, n.2, p. 309 - 326, 2014. Disponível em: <https://revistas.um.es/rie/article/view/183911>. Acesso em 18 jan. 2024.
- PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deportes y sociedades: léxico de praxiologia motriz**. 7ª Edição. Editorial Paidotribo: Barcelona/Espanha, 2020.
- PARLEBAS, Pierre. Didática e lógica Interna dos jogos e dos esportes. In: KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física**: Educação Física e esporte na escola. Ijuí: Unijuí, 2016.
- RIBAS, João. F. M. **Contribuições da Praxiologia Motriz para a Educação Física Escolar - Ensino Fundamental**. 2002. 256f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- RIBAS, João. F. M. (Org). **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: UFSM, 2008.
- RODRIGUES, Mário D. M. **Jogos, emoções, cultura e Educação Física**: análise das emoções em estudantes universitários. 2018. 267f. Tese de doutorado e, ciência do desporto - Ramo Educação Física. Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2018. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/87600/1/Jogos%20emo%C3%A7%C3%B5es%20cultura%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20An%C3%A1lise%20das%20emo%C3%A7%C3%B5es%20em%20Estudantes%20Universit%C3%A1rios.pdf>. Acesso em 20 dez 2023.
- ROQUE, José. I. A; et al. Emorregulación y pedagogia de las conductas motrices. **Acción Motriz**, v. 21, n.1, p. 67-76, 2018. Disponível em: <https://www.accionmotriz.com/index.php/accionmotriz/article/view/124>. Acesso em 10 dez. 2023.
- SOARES, Leys; E. dos S; SILVA, Pierre. N. G; RIBAS, João. F. M. Comunicação motriz nos jogos populares: uma análise praxiológica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.03, p.159-182, jul/set, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26645/21144>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- SOUSA, Nilza. C. P. de. Praxiologia Motriz e a dança de salão no contexto da Educação Física Escolar. In: FERREIRA, Lílian A.; RAMOS, Glauco N. S. (Org.). **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz**: compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Yorahina Ariadne Vasconcelos, nasceu em São Paulo – SP e sempre gostou de atividades físicas. Estudou Educação Física na Universidade Estadual do Norte Pioneiro, câmpus de Jacarezinho – PR, cursou Pedagogia na Universidade Nove de Julho, câmpus de Bauru, fez especialização em Atividade Física, Esporte e Saúde pela Universidade Estadual do Norte Pioneiro – UENP e está encerrando o mestrado em Docência para a Educação Básica da Unesp de Bauru – SP. Atualmente é professora efetiva de Educação Física da Rede Municipal de Ourinhos, atuando na formação de professores e na Educação Infantil. É membro do núcleo de Estudos e Pesquisa das Abordagens Táticas dos Esportes Coletivos (NEPATEC), também da Unesp de Bauru. Esse livro é fruto da sua pesquisa de mestrado profissional.

Lílian Aparecida Ferreira, nasceu em Campo Limpo Paulista – SP. Estudou na Escola Superior de Educação Física, em Jundiaí na graduação, fez o mestrado em Ciências da Motricidade na Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro e o doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Atualmente é docente do Departamento de Educação Física da Unesp de Bauru, atuando na formação de professores de Educação Física com as disciplinas Handebol e Educação Física Escolar nos anos finais do ensino fundamental. É docente do Programa de Pós-Graduação, mestrado profissional, em Docência para a Educação Básica, líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas nos Esportes Coletivos (NEPATEC), membro da Associação Internacional de Praxiologia Motriz e coordenadora do Projeto de Extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol” que em 2023 completou 20 anos. Foi a grande motivadora e orientadora do mestrado profissional da Yorahina.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru